

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO  
DEHA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**RELEMBRAR O PASSADO, RECONHECER O PRESENTE:  
A IDENTIDADE DO PONTAL DA BARRA  
PELAS LEMBRANÇAS DOS MORADORES IDOSOS .**

**Vanessa Maria de Melo Gonçalves**

Maceió  
2009

**Vanessa Maria de Melo Gonçalves**

**RELEMBRAR O PASSADO, RECONHECER O PRESENTE:  
A IDENTIDADE DO PONTAL DA BARRA  
PELAS LEMBRANÇAS DOS MORADORES IDOSOS.**

**DEHA**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO  
  
MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO  
DEHA

**Vanessa Maria de Melo Gonçalves**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**RELEMBRAR O PASSADO, RECONHECER O PRESENTE:  
A IDENTIDADE DO PONTAL DA BARRA  
PELAS LEMBRANÇAS DOS MORADORES IDOSOS.**

Orientadora: Profa. Dra. Josemary Omena Passos Ferrare

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**  
**Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale**

- G635r    Gonçalves, Vanessa Maria de Melo.  
          Relembrar o passado, reconhecer o presente : a identidade do Pontal da Barra pelas lembranças dos moradores idosos / Vanessa Maria de Melo Gonçalves, 2009.  
          x, 189 f. : il. color. + 18 f. de termos de consentimentos.
- Orientadora: Josemary Omena Passos Ferrare.  
          Dissertação (mestrado em Arquitetura e Urbanismo : Dinâmicas do Espaço Habitado) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2009.
- Bibliografia: f. 169-173.  
          Anexos: f. 174-189.
1. Arquitetura de habitação. 2. Bairro do Pontal da Barra (Maceió, AL).  
          3. Idosos e habitação. 4. Identidade. 5. Cotidiano dos idosos do Pontal da Barra.  
          I. Título.

CDU: 711.61(813.5)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

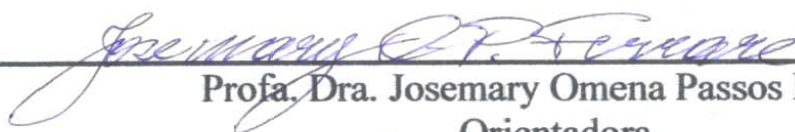
MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO  
DEHA

**Vanessa Maria de Melo Gonçalves**

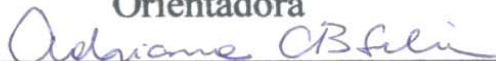
**RELEMBRAR O PASSADO, RECONHECER O PRESENTE:  
A IDENTIDADE DO PONTAL DA BARRA  
PELAS LEMBRANÇAS DOS MORADORES IDOSOS**

Dissertação de mestrado apresentada à  
faculdade de Arquitetura e Urbanismo da  
Universidade Federal de Alagoas, como  
requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Arquitetura e Urbanismo

BANCA EXAMINADORA

  
Prof. Dra. Josemary Omena Passos Ferrare

Orientadora



Prof. Dra. Adriana Capretz Borges da Silva Manhas

Examinadora Interna

  
Prof. Dr. Lindemberg Medeiros de Araújo

Examinador Interno

  
Prof. Dra. Ana Cláudia Aymores Martins.

Examinadora Externa

# Agradecimentos



À Deus, força que me tranquiliza, ilumina e me mostra os caminhos certos a cada novo dia.

À minha família, pais e irmão, pela dedicação, incentivo e amor incondicional. Agradeço por infinitas horas de paciência e todo o apoio para concretização deste trabalho. Aos meus pais, torcida por esta conquista e meu irmão por toda descontração e alegria nas horas mais estressantes.

Ao Daniel pelo amor, apoio e incentivo incomensurável em todas as horas e principalmente pela paciência que muito me ajudaram no meu amadurecimento profissional. Agradeço pelo companheirismo e dedicação em torno dessa nossa vitória.

À Professora Dra. Josemary Omena Passos Ferrare, minha orientadora, por toda a colaboração, dedicação e paciência nas constantes conversas. Modelo de mestre, amiga, que tanto me ensinou e estimulou com incentivos e palavras únicas nos momentos mais decisivos deste trabalho. Muito Obrigada, Josy!

À Professora Clara Suassuna, com quem explorei as trilhas da História Oral e que me mostrou a sensibilidade e o respeito que devo ter com o outro. Compartilhar essa experiência gerou um laço de amizade.

À todos os idosos pontalenses que abriram sua casa, seu coração e suas memórias. Meus mais novos companheiros, muito obrigado!

Aos meus amigos do Grupo Relu-Representações do Lugar pelo apoio nas discussões e reflexões desta minha dissertação.



**Encontro**  
Procuo os que sabem de mim.  
Os que disseram ter me ouvido falar.  
Os que me encontram, quando me perco.  
Em quantos poemas estou presente?  
Em qual deles era verdade?  
Perco-me um pouco todo dia,  
Para me encontrar em tantos outros.  
Não revelo, nem disfarço.  
Apenas passo.  
Mas há momentos em que me demoro.  
(BRITO,2005)

## RESUMO



O bairro enquanto *locus* da vida social e das práticas simbólicas contribui para o fortalecimento dos elos afetivos presentes na relação homem e lugar. Nesta perspectiva, tal reflexão buscou contribuir para a apreensão da identidade, a partir das relações sociais e simbólicas inerentes ao lugar, a qual o homem aparece como principal sujeito. Para tal intento, essa investigação considerou como objeto de análise, o bairro do Pontal da Barra, braço de terra entre a Lagoa Mundaú e o Oceano Atlântico, situa-se a sudoeste de Maceió, no Complexo Estuarino Lagunar de Mundaú- Manguaba, situado na região de restinga da capital alagoana. O referido bairro é posto como principal elemento para entender a formação e caracterização dessa identidade considerando não só as peculiaridades físicas de um bairro, mas também os valores impregnados no seu contexto citadino e principalmente aqueles que se referem às relações simbólicas e históricas.

Convém afirmar, que toda apreciação realizada nesta pesquisa teve como aporte metodológico a História Oral, por constituir uma ferramenta capaz de incentivar a transmissões de valores através dos sentimentos e visões que o indivíduo absorve do mundo. As reflexões foram direcionadas para as principais características e elementos que atuaram/atua na concepção e dinâmica do Pontal da Barra fomentadora da identidade e ressaltada nos relatos e percepção dos sujeitos: o morador – considerando os idosos residentes no local (por tratarem as experiências vividas como fonte de enriquecimento das relações contemporâneas), a sua história e a sua vida social. Diante de toda análise realizada expõem-se que a identidade do bairro, caracterizou-se tanto pela forte presença dos elos afetivos, nas relações com a paisagem, quanto na produção do espaço social e histórico mesmo com a inserção de novos significados e valores. Assim, a partir desse “descortinar” as várias histórias de pontalenses, também foi possível demonstrar a forte valorização desses moradores com o lugar, pois é introduzir-se no mundo do ser vizinho, do ser amigo, do ser pontalense que se entendeu e identificou a essência de suas singularidades e é claro, de sua identidade.

Esta dissertação expande os referenciais já existentes tanto no que se refere à história do lugar, como a identificação de seus elementos singulares, apresentando ainda relevantes informações acerca de quem vive, se relaciona e forma e pertence a este lugar.

Palavras chave: identidade, cotidiano, bairro.

## ABSTRACT



The neighborhood as a locus of social and symbolic practices contribute to the strengthening of affective ties present in the man and place. According, this discussion seek to contribute to the understanding of identity, from the social and symbolic inherent in the place which the man appears as the main subject. For this purpose, this research found to be analyzed, the neighborhood of Pontal da Barra, neck of land between the pond Mundaú and the Atlantic Ocean, is located southwest of Maceió, in the Estuarine-Lagoon Mundaú Manguaba, located in the sandy coastal capital of Alagoas. This neighborhood is set as the main element for understanding the formation and characterization of identity considering not only the physical peculiarities of a district, but also the values in context impregnated city and especially those that refer to symbolic and historical relations.

It stated that all findings made in this study had the methodological contributions to oral history, for being a tool to encourage the transmission of values through the feelings and views the individual absorbs the world. The debates were directed to the key features and elements that worked / work in the design and dynamics of Pontal da Barra improving the identity and emphasized in the reports and the perception of individuals: the residents - whereas the elderly residents at the site (by addressing the experiences as source of enrichment of contemporary relationships), its history and its social life. Before any analysis performed to expose the identity of the neighborhood was characterized by the presence of strong affective ties, relations with the landscape, and in the production of social space and history even with the inclusion of new meanings and values. So, from that "uncover" the stories of several pontalenses, we could also demonstrate the strong opinion of these people have with the place because it is introduced into the world of being neighbor to be friend, be pontalense who understood and identified the essence of its uniqueness and of course, your identity

This study expands the existing benchmarks both with regard to the history of the place, and the identification of its natural elements, with still relevant information about who lives, and relates to form and belong here.

Keywords: identity, daily, neighborhood.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
Considerações iniciais.....	14
<b>I- DE ALAGOAS AO BAIRRO DO PONTAL: AS GÊNESES.</b>	
1.1. Descortinando o processo histórico.....	19
1.2. A lagoa... O bairro e sua construção.....	29
1.3. As décadas de 1970 e 1980 e o impacto pela indústria.....	42
1.4. O Pontal da Barra no presente.....	50
<b>II- LUGAR, COTIDIANO E IDENTIDADE.</b>	
2.1. O lugar, conceitos e percepções.....	63
2.2. Identidade e territorialidade.....	67
2.3. Identidade e dinâmicas da contemporaneidade.....	71
2.4. Bairro, Cotidiano, e construções.....	74
2.5. Rua, imperativo da história e do cotidiano.....	78
<b>III- HISTÓRIAS DE VIDA – MEMÓRIAS E NARRATIVAS</b>	
3.1. História oral e memória.....	82
3.2. Passos marcados – Balanço de uma experiência.....	90
3.2.1 A descrição do caminho- entrevistas e aplicações.....	92
3.3 Vozes da memória.....	97
3.3.1 D. Ione e Sr. Renato.....	97
3.3.2 D. Sidneide.....	101
3.3.3 D. Marlene.....	107
3.3.4 D. Neirde.....	112
3.3.5 Sr. Moacir.....	122
<b>IV- A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO- “O PONTAL DA BARRA”</b>	
4.1 Espaço sentido e espaço vivido.....	133
4.2 Construções da história pelos espaços da memória.....	150
4.3 Elos identitários <i>do</i> - “ <i>O Pontal da Barra</i> ”.....	156
<b>V- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	163
<b>VI- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	169
<b>VII- ANEXOS.....</b>	174



## VIII- LISTA DE ILUSTRAÇÕES- FIGURAS

Figura 1- Brasão do governo holandês.....	2
Figura 2- Primeira imagem de Maceió.....	2
Figura 3- Porto de Jaraguá. ....	2
Figura 4- As primeiras habitações pontalenses. Emprego de materiais locais.....	2
Figura 5- O coqueiro emoldura a paisagem e faz parte do cotidiano cultural dos habitantes a partir de seus usos. ....	2
Figura 6- Cobertura vegetal presente no bairro, coqueiros. ....	2
Figura 7- A paisagem vista da praia.....	2
Figura 8- Morador protegendo sua canoa com a palha do coqueiro.. ....	2
Figura 9- A sinuosidade da principal avenida. ....	2
Figura 10- A sinuosidade conforma a malha urbana do bairro.....	2
Figura 11- A locomoção também era feita a pé para outros bairro. ....	2
Figura 12- A canoa como uma das principais formas de locomoção para bairros adjacentes. ....	2
Figura 13- Produção de cloro, soda, hidrogênio, diocloreto e eteno, a Salgema, é o carro chefe do Pólo Cloro-Álcoolquímico alagoano.....	2
Figura 14- Instalação da Salgema na restinga de Maceió. ....	2
Figura 15- Salgema propulsora do progresso instalada na área do Pontal da Barra.. ....	2
Figura 16- A vegetação do Pontal mudou de face.....	2
Figura 17- Ocupação do solo do Pontal pela Salgema.....	2
Figura 18- Revolta, medo de ser expulso de casa....	2
Figura 19 - Revolta em muros pontalenses. Graças à possível duplicação da Salgema.....	2
Figura 20- Elemento paisagísticos a ser protegido.....	2
Figura 21- Melhorias na infra-estrutura do bairro.....	2
Figura 22- Mudança na reprodução do uso do solo.. ....	2
Figura 23- A sinuosidade de seu traçado. ....	2
Figura 24- A principal rua onde se comercializa o filé. ....	2
Figura 25- Av. Alípio Barbosa, onde o contexto citadino.....	2
Figura 26- Praça e Igreja de São Sebastião. ....	2
Figura 27- Belezas naturais únicas- o mar sob o olhar do pontalense.....	2
Figura 28- A captação do pôr-do-sol da lagoa.. ....	2
Figura 29- Paisagem marcante e singular. ....	2
Figura 30- Quintais privilegiados.....	2
Figura 31- a configuração da residência evoca as paisagens mais singulares deste componente natural.....	2
Figura 32- A evolução das residências pontalenses.. ....	2
Figura 33- Os combros de outrora- moradia, lazer (foto esquerda) e sua atual situação- mudança na paisagem, mas ainda continua sendo <i>locus</i> de lazer e habitat.. ....	2
Figura 34- Os saberes e fazeres se conformam na calçada. ....	2
Figura 35- Ponto a ponto.....	2
Figura 36- As práticas do saber fazer.....	2
Figura 37- Moradora tecendo o filé na calçada de casa.. ....	2
Figura 38- Falta infra-estrutura no bairro, do esgoto a céu aberto a acumulo de lixo. ....	2
Figura 39- A paisagem vista da Lagoa Mundaú.....	2
Figura 40- A arte do filé- artesanato tão característico do local.....	2
Figura 41- O cotidiano na lagoa se conforma nos elos afetivos que surgem a cada dia .....	2
Figura 42- Senhora tecendo o filé. Arte do cotidiano.. ....	2
Figura 43- O filé de antes, características ultrapassaram as mudanças advindas do tempo.....	2
Figura 44- Os principais pontos do filé.....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Figura 45- A mágica da pesca, sustento e esperança.. ....	2
Figura 46- Rede de pesca. Utensílio indispensável nesta arte de "saber fazer".. ....	2

pelas lembranças dos moradores idosos. .

Figura 47- Canoa- instrumento de vida e arte. ....	2
Figura 48- A canoa e a rede. ....	2
Figura 49- A canoa e a rede. ....	2
Figura 50- A movimentação do bairro nos finais de semana. ....	2
Figura 51- A simples vivências no contexto da rua e expressiva dinâmica do lugar. ....	2
Figura 52- A simples vivências no contexto da rua e expressiva dinâmica do lugar. ....	2
Figura 53- A lagoa como útero que nutre a vida, a alma de ser, viver e estar no bairro. ....	2
Figura 54- A água é elemento essencial na vida de quem conforma o Pontal da Barra. ....	2
Figura 55- Apresentação do fandango do Pontal- tradição, cultura e identidade. ....	2
Figura 56- 1- Grupo de fandango do Pontal; A baianas se apresentando nas noites enluaradas e a quadrilha do bairro. ....	2
Figura 57- Os “tocadores” do grupo de fandango do Pontal. ....	2
Figura 58- Tramas do filé nas mãos da sabedoria. ....	2
Figura 59- Mãos da sabedoria. ....	2
Figura 60- – A festa e procissão de São Sebastião. Devotos e oferendas. ....	2
Figura 61- A festa e procissão de São Sebastião. Devotos e oferendas também a São Pedro, protetor dos pescadores. ....	2
Figura 62- A banda se prepara para homenagear o São Sebastião. ....	2
Figura 63- A multidão espera pela passagem do Santo. ....	2
Figura 64- Culto a amizade: banhos intermináveis na “Mãe” D’água- a Lagoa Mundaú. ....	2
Figura 65- A rede que tece a trama da vida. ....	2
Figura 66- A criadora e a criatura. Artes de fazer. ....	2



## LISTA DE MAPAS



MAPA 1 – Parcelamento das Capitânicas Hereditárias.....	21
MAPA 2 – Mapas das lagoas- João Teixeira- cosmógrafo do rei.....	24
MAPA 3 – Parte Sul do litoral de Pernambuco.....	25
MAPA 4 – Ocupação do núcleo urbano.....	32
MAPA 5 – Evolução da ocupação do solo 1.....	34
MAPA 6 – Evolução da ocupação do solo 2.....	34
MAPA 7 – Evolução da ocupação do solo 3.....	34
MAPA 8 – Evolução da ocupação do solo 4.....	34
MAPA 9 – Pontal e suas delimitações .....	35
MAPA 10 – Localidades do Pontal.....	36
MAPA 11 – Polígono do tombamento.....	48
MAPA 12– Zonas de Preservação.....	49
MAPA 13 – Principais vias do bairro.....	53
MAPA 14- A configuração das residências na avenida Alípio Barbosa.....	60
MAPA-15- Percursos urbanos no bairro.....	145

## LISTA DE SIGLAS



Ed. – editor/edição

Fig.- figura

apud- referência indireta a uma obra não consultada.

p.- página

s/d- sem indicação de data.

CELMM – o Complexo Estuarino Lagunar de Mundaú- Manguaba

PLEC- Projeto de Levantamento Ecológico e Cultural da região das Lagoas Mundaú e Manguaba

IZP- Instituto Zumbi dos Palmares

SEBRAE- Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Alagoas

SECULT- Secretaria do Estado da Cultura de Alagoas.

## INTRODUÇÃO



### Considerações Iniciais

Reconhecer o bairro como elemento estruturante da cidade, onde as práticas sociais e simbólicas são consideradas a essência da coletividade, é adentrar nas múltiplas relações existentes entre o indivíduo e o lugar. A rede de relações presentes neste núcleo de coletividade traduz as particularidades do contexto citadino e ao mesmo tempo descreve com perfeição como se conformam o viver, o habitar, o relacionar-se e principalmente o pensar.

Descrever e entender um bairro demanda não apenas obter a percepção das peculiaridades existentes nas ações cotidianas, no ser morador, no ser visitante, mas também, decifrar as linhas escritas pelo tempo que o presente insiste em se apropriar e no qual se concretizam os desígnios para escrever as histórias, os costumes, os saberes que ainda estão por vir. Ou melhor, descrevendo “qualquer objeto [bairro], evento, situação ou experiência que um indivíduo, possa ver, ouvir, cheirar, sentir, intuir, conhecer, compreender, e/ou até vivenciar é um tópico legítimo para uma investigação [...]” (SEAMON apud CASTELLO, 2007, p.13).

Nesta perspectiva, reconhece-se ser possível, tão somente o olhar preciso sobre este espaço habitado, no qual se constata a presença de uma série de interpretações, sensações e principalmente significados que interferem na forma como o sujeito se relaciona com o lugar e com os demais indivíduos. Decorrentemente, para o presente trabalho, evocou-se, o conceito de lugar, nesta acepção aqui atribuída ao bairro, como fonte da reprodução da vida, onde cada componente que o estrutura é marcado por definidos sentidos, funções e valores (CARLOS, 1996).

Trabalhou-se com o entendimento de que na realidade do lugar, as relações sociais que se espacializam no âmbito das vivências, influenciadas pela história, pela cultura e pelos costumes instituem valores identitários a este espaço, que o tornam único. É fundamental ressaltar que, esses valores identitários serão compreendidos como a organização de particularidades sociais, espaciais e simbólicas presentes em um bairro. De tal modo, à medida que o homem “[...] demarca o lugar com suas ações, com seu “ir e vir” no uso, para a vida, [ele] se identifica com o espaço porque suas marcas seus traços o

pelas lembranças dos moradores idosos. .

transformam. Na convivência com o lugar, se produz [essa] identidade” (CARLOS, 1996, p.91).

Entretanto, sobre as reflexões acerca da identidade, do *modus vivendi* e do cotidiano, devem considerar também, as diversas mudanças trazidas pelo tempo, sobretudo, pela contemporaneidade. Onde se reproduzem a cada dia novos processos que são incorporados diretamente à relação homem - espaço atribuindo a essa relação novos valores e novos significados. Com efeito, as transformações advindas de novas tecnologias, admite que a dimensão do passado torne-se passível de ser trabalhada, objetivando assim, salvaguardar a riqueza da identidade, da vida social que um determinado bairro detém.

Neste sentido, faz-se necessário abordar a dimensão da memória, pois assim as experiências vividas tanto, individualmente quanto coletivamente, revelam as reais especialidades do local e de seus habitantes. Segundo constata Carlos (1996), a memória e o lugar são ligados pela teia da vida, pois conseguem aproximar os elementos inerentes ao tempo, passado-presente, complementando-os, movendo-os, formando-os e contrapondo-os. Com efeito, é através do ato de (re)lembrar os acontecimentos históricos e sociais que se conserva a vivacidade do lugar, suas tradições, saberes e fazeres.

Em meio a essas considerações, o presente trabalho busca a captação e reflexão das principais características e elementos que atuam na concepção e dinâmica das práticas sociais e simbólicas de um bairro através dos registros mnemônicos retidos entre alguns idosos do bairro. A questão central permeará a análise do cotidiano, práticas sócio-espaciais, através de relatos vivenciais, através das histórias de vida de seus habitantes, pois, dessa forma acredita-se que haverá o aprofundamento da real simbologia do que é ser morador, do que é freqüentar o bairro e efetivamente de qual a sua identidade.

Sob esta ótica, o bairro a ser estudado é o Pontal da Barra, situado na porção sudoeste da cidade de Maceió- Alagoas. A escolha desta área se estabeleceu por possuir inúmeras peculiaridades que divergem das demais localidades da cidade, como por exemplo, seus saberes e fazeres (o artesanato e a pesca), suas paisagens naturais (pois é banhada pelo Canal Calunga, por sua relação histórica com Maceió e, sobretudo, por manter vivos os elos de afetividade e amizade tão escassos na sociedade contemporânea. Cabe ressaltar, que os contatos constantes com o referido bairro durante toda a infância e adolescência da pesquisadora, aguçaram ainda mais o interesse em desvendar essas características tão intensas e marcantes deste núcleo urbano. É provável que essas

---

pelas lembranças dos moradores idosos. .

especialidades reunidas ao estudo de como se conforma a vida social disponibilizem fatos e informações capazes de aclarar as questões relacionadas à identidade local.

Na busca em compreender os aspectos que envolvem a constituição da identidade no Pontal da Barra, tornou-se relevante a discussão de como se apresentam as atividades cotidianas relacionadas ao conceito de bairro. O estudo dos elementos formadores da sua história, dos seus saberes e fazeres, enfim a identidade do “ser pontalense” aportou-se em uma metodologia que trabalha com as histórias de vida através da narrativa, de forma qualitativa e não quantitativa, escolheu-se, portanto a História Oral. Esse aporte metodológico basear-se-á no relato dos idosos através de referenciais que, para eles compõem o bairro do Pontal. Esta escolha possibilitará a análise de diversos aspectos pertencentes às práticas sociais e espaciais, portanto, enfocando basicamente as questões de espaço e tempo.

Como retorno à sociedade alagoana, o trabalho procura estimular o entendimento e a construção da identidade do bairro do Pontal da Barra sob a ótica dos idosos, como ponto fundamental para valorização dos saberes, fazeres e viveres, além de concretizar um material sistematizado que venha a ser utilizado, posteriormente, por organismos que instrumentalizem salvaguardar esses saberes e fazeres, e, sobretudo, como aporte a potencializar a produção cultural e as características naturais.

Entende-se, assim, que a referida pesquisa é fundamental para metodologicamente se concretizar o estudo da identidade do bairro ressaltando os valores intrínsecos existentes na relação *habitante - lugar*, entendendo dessa forma como o homem se apropria do espaço, conceituando-o e utilizando-o. Para tal intento, dividiu-se a investigação em quatro capítulos, sob aspectos expostos a seguir.

O primeiro capítulo revela o descortinar do processo histórico da capital alagoana ao bairro do Pontal da Barra. Como foram formadas essas aglomerações, sua ligação com os veios hídricos que lhe margeiam e com questões de cunho social, econômico e ambiental com a introdução da indústria de Salgema e sua possível duplicação na década de 1970 e 1980. Em razão de tais compreensões, mostra o atual quadro social, econômico deste núcleo urbano, além de contextualizá-lo de acordo com sua estrutura e significação.

O segundo capítulo aborda as questões e compreensões conceituais, essenciais ao entendimento e assimilação do espaço habitado. Dele emergem as percepções e apreensões acerca do conceito de Lugar, Identidade e Territorialidade, como também as interferências

---

pelas lembranças dos moradores idosos. .

trazidas pela contemporaneidade. Finaliza argumentando ainda, a abordagem conceitual de bairro e cotidiano referenciada ao objetivo principal desta investigação.

No terceiro capítulo, a pesquisa procura esclarecer a opção metodológica selecionada, suas principais características e abordagens, o procedimento de aplicação (preparação do instrumental metodológico, coleta de dados, transcrição e análise) e as questões relativas ao trabalho com a memória (conceitos, aplicação na História Oral etc.). Ressalta-se ainda, o procedimento do instrumental metodológico, tanto na pesquisa piloto quanto na fase final de aplicação. É neste capítulo, que foram relacionadas algumas das histórias de vidas essenciais para substancializar esta dissertação.

Por fim, o quarto capítulo apresenta de forma parcial algumas das análises originárias das histórias coletadas. São formulações concretizadas a partir de uma apreciação inicial do material das entrevistas, passíveis ainda de serem complementadas.

Considerar o indivíduo como fonte do saber e de conhecimentos através de suas práticas sociais, simbólicas e de seu cotidiano é objetivo crucial para os processos de reconhecimento da identidade de um lugar. Acredita-se, contudo, que esta pesquisa abra discussões e proporcione reflexões cabíveis de serem empregadas como valorização dos saberes adquiridos pelo homem pontalense, enquanto ser social, através de suas trajetórias de vida, contribuindo assim, para um melhor entendimento da identidade do bairro – O Pontal da Barra.

Relembrar o passado, reconhecer o presente: a identidade do Pontal da Barra

---

pelas lembranças dos moradores idosos. .

**I. DE ALAGOAS AO BAIRRO DO PONTAL: AS GÊNESES.**

pelas lembranças dos moradores idosos. .

## 1.1. DESCORTINANDO O PROCESSO HISTÓRICO

Importava oferecer aos colonizadores tam decididas e evidentes vantagens, e uma condição por tal fôrma excelente que, desagregando-os do torrão ou desviando-os do chafariz do Oriente, os arrastasse a um empreendimento aventureiros e erizado de obstáculos. Com as doações hereditárias de vastas províncias brasílicas e com o sistema de sesmarias gratuitas, que era o seu indispensável complemento, atingia-se êsse desideratum (MÊREA apud FERRARE, 2006, p.168).

A conquista por “terras” ainda inexploradas incentivada pelo desejo de expansão geográfica foi fator determinante para difundir a descoberta de novos continentes, ou melhor, de “outro mundo” comandado pela coroa portuguesa, como se pode acompanhar no seguinte trecho descrito por Ferrare (2006, p.38):

[...] Às notícias desses novos mundos, aguçavam sobremaneira o “senso da maravilha do mistério”, fortalecendo, em suma, a idéia de que do outro lado do Oceano se acharia, se não o verdadeiro Paraíso Terreal, sem dúvida um símile em tudo digno dele.

Ressalta-se ainda que Portugal ostentava uma ascendência político-religiosa e conhecimentos de navegação inexistentes em outros países, porém a ambição e a necessidade de manter-se como hegemonia econômica despertou a ocupação por terras que detinham potencialidades comerciais. Assim, surgia a “consolidação” da descoberta de um novo mundo, o Brasil. Este novo “achado” foi descrito bem mais tarde por Sebastião da Rocha Pita como:

Brasil: vastíssima região, felicíssimo terreno cuja superfície tudo são frutos, em cujo centro tudo são tesouros, em cujas montanhas e costas tudo são aromas; tributando os seus campos o mais útil alimento, os seus troncos os mais suave bálsamo, e os seus mões o âmbar mais selecto; admirável o país, a todas as luzes rico onde prodigamente e profusa a natureza se desentranha nas férteis produções[...] Em nenhuma outra região se mostra o céu mais sereno, nem madrugada mais bela aurora; o sol em nenhum outro hemisfério tem os raios tão dourados, nem reflexos nocturnos tão brilhantes[...] é enfim o Brasil terreal paraíso descoberto (apud FERRARE, 1996, p. 53).

Identifica-se, desta forma, que foram enviadas ao “**terreal paraíso descoberto**” (FERRARE, 2006, p.40) “expedições de reconhecimento e policiamento da costa”



---

pelas lembranças dos moradores idosos. .

(TAPAJÓS apud FERRARE 2006, p. 41), a qual se verifica que foram incitadas pelo controle da extração do pau-brasil, artigo bastante cobiçado por estrangeiros.

Sabe-se que a ocupação portuguesa no litoral brasileiro estruturou-se inicialmente através do interesse em garantir a afirmação dos caminhos com as Índias, e diminuir os constantes ataques de estrangeiros, sobretudo os franceses, na emergente região promissora. Deste modo, conforme destaca Ferrare (2006), foram oferecidos, pelo governo de Portugal, incentivos para que seus conterrâneos desejassem investir no Brasil, não só na extração de tesouros, mas também de desenvolvimentos das terras ainda inexploradas.

Destaca-se ainda, a situação financeira em que se encontrava Portugal, contribuiu substancialmente para essa exploração de terras brasileiras, onde os novos tesouros iriam suportar o lastro da riqueza portuguesa. Além disso, essa expansão da Nova Luzitânia teria como estrutura toda a configuração social e políticas já existentes nas terras de Portugal.

A continuidade do reconhecimento das potencialidades naturais obrigou Portugal a ações mais efetivas, a fim de minimizar as constantes investidas dos franceses no litoral do Brasil. À medida que essas ações eram efetivadas, o governo português decidiu intervir mais enfaticamente e garantir o controle do território, criando um sistema que iria intensificar o desejo de garantir a ocupação deste “Paraíso Terreal” (FERRARE, 2006).

Para concretização deste novo desejo de exploração e colonização, foi criado pelo rei D. João III, com o intuito de potencializar a “hegemonia do Atlântico Sul” (FERRARE, 2006, p.55), o Regime de Capitânicas Hereditárias<sup>1</sup>, conforme mapa abaixo, sendo doada como primeira parte de terra a Duarte Coelho, pessoa muito influente na coroa portuguesa, a Capitania de Pernambuco, na qual dispunha de total responsabilidade e deveres dos predicados existentes na região (rios, portos, minas, invasores, nativos, guerras entre outros).

---

<sup>1</sup> Sabe-se também que, o Sistema de Capitânicas Hereditárias, visto como uma extensão do Senhorio português ultramar, pretendia em termos objetivos, “aliviar ou auxiliar o monarca na tarefa da governação em regiões ou em condições para que a Coroa não estava apta a atuar” (SALDANHA apud FERRARE, 2005, p.60).

pelas lembranças dos moradores idosos. .



Mapa 1: Capitanias Hereditárias- parcelamento de terras

Fonte: ATLAS VINGBOONS ( Acervo do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano) apud FERRARE, (2006, p.64).

É necessário ressaltar que, esse regime só foi efetivado devido a necessidade de proteção da longa costa desta terra conquistada, na qual o território foi dividido em 15 faixas destinadas a 12 donatários, com concessão formalizada através de Carta de Doação e

pelas lembranças dos moradores idosos. .

de Foral<sup>2</sup>, nas quais descreviam todas as questões relacionadas à administração e utilização da porção de terra cedida (FERRARE, 2006).

Convém lembrar que, esta área concedida a Duarte Coelho configurava uma das mais promissoras da costa, tanto pelo fato de sua localização ser facilitadora na comunicação com a Europa, quanto à grande presença de Pau-Brasil, que naquela época rendia frutos à Coroa, e também por possuir muitos veios hídricos<sup>3</sup> presentes em todo processo de colonização e que mais tarde se tornaram bastante significativos para o povoamento (FERRARE, 2006).

A área outorgada detinha potencialidades consideráveis que rendiam lucros, prestígio e riquezas a quem a explorava. Com a posse desta área, o então donatário, Duarte Coelho, passou a administrar desde a ação de invasores estrangeiros na extração do pau-brasil como o crescente interesse da Coroa nesta matéria-prima, além dos embates com os índios nativos desta porção de terra.

Conforme ainda enfatiza Ferrare (2006), mesmo possuindo um grande desenvolvimento econômico, a região de Olinda, administrada por Duarte Coelho, também possuía terras inexploradas. Assim, é necessário afirmar que através das constantes lutas com os índios provenientes da região, como os “Potiguaras, Tabajaras, Caetés”, (COSTA, 1983, p.110) foi possível comprovar a configuração e consolidação das terras da parte sul da Capitania de Pernambuco.<sup>4</sup>

Com relação a alguns habitantes/nativos desta parte da capitania, os índios Cahetés, fora atribuída à morte de Dom Pero Fernandes Sardinha (primeiro bispo do Brasil) e sua tripulação, por volta da metade do séc. XVI. Diante da divulgação, deste incidente claramente antropofágico, fora organizada uma represália tendo como gerenciador Jeronymo de Albuquerque, o qual seria auxiliado por outro grupo de nativos denominados Tabajaras. Essa ação de reparação possuía como principal objetivo a perseguição e dizimação dos Caetés. A partir de tal contenção, o então donatário Duarte Coelho, passou a se concentrar no povoamento tanto da porção norte quanto da sul, pois deste modo o desenvolvimento da capitania estaria mantida.

---

<sup>2</sup> “Verdadeiros substratos que institucionalizaram a conduta política administrativa portuguesa e “gerenciaram” a constutividade das respectivas capitánias” (FERRARE, 2006, p. 63).

<sup>3</sup> È notável a presença desses componentes hidrográficos durante todo o processo de colonização, pois desempenhava papéis essenciais, como, de sobrevivência da população, fertilização, além de serem definidores do abastecimento e suprimentos das proximidades locais.

<sup>4</sup> Esta área (parte sul) viria, posteriormente, a configurar o atual Estado de Alagoas.

pelas lembranças dos moradores idosos. .

É bem verdade que nesta retaliação aos Caetés estava implícito o desejo de exploração das terras ainda desconhecidas, o que potencializou ainda mais o povoamento, “[...] tanto ao norte quanto ao sul de Olinda [...]” (FERRARE, 2006, p.179).

Abordá-se-a nesta pesquisa, a exploração da parte sul desta referida Capitania.

Afirma Diégues (2006), que o povoamento das terras de Alagoas iniciou-se no fim do séc. XVI, sendo disseminado através do surgimento de três centros: Porto Calvo, ao norte, tendo como colonizador Cristóvão Lins, Alagoas ou Alagoa do Sul e Alagoa do Norte, no litoral prolongando-se pelo vale do Mundaú, sendo seu colonizador Diogo Soares, e ainda Penedo, localizado ao sul no vale do São Francisco. Ressalta-se que surgiram outros focos complementares a estes iniciais, como Atalaia, onde se determinou o início da expansão no interior.

Acerca deste desenvolvimento, destacam-se outros pontos de povoamento que se desenvolveram essenciais para formação do espaço alagoano, como: Santa Luzia do Norte, São Miguel nas Alagoas; Camaragibe e São Sebastião e em Porto Calvo; Poxim, Traipú e Penedo.

Convém citar que, a partir das atividades de Jeronymo de Albuquerque a expansão desta porção referente às terras alagoanas foi efetivada, por conseguinte, através de Cristóvão Lins, em Porto Calvo, onde foram fundados engenhos bastante significativos para a história alagoana. Assim, quando são estabelecidas as comarcas através da expansão econômica, somente parte desta sesmaria passou a estar inserida no território alagoano (DIÉGUES, 2006).

Mediante ao incremento da nova economia da colônia- a cana-de açúcar- as terras da parte sul passam a se desenvolver em torno dos engenhos.

[...] o açúcar se irmanou à própria história regional, nela se integrando de tal forma que não é possível isolar uma da outra; completam-se a história política e social e a história do açúcar. Estas muitas vezes explicam aquela; mostra-lhe a evolução, quando não a determina; acentua-lhe os contornos (DIÉGUES, 2006, p.26.).

Conforme descreve o inventário Sebrae (2005), apesar dessa nova força de exploração trazida pelos engenhos, a pecuária, a produção de outros produtos e a pesca também estavam presentes, principalmente na população localizada junto a porções de água. Conforme investigou Ferrare (2006), em alguns documentos há uma atenção esmerada da Coroa Portuguesa em proteger as lagoas da pesca predatória, pois se

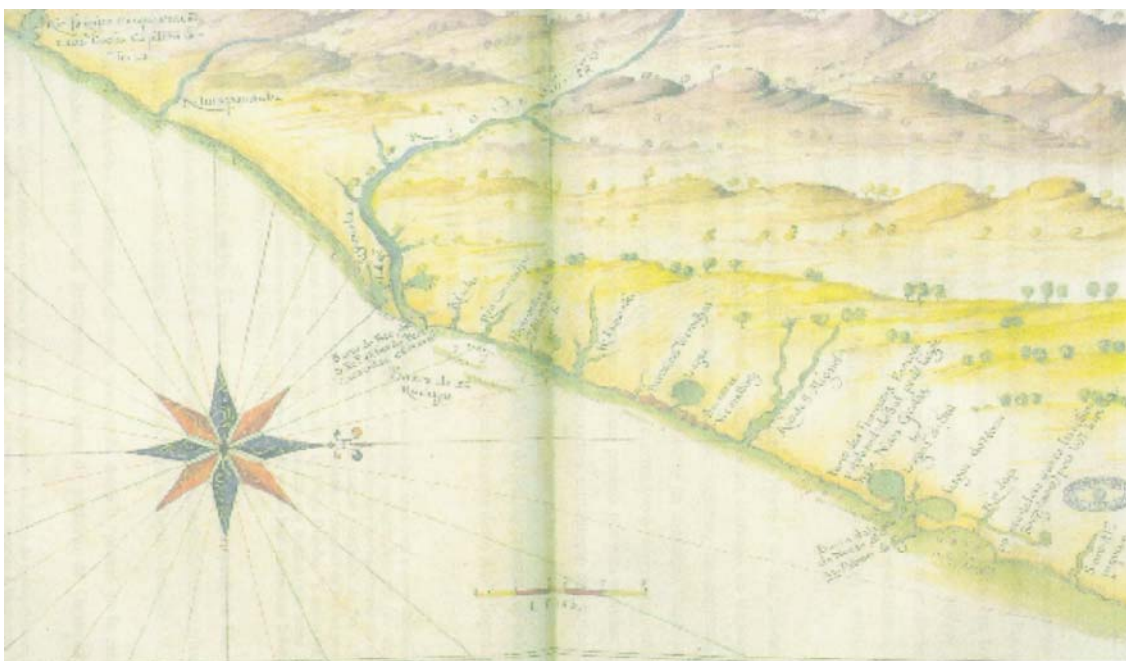


pelas lembranças dos moradores idosos. .

comprova a função de abastecimento e suprimento dos núcleos de povoações. Essa potencialidade natural sempre esteve presente em todo o processo histórico dessas terras ao sul, inclusive em demandar estratégias para fixação de assentamentos junto a áreas das lagoas, ao identificar,

[...] De modo que, não vendo eles no presente melhor situação para si, se esforcem por passar melhor, e para isto terão nas Alagoas ensejo mais favorável do que em qualquer outro lugar do Brazil, tanto por causa das boas terras, como porque a região é piscosa que além de terem peixe barato, o poderão exportar em abundância, com o que muita gente pôde ganhar alimento. Em circulando dinheiro, não é duvidoso que cada qual cuidará de tirar proveito da plantação, criação de gado ou muido, ou da pesca [...] (WALBEECK;MOUCHERON apud FERRARE, 2006, p.224)

Com efeito, a ligação de crescimento à produção de açúcar tornar-se-ia determinante no processo de povoamento da região nas grandes lagoas, diz-se, na Alagoa do Norte e Alagoa do Sul. Contudo é dado concreto que, a denominação de ambas as Lagoas (Norte e Sul), já se fazia presente na cartografia portuguesa em meados do séc. XVII, conforme constatou Ferrare (2006) em cartografia de 1640 (Descrição de Todo Marítimo da Terra de Santa Cruz- Brazil)- elaborada pelo cosmógrafo do rei, João Teixeira (Ver Mapa 2).



Mapa 2: Descrição do marítimo de Santa Cruz, chamado vulgarmente de Brazil representação das Lagoas. Fonte: Ferrare, (2006, p. 194a). Original: Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Fac-símile, ANTT,2000,p.61-62

Constata-se, ainda, em Ferrare (2006), que esses assentamentos às margens das lagoas já eram apontados, tanto em 1616 como em 1666, “acompanhados de indicativos iconográficos”, por serem presentes e interligados à economia até então predominante, o

pelas lembranças dos moradores idosos. .

açúcar (Ver Mapa 3). Convém ressaltar, que ainda existem algumas outras referências iconográficas apresentadas pela autora supracitada que ressaltam a alta significância destes veios hídricos para a estrutura econômica da época e, conseqüentemente, para a sua prosperidade.

A partir desta prosperidade e dilatação das propriedades agrícolas e/ou engenhos, que se mantinham bem irrigados pela sua localização e detinham uma produção expressiva, houve a concretização de assentamentos importantes para a história de Alagoas, conforme se pode acompanhar no texto a seguir:

Nas regiões das lagoas, as referências acerca dos povoados existentes no início do século XVII atestam que as fixações mais antigas encontram-se em Santa Luzia do Norte (povoação 1608, elevada a vila em 1830), com nome de Nossa Senhora da Luz da Vila Nova de Santa Luzia e Marechal Deodoro, com fundação reconhecida em 1611 como Alagoa do Sul. (BRANDÃO apud SEBRAE, 2004- 2005, p. 41).



Mapa 3: Parte do litoral sul da Capitania de Pernambuco. Mapa de João Teixeira Albernaz, 1616. Fonte: Ferrare (2006, p.195). Original: Biblioteca Municipal do Porto, 1999, p.76-80. A- representa Alagoa do Sul, com matas canas, B- Alagoa do Norte, com dous engenho.

Consolida-se, assim, a designada Alagoa do Sul, a qual atualmente se conhece por Marechal Deodoro, como propriedade de Diogo Soares que passou a estar sob os cuidados de Henrique Carvalho.

O papel que coube a Diogo Soares na região de Madalena, foi em parte, o mesmo que Cristóvão Lins coube no norte, isto é, o de repartir as terras, fundar engenhos de açúcar, levantar vila, etc. [...] Na escritura Henrique de Carvalho, na qualidade de procurador de Diogo Soares, diz que este “lhe dava poder para repartir algumas terras pelos moradores [...] (DIÉGUES, 2006, p.67).

Segundo ainda Diégues (2006), no fim do séc. XVI Alagoas já era povoada, mesmo não sendo entendida como povoamento. Por volta de 1611, Henrique Carvalho doa uma sesmaria a Manoel Antônio Duro, que tinha como limites o final da Pajuçara, indo até a barra da lagoa Mundaú e se estendendo para o interior até o Rio Mundaú.

pelas lembranças dos moradores idosos. .

Com relação à região da lagoa do Norte ou Mundaú, foram doadas a Miguel Gonçalves Vieira, provedor da Fazenda Real, duas porções de terra, uma abrangia desde o Rio Santo Antônio do Meirim até a enseada de Pajuçara, onde começava a de Manoel Antônio Duro, pelos fundos englobava toda a lagoa do norte ou Mundaú (CAVALCANTE, 1998). A responsabilidade com estas terras seria igual às de Cristovão Lins e Diogo Soares: repartir as terras com os moradores da região, fundar vilas, além de construir um engenho para produção de açúcar.

Com relação ao núcleo de Penedo, sua conformação se estruturou diferentemente das demais, pois se consolidou a partir da defesa contra os saques feitos por estrangeiros servindo como arraial fortificado, no qual era o ponto mais longe da sede da capitania, além de limite desta, tendo como primeiro e principal donatário Duarte Coelho.

A evolução da ocupação portuguesa sofre um abalo quando em 1633 os holandeses desembarcam em território alagoano. Em Alagoa do Sul (Marechal Deodoro) os habitantes são atacados, as casas são queimadas e saqueadas, destruindo parte do povoado. Quando investem contra a povoação de Santa Luzia do Norte os batavos encontram resistência. (COSTA apud SEBRAE, 2004-2005, p.41)<sup>5</sup>.

Convém destacar que durante o domínio holandês nas terras alagoanas, Ferrare (2006) enfatiza a constante presença das águas e também da pesca para sobrevivência e abastecimento da população, quando se refere a uma descrição feita por Gaspar de Barleus, do brasão de tal governo (Ver Fig. 1) na qual utiliza a expressão: “O gênero escamífero mergulha-se nas rédias de Alagoas” (BARLEUS apud FERRARE, 2006,

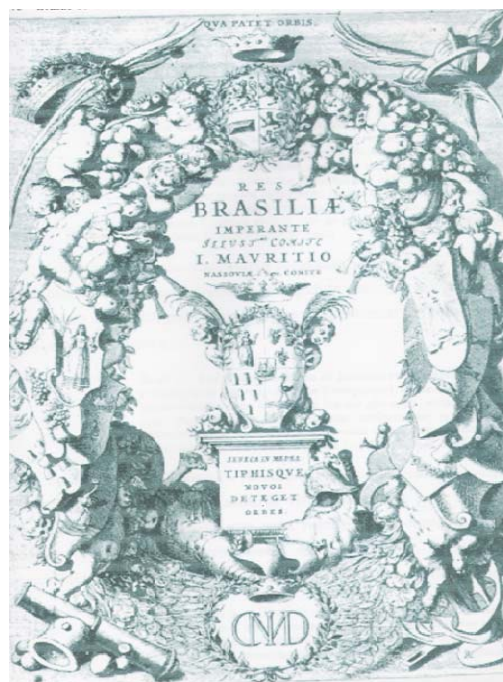


Figura 1- Brasão do governo holandês. Fonte: Ferrare(2006, p.223). Original:BARLEAUS, 1647/1980

p. 223). Opinião sobre esta fartura nas Alagoas, já era confirmada durante a ação de

<sup>5</sup> A constância dessas lutas contra os holandeses refletiram principalmente na economia local, neste caso a cana de açúcar, só podendo ser restabelecida quando restaurada a pátria, surgindo a partir daí surge uma nova fase tanto para Alagoas quanto para Pernambuco.



pelas lembranças dos moradores idosos. .

promover o povoamento destas terras aos portugueses, citada em Grandezas do Brasil descritas a seguir:

Brasil [...] tão abundancia de pescados excellentísimos, de diferentes castas e nomes, tanto marisco, cangrejos [caranguejos], que se colhem, e tomam, à custa de pouco trabalho, tanto leite que se tira dos gados,[...] frutas maravilhosas cultivadas com pouco trabalho, e outras sem nenhum que os campos e matas dão deliberadamente, tanto legume de diversas castas, tanto mantimento de mandioca e arroz, com outra infinidade de cousas [...] ( BRANDÃO apud FERRARE, 2006, p. 224)

Sob este intuito, o ambiente lagunar sempre foi marcante para o período de colonização, pois servia tanto como base para os engenhos quanto para o desbravamento dos territórios. Era através dos rios e lagoas que a colonização de Alagoas ia se conformando. A consolidação da emancipação política de Alagoas, veio em 1817, passando assim a se constituir província, tendo como presidente Francisco de Melo e Póvoas (SEBRAE, 2004- 2005).

De fato, durante um longo período as lagoas exerciam uma função estratégica para desbravamento das terras ainda inexploradas, bem como serviu como alavanca para o seu desenvolvimento, pois eram fundamentais para escoar a produção.

Sabe-se que, através das características advindas de terras portuguesas, surge uma demanda cada vez mais crescente em Maceió, tanto do comércio, serviços, quanto transportes e infra-estrutura, principalmente pela sua importância, mesmo não sendo ainda capital da província, posto ocupado pela Vila de Alagoas, atual Marechal Deodoro.

“[...] Ao alvorecer do século XIX o povoado tornara-se um empório comercial de certa notoriedade. O ancoradouro criara o comércio, e o comércio, dilatando o povoado, operava o desenvolvimento econômico e demográfico [...]” (COSTA, 1983, p.21).

A partir deste crescimento notório, principalmente caracterizado pela exportação do açúcar, Maceió é elevada à vila em 1815, onde se consolidou assim, a autonomia de sua Câmara e a construção da cadeia, e o pelourinho que seriam implantados no pátio da antiga capela de São Gonçalo. (COSTA, 1981) (Ver Fig. 2.)

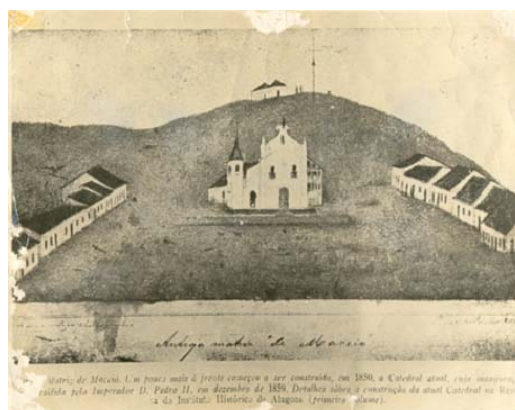


Figura 2- Primeira imagem de Maceió. Descrição de Costa(1981, p.32): O povoado com sua antiga igreja que ficava no alto, no meio da falda monte, dominado largo desgracioso, [...]. Fonte: Museu da Imagem e do Som de Alagoas. Data:s/d



pelas lembranças dos moradores idosos. .

Desta forma, a partir deste grande progresso comercial, do desenvolvimento do porto (Ver Fig. 3) e das vantagens relativas aos seus componentes naturais, ressalta-se que, em 1839, a capital é transferida para Maceió. Convém lembrar, que este desenvolvimento realizou-se através da implantação do engenho Massayó, por volta do século XVIII.



Figura 3- Porto de Jaraguá. Fonte: Museu da Imagem e do som de Alagoas. s/d

Tal acontecimento foi explicitado por Costa (1981, p.1): “nasceu espúria a cidade, no páteo de um engenho colonial, sem ascendência conhecida e assentamento autorizado nas crônicas do período histórico da luta pelo domínio gentio e conquista da terra”, caracterizando-se, assim como foco da origem da cidade.

De forma geral, com essa mudança do centro administrativo detentor do desenvolvimento para Maceió, a região da Lagoa Mundaú passou a ser ainda mais valorizada, pois nesta época possuía três portos de fundamental importância local, a Levada, o Trapiche da Barra e Bebedouro, que fazia a interligação aos portos de Marechal Deodoro e Santa Luzia do Norte, com comércio de crustáceos, frutas e peixes (SEBRAE, 2004- 2005). Também é fato a importância que o ambiente lagunar exerceu na consolidação da nova capital a servir como escoamento da produção.

Exatamente através dessa localização e ligação direta com as águas é que surge o foco deste trabalho, o Pontal da Barra, bairro com traçado irregular, enquadrado entre a lagoa e o mar, determinadores de sua configuração urbana, e seus componentes paisagísticos. A lagoa tornou-se fator fundamental para a ocupação e abastecimento direto do bairro, item a ser explorado a seguir.

Viver em ti é sempre flutuar, nas águas turvas lagoa morna, ante os murmúrios lânguidos do mar, sob esse coqueiral que a tudo adorna. Entre o mar e a lagoa tu flutuas, ao léu das ondas e das águas mansas, “Língua de terra”, clara à luz das luas. E quente ao soldo céu que não alcanças. Foram os ventos vindos do Nordeste, que te fizeram longa até a “barra”, onde o “Pontal”, furando a água, investe [...] (LIMA apud SEBRAE, 2004- 2005, p. 91).

## 1.2 A LAGOA... O BAIRRO...E A SUA CONSTRUÇÃO.

A relação entre história, representação e lugar é fundamental para se pensar a construção das identidades. As “sociedades se diferenciam pelo lugar, e sua história se define pela relação com os limites que este lugar impõe” (COELHO apud FERNANDES; GOMES, 1992, p.286).

Procurar compreender um bairro através da história e das relações sócio-espaciais é identificá-lo como “unidade viva” definida através das características advindas dos trajetos cotidianos, das relações entre o homem e o meio. É lugar “onde se reproduz a vida” (CARLOS, 1996, p.20), é, enfim entendê-lo, como cada porção da sua estrutura marcada e definida por seus usos e significados.

É perceber, também, que este lugar adquire diferentes valores e novos conceitos através da história, pelos sentidos que lhe são atribuídos e que nascem da sua relação direta com o homem. Nessa perspectiva, percebe-se que este “espaço urbano deve ser entendido, não apenas no seu objetivo da configuração das formas e imagens que saltam aos olhos dos observadores, mas também, como resultado das relações sociais que refletem a sociedade como o todo da sua essencialidade” (FERRARE, 2006, p.283).

Tal assertiva serve para afirmar a atitude defendida neste trabalho, de que a compreensão de um lugar, supera as barreiras físicas e materiais e se constitui, sobretudo, a apreensão da existencialidade do ser a partir das construções sociais, nas quais estão inseridas as práticas culturais geradoras de símbolos, significados e costumes. Assim, a ação de adentrar e perceber um lugar, um bairro, “equivale a uma forma de registro materializado em suas pedras, formas e espaços, também imaterializados na forma de viver, pensar, sonhar, crer e de se relacionar, transmitido sempre no modo de ser e estar [...]” (FERRARE, 2006, p.289).

Com efeito, para este estudo escolheu-se apreender o bairro do Pontal da Barra, no qual se considerará tanto o individual quanto o coletivo, como fator fundamental da relação estabelecida entre moradores e o meio natural. Buscar-se-á analisar desde a forma de organização espacial do bairro, até observar simples ações como relembrar o passado nas conversas com os vizinhos, contar histórias, jogar cartas, pescar e não apenas a funcionalidade desses modos e usos, mas também o simbolismo implícito nos seus modos de saber e de fazer.

pelas lembranças dos moradores idosos. .

Assim será buscado, por entender-se, segundo Certeau (1996), que a forma como se organizam e distribuem as ações cotidianas, bem como a história, são determinantes na formação do ser social e principalmente do espaço que o circunda. Refletindo acerca deste pensamento, é possível compreender que as representações simbólicas, o cotidiano tornam-se componentes indissociáveis na concepção e caracterização de um bairro, resultando em pontos fundamentais para identificação de suas características formadoras e dos elementos que as diferenciam das demais áreas da cidade.

Em virtude de todas estas pluralidades, o objeto em estudo, Pontal da Barra, detém uma carga simbólica que mantém implícitos na sua constituição elementos/aspectos marcantes, tais como a Lagoa Mundaú, seus habitantes, suas ruas onde o cotidiano flui ancorado em seus *saberes e fazeres*, na pesca e no artesanato em linhas que estão diretamente ligadas à identidade deste bairro. Toda essa potencialidade influi diretamente na dinâmica urbana do local, na vivência dos moradores, sedimentando uma forte identidade coletiva.

Neste bairro, a relação homem-espaço transpõe suas concepções originais e transforma-se no compartilhamento das experiências advindas desta relação, basicamente constituídas pelas relações de vizinhança que caracterizam este lugar.

Com efeito, observar como se constitui a história e o cotidiano do Pontal da Barra, significa compreender e investigar não só as características físicas do local, mas ainda o que este representa para a cidade, para seus usuários e principalmente para quem lá habita, ao identificar,

Ruas tranqüilas, coqueiros e as margens da Lagoa Mundaú [que] servem de moldura para um quadro que se vê há mais de cem anos. Rendeiras sentadas à porta de suas casas, tecem com habilidade transmitida de geração em geração, a tradicional renda do filé do nordeste- a mais importante manifestação do artesanato alagoano. A sombra das árvores, sentados em suas canoas, pescadores repetem um gesto que remonta à antiguidade. A ágil agulha vai em movimentos rápidos e cadenciados compondo malha das redes de pesca, enquanto a prosa corre solta. O bairro do Pontal da Barra é inédito. Tem vida própria, independente, e características ímpares [...] (SALGEMA apud VIEIRA, 1997, p.43).

O núcleo original do Pontal da Barra antecede à ascensão de Maceió como capital e remonta a uma comunidade de pescadores representantes de uma só família que se localizava entre o mar e a Lagoa Mundaú, na então conhecida Prainha, porção de terra localiza ao sul de Maceió. “A memória oral dos moradores remonta a um tempo em que o bairro era ‘terra de índio’, [...] formava uma só ‘aldeia’, no sentido de uma só família, de

pelas lembranças dos moradores idosos. .

casamentos consangüíneos, onde a solidariedade fazia parte das relações familiares [...]” (VIEIRA, 1996, p.44). Este aspecto foi decisivo para a configuração social, econômica e cultural do atual núcleo urbano.

Com relação às habitações, segundo a descrição de alguns moradores para o presente trabalho, na antiga localização do Pontal da Barra, a exemplo das aldeias de índio, as casas eram construídas com materiais locais, como a palha de coqueiro e a taipa (Ver fig. 4). As relações eram basicamente entre uma só família, sendo assim comprovada a forte característica que marca este bairro, sendo ainda denominado por muitos a “terra de índio”. Este tipo de organização “favorecia o estreitamento de relação entre os usuários, a ajuda mútua e



Figura 4- As primeiras habitações pontalenses. Emprego de materiais locais. Fonte: PLEC, 1977.

contribuía para consolidar a estrutura familiar monogâmica” (FERRARE, 2006, p.131). Nessa antiga acomodação, ainda se encontravam a igreja de São Pedro e um cemitério que, devido à fúria da natureza, foram desaparecendo com o avanço do mar.

O assentamento populacional é mesmo secular, segundo consta no Dossiê de Tombamento do referido bairro, elaborado em 1987,

Em 1792, há quase duzentos anos, portanto, o Pontal já existia, dele fazendo menção o vigário Manoel José Cabral, **na Caderneta de desobriga da freguesia do Norte**, em cujo “Rol dos confessados”, relativo àquele ano, vem incluído entre “os lugares de Maçayó” [...] (SECULT, 1987, p. 6, grifo nosso).

A partir daí, em 1871, já estava presente no bairro “légua e meia a sudoeste da capital, (era) um agregado de 50 cabanas cobertas de palha e habitadas por pobres pescadores” (ESPÍNDOLA apud SECULT, 1987, p.7). Passados vinte anos, esse número duplicou passando para 100 habitações, segundo o Almanak do Estado de Alagoas, o que incluía a capelinha de São Sebastião, iniciada a sua construção por volta de 1876 terminando quatro anos após em 1880, a partir das esmolas dos devotos, “toda pintadinha de branco, com suas portas verdes voltadas para a lagoa, lamentavelmente demolida [...] e substituída por outra de estilo moderno” . (SECULT, 1987, p. 6).

pelas lembranças dos moradores idosos. .

“Os primeiros moradores e possuidores das terras compreendidas do Trapiche da Barra até o pontal da Barra ou Barra da lagoa foram: José Egípto de Jesus; Reginaldo Correa de Mello, Bernardo Marinho de Oliveira, D. Rosa de tal e D. Theodora Maria de Tal” (FONSECA apud SECULT, 1987, p.6).

Segundo consta no referido Dossiê, entre esses residentes mais antigos e posseiros das terras do Pontal, além de José Egípto de Jesus e sua esposa Ismênia Maria, encontravam-se Reginaldo Corrêa e sua mulher Maria do Nascimento e Ângelo Corrêa casado com Rosa Guedes a quem Pedro Paulino da Fonseca faz alusão como “Rosa de tal”.

Desta forma, a cada dia essa pequena comunidade de pescadores travava uma relação de sobrevivência, que acontecia principalmente com as atividades de pesca, e também pela luta constante com a natureza pelo ambiente de moradia. Durante certo período, de forma impiedosa a natureza fez esta comunidade ser obrigada a procurar outro lugar para sua acomodação, neste caso, às margens da lagoa<sup>6</sup>.

Como a relação com esse componente natural era imprescindível para seus moradores, além da pesca para sua sobrevivência, este grupo passou a se localizar na porção mais ao leste do núcleo original, paralelo as margens da lagoa Mundaú, desenvolvendo-se em direção a Maceió (Ver Mapa 4).



- 1ª OCUPAÇÃO – NÚCLEO ANTIGO
- 2ª OCUPAÇÃO – NÚCLEO ATUAL

Mapa 04- ocupação do núcleo urbano. Fonte: Base cartográfica de Maceió-Prodetur. 1998.

<sup>6</sup> Sobre este incidente, uma das pessoas entrevistadas fez referências bastante elucidativas: [...] *Menina, aqui o pontal era lindo, lá na prainha. Tinha cemitério aqui no pontal, lá embaixo que o mar já comeu. Perto do DETRAN, ali mesmo naquelas imediações. Agora só que, o mar já comeu né, avançou e o local ninguém sabe mais [...]* (Moradora do Pontal em entrevista à autora, 2008).

pelas lembranças dos moradores idosos. .

Ainda conforme Vieira (1996, p.45), “No processo inicial de formação do assentamento, sem dúvida, a atividade de pesca foi fator preponderante, condicionando inclusive, a forma física do assentamento [...]”.

Destacam-se como pontos determinantes nesta mudança, a intervenção do governo em alargar a barra da lagoa e a desapropriação do terreno para construção da Escola de Aprendiz de Marinheiro, com sua implantação datada de 1954 (FERRARE, 1987).

Inicialmente, quando se consolida a nova ocupação, o parcelamento do solo e a posse de terra vão sendo estruturados espontaneamente, ou seja, sem a interferência do poder público. Esse acesso livre ao solo aconteceu sem conflitos, onde o direito da propriedade foi adquirido de maneira informal. As atividades econômicas primitivas, a pesca e o artesanato, permaneceram nesse novo assentamento e sempre foram as que sustentaram a sobrevivência da população (VIEIRA, 1996).

Essa forma espontânea, livre de ocupação pode ser constatada segundo discursos de alguns moradores e ainda mais explicativo nos mapas abaixo (Ver Mapas, 5, 6, 7 e 8) que ressaltam essa evolução urbana, descritos no Projeto de Levantamento Ecológico Cultural da Região das lagoas Mundaú e Manguaba (1977, p.147- 163),

Aqui quando foram chegando, era terreno da marinha, mas ninguém sabia. Por exemplo, se eu fazia uma casa, eu fazia uma casa e um quintal, aí pronto: a gente só fazia cercá, só isso, e aí a gente plantava, a gente fazia o que queria, era o quintal da casa da gente e ninguém entrava.

Às vezes até mesmo sem cerca, mas já sabia que era da gente, não tinha problema. Antigamente, não tinha cercas, não, todo mundo passava pelo quintal do outro.[...]Era a vida tão entrelaçada que não havia necessidade de muro, ou cerca.

Entre a lagoa e o mar eram dunas e só areia. Areia e aquelas...salsa...aquelas plantas né, de praia mesmo. E depois cada um ia plantando coqueiros, um plantava coqueiro aqui, outro acolá. Futuramente eles foram obrigados a demarcar essas terras, então quem tinha coqueiro nesse pedacinho ficou com aquelas terras, quem tinha aqui, ficou com essas terras, daí formaram os sítios[...].



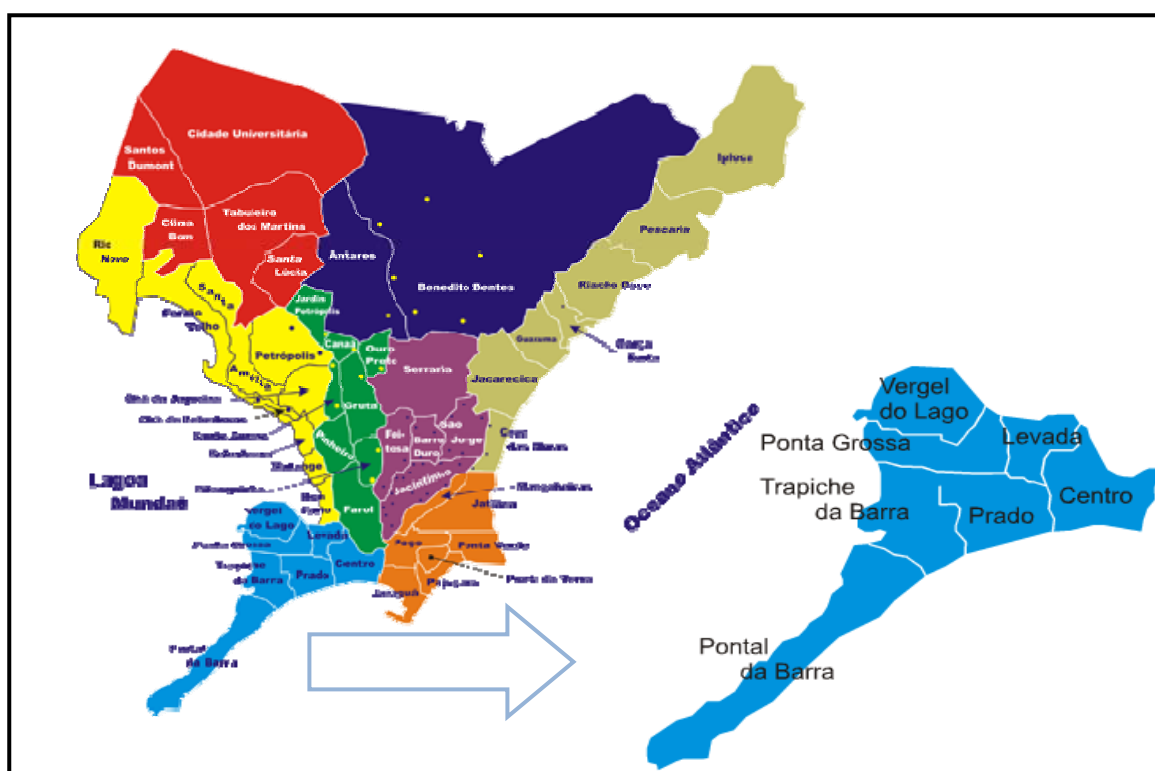
pelas lembranças dos moradores idosos. .



Mapa 5,6,7,8: Mapas de evolução da ocupação do solo em 4 etapas. Fonte: PLEC, 1977. Adaptação Vanessa Gonçalves. Junho/09.

pelas lembranças dos moradores idosos. .

Consolidado este novo núcleo urbano, o bairro do Pontal da Barra, braço de terra entre a Lagoa Mundaú e o Oceano Atlântico, situa-se a sudoeste de Maceió, no Complexo Estuarino Lagunar de Mundaú- Manguaba<sup>7</sup>. A restinga do Pontal da Barra tem sua localização mais precisa entre o mar e o canal do Calunga que faz interligação com a Lagoa Mundaú ou lagoa do Norte<sup>8</sup>, Lagoa Manguaba ou do Sul, antes de desembocar no mar. Faz fronteira ao **Norte** com o bairro do Trapiche da Barra, a **Leste** com o Oceano Atlântico, a **Oeste** e a **Sul** com o município de Marechal Deodoro (Ver Mapa 9).



Mapa 9: Pontal da Barra e suas delimitações. Fonte: [www.sempla.maceio.al.gov.br](http://www.sempla.maceio.al.gov.br). Acessado: 9 de abril de 2009.

A comunicação com os demais bairros de Maceió é feita através de vias atualmente asfaltadas, a Avenida Assis Châteaubriant, e a Avenida Alípio Barbosa, a qual margeia a Lagoa Mundaú. Sua interligação com o município de Marechal Deodoro é feita pela rodovia AL-101 Sul (Ver Mapa 10).

<sup>7</sup> Conhecido também como CELMM – o Complexo Estuarino Lagunar Mundaú- Manguaba- “é formada pelas lagoas de mesmo nome, inúmeras ilhas, canais, e extensos manguezais. É o ambiente mais representativo do litoral alagoano. A ação das marés permite a influência direta do mar até uma distância significativa da linha da costa, estendendo-se até aproximadamente 25 Km continente adentro. As lagoas foram constituídas pelo barramento da foz dos rios Mundaú e Paraíba do Meio, por deposição dos sedimento marinhos e o conseqüente alagamento de seus leitos.[...] O CELMM está situado no nível da planície litorânea e se encontra delimitado pelas encostas dos tabuleiros, estrutura sedimentar de formação de barreiras[...]” (NORMANDE, 2000,p. 22).

<sup>8</sup> “A Lagoa Mundaú tem cerca de 27 quilômetros quadrados e constitui o baixo curso da bacia hidrográfica do rio Mundaú, que drena uma área de 4.126Km²” (NORMANDE, 2000, p. 22).



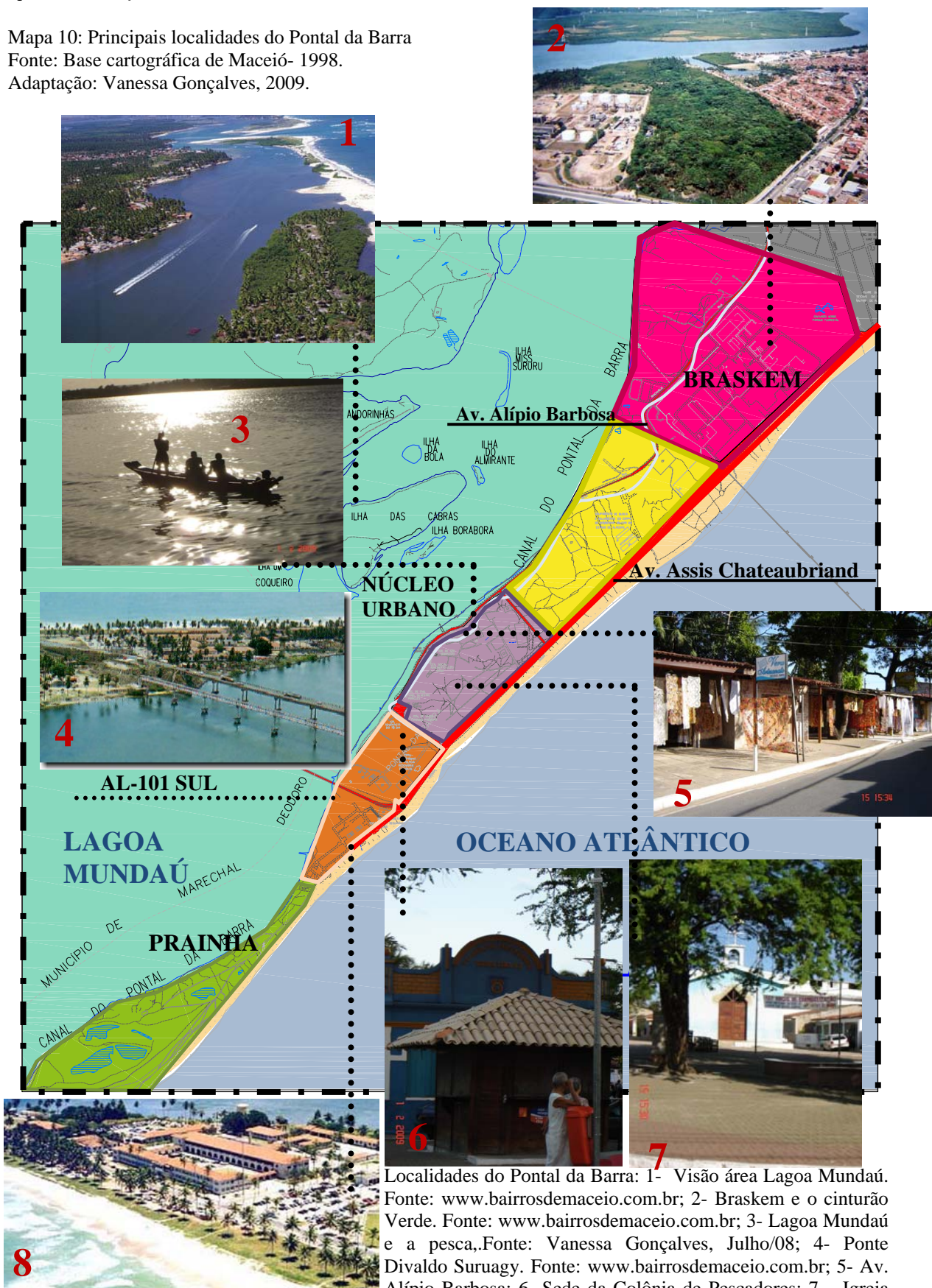
Relembrar o passado, reconhecer o presente: a identidade do Pontal da Barra

pelas lembranças dos moradores idosos. .

Mapa 10: Principais localidades do Pontal da Barra

Fonte: Base cartográfica de Maceió- 1998.

Adaptação: Vanessa Gonçalves, 2009.



Localidades do Pontal da Barra: 1- Visão área Lagoa Mundaú. Fonte: [www.bairrosdemaceio.com.br](http://www.bairrosdemaceio.com.br); 2- Braskem e o cinturão Verde. Fonte: [www.bairrosdemaceio.com.br](http://www.bairrosdemaceio.com.br); 3- Lagoa Mundaú e a pesca. Fonte: Vanessa Gonçalves, Julho/08; 4- Ponte Divaldo Suruagy. Fonte: [www.bairrosdemaceio.com.br](http://www.bairrosdemaceio.com.br); 5- Av. Alípio Barbosa; 6- Sede da Colônia de Pescadores; 7 - Igreja de São Sebastião e Praça Caio Porto. Fonte Vanessa Gonçalves, Julho 2008; 8- DETRAN.

pelas lembranças dos moradores idosos. .

O bairro é formado por um cordão litorâneo arenoso com uma vegetação composta por mangues e coqueirais. Convém observar que, esta vasta faixa de coqueirais é um sinal marcante e aparente da paisagem, tanto na orla lagunar quanto na orla marítima, pois além de valorizá-las e torná-las tão características, nutre uma relação simbólica surgida desde os tempos de outrora. (Ver Fig. 5,6 e 7)



Figura 5- O coqueiro emoldura a paisagem e faz parte do cotidiano cultural dos habitantes a partir de seus usos. Fonte: Vanessa Gonçalves. Junho/07



Figura 7- A paisagem vista da praia. Fonte: Vanessa Gonçalves. Junho/09

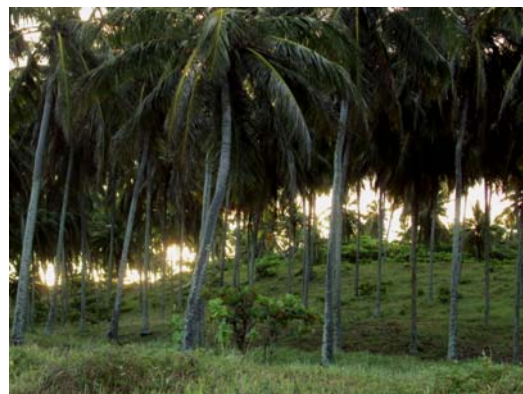


Figura 6- Cobertura vegetal presente no bairro, coqueiros, amendoeirais e etc. Fonte: Vanessa Gonçalves. Junho/09

Essa relação com *o coqueiro* é aportada na necessidade de sobrevivência e sustento quando muitos moradores, desde os tempos de outrora, utilizavam seus componentes para obtenção de necessidades de moradia, proteção e armazenamento, como por exemplo, a palha (para cobrir tanto as casas que eram



Figura 8- Morador protegendo sua canoa com a palha do coqueiro. Fonte: PLEC, 1977.



pelas lembranças dos moradores idosos. .

construídas de taipas quanto aos abrigos dos barcos às margens da Lagoa Mundaú), o tronco (na construção de canoas e dos próprios estaleiros) e o fruto (na culinária bem característica).

Essa relação do coqueiro como elemento marcante da paisagem é colocado de forma bem poética por Brandão (2001, p.50), quando diz,

Pelo verão, nas alvoradas sereníssimas, sob o ozônio azul do céu, a Lagoa do Norte levanta alegre e enfeita-se e mira-se em seu espelho, a fim de esperar o Sol. Os canais espiralando-se em curvas mil[...] Os coqueiros, de caule esguio que, visto de longe, se vai afinando, até desaparecer, ficando apenas um feixe de palmas, como um círculo, como uma gota de fucsina alcoolizada, suspensa no espaço – inquieta, ondulante, longínqua[...].

Entretanto, ainda é possível encontrar uma massa de vegetação nos quintais junto à lagoa e ao mar, compostas por cajueiros, pitangueiras, mangueiras e gramíneas, o que é complementado pelo enquadramento da paisagem lagunar que contorna toda a silhueta do bairro conferindo-lhe uma visualidade de paisagens únicas.

A sinuosidade da paisagem também pode ser observada no padrão de suas ruas, becos e vielas (Ver fig. 9 e 10). É perceptível que o padrão urbano tenha sido definido pela necessidade direta de contato com a lagoa. Assim, o traçado de suas ruas não obedece à linhas retas, alinhadas comumente vistas no contexto viário das cidades, mas acompanha a sinuosidade da Lagoa Mundaú.

Esse traçado orgânico é entremeado por sua história de ocupação e ainda é marcado por praças, becos e vielas, aos quais agregam valor paisagístico ainda mais acentuado.



Figura 9- A sinuosidade da principal avenida. Fonte: Vanessa Gonçalves. Junho/09



Figura 10- A sinuosidade conforma a malha urbana do bairro. Fonte: Vanessa Gonçalves. Junho/07

pelas lembranças dos moradores idosos. .

Convém destacar que, durante muitos anos, o acesso ao Pontal da Barra era feito pelo Trapiche da Barra em embarcações da Companhia de Navegação. Para chegar ao Trapiche, os moradores tinham que ir ou a pé ou através de canoas (pelo lado do mar ou pela margem da lagoa Mundaú) (Ver Fig.11,12), isto confirmava o quanto o local ficava isolado do resto de Maceió.



Figura 12- A locomoção também era feita a pé para outros bairros. Fonte: Museu da Imagem e do Som.s/d



Figura 11- A canoa como uma das principais formas de locomoção para bairros adjacentes. Fonte: Museu da Imagem e do som- MISA.s/d

Mediante a esta assertiva, é necessário observar a tônica de uma referência ao bairro em jornal da cidade nos primórdios do século XX:

“Não era mais que um triste istmo, isolado do movimento da vida maceioense [...] A beleza do coqueiral verdejante, a cantar ao sopro das brisas reinantes; o sussurro rítmico das ondas do Atlântico; a vastidão azul do canal a retratar entre o céu e a terra, não eram bem conhecidas do nosso público (JORNAL DE ALAGOAS, 1929, p. 3).

Esse cenário é modificado quando é inaugurada a estrada ligando o Trapiche ao Pontal, em 11 de junho de 1929, durante a administração de Dr. José Carneiro (BASTOS apud SECULT, 1987). Essa estrada foi executada provisoriamente e por isso era feita de barro, sendo em 1949, na administração de João Teixeira de Vasconcelos, refeita e complementada com aterros e infra-estrutura adequada. Neste mesmo ano foi inaugurado o Grupo Escolar “Silvestre Péricles”, primeira escola do local (SECULT, 1987).

Consta ainda no Dossiê de Tombamento do bairro, elaborado pela SECULT (1987), que neste ano de 1954, como citado anteriormente, a Escola de Aprendizes de Marinheiros de Alagoas foi implantada e teve como justificativa do governador da época, Arnon de Mello, sua locação no Pontal da Barra para atender a necessidade de estudo dos filhos dos

pelas lembranças dos moradores idosos. .

pescadores, entretanto os rapazes residentes daqui eram mandados para Recife e para o Rio de Janeiro. Essas trocas ocasionaram influências nos costumes e padrões da área. Por conseguinte, em 1972 a já extinta Escola de Marinheiros cedeu lugar a Universidade Federal de Alagoas.

É bem verdade que com a introdução da Escola de Marinheiros<sup>9</sup>, e posteriormente a instalação da Universidade Federal de Alagoas, novos costumes foram inseridos no cotidiano de quem lá habitava. Aos poucos, a comunidade antes conceituada como isolada<sup>10</sup>, passou a adquirir novos padrões de comportamento e de infra- estrutura urbana, ou melhor, o que era apenas relações entre grupos da mesma família e/ou entre vizinhos passa agora a uma diversificação que transforma os processos sócio-culturais e econômicos existentes no bairro. Neste sentido, a pesca, antes principal atividade econômica local, passa a ser substituída gradativamente pelo trabalho assalariado. Atualmente sendo significativa para maioria das famílias pontalenses como um complemento para a renda familiar (VIEIRA, 1996). Deste modo, as modificações presentes tanto nos processos econômicos quanto nos sócio-culturais são transferidas lentamente para os componentes naturais (lagoa Mundaú e dunas) presentes no Pontal da Barra.

Convém citar que, outro fator influente foi o advento do turismo (na década de 1970) devido ao fato de no local haver prevalência do artesanato, e por possuir componentes naturais muito fortes (apelativos) ao lazer. Com a chegada do turismo as relações passam a ultrapassar os limites do bairro e alcançar outras localidades, e o Pontal passa a ser ponto obrigatório de visitação turística da cidade tanto pela riqueza de seu artesanato quanto pelas paisagens e culinária.

Também na década 1970, houve um marco na história do Pontal da Barra - a instala o da Salgema Indústrias Químicas S/A, produtora de soda cáustica a partir do salgema, (Ver Fig. 13) considerada para muitos, um risco   vida<sup>11</sup>.

---

<sup>9</sup> Hoje corresponde a porão de terra onde localiza-se o Detran-AL

<sup>10</sup> Isolada – por ser caracterizada como uma pequena comunidade que se estabeleceu através do fortalecimento das rela es homem e meio (a sobrevivência era retirada da Lagoa e Canais), as rela es eram consang neas, onde os laços familiares são fortalecidos, além do esquecimento do poder local. A benfeitoria, como luz, as vias de acesso, água foram chegar ao bairro com o advento da Escola de Aprendiz de Marinheiro e indústria Salgema.

<sup>11</sup> Grande parte da popula o maceioense, sindicalistas, moradores do bairro, a comunidade universitária, ambientalistas, jornalistas entre outros questionavam a presença desta indústria na restinga do Pontal, pois era iminente os riscos de vazamento, incêndios, explosões de materiais como o eteno e principalmente a polui o da  gua. Segundo Vieira (1997), a pol mica em torno dessa implanta o repercutiu de forma tão significativa que foram criados protestos e até o Movimento pela Vida, um movimento que visava a prote o dessa área.

pelas lembranças dos moradores idosos. .

A iniciativa desta implantação, objetivada no governo de Afrânio Lages, teve sua concretização em 1976 no governo de Divaldo Suruagy. Como se pode observar na tônica descrita abaixo,



Em fevereiro de 1977 entrava em operação a maior indústria de

Figura 13- Produção de cloro, soda, hidrogênio, diocloreto e eteno, a Salgema, é o carro-chefe do Pólo Cloro-Àlcoolquímico alagoano. Fonte: Museu da Imagem e do Som. s/d

Alagoas, a Salgema Indústrias Químicas S.A., localizada na faixa de terra entre a lagoa Mundaú e a orla marítima, com área total de ocupação de aproximadamente 500.000 metros quadrados. A fábrica de cloro-soda teria capacidade de produção de 220 mil toneladas de cloro e 250 mil toneladas de soda cáustica por ano, em função da descoberta de uma grande mina de sal-gema (IZP<sup>12</sup>, 2004, p.25).

A partir desta nova intervenção, as interferências no cotidiano e nos costumes foram ainda mais acentuadas, o que influenciou diretamente na vivência do morador com o Pontal da Barra. Entretanto, é incontestável a forte relação familiar e de vizinhança que permanece como característica marcante na essência de seus residentes. Este marco pode ser mais bem descrito da seguinte forma:

A história da Salgema assemelha-se a um romance urbano, com todos os ingredientes inerentes às boas tramas: de fatos singulares a registros corriqueiros, passando pelos sempre afogueados bastidores do poder que incluem, desde sincera paixão pela arte política à mais reles politicagem.[...] ( IZP, 2004, p.25).

A instalação dessa indústria suscitou diversos trabalhos como, por exemplo, o **PLEC- Projeto de Levantamento Ecológico e Cultural da região das Lagoas Mundaú e Manguaba** em 1977, que tinha como finalidade proteger a área de implantação minimizando os prejuízos culturais e ecológicos que com certeza adviriam com a implantação da mesma. Bem como, o próprio Dossiê de Tombamento do bairro, que objetivava gerar o instrumental jurídico potencialmente possível de proteger e resguardar tanto o patrimônio ecológico, paisagístico e cultural quanto o espaço construído. Destaca-se ainda, que esse Dossiê de Tombamento resguardava tanto o bairro, a restinga do Pontal da Barra, quanto à zona da lagoa Mundaú e seus canais adjacentes (SECULT, 1987).

<sup>12</sup> Instituto Zumbi dos Palmares.

pelas lembranças dos moradores idosos. .

O posicionamento dos habitantes locais em seus discursos, tanto da década de 1980 quanto nos dias atuais, reflete como a instalação da indústria interferiu no cotidiano. Em termos gerais, algumas declarações são enfáticas, impregnadas de frustração, e de certa forma revolta, conforme registro que constam no PLEC:

[...] Na época antiga, o Pontal era muito mais lindo, porque essa lagoa não era poluída, tinha a barra muito mais perto, então desaguava muito mais assim, e a lagoa era muito azul, era igual ao mar... **Agora, depois da fábrica despejar os detritos da fábrica no Rio Mundaú, o Rio Mundaú deságua na lagoa Mundaú, aí a poluição veio e acabou com tudo, acabou com a flora, com a fauna, acabou com tudo da lagoa Mundaú, inclusive com a gente.[...]**”(discurso de um morador In: PLEC, 1977, p.202, grifo nosso ).

### 1.3 AS DÉCADAS DE 1970 - 1980 E O IMPACTO PELA INDÚSTRIA

A efetivação da implantação da indústria Salgema foi objetivada através de uma estratégia desenvolvimentista que buscava explorar recursos naturais para complementar e fortalecer a produção da indústria nacional (Ver Fig. 14).

Esta localização foi determinada pela grande concentração de matéria-prima presente na região, por

estar próximo do principal porto do estado, o porto de Jaraguá, além de proximidade das águas para despejo dos efluentes líquidos. Na época, o cenário de Alagoas se encontrava com sua produtividade econômica voltada para o açúcar, pois tal situação integrava o estado ao projeto de desenvolvimento nacional <sup>13</sup> (VIEIRA, 1996).

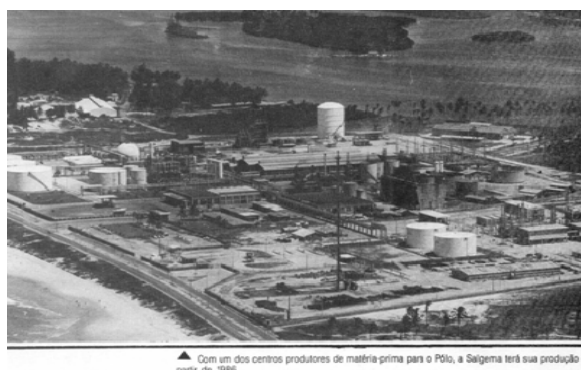


Figura 14- Instalação da Salgema na restinga de Maceió. Fonte: Museu da Imagem e do Som de Alagoas. s/d

<sup>13</sup> Coerentemente, com a estratégia de desenvolvimento nacional, é dado prioridade à criação de infraestrutura produtiva, no caso da produção de insumos básicos, em detrimento das condições ambientais e de segurança para os moradores da cidade (VIEIRA, 1996, p.24).



pelas lembranças dos moradores idosos. .

O estabelecimento da indústria reservava ao estado o desejo de ser o propulsor do progresso econômico do país, tendo como principal discurso a “modernização industrial”. Essa instalação exigiu uma área relativa a 113ha, localizada no Pontal da Barra, restinga de Maceió (Ver Fig.15).



Figura 15- Salgema propulsora do progresso instalada na área do Pontal da Barra. Fonte: Museu da Imagem e do Som. s/d.

Convém ressaltar, que a definição da proferida locação se apresentou junto à margem do Complexo Lagunar Mundaú - Manguaba, e também a áreas residenciais onde há a prestação de serviços que agrega várias pessoas, como: hospitais, escolas médicas, o Pronto socorro da cidade, estádios de futebol, entre outros. (FERRARE, 1996). O que pode ser admitido no parecer técnico divulgado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada na época, segundo o Dossiê de Tombamento do Bairro (1987):

A localização dessa fábrica apresenta graves inconvenientes derivados da proximidade de áreas densamente povoadas, inclusive do centro da cidade, e da vizinhança de ecossistemas de grande importância econômica e humana local, como a Lagoa Mundaú. Além disso, o pequeno tamanho da restinga se soma as inconveniências assinaladas, exigindo cuidados especiais na sua ocupação original [...] As características das indústrias e da localização do Complexo Cloroquímico de Alagoas levam a que devam ser adotadas rigorosas medidas de controle ambiental e prevenção de acidentes.

É perceptível, que esta implantação só tenha atendido a demanda do governo e as elites alagoanas, pois é fato que foram excluídos desse contexto os principais agentes do espaço: os moradores do Pontal da Barra.

A tendência à concentração geográfica é uma das características da indústria química, que na busca de uma economia de escala, procura instalar suas atividades em áreas com infra-estrutura rodoviária, facilidades portuárias, disponibilidade de água e energia e proximidade dos centros urbanos. Esta concentração, formando complexos ou pólos, satisfaz aos requisitos de racionalidade econômico-industrial, mas provoca invariavelmente uma série de impactos ambientais (SZEKELY apud NORMANDE 2000).

pelas lembranças dos moradores idosos. .

Deste modo, essa intervenção brusca acarretou constantes modificações nos processos de reprodução do bairro do Pontal da Barra, na sua economia local e principalmente no meio natural, uma das principais fontes de sobrevivência<sup>14</sup>. Esta mudança pode ser constatada tanto no que diz respeito ao contexto citadino, na qual a insegurança está presente em cada porção do espaço, em cada morador, causado principalmente pelos riscos de vazamento de material produzido pela indústria, quanto “na substituição do uso do solo, que de vocação agrícola (coqueiral), passou a abrigar sede da indústria” (NORMANDE, 2000, p.24).



Figura 16- O meio natural do Pontal mudou de face.  
Fonte: PLEC, 1977.

Na restinga do Pontal da Barra, a implantação da Salgema Indústria Química S/A, hoje a Trikem, interrompeu o crescimento da cidade naquela direção. Esta indústria é produtora de soda cáustica e cloro. Dentre as medidas necessárias para o escoamento da produção foi necessária a expansão de rodovias consolidando a AL – 101- Sul e o Dique Estrada na orla da lagoa Mundaú. Esta medida gerou aterro de várias ilhas de manguezais e construções de pontes sobre as ilhas e canais principalmente, do Calunga, e da Massagueira, aterrando e estreitando, parte dos mesmos, para construção de suas cabeceiras (COELI, LEMOS; RODRIGUES apud NORMANDE 2000 , p. 25).

A instalação da Salgema, hoje Braskem, com relação à produção do espaço do bairro, “[...] um dos mais belos sítios potenciais para lazer e turismo no conjunto do sítio urbano de Maceió” (AB’SABER apud NORMANDE, 2000, p.24), acarretou uma estagnação do desenvolvimento enquanto foco turístico, pois inibiu a



Figura 17- Ocupação do solo do Pontal pela Salgema. Fonte: www.googlerath.com.

<sup>14</sup> Os componentes naturais que caracterizam a fonte de renda do bairro (a lagoa Mundaú, dunas, coqueiros) vêm sofrendo constantes modificações desde a implantação da indústria. Houve a redução das áreas verdes da restinga, com o aterramento de grandes porções para a implantação da indústria, além da poluição da lagoa que graças ao escoamento dos líquidos provenientes da indústria, não supre, como outrora, as necessidades de sobrevivência da comunidade pesqueira.

pelas lembranças dos moradores idosos. .

capacidade de utilização das áreas potencialmente destinadas ao turismo e lazer. Nesta perspectiva afirma um morador do bairro:

Minha opinião pessoal mesmo: nós, nós não crescemos, nós fomos proibidos de crescer. Porque hoje se, não existisse a Salgema nós estávamos ligados ao centro, com tudo de bom ou de ruim. Porque hoje seria ou edifício ou favela, não é? Você tá me entendendo? Ligado ao pontal da barra, não é? Com tudo isso...”

A polêmica gerada em torno da implantação da indústria, na década de 1970, cercava tanto os habitantes da cidade de Maceió quanto os moradores do Pontal, pois estes foram obrigados a agregar ao seu cotidiano possíveis vazamentos, poluição do ar, da água entre outros<sup>15</sup>, o que fica claro no depoimento o grau de decepção de uma moradora em seu discurso:

[...] Essa aí, mudou foi muito. Desgraçou foi tudo, eu acho. A gente vive com medo, com esse tal de Salgema aí. A gente vive com medo, porque a gente vê os outros cantos né, a pessoa fica com medo. Um dia desses botaram um negócio no alarme, porque quando alarmasse aqui, era porque tava fugindo o cloro. [...]

Este debate foi ainda mais intensificado quando, por volta da década de 1980, surge a perspectiva de duplicação desta indústria. Para concretização desta meta, seria necessário o deslocamento dos moradores do Pontal da Barra para outra localidade, neste caso o bairro do Tabuleiro, o que ocasionou uma série de protestos e mobilizações (Fig. 18 e 19).



Figura 18- Revolta, medo de ser expulso de casa...  
Fonte: Vieira, 1996.



Figura 19 - Revolta em muros pontalenses. Graças à possível duplicação da Salgema. Fonte: Vieira, 1996.

Assim, era latente o medo de não pertencer mais ao Pontal, de ter que abandonar a sua terra, seus vizinhos, sua casa, a lagoa. É bom lembrar que, esta década trazia uma economia em crise, que conforme Vieira (1996, p. 77), “em relação a conjuntura econômica

<sup>15</sup> Atualmente, esses problemas ainda são uma constante no bairro, a insegurança e o medo são características marcantes de quem vive no Pontal.

pelas lembranças dos moradores idosos. .

e política, duas referências são marcantes para situar o momento quando se deu a mobilização, [...] a Nova República e o esgotamento do modelo econômico”. Também agravada pelos sucessivos planos de combate à inflação e o desejo de duplicação assegurava ao governo uma possibilidade de desenvolvimento, pois todas as esperanças estavam voltadas, “via industrialização, passando do desenvolvimento dependente para o auto-sustentado” (VIEIRA, 1996, p. 77). Além disso, existia a expectativa de que esta indústria se tornasse à redenção da economia de Alagoas, pois, o aproveitamento do álcool na indústria sucro-alcooleira constituía assim o casamento perfeito das atividades econômicas alagoanas (VIEIRA, 1996). Vale destacar, que esse ‘casamento’ foi confirmado em alguns meios de comunicação:

ALAGOAS UM PÓLO DE DESENVOLVIMENTO: duplicação da Salgema e manutenção do Pólo Cloroquímico de Alagoas, desde que não sejam duplicados seus riscos, vai integrar a tradicional força produtiva do Estado, casando a indústria sucroalcooleira com a indústria química, acabando com a crise do açúcar que afeta profundamente a economia alagoana.[...] (GAZETA DE ALAGOAS, 26.05.85).

Mesmo estando amparado pela Lei de n.4.448, de 28 de junho de 1983, que dispõe sobre a fusão do Conselho Estadual de Cultura e do Conselho de Preservação do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural do Estado de Alagoas relata que, “os monumentos naturais, sítios e paisagens, inclusive agenciados pela indústria humana, que possuam especial atrativo, ou sirvam de HABITAT a espécimes interessantes da flora e fauna locais”; e [...] “os sítios arqueológicos e os conjuntos urbanos, cidades, vilas e povoações formadas com edificações típicas ou representativas de excepcional arquitetura ou, ainda, ligadas a fatos históricos” (SECULT, 1987, p.15), são elementos suscetíveis de proteção e vigilância do Poder Público Estadual, a tensão da possível duplicação ficava cada vez mais expressiva.



Figura 20- Elemento paisagísticos a ser protegido.  
Fonte: Museu da Imagem e do Som, 1980.

pelas lembranças dos moradores idosos. .

Mediante a tal assertiva, foram organizadas diferentes frentes contrárias à duplicação, inclusive com a união de vários movimentos sociais com os habitantes locais o que, conseqüentemente, gerou diversos protestos em toda a cidade.

Afirma Vieira (1996) que, a partir dessas modificações, em meados de 1986 teve significativo destaque um movimento que se denominava, “Movimento pela Vida” do qual participaram a comunidade do bairro, jornalistas, sindicatos, professores e intelectuais que iam de encontro às idéias de expansão da indústria. Esse movimento era bastante diversificado, evidenciava-se nos jornais, em passeatas, em abaixo-assinados, entre outros

Em contrapartida, durante este debate o Diretor da Salgema na época, Roberto Miragaya, cria como principal solução para a área, a instalação de um Cinturão Verde,<sup>16</sup> complexo de lazer destinado aos habitantes da cidade, como justificativa da desapropriação. Entretanto, graças à força da comunidade do Pontal, sobretudo do seu sentimento de “pertencer ao lugar”, de bairros adjacentes organizados junto a algumas forças políticas e de movimentos ecológicos essa idéia não teve continuidade.

Na tentativa de proteger a área da possível intervenção/expansão surgiu a idéia da proposta de Tombamento<sup>17</sup>, com vistas a proteger a fixação dos moradores no bairro, a inalterabilidade dos recursos naturais e da paisagem da restinga, além da qualidade de vida dos pontalenses. Para essa viabilização foi necessária a elaboração do Dossiê de Tombamento que se constituiu, portanto, instrumento criado para impossibilitar a ampliação dessa indústria e salvaguardar a área de uma maior degradação de seu meio natural (como solo, água, ar, fauna e flora). Este Dossiê, que foi efetivado na administração do governador Fernando Collor de Mello, destinava-se, também, a disciplinar o uso e ocupação do solo relativo ao bairro.

Esse Dossiê de Tombamento concretizado no Decreto de N° 33.225, de 14 de novembro de 1988, instituiu uma área que definia o bairro como uma ZPR – Zona de Preservação Rigorosa, e seu entorno como ZPP- Zona de Preservação Paisagística formando assim o Polígono de Tombamento. O tombamento abrangeu uma área contida nos seguintes limites do Polígono de Tombamento, e define, (Ver Mapa 11)

---

<sup>16</sup> Essa área foi instituída pelo Decreto de N° 32.510, de 06 de julho de 1987, no qual determina para área do Cinturão Verde o equivalente a 103.11, 250 metros quadrados.

<sup>17</sup> Tombamento é uma intervenção ordenadora concreta do Estado na propriedade privada, limitativa de exercício de direitos de utilização e de dispositivo gratuito, permanente e indelegável, destinada à preservação, sob regime especial de cuidados, dos bens de valor histórico, arqueológico, artístico ou paisagístico (MACHADO apud SECULT,1987).



pelas lembranças dos moradores idosos. .

[Seu limites] a partir da intersecção de uma paralela traçada no píer da Salgema, afastada a 100 metros do mesmo, situado ao lado contrário ao centro de Maceió, com um ponto situado a 100 metros da Av. Assis Chateaubriand, em direção ao Oceano Atlântico (ponto 1), segue no sentido Noroeste (NO) até o ponto situado a 100 metros da margem da lagoa Mundaú (ponto 2), segue daí, em direção Sudoeste (SO) contando paralelamente 100 metros da Boca da Barra ( encontro da lagoa com o Oceano Atlântico), (ponto3). Segue daí em direção Sudeste (SE) sempre a 100m da orla marítima, definindo assim o (ponto 4), segue daí na direção Nordeste (NE), contando sempre 100 metros da orla marítima até encontrar o ponto 1, fechando assim, o Polígono de Tombamento.



Mapa 11: Polígono de Preservação  
ZPP-Zona de Preservação Paisagística  
ZPR Zona de Preservação Rigorosa

Fonte: Base cartográfica de Maceió- 1998.  
Adaptação: Vanessa Gonçalves, 2009.

Numa síntese geral, esta implantação acarretou o crescimento desta área, com melhorias na infraestrutura local, a ampliação de negócios e a geração de empregos, o que contribuiu para a transformação da estrutura econômica do bairro. Entretanto, constatou-se a degradação do meio-ambiente, mudanças na reprodução do espaço do bairro implicando diretamente na realidade socioeconômica da população local (Ver Fig.21).

Assim, a partir do desejo de desenvolvimento nacional a indústria se instalou e modificou o espaço do



Figura 21- Melhorias na infra-estrutura do bairro.  
Fonte: Vanessa Gonçalves. Novembro/07.

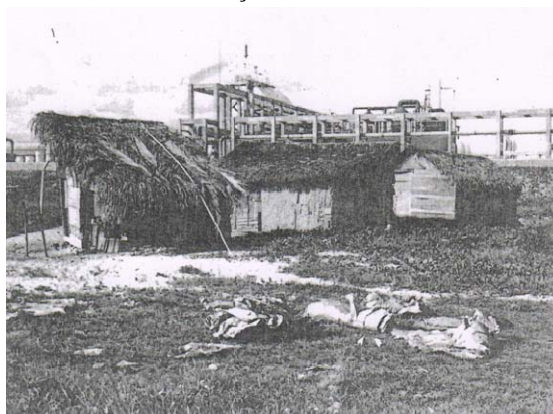


Figura 22- Mudança na reprodução do uso do solo.  
Fonte: Plec, 1977).

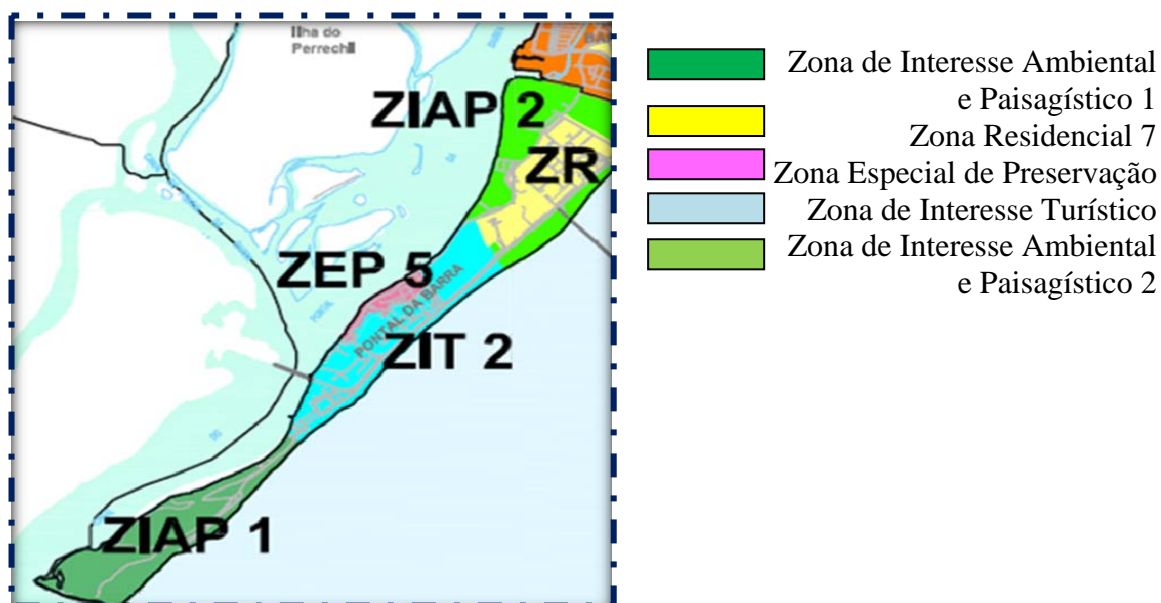
pelas lembranças dos moradores idosos. .

“pontalense”. Contudo, apesar de todas essas transformações ocorridas na história, o bairro continua sendo uma especificidade em costumes, cotidiano, e principalmente valores culturais.

Valores estes que por prosseguirem, voltaram a ser alvo de ações preservacionistas previstas pelo atual Código de Urbanismo e Edificações de Maceió – 2006 (Lei Municipal Nº 5.593, de 08 de Fevereiro de 2007), que assim zoneou o Pontal da Barra como, ( Ver Mapa 12)

Art. 63. A Zona Especial de Preservação Cultural 5 (ZEP-5 Pontal da Barra) é constituída pelo núcleo de artesanato do bairro de Pontal da Barra, tendo sua preservação direcionada à vocação de moradia, comercial, de lazer, de cultura e de turismo.

Art. 64. A Zona Especial de Preservação Cultural 5 (ZEP-5 Pontal da Barra) é constituída de um único Setor de Preservação Rigorosa 1 (SPR-1), abrangendo a sua área o núcleo histórico de artesanato do Pontal da Barra, que mantém a morfologia urbana e a tipologia de algumas edificações de interesse histórico e arquitetônico[...]



Mapa 12: Zonas de Preservação.

Fonte: Código de Urbanismo e Edificações de Maceió-2006

Este Código de Urbanismo e Edificações de Maceió de 2006, também enfatiza o Pontal da Barra como Zona de Interesse Ambiental e Paisagístico (ZIAP), e normatiza que o uso, ocupação e parcelamento do solo não devem atender a fins urbanos, e divide o bairro em duas Zonas – ZIAP-1, do Pontal da Barra e a ZIAP-2, do Cinturão Verde do Pontal da Barra, caracterizando-as como uso de preservação rigorosa. É necessário atentar, que esta mesma área também é considerada como UEP's-Unidades Especiais de



pelas lembranças dos moradores idosos. .

Preservação Cultural, nas quais determinam que, para as edificações que expressem a arquitetura, a história do patrimônio cultural, deve ser adequado usos de edificação que respeitem a integridade física e arquitetônica do imóvel. Para UEP'S, segundo Código de Urbanismo e Edificações de Maceió – 2006 devem ser utilizados os mesmos padrões “[...]os mesmos parâmetros urbanísticos da Zona Urbana ou Corredor Urbano em que se situe [...]o impedimento de alteração dos parâmetros da edificação, de modo a manter intacta a sua integridade física (Ver Mapa 12). Ainda constata-se que,

§ 3º. Consideram-se também Unidades Especiais de Preservação Cultural (UEPs) os logradouros públicos que, pela importância da sua preservação cultural e/ou paisagística, sejam assim declarados pelo Plano Diretor de Maceió, bem como outros que, posteriormente, tenham reconhecida essa mesma importância pelo Poder Executivo Municipal.

Deste modo, todas essas medidas são tomadas como ações que protegem o bairro das inúmeras intervenções provenientes da modernização da indústria, assim como os novos valores e novas tecnologias trazidas pela contemporaneidade.

#### **1.4 O PONTAL DA BARRA NO PRESENTE.**

O ambiente urbano apresenta-se como um aglomerado de signos: traços, tamanhos, cores, texturas, cheiros, formas, ao mesmo tempo e paradoxalmente, juntos e dispersos, visto que não há convenção que os organize. Um sistema sógnico é tão mais complexo quanto mais difusa a definição de sua estrutura. Assim sendo, o ambiente urbano é global e unitário, uma fala sem voz marcada pela ausência de distinção dos elementos que caracterizam (FERRARA, 1999, p.21).

A descrição deste ambiente urbano, aqui tratado como bairro, suscita uma análise profunda da história e do espaço social, para assim compreendê-la como um universo múltiplo de modos, usos, cenários e sentimentos <sup>18</sup>. Essas características fazem parte da construção cultural e, sobretudo, social presente no espaço vivido, sentido e praticado. É neste espaço de formas, cotidiano e costumes que a construção do lugar conecta a dimensão política, econômica e social ao sentimento de pertencer implícitos em seus habitantes, tornando - o único e dotado de traços próprios e característicos, pois como

<sup>18</sup> Estes elementos estão baseados nas referências sociais e simbólicas impregnadas nos modos de saber e fazer, nos encontros, nos sonhos, nas festas, no cotidiano, no sentar na calçada, no conversar com o vizinho, enfim nos modos de viver e se relacionar, peças essenciais para a formação do lugar.

pelas lembranças dos moradores idosos. .

ênfatiçou Yázigi (2001), “cada lugar possui uma “personalidade”, sendo esta composta de múltiplas identidades humanas e do mundo natural”.

Diante desta perspectiva, o bairro pode mesmo ser considerado uma “porção do espaço” (CARLOS, 1996) onde os atores sociais impregnam suas raízes e onde cada espaço, cada beco, cada pedra, cada objeto está dotado de sentido e significado.

É a partir deste processo de descrição dos conceitos e significados presentes em um lugar que é conveniente observar, a idéia defendida por Gonçalves (1998), de entender o bairro não apenas pelos aspectos físicos e estruturais, mas também, espacializados como um lugar onde se estabelece a vida social, principalmente na visão dos habitantes deste núcleo urbano.

No que concerne a discussão sobre o espaço, este deve ser considerado como um conjunto indissociável de que participam de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e de outro, a vida que o preenche e o anima, ou seja, a sociedade em movimento (SANTOS, 1998).

De acordo com o exposto anteriormente, a história do Pontal da Barra sempre se caracterizou por uma comunidade que a partir de lutas constantes com a natureza buscava sua sobrevivência. Muitas foram as intervenções e transformações, entretanto as características presentes no lugar são provenientes de uma história que, a partir de uma comunidade pesqueira e “isolada”, transformou-se num bairro de periferia urbana onde as relações simbólicas (elos afetivos, o sentimento de pertencer) existentes na comunidade ultrapassaram as mudanças que marcaram este núcleo urbano desde sua origem.

Atualmente, de modo geral, a configuração do núcleo urbano possui traçado irregular, onde a principal avenida (Av. Alípio Barbosa da Silva) acompanha a sinuosidade da lagoa Mundaú, (Ver Fig. 23) o que foi determinante para a definição física do lugar. “Esta configuração propiciou, desde os primórdios, uma íntima relação com o desenho

[do bairro] e permitiu excelentes visuais de captação paisagística do lugar” (FERRARE, 1996, p. 94).



Figura 23- A sinuosidade de seu traçado. Fonte: www.googleearth.com

pelas lembranças dos moradores idosos. .

Nesta avenida são presenciadas as relações mais marcantes do Pontal, pois é onde se desenvolvem os modos de *saber e fazer*, ou seja, local onde são tecidas as tramas do artesanato e sua comercialização, a elaboração das redes de pesca (tarrafas, gererés entre outros), e onde se consolidam os vínculos de sociabilidade em conversas na calçada. É ainda neste local, que o turismo acontece ancorado na comercialização do artesanato tradicional.



Figura 24- A principal rua onde se comercializa o filé. Fonte: Vanessa Gonçalves. Novembro/07.

A única avenida é na verdade uma rua estreita sempre movimentada, ocupada por artesãos, pescadores, bares e restaurantes. Os becos também guardam um ar romântico com a gente da cidade a jogar conversa fora enquanto tecem seus trabalhos manuais, compondo o artesanato tradicional da cidade, entre eles, o filé, o labirinto e as rendas, uma tradição passada de mãe para filha (BARBOSA; ANJOS, 2006).

São nas ruas e calçadas do bairro que a dimensão das relações sociais, cultural e simbólicas se concretiza. Nelas está estampada a dinâmica da vida dos moradores e da sua relação com as demais localidades da cidade. (Ver Fig. 25)



Figura 25- Av. Alípio Barbosa, onde o contexto citadino acontece. Fonte: Vanessa Gonçalves. Novembro/07.

As demais vias e becos foram construídos através dos caminhos abertos entre as dunas e se localizam perpendicularmente à lagoa. Entretanto, com a chegada da indústria na restinga do Pontal, houve a abertura de uma via essencial, a Av. Assis Chateaubriand, essencial para o escoamento da produção industrial e que resultou num importante aspecto para a materialização do turismo na região (Ver Mapa13).

pelas lembranças dos moradores idosos.



Mapa 13: A s principais vias do bairro.

Fonte: Base cartográfica de Maceió- 1998. Adaptação:  
Vanessa Gonçalves, 2009.



Principal Avenida de ligação com os demais bairros

Av. Alípio Barbosa- A sinuosidade de seu traçado-

Becos abertos através da expansão do bairro

Loteamentos dunas- “contemporaneidade”



pelas lembranças dos moradores idosos. .

Na porção mais central localiza-se a principal praça, a qual leva o nome do padroeiro e santo protetor do bairro - São Sebastião, além da igreja, principal local da manifestação católica no Pontal da Barra (Ver Fig. 26).

Esta praça, nos tempos de outrora, servia como uma divisão imaginária do então chamado Pontal de Cima (área mais ao norte, em direção ao centro de Maceió) e o Pontal de Baixo (área próxima à prainha).



Figura 26- Praça e Igreja de São Sebastião.  
Fonte: Vanessa Gonçalves. Novembro/07.

Na verdade, existem várias histórias acerca deste fato, algumas foram descritas por moradores durante o Projeto de Levantamento Ecológico e Cultural da região das Lagoas Mundaú e Manguaba (1977, p. 131) e contavam que:

Tinha uma família lá em cima e outra família aqui (Pontal de Baixo). Eles eram assim: o povo que queria resolvê qualquer coisa ia naquela família. Todo lugar existe líder, então essa família lá de cima era o tipo dos líderes, era que organizava as festa[...] Todas as pessoas lá era tudo parente, como a gente aqui em baixo[...] tinha uma família lá em cima que era a família dos Gomes, aqui era dos Hildefonso. Então era uma rivalidade constante. Não se falavam, agora, se respeitavam [...] Era como uma tribo[...]

Essas duas família era assim, brigavam lá em cima com aqui em baixo, mas era aquela briga respeitando um ao outro, sabe? era desses, que não entrasse um na seara do outro. Em pescaria eles tinham aqueles lugares assim melhores, um pescava em tal lugar, outro pescava em tal, num sabe? [...]

Com isso, alguns moradores asseguram que esta subdivisão físico-social nasceu da força do poder financeiro que uma porção detinha sobre a outra; outros afirmam que mesmo sendo partes integrantes de um único bairro, esta relação se efetivou graças às rivalidades trazidas pelas primeiras ocupações, onde eram considerados verdadeiros “pontalenses” aqueles que se localizavam próximos ao núcleo original de povoação, enquanto os demais eram considerados apenas forasteiros (pois seriam famílias que ocuparam o bairro após a mudança para o atual núcleo).

É bem verdade, que essa rivalidade influía também nas relações humanas, pois as pessoas do Pontal de cima eram proibidas de relacionar-se com as do Pontal de baixo e vice-versa. Esse sentimento de discórdia era agravado principalmente durante a época de carnaval, com a criação de blocos de rua. Bastante acirrada era a rivalidade, tornando-se

pelas lembranças dos moradores idosos. .

persistente por muito tempo. Entretanto, do que chegou a ser uma desavença física e social, atualmente restou apenas como nomeclatura.

A captação das belezas paisagísticas pode ser proporcionada por diversos focos deste núcleo urbano (Ver 27, 28 e 29), pois além da lagoa Mundaú, a vista para o mar, circundado pelas dunas, é algo singular que torna o bairro sinônimo de beleza única.



Figura 27- Belezas naturais únicas- o mar sob o olhar do pontalense. Fonte: www.googleearth.com



Figura 28- A captação do pôr-do-sol da lagoa. Fonte: Vanessa Gonçalves. Novembro/07.



Figura 29- Paisagem marcante e singular. Fonte: Vanessa Gonçalves. Novembro/07

Antigamente avocada de lagoa do Norte, a lagoa Mundaú é enfatizada como aspecto determinante na relação habitante-lugar, pois além de servir de transporte e meio de sobrevivência serve de “[...] emolduramento natural do sítio [...]” (FERRARE, 1996, p.94). As próprias edificações residenciais durante o passar dos anos foram evoluindo e hoje dispõem de seus quintais voltados para a lagoa, o que proporciona a apreensão de excelentes visuais deste componente natural (Ver Fig. 30 e 31). Como descreve um morador:

E também é muito bonita quando você não confunde ela com as maldades das pessoas, né. Você olha assim um pôr do sol, você fica sentado olhando, aquilo também é um atrativo muito interessante, muito bonito pra quem entende né [...] A lagoa pra mim ainda tem esse visual bonito, essa coisa assim mágica, né. É um referencial ( Morador do Pontal).

pelas lembranças dos moradores idosos. .



Figura 31- Quintais privilegiados.  
Fonte:Vanessa Gonçalves. Novembro/07.



Figura 30- a configuração da residência evoca as paisagens mais singulares deste componente natural. Fonte: www.google.com

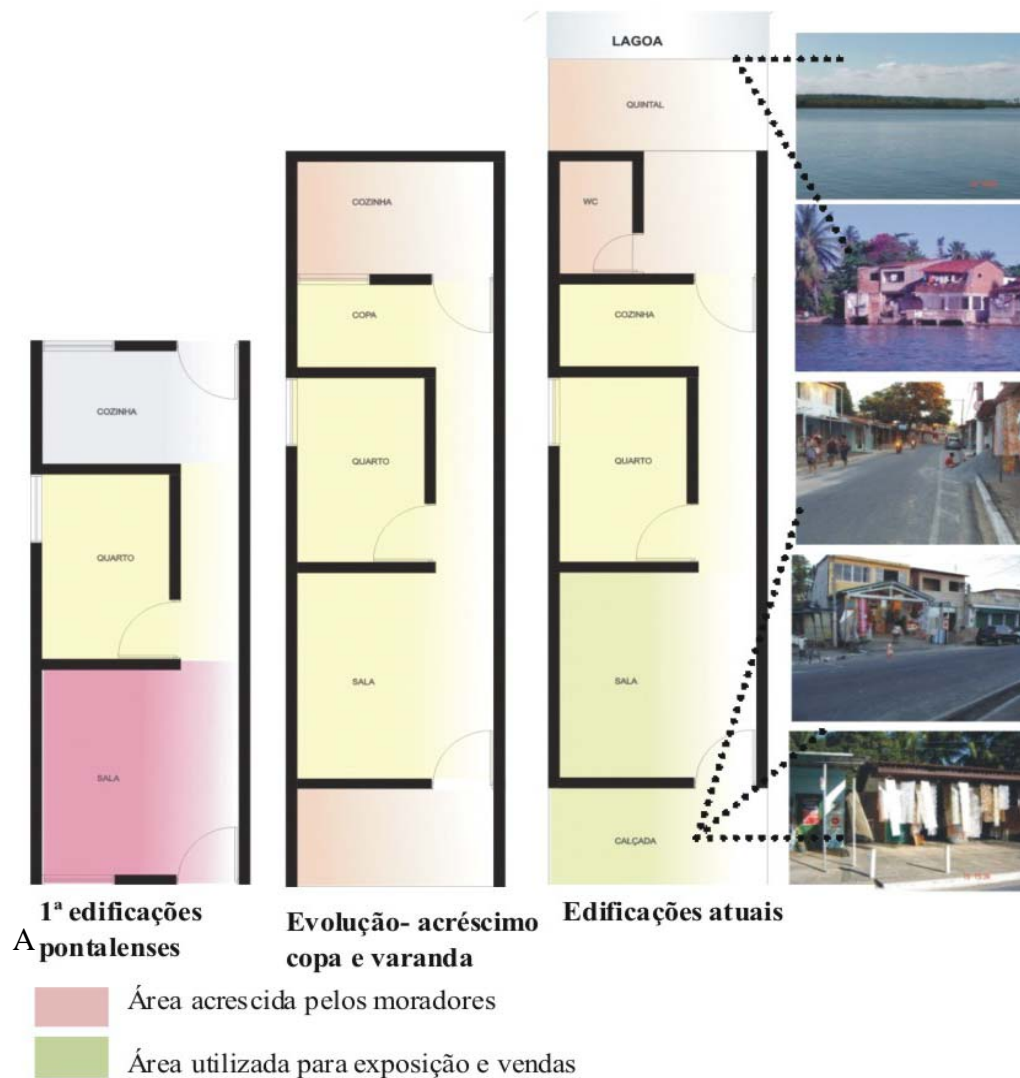


Figura 32- A evolução das residências pontalenses. Fonte: Plec. 1977. Adaptação;Vanessa Gonçalves. Novembro/07



pelas lembranças dos moradores idosos. .

Além da lagoa, o Pontal da Barra ainda possui em sua configuração natural dunas e uma vasta faixa de coqueiros, que formam uma cobertura que destaca e ressalta o conceito visual do bairro. Esta vasta faixa de belezas naturais- dunas- constitui uma das referências e também mais um atrativo para o turismo.

Essa porção de terra que margeia o mar recebe uma nomenclatura denominada pelos moradores como “combros”. Desde os primórdios da origem do Pontal da Barra, até os dias de hoje, é neste local onde se instalam pessoas menos abastadas e que também serve de local de brincadeiras para as crianças em atividades cotidianas, como jogar bola, rolar nas dunas, entre outros. Os combros, desde os tempos de outrora, são reconhecidos como *locus* de lazer, prática de costumes rotineiros.

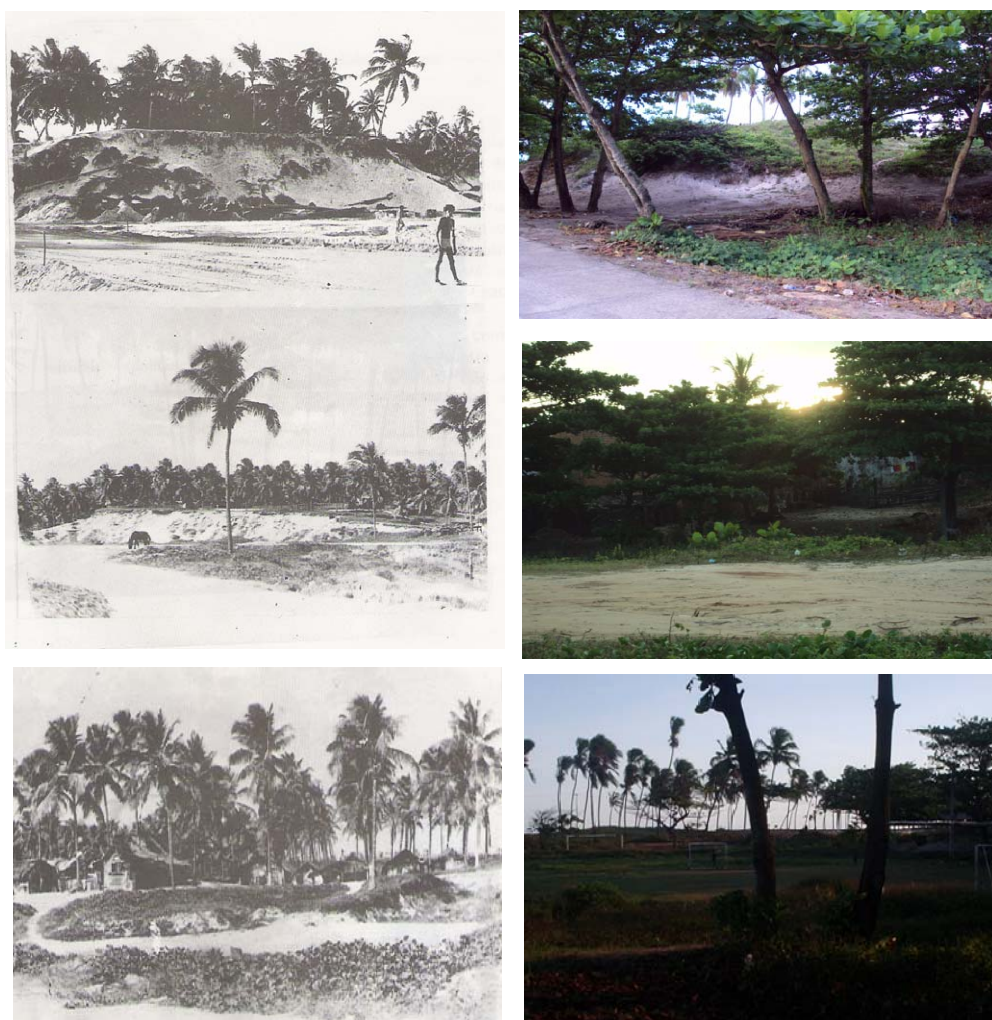


Figura 33- Os combros de outrora- moradia, lazer (foto esquerda) e sua atual situação- mudança na paisagem, mas ainda continua sendo *locus* de lazer e habitat. Fonte: Plec, 1977; Vanessa Gonçalves. Novembro/07.

pelas lembranças dos moradores idosos. .

No Pontal da Barra a atividade turística é fortalecida pelas “generosidades da natureza” e transformou-se em principal atividade econômica desse sítio urbano, com passeios na lagoa Mundaú e a culinária local, além da comercialização artesanato, como por exemplo, a renascença<sup>19</sup>, o labirinto<sup>20</sup> e principalmente do filé<sup>21</sup>.

Ressalta-se que este *modo de saber-fazer*, executado predominantemente pelas mulheres rendeiras do bairro – o filé - presente há muitos anos no Pontal, torna este lugar particular (Ver Fig. 34 e 35). Esta característica do *saber fazer filé* já está inserido no cotidiano local, onde os próprios moradores são seus confeccionadores e transformam suas casas



Figura 34-Os saberes e fazeres se conformam na calçada. Fonte:Vanessa Gonçalves. Novembro/07.



Figura 35- Ponto a ponto. Fonte:Sebrae, 2005

<sup>19</sup> [Conhecida Também como] Renda Irlandesa surgiu na época do Renascimento e a partir daí passou a ter essa denominação renascença [...] esta técnica denomina-se também Renda Inglesa[...] Liga-se essa denominação, à renda flamenga, oriunda de Bruges, no século XVII, que chegando a Inglaterra difundiu-se com o nome Ponto da Inglaterra, e foi introduzida no Brasil pelos ingleses, durante a exploração de minérios e pedras preciosas.[...] No Brasil, esta modalidade foi perpassada através das religiosas estrangeiras, até meados do século XX. Utiliza-se Lâce ou fitilho, trabalho manual previamente confeccionado pela própria artesã ou por outra pessoa também habilidosa. Tratam-se de estreitas faixas, de aproximadamente meio centímetro de largura, extraídas do tecido que vai ser trabalhado, preferencialmente cambraia ou linho fino (BORBA, 2006, p.204).

<sup>20</sup> Flores, frutas e folhas são motivos predominantes, mas também são usados motivos geométricos ( losangos e quadrados). Os desenhos são de criação original das artesãs. As peças mais comuns são toalhas de mesas, de altar, de mão, de bandeja e de banquete, colchas, lençóis de vira e fronhas, blusa e vestidos. As rendas e bicos, em geral, são confeccionados, na maioria das vezes, sob encomenda. Não há preferência de cor. O importante é a adequação da cor da linha ao tecido. O material utilizado é o tecido de algodão, comumente linho, bramante, percal, cambraia e organza. Linha esterlina, agulha e grades de madeira, no tamanho da peça que se vai confeccionar (BORBA, 2006, p.205).

<sup>21</sup> Técnica de Renda de agulha, de herança européia provavelmente trazida pelas mulheres dos colonos portugueses, transmitida pelos pescadores, aos africanos e índios aculturados. Inicialmente, precisa-se de um trabalho básico semelhante à tecelagem de redes de pescar que pode ser feita pela artesã ou por outra essa que esteja habilitada. Estas redes são feitas da mesma forma em todas as regiões praieiras do Brasil, utilizando linha grossa e uma navete. Esse tipo de renda exige preenchimento da malha da rede já disposta, nas grades de madeira, em posição firme bem estirada. A temática do filé engloba motivos florais da fauna e flora brasileira e, ainda, motivos tropicais e geométricos. Compondo vários trabalhos, principalmente, toalhas e caminhos de mesa (BORBA, 2006, p.207-208).

Essa forma de elaboração e materiais também se aplica ao Pontal da Barra onde são utilizadas linhas que podem ser pretas, brancas e ainda coloridas e retratam desenhos florais, geométricos feitos em sua maiorias pelas mulheres do bairro e remetem as redes de pesca, tão comumente encontradas no bairro.

pelas lembranças dos moradores idosos. .

em lojas para posterior comercialização. Assim, artesanato exerce papel vital para a cultura e economia, pois, além de fortalecer a relações entre as famílias, ao ser transferido de mãe para filha, garante a sobrevivência de grande maioria dos habitantes.

Constata-se que, todos esses elementos são dominantes para a efetivação dos significados existentes nas relações sócio-culturais evidenciando-se nelas os conceitos que fortalecem a relação dos moradores com o lugar

Outro aspecto determinante do bairro é a forte relação de vizinhança, que é beneficiada pelas relações de parentesco consangüíneas mantidas desde os tempos primordiais do bairro. Esse marcante relacionamento com o vizinho é também afirmado pelo andar a pé, onde a apreensão do contato com o outro fortalece os valores e significados de ser morador do bairro. O “ser” pontalense, essencialmente assim descrito por Vieira (2000, p.5) nos seguintes termos,



Figura 36- Moradora tecendo o filé na calçada de casa. Fonte: Vanessa Gonçalves. Novembro/07.



Figura 37- As práticas do saber fazer. Fonte:Vanessa Gonçalves. Junho/09.

No sentido econômico cultural, ser pontalense significa estar ligado às tradições do local, ou seja, à pesca ou artesanato, uma ligação que permanece - ressaltem-se, mesmo quando seus moradores avançam no processo de integração no mercado de trabalho urbano. Significa também participar da rede de relações sociais, ser vizinho, ser amigo, ser parente dos outros moradores.

Além disso, a disposição das casas simples, “construídas no alinhamento da calçada e com portas e janelas para a rua, que predispõem a uma interligação do espaço interior com o exterior” (Ver mapa 14) (FERRARE, 1996, p.102) reforçam este forte interrelacionamento que está implícito no “*modus vivendi*” dos pontalenses.



pelas lembranças dos moradores idosos.

## A CONFIGURAÇÃO DAS RESIDÊNCIAS OBEDECE AO TRAÇADO DAS RUAS.



Mapa 14: A disposição das casas obedecendo ao traçado. Fonte: Base cartográfica de Maceió- 1998. Adaptação: Vanessa Gonçalves, 2009.

pelas lembranças dos moradores idosos. .

Quanto à estrutura urbana do Pontal da Barra, apesar de ser um lugar turístico da destinação de Maceió, atualmente é perceptível diversos problemas de ordem social e de infraestrutura (saneamento básico, coleta de lixo freqüente, entre outros) (Ver Fig. 38). O que predomina é a falta de investimentos, pois mesmo com a demanda do turismo não são empregados recursos suficientes para atender essas limitações existentes. Com relação ao traçado de sua malha viária, este se mantém praticamente conservada desde as décadas de 1970 e 1980.

De forma genérica, o Pontal da Barra é um bairro homogêneo, devido às suas características sócio-espaciais, a sua história e principalmente ao seu “*modus-vivendi*”. É importante ressaltar, que mesmo com interferências advindas da contemporaneidade a permanência dessas características são essenciais para formação do espaço social e simbólico influenciando na sensação de pertinência àquele lugar (FERRARE, 1996). O que faz parte da vida e do cotidiano resulta da relação identitária definida pelos comportamentos, práticas sociais e espaciais passando a ser essenciais na compreensão deste sentimento de pertencimento a um lugar, conceitos que serão enfocados no capítulo a seguir.



Figura 38- Falta infra-estrutura no bairro, do esgoto a céu aberto a acumulo de lixo. Fonte: Vanessa Gonçalves. Junho/09.



Figura 39- A paisagem vista da Lagoa Mundaú. Fonte: Vanessa Gonçalves. Novembro/07.

Relembrar o passado, reconhecer o presente: a identidade do Pontal da Barra

---

pelas lembranças dos moradores idosos. .

## II. LUGAR, COTIDIANO E IDENTIDADE: UMA APROXIMAÇÃO DE CONCEITOS

## 2.1. O LUGAR, CONCEITOS E PERCEPÇÕES.

[...] mesmo porque não há uma definição única com a qual definir lugar: *lugar* é daqueles conceitos que, como ‘paixão’, têm sua definição prejudicada quando posto em palavras (CASTELLO, 2007, p.2).

Na construção acerca da noção de lugar, se encontra a possibilidade de derivação de seus conceitos, a partir dos enfoques a serem trabalhados. Essa conceituação é multidisciplinar onde estão inseridos os fatores de ordem social, econômica e necessariamente humana integrando-o e formando diferentes valores, que se transformam em diferenças espaciais. Com efeito, “o lugar poderia ser visto ‘de fora’ através de um acontecer histórico, e visto ‘de dentro’ o que implicaria a necessidade de redefinir seu sentido” (CARLOS, 1996, p.19). Melhor dizendo, a noção de lugar estaria baseada em dimensões múltiplas formando inter-relações de conteúdos geográficos, psicológicos, antropológicos e filosóficos (CASTELLO, 2007). Entretanto, vale destacar que

[...] lugar significa muito mais que o sentido geográfico de localização. Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas a tipos de experiência e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança (RELPH, apud CASTELLO, 1998).

Buscando refletir sobre a essencialidade deste conceito, localiza-se em Carlos (1996, p. 20), que o mesmo seria reconhecido como a “base da reprodução da vida” e estaria diretamente relacionado às atividades sociais desempenhadas através da relação habitante-lugar, onde as diversas transformações advindas do processo de desenvolvimento das tecnologias, trazidas pela globalização, influem e redefinem essas relações. Diante deste enfoque, a perspectiva é direcionada para o viver, o habitar, considerando o acontecer histórico local que se efetiva através dos costumes, hábitos e cultura. Convém citar, que estes processos advindos da globalização “não invalidam o fato de que o lugar aparece como fragmento do espaço onde se podem apreender o mundo moderno, uma vez que o mundial não suprime o local” (CARLOS, 1996, p.28).

Básica seria a prerrogativa de que o lugar é formado pelo “diálogo” das características peculiares àquele local, vinculados às transformações advindas do mundo globalizado. Segundo Santos (1998), cada lugar detém variáveis de tempos diferentes, no qual, através da rejeição ou assimilação do novo, se consolida a distinção de cada espaço.



pelas lembranças dos moradores idosos. .

Convém lembrar, que devem considerar-se todos os fatores existentes, quais sejam, o próprio espaço, a economia local, o cenário social e cultural. Portanto, “o que define o lugar é, exatamente, uma teia de objetos e ações com causa e efeito, que formam um contexto que atinge todas as variáveis já existentes, internas; e as novas que vão se internalizar” (SANTOS, 1998, p. 97). O que é ratificado por Coelho (1992, p.286), quando diz que “a distinção e o reconhecimento da diferença se materializam na especificidade do lugar. Lugar que determina e define as fronteiras dos diversos modos de vida.”

Sob este entendimento, é possível dizer que cada lugar oferece ao homem diferentes sensações e estímulos, que interferem no seu comportamento, na relação com o outro, na forma de viver e conceituar o mundo. Segundo Certeau (1996), é a partir dos sentidos dos lugares, que são criadas as relações humanas que se concretizam no plano do vivido. Esse “lugar” vivido é marcado por elos afetivos provenientes dessas relações que determinam as suas características próprias e influem na formação da identidade de cada habitante, principalmente pela,

[...] natureza social da identidade, [...] [e] liga-se aos lugares habitados, marcados pela presença, criados pela história fragmentária feita de resíduos e detritos, pela acumulação dos tempos, marcados, remarcados, nomeados, natureza transformada pela prática social, produto de uma capacidade criadora, acumulação cultural que se inscreve no espaço e no tempo (CARLOS, 1996, p.30).

Desta forma, o conceito de lugar se transformaria a partir dos modos de apropriação, nos costumes, na tradição e no cotidiano. Propriamente, no *lugar das vivências* como aglomeração de suas crenças e de experiências constantes que se referem principalmente ao afetivo. A valorização das relações de vizinhança que formam o lugar, afirmam o sentimento de pertencimento e a liberdade do contato social (CARLOS, 1996).

No âmbito sócio-antropológico, Tuan (1983) entende que a concepção do lugar deve ser parte do espaço onde o homem se sente protegido, onde acontecem às relações afetivas, a experiência de viver<sup>22</sup> e de se relacionar. Ele afirma que a diferenciação entre espaço e lugar seria que “o lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o segundo”, (TUAN, 1983, p. 3) e complementa dizendo que, “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado” (TUAN, 1983, p. 151).

---

<sup>22</sup> Neste contexto, para Tuan, emergem também as questões que incluem a experiência de viver, estar e a forma como o homem transforma e se relaciona com a natureza, construindo nela seu lar.

pelas lembranças dos moradores idosos. .

A partir deste enfoque, a particularidade deste conceito estaria fundamentada na capacidade de instituir relações espaciais com relações humanas, onde são atribuídos significados gravados por meio do uso. Neste sentido, a essência do “lugar” baseia-se na interação das experiências do homem carregada de valores, equivalendo ao núcleo da existência humana. Este núcleo se caracteriza pelo habitar, pelas relações simbólicas impressas na apropriação e formas de utilização deste espaço (RELPH apud CASTELLO, 2007). É entender o mesmo como espaço imediato do cotidiano, onde são reproduzidos os signos e valores de um grupo e/ou mesmo de um habitante. Portanto, baseia-se na tríade criada por Carlos (1996) “*habitante-identidade-lugar*” e que é reforçada por Certeau (1996) quando afirma que no lugar devem estar explícitas as relações humanas e sociais. Entretanto, para ver, sentir, sobretudo, analisar o Pontal da Barra, considera-se necessário perceber qual é a base da reprodução dos saberes, do trabalho, das relações sociais, de cotidiano, enfim, como acontece a vida neste bairro.

De forma geral, os “lugares” entendidos na conceitualidade do termo, aqui apresentados, surgem por meio das relações sociais impregnadas de significados próprios que acontecem no plano das experiências vividas, sendo que a história e a cultura determinam o “lugar” criando identidades e garantindo a construção das relações que acontecem através da “apropriação do espaço como lugar da vida” (CERTEAU, 1996, p. 44). Só assim esses sentidos tornam-se compreensíveis e dotados de valor particular para os habitantes que formam este lugar. Quanto a esses significados é importante ressaltar que eles surgem através dos modos de saber e fazer, da forma como o homem se adapta ao espaço, utilizando-o e transformando-o a cada dia (CERTEAU, 1996).

Desta maneira, o lugar se torna construção dos significados atribuídos pelas relações entre o homem e o meio e absorve em si os acontecimentos da história impressos na cultura tanto pelos sentidos quanto pela memória (CARLOS, 1996).

Nesta requisição conceitual, convém lembrar o termo criado por Tuan (1980) Topofilia – que significa os valores e sentimentos atribuídos ao espaço. Nesse contexto, Topofilia não é considerada o sentimento de maior intensidade, mais sim aquele em que o lugar torna-se símbolo à medida que é percebido. Para Tuan (1980), meio/espaço pode não ser o principal motivo de Topofilia, entretanto ao agir fornece estímulos que despertem os sentimentos e valores de um determinado local.

pelas lembranças dos moradores idosos. .

Localiza-se, nesta abordagem, a alusão utilizada pelo autor com relação ao espaço *da praia*, que por extensão pode equivaler à de cursos d'água como rios e lagoas, pois remete aos sentidos e valores que um lugar desperta nos seres humanos<sup>23</sup>.

Afirma Tuan (1980), que a praia exerce uma atração sobre os humanos despertando sentimentos contrários, como, segurança (pelas reentrâncias da praia) e aventura (através da infinidade do horizonte que se abre para o mar), mas que remetem ao lar pelos símbolos intrínsecos da existência humana<sup>24</sup>. Ela é identificada simbolicamente como um útero capaz de sustentar as demasias advindas do cotidiano das grandes cidades, além de nutrir a vida. A praia aludida por Tuan (1980) é descrita também como espaço, no qual o homem passou a “dominar” e usufruir para conservação da sua própria sobrevivência. Destacando-se a forma como se adaptaram e transformaram esse espaço para muitos entendidos como lar. Diante de tal assertiva, no mundo atual, comunidades pesqueiras que se localizam junto às praias, em sua generalidade, são grupos menos favorecidos que suportam esse modo de viver sofrido (pelas constantes lutas pela sobrevivência), pela satisfação obtida através dos costumes, dos modos de saber e fazer, enfim dos cotidianos densos e pacatos (TUAN, 1980).

Na verdade, a ligação com as águas, como afirma Schama (1996, p. 253) “[...] equivale mergulhar numa grande corrente de mitos e lembranças, forte o bastante para nos levar ao primeiro elemento aquático da nossa existência intra-uterina [...]”. Ou melhor, o contato com formações de água desperta nos seres humanos a personificação mais profunda de sua existência despertando relações de liberdade, de fertilidade, de longevidade, onde a memória torna-se elo nas formações dos valores e significados intrínsecos ao homem. O ritmo da vida se interliga aos cursos d' água que guardam os mistérios do acontecer histórico.

A interpretação do bairro através desse acontecer histórico, do cotidiano, através especialmente da memória, também pode ser lida como afirmações da identidade, e da possibilidade de conhecimento dos modos de fazer e das relações sociais, pois, o lugar possui um “espírito”, uma “personalidade”, havendo um sentido de “lugar” que se manifesta pela apreciação visual ou estética e pelos sentidos a partir de uma longa vivência. Os “lugares” são centros de valores, de sentimentos, de representações

---

<sup>23</sup> Diante de tal reflexão conceitual destaca-se a semelhança com o Pontal da Barra.

<sup>24</sup> Refere-se às oportunidades através dos tempos em comer, fixar-se em um lugar, reproduzir e aprender. Nosso primeiro lar não foi talvez como um Éden, localizado perto de um lago ou do mar? (TUAN, 1980, p. 132)

pelas lembranças dos moradores idosos. .

simbólicas que interferem diretamente nas relações entre o homem e o meio (TUAN, 1983).

## 2.2. IDENTIDADE E TERRITORIALIDADE

O termo identidade tem sido bastante discutido e chega a causar polêmica quando se trata de sua conceituação. “A noção de identidade expandiu-se à revelia de certos cuidados reflexivos. Invadiu um tanto arrogante vários saberes e, como não poderia deixar de ser, passou a refletir as limitações inerentes à indagações monodisciplinares” (PORTELLA, 2001). Da mesma forma que “lugar”, o conceito de “identidade” pode ser multidisciplinar, atingindo derivadas conotações que relacionem desde os conteúdos psicológicos, históricos e até antropológicos.

De forma geral, os dicionários e enciclopédias denominam identidade como o conjunto de características que diferenciam o indivíduo, se transformando a cada nova mudança. Segundo Yázigi (2001), a construção de identidade concretiza a experiência de vida, pois redefine e dá forma à existência do homem. Através dessa construção, a identidade é formada através das relações entre as pessoas, lugares e objetos.

Nesta perspectiva, sobre o conceito de identidade pode-se explicitar que os indivíduos são diferentes quando se fala de etnia e apresentam características únicas por disposições da natureza. Através do ambiente existe o desenvolvimento de raças e originando assim as diversas e distintas formas de viver e se relacionar. Todavia, o estudo da identidade é preponderante para ressaltar os valores intrínsecos existentes na relação *habitante - lugar*, entendendo dessa forma como o homem se apropria do espaço, conceituando-o e utilizando-o.

Avaliar essas relações é buscar entender a própria condição do homem, pois segundo Marx (1978), o homem é responsável pela construção do seu próprio eu, bem como, o conhecimento dos objetos que estão a sua volta.

Neste sentido, o conhecimento de si e do que o cerca, diferenciando-o dos demais, faz parte do seu processo de vivência, ou melhor, da sua relação com o espaço, onde estão impregnados diversos significados e valores que geram assim, os elementos identitários.

Nesta perspectiva, a identidade é formada ao longo do tempo, e nunca é um conceito acabado, estático, pelo contrário são processos conscientes e inconscientes das

pelas lembranças dos moradores idosos. .

características adquiridas na relação com o lugar (HALL, 2006). A identidade é apreendida como o somatório das condições que envolvem o enriquecimento e o desenvolvimento de um povo e suas origens. Assim, se torna fator preponderante para conceituar o que nós conhecemos como nos transformamos e o que nos diferencia de todos os outros indivíduos.

Em síntese, pode-se mesmo afirmar, que a identidade de um povo é o resultado dos elementos culturais que lhe são inerentes e que se desenvolve em virtude das tendências comportamentais comuns ao grupo social dados em um determinado local <sup>25</sup>.

Segundo Pollak (1998), existem três elementos essenciais na formação da identidade, são eles: a unidade física, onde prevaleceria o sentimento de pertencer ao lugar; a continuidade do tempo, onde estão presentes as barreiras físicas e principalmente psicológicas, além da unicidade do indivíduo a partir de suas características. Estes componentes são os principais responsáveis pela construção da identidade seja ela do indivíduo seja de um lugar (considerando a história, os costumes e as mudanças ocorridas pelo tempo). Este autor assegura que há um diálogo consolidado entre identidade e a memória, pois a segunda faria parte da construção da primeira.

Na verdade, a identidade e a memória estão sempre conectadas e são reforçadas de forma recíproca. “Podemos portando dizer, que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLAK, 1998, p.5). Para Borba, as singularidades de um povo são reveladas através da identidade e da memória, pois “a identidade depende de suas características, do ambiente propício ao desenvolvimento de sua criatividade; das condições culturais, sociais, históricas, físicas e geográficas da região [...]” (BORBA, 2006, p.26). A importância da memória na afirmação das identidades é reforçada na seguinte afirmação:

O sentido de identidade depende, em grande parte, da organização desses pedaços, fragmentos de fatos e episódios separados. O passado assim, é descontínuo. A consistência e o significado desse passado e da memória articulam-se à elaboração de projetos que dão sentido e estabelecem continuidade entre esses diferentes momentos e situações (VIEIRA apud VELHO, 2000).

---

<sup>25</sup> FILHO, Agassiz de Almeida. Globalização e identidade cultural. São Paulo: Editorial Cone Sul Ltda, 1998.

pelas lembranças dos moradores idosos. .

Este alcance do *modus vivendi*, da identidade na percepção dos que viveram “diferentes momentos e situações”<sup>26</sup> sugerem inúmeras interpretações, mas que estão embasadas essencialmente no processo de interação do homem com o lugar, seus significados, história, sobretudo no cotidiano.

Também para Coelho (1992), os reflexos da história, das representações subjetivas do cotidiano permeiam a construção das identidades, tornando o lugar único, com diversos elementos (costumes, comportamentos, cotidiano, etc.) constituídos por valores individuais e singulares. Torna-se, portanto, imprescindível pensar nesses elementos como reafirmadores da identidade inserindo os mesmos nas dimensões espaço-tempo.

O passado e o presente juntos são os principais subsídios na concepção da identidade, pois no passado estão a conformação da língua, dos hábitos, dos valores étnicos, costumes, presentes na sociedade e, no presente/futuro, todos esses elementos se tornam mutáveis, pois novos contextos são adicionados aos antigos e novas direções são englobadas à forma de viver<sup>27</sup>.

Como há uma pluralidade nas abordagens acerca deste conceito, este trabalho enfatizará a identidade do ponto de vista antropológico, que se constitui das características existentes no espaço territorial (símbolos, costumes, cotidiano, ritos, mitos, religião) e que o distinguem dos demais. Derivaria da interação entre o homem e espaço, no qual desperta referências simbólicas de pertencimento ao lugar que fortalecem sua singularidade.

Deste modo, a identidade do bairro do Pontal buscará ser construída a partir das experiências vividas, sentidas e memorizadas assim como, aparecerá nos costumes, símbolos, ritos que se manifestam das mais diferentes configurações e sofrem adaptações pelas mudanças trazidas pelos novos processos<sup>28</sup>. A identidade propõe a capacidade dos indivíduos de interligarem mudança – com a tradição e o novo com o compartilhamento.

A identidade percebida, a partir da cultura, está explicitada por meio dos comportamentos de cada porção do espaço, em cada indivíduo. Entre estes estão os: aspectos religiosos, os saberes e fazeres, tradição e caracteres étnicos que são componentes imperativos a uma real reunião social.

---

<sup>26</sup> Aqui relacionados os idosos, pois detém uma trajetória de vida mais bem delineada, e podem ser feitas as devidas comparações do passado relacionado ao presente.

<sup>27</sup> Ibidem

<sup>28</sup> Entre estes se destaca à globalização que segundo Stuart (2006), se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo[...]



pelas lembranças dos moradores idosos. .

Em geral, a busca pela identidade de um bairro significa encontrar o elo existente entre as identidades espaciais e as sociais, analisadas através do cotidiano e das práticas sociais. Basicamente é analisar o espaço herdado e os movimentos sociais. “A partir destes elementos, penso que existem vários cotidianos e que em alguns deles há uma rotina de estratégias de sobrevivências e resistências que criam identidades sociais” (COELHO, 1992, p.286).

A partir destas constatações, ressalta-se a associação existente entre identidade e territorialidade. Segundo Ferrare (1993), nas discussões sobre territorialidade está implícita a formação de identidade, pois esta é resultante da relação que o indivíduo mantém com o meio, através de suas vivências, compartilhadas com os demais habitantes do território.

A territorialidade é percebida como processo que está embasado na relação do homem com o meio, levando em conta as experiências vividas individualmente ou pelo grupo em um determinado lugar e em tempos diferentes. É necessário considerar, segundo Vieira (2000) que as mudanças advindas da contemporaneidade, forçam a importância de que espaços sociais, cidades e /ou bairro possuem “histórias diferentes, vida coletiva organizada de forma diferenciada, ou seja, sistemas de relação que os distingue de outros bairros ou de outras cidades” (VIEIRA, 2000, p.3). Pois, como prossegue, constata-se,

A vida é tecida de relações e por isso a territorialidade pode ser definida como um conjunto de relações emergentes de um sistema tridimensional - sociedade, espaço, tempo - visando à maior autonomia possível, compatível com os recursos do sistema(RAFFESTIN apud VIEIRA 2000, p.3).

Assim, como a identidade e a territorialidade são também sempre passíveis de mudanças que são advindas do tempo, pode-se afirmar que a relação entre ambas é mutável e subordinada aos fatores sociais e simbólicos provenientes da relação homem-lugar.

Nesta discussão cabe ainda falar da noção de pedaço criada segundo reflexões de Magnani (apud Castello, op. cit: 101) onde é ressaltado que o “pedaço” é o lugar dos encontros, onde acontece o cotidiano, as práticas de lazer, “dessa forma o *pedaço* é ao mesmo tempo resultado de práticas coletivas (entre as quais as de lazer) e condição para seu exercício e fruição” (MAGNANI apud CASTELLO, 2007, p.101).

Assim é necessário entender que a identidade deve ser analisada pela prática do viver, de relacionar-se com o outro, do habitar, considerando as mudanças advindas dos novos processos e tecnologias, onde “[...] O lugar é um ponto do mundo onde se realizam algumas das possibilidades deste último. O lugar é parte do mundo e desempenha um papel

pelas lembranças dos moradores idosos. .

em sua história [...]” (SANTOS, 1988, p.35), enfim é uma identidade vivenciada, identidade social, nascida da relação do homem com seu território.

### 2.3. IDENTIDADE E DINÂMICAS DA CONTEMPORANEIDADE

Através das profundas transformações presentes no mundo, a partir da criação de novas tecnologias, aperfeiçoamento da técnica e da globalização há uma tendência a homogeneização dos saberes e do conhecimento, o que implica mudanças nos processos produtivos, onde barreiras são quebradas e a relação espaço-tempo se altera de modo inquestionável. Chega a ocorrer a fragmentação das etnias, do gênero, das paisagens culturais, influenciando de modo direto no conhecimento que o homem tem de si, do seu lugar de moradia, convivência, dos seus costumes, transformando desta forma, o seu mundo social (HALL, 2006).

Cabe desta forma, (re) pensar a identidade do lugar, pois é possível constatar a influência e até ameaça de suas estruturas sócio-culturais e até econômicas geradas por estas amplas relações (CARLOS, 1996). Entretanto, conseguem destacar-se nessas mudanças estruturais, as pequenas comunidades que vêm romper com a tradicional organização social e o sistema (re) produtivo tanto do espaço quanto das relações sócio-econômicas, provocando assim o acréscimo proporcional de novos valores e costumes (SEPLAN, 1985). Isso vem acontecendo desde o processo de industrialização e da urbanização, onde segundo Lefebvre (1969), a sobrevivência do indivíduo e os modos de vida, sobretudo das pequenas comunidades, deveriam permanecer interligados com as condições de vida urbana, todavia o processo de migração para os centros detentores do poder econômico, social e político, as transformações de valores e tradições geram em alguns casos, a desvalorização e a descaracterização da organização tradicional.

É pertinente a reflexão feita por Carlos (1996) quando relata que o lugar<sup>29</sup>, através dessas mudanças, se torna a articulação das particularidades locais com o mundial. As transformações nos processos produtivos, a diminuição das fronteiras trazem novas formas de entender e se relacionar com o meio. Onde através do mundial/global surgem novos

---

<sup>29</sup> Convém ressaltar que aqui o lugar refere-se ao bairro do Pontal da Barra.

pelas lembranças dos moradores idosos. .

valores e significados que se adaptam aos já existentes seja na cidade, numa comunidade, enfim, em um bairro.

Essa adaptação como forma de defesa para a sua própria resistência desempenham um papel crucial para sua conservação. Também afirma Santos (1998), que os lugares possuem variáveis “internas e externas”<sup>30</sup>, onde na organização da vida as variáveis externas se internalizam incorporando-se ao cenário local, ele ainda constata que:

Quanto mais os lugares se mundializam, mais se tornam singulares e específicos, isto é, “únicos”. Isto se deve à “especialização desenfreada dos elementos do espaço – homens, firmas, instituições, meio ambiente”, a “dissociação sempre crescente dos processos subprocessos necessários a uma maior acumulação de capital, à multiplicação das ações que fazem do espaço um campo de forças multidirecionais e multicomplexas, onde cada lugar é extremamente distinto do outro, mas também claramente ligado a todos os demais [lugares] [...] (SANTOS, 1988, p. 34, grifo do autor).

Em alguns casos, esses locais passam a ser freqüentados e muitas vezes sustentados pela classe dominante e por turistas, que procuram algo peculiar, mas que ofereçam qualquer coisa para suprir a insaciável sede por consumo. A partir dessa condição, como considerar o “lugar” como singular?

Para Hall (2006), estas mudanças trazidas pela globalização<sup>31</sup> criam a chamada “crise da identidade”, na qual se deslocam as estruturas norteadoras das práticas sócio-culturais e econômicas, abalando as referências que o homem considerava base do meio social, do meio vivido. Praticamente, estas alterações interferem nas relações de espaço e tempo que estão ligados diretamente na forma como a identidade é localizada e representada.

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global, lugares e imagens (...) mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente” (...) Isto gera a “homogeneização cultural” (HALL, 2006, p. 75-76).

A partir dessa homogeneização não significa que o global anula o local mas, sim, que existe uma articulação entre estes componentes. Convém ressaltar que, ao mesmo tempo, a globalização é tendenciosa para a homogeneização, pois ela também, permite que

---

<sup>30</sup> “O interno é tudo o que, num momento dado, está presente em um lugar determinado. No interno, as variáveis têm a mesma dimensão do lugar, as dimensões se superpõem determinadas pelo lugar. O interno é aquilo que, num momento dado, aparece como local. [...] O externo é tudo isso cuja sede é fora do lugar e tem escala da ação maior que o lugar, muito embora incida sobre ele” (SANTOS, 1998, p. 96).

<sup>31</sup> A Globalização se refere àqueles processos, atuantes numa escala mundial, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e experiência, mais interconectados (HALL, 2006, p.67).

pelas lembranças dos moradores idosos. .

se destaquem as singularidades, enfim a diferença. Reconhece-se, portanto, que estes fatores reforçam o local, mantendo a dinâmica própria destes processos, pois como já discutido a identidade não é algo estático, está sendo adaptada a cada novo valor que é criado na relação espaço-tempo. Afirma Carlos (1996, p. 17) que:

a realidade do mundo moderno reproduz-se em diferentes níveis, no lugar encontramos as mesmas determinações da totalidade sem com isso eliminar-se as particularidades, pois cada sociedade produz seu espaço, determina os ritmos da vida, os modos de apropriação expressando sua função social, seus projetos e desejos.

Entretanto, é possível observar que em muitos lugares a sede por desenvolvimento, por modernização pode desencadear o desaparecimento do que lhe é mais característico e singular. É conveniente citar, que a transformação de muitas “comunidades tradicionais” em “comunidades turísticas” – aquelas que agregam costumes, saberes ao turismo - tornaram-se frágeis, pois a inserção nesta nova fase trouxe conseqüências sociais e ambientais irremediáveis, comprometendo a população residente, a identidade e o cultura do lugar<sup>32</sup>.

No instante em que se deseja definir os contornos dessas mudanças, deve-se levar em consideração a seguinte afirmação,

Andando pelas ruas, calçadas e becos, descobrindo seus segredos, seus cheiros, entrando nas casas e lojas, observando os rostos das pessoas, suas atividades, encontros e desencontros, é quando, enfim, se vivencia cada pedaço da cidade, e pode-se afirmar com mais segurança o que lhe é adequado (COELHO; FONTES; NEVES, 1986).

---

<sup>32</sup> Como exemplo, pode-se citar o Pelourinho, “região tradicional de uso administrativo, residencial e comercial de Salvador, reconhecida em 1985, como Patrimônio Cultural da Humanidade - UNESCO, que passou por sucessivos processos de perda do valor imobiliário, acarretando uma acentuada (des) valorização e (des) caracterização do seu espaço edificado. É neste contexto de degradação dos edifícios que surge, integrado a um Projeto Turístico para a cidade de Salvador, - O PROJETO DE RESTAURAÇÃO DO PELOURINHO, obra patrocinada pelo Governo do Estado. O Projeto transformou a área central do CHS (trecho entre o Terreiro de Jesus e o Largo do Pelourinho) em local exclusivo para o lazer, turismo e comércio adotando ainda como premissa a não permanência da população residente. Estas obras causaram a perda definitiva das antigas estruturas residenciais do centro da cidade e da leitura da estrutura urbana colonial, pois o centro das quadras, antigos quintais das residências, foi unificado e, transformado em praças de lazer, sobretudo para apresentação de shows. O “Novo” PELÔ está vazio de turistas e de moradores, e sem ruídos do cotidiano baiano ‘genuíno’ ( ao menos nas áreas saneadas para “o turista vê”). O que se percebe da ‘antiga’ autenticidade está nos becos que levam a partes não ‘restauradas’ e, na presença do ‘preto velho’ que teve autorização para colocar o seu ponto de venda na rua que “turista passa”, pois,... o seu comércio é muito peculiar. Falta-lhe, também, odores e ritmos naturais de conversas risadas, ... orvalhos dos arbustos, e “galos nos quintais” referências culturais que o Projeto lhe retirou” (FERRARE, 2007).

pelas lembranças dos moradores idosos. .

É preciso reconhecer que a cultura também se torna parte indispensável nessa interação, sobretudo, se por cultura se entende tudo o que advenha das crenças, da arte, dos hábitos, dos costumes adquiridos pelo homem ao longo de sua evolução, enquanto sociedade. Portanto, as mais diferentes e importantes formas de organização de uma comunidade, seus costumes e tradições passadas para gerações atuais e futuras, é claro, a partir de um modo de vida sedimentado.

Entende-se, pois, que é de vital importância considerar os aspectos subjetivos, simbólicos e principalmente conceituais na compreensão do lugar, aqui atribuído ao bairro, para a partir daí discutir os valores e significados inerentes e formadores da relação homem- meio urbano.

## **2.4 BAIRRO, COTIDIANO E CONSTRUÇÕES**

Para Certeau (1994), o bairro se define como uma porção do espaço na qual o usuário tem domínio das práticas sociais nele desempenhadas, o equivalente a dizer que, é onde ele se reconhece e mantém relações impregnadas de valores e significados efetivados por meio das trocas simbólicas realizadas com o ambiente. Assim, o bairro pode ser reconhecido como “lugar” onde se desenvolve o envolvimento social, na qual a vivência com vizinhos se concretiza através da fixidez do habitat e da proximidade. Essas relações possibilitam a compreensão de como se modela a vida cotidiana.

Efetivamente, de acordo com Carlos (1996), no bairro acontecem às relações cotidianas mais estreitas, o jogar bola, conversar na calçada, as brincadeiras, onde aparecem as significações delineadas por uma vivência mais acolhedora, por ser bastante compartilhada com outros, em um ambiente comum, ou seja, é o pedaço da cidade habitada pelo homem e que envolve o seu cotidiano, expresso pela forma como ele se apropria e utiliza este espaço - a prática vivida. Como já afirmara Carlos (1996) é no lugar onde o cotidiano acontece.

De certa forma, sob a ótica de Gonçalves (1988, p.18), o bairro seria “o espaço social da cidade, território cujo limites reais e vividos foram se estruturando ao longo do desenvolvimento da cidade”. Esse autor considera o bairro não como porção autônoma, mas como lugar no qual se consolidam, através do contexto citadino, os elos afetivos de ser vizinho, ser parente, ser amigo, que o determinam e o instituem. O valor que o bairro



pelas lembranças dos moradores idosos. .

detém está intimamente ligado aos elementos que o determinam e a intensidade de seu significado e as relações simbólicas nele existentes.

No caminho mediante tal assertiva, convém ressaltar que ele não é um lugar independente, desconectado do resto da cidade, na verdade ele só se concretiza por meio da articulação com a cidade. Tanto a história do bairro quanto a da própria cidade são pertencentes a um mesmo contexto social, entretanto cada bairro mantém impresso na sua essência suas particularidades advindas dos processos entre o homem e o meio culturalizado.

No âmbito do urbanismo, o estudo sobre bairros tem levantado conclusões importantes como a que chegou Lefebvre (apud RAMOS, 2004, p.82), “sem bairros, assim como sem ruas, pode haver aglomeração, tecido urbano, megalópoles. Mas não há cidade. [...]” ,

[Ao bairro, corresponde, pois], “um equipamento mais ou menos suficiente e completo. Não só um monumento (igreja), mas uma escola, uma agência dos correios, uma zona comercial, etc. Um determinado bairro, desta forma, não é por si só auto-suficiente. O equipamento depende de grupos funcionais mais amplos, ativos à escala da cidade, da região, do país. A estrutura do bairro depende estreitamente de outras estruturas mais vastas: municipalidades, poder político, instituições.” [Porém, é ao nível do bairro que] “o espaço e o tempo dos habitantes somam forma e sentido no espaço urbano.

Diante da cidade, os bairros são considerados as menores porções físicas que são delimitadas de acordo com ações de cunho político e administrativo. Entretanto, é nele que se reproduz a vida diária, cotidiana, sendo pertinente a comparação feita por Certeau (1994) quando diz que a cidade é “poetizada” pelos atores sociais, onde estes (re) fabricam a cidade e determinam o consumo do espaço, enquanto o bairro é o próprio objeto de consumo, onde são estabelecidas as mais fortes relações e os mais fortes sentimentos. Essas relações poderiam ser descritas como, conhecimento dos lugares, trajetos cotidianos preferenciais e as relações de vizinhança, estando claro que a prática que existe no bairro não aparece apenas como funcional, mas sim como simbólica.

Convém refletir, junto com Gonçalves (1988), que a noção de bairro não deve dissociar-se dos padrões culturais, pois para uns o bairro é vivido como aldeia, onde as relações são bastante próximas e no qual se organizam a identidade e os elos afetivos; e já para outros, o bairro é local apenas de residência, onde se comprova a escassez das relações simbólicas e subjetivas. Entretanto, para apreender o significado de um bairro

pelas lembranças dos moradores idosos. .

deve se considerar o cotidiano, os costumes explicitando-o como “lugar privilegiado de vida e de expressão de convivialidade [...] O bairro define-se através do vivido e do agir social consolidado [...]” (GONÇALVES, 1988, p.30).

Ponderado de outra forma, o bairro pode ser percebido como intermédio do espaço público com o espaço privado (espaço familiar, a casa), sendo ele o centro das experiências comuns, onde se articula o cotidiano e o indivíduo no processo de apropriação. “O bairro é uma noção dinâmica, que vai progredindo mediante a repetição do engajamento do corpo do usuário no espaço público até exercer uma apropriação” (CERTEAU, 1994, p.42).

Em meio a tantas considerações, é imprescindível avaliar os bairros sendo influenciados pelo acontecer histórico (considerando, portanto, sua relação com a cidade), pelo contexto citadino, e principalmente por suas singularidades que são transmitidos pelo conhecimento de si, do outro, e variam diferenciando-se segundo o espaço social. Esse grau de diferença presente no espaço social advém de como se organiza a vida e como são tecidas as redes de relações políticas, físicas, sociais e, sobretudo simbólicas.

Essas relações entre espaço e a significação do bairro variam profundamente de um meio social para outro: em determinados grupos, são determinados pelas relações de vizinhança, que se organiza toda a vida; em outros pela inserção de diversos grupos organizados local e socialmente; e ainda para outros, é a partir da introdução do núcleo urbano num meio de qualidade, no qual as relações criadas são independentes da proximidade, tal como expõe Gonçalves (1988). De fato, na realidade do bairro, o espaço não detém apenas um emprego funcional, mas, sobretudo, simbólico. Assim, a compreensão e significação de um bairro não podem ser dissociadas da cultura e sua variabilidade, pois em cada local (bairro) existe uma lógica de vida social, uma história que os tornam únicos perante os demais.

A atribuição de um significado ao bairro, a formação de uma imagem mental forte, a construção da identidade do bairro na mente do indivíduo, a própria bairrofilia, dependem de diversas circunstâncias, as quais estão compreendidas nos meandros que percorrem os diversos aspectos da relação dialética objetivo-subjetivo (SOUZA, 1989, p. 149).

Nesta perspectiva, o bairro visto enquanto espaço social é apresentado como local onde se reconhecem relações de afetividade, onde existe a integração dos valores e significados culturais entre esta parcela da população, conformando um “lugar” onde a vida é expressa pelo cotidiano e pelas relações de parentesco, de vizinhança e de

pelas lembranças dos moradores idosos. .

pertencimento. Em suma, um *locus* que conforma o lugar do vivido e do agir social consolidados pela sua história.

Tais reflexões abrem os caminhos para discutir e pensar acerca da noção de cotidiano, como se consolidam os hábitos, as práticas sociais. Retomando ainda Carlos (1996), resgata-se o entendimento de que o cotidiano estaria expresso pelas maneiras de ser, pelos elos afetivos, onde dialogam o local e o mundial. Este cotidiano, ainda, permite o perceber e apreender o bairro pela simples práticas sociais e familiares que acontecem todos os dias, reconhecendo ser nele que incidem as práticas espaciais e os signos: onde aparecem os modos de apropriação e inter-relação do corpo com o espaço. A partir do momento em que cada indivíduo se coloca num lugar permite-se o pensar, o viver, o habitar enquanto tradução do cotidiano.

O cotidiano chegou a ser entendido, para Certeau (1994), como algo que nos preenche intimamente, configurando o que é apresentado a cada dia, o que se partilha com o outro, o peso do vivido. “É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares de infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres [...]” (CERTEAU, 1994, p.31). Esse plano do vivido e praticado, se comprova no sair de casa e no andar pelas ruas, no conversar na calçada, definindo-se muitas vezes pelo acaso dos encontros e desencontros, pois “o cotidiano implica, ao mesmo tempo, no repetitivo e no criativo, na alienação e na desalienação, nas manutenções e nas possíveis transformações” (RAMOS, 2004, p.86).

Refletindo acerca dessas considerações, e ainda retornando as reflexões expostas por Carlos (1996), o cotidiano passa de simples inconscientes fluir de rotinas à essência do imaginário simbólico onde emergem valores e significados necessários à produção da humanidade do homem. “[...] há brechas no cotidiano que abrem espaço para o criativo e para o virtual [...]” (CARLOS, 1996, p. 100). Este cotidiano é produzido assim como o espaço urbano pelas relações de produção, onde a dimensão espacial da realidade social se aloca diante da articulação sociedade-espaço, na medida em que a vida é consolidada.

Torna-se claro, então, que a dimensão preponderante é a do vivido<sup>33</sup>, do praticado, que exerce importância nas relações simbólicas da interação do homem com o espaço e

---

<sup>33</sup> Na dimensão do vivido estão impregnadas todas as emoções, boas e ruins, advindas dos eventos nos quais tomamos parte, seja como agentes, seja como receptores. É a dimensão/espaço da nossa experiência no mundo. Comporta as espacializações que nos fizeram felizes, ansiosos, tristes ou alegres, que nos trouxeram recompensas e sofrimentos, que nos engrandeceram e nos castigaram. É onde nos como seres do mundo tivemos experiências significativas (MALARD, 2006p. 30-31).

pelas lembranças dos moradores idosos. .

com os demais indivíduos. Sendo importante estar atento, as características marcantes no bairro condicionadas por um cotidiano específico, fortemente marcado por referenciais simbólicos e espaciais que influem diretamente no sentimento de pertencer.

## 2.5. RUA, IMPERATIVO DA HISTÓRIA E DO COTIDIANO

[...] a rua está para casa como o corredor [...] está para todos os cômodos da casa brasileira tradicional [...] ( DA MATTA, 1997, p.56).

A análise e leitura da cidade devem ultrapassar as barreiras rígidas e materiais apenas definidas por padrões funcionais e urbanísticos e alcançar a diversidade de significados impregnados em seus elementos estruturadores, sejam eles, as ruas, as praças, os bairros, o centro, as casas, os edifícios e os vazios urbanos. Cada elemento formador do espaço habitado constantemente sofre modificações, são produzidos e, reproduzidos de acordo com a interação com o homem, essencialmente determinadas por fatores culturais, políticos, históricos e sociais (MAIA, 2007). Pois, de acordo com “a natureza de um espaço [que se] determina os tipos de relacionamentos entre as pessoas, sendo, portanto, a conformação urbana um dos fatores que caracteriza a forma e o tipo de uso que o espaço adquire” (YAMADA, 2004, p.1).

Nesta leitura múltipla e metonímica da cidade, a rua também apresenta-se como espaço de efetivação da vida cotidiana, ou melhor, “a rua, então, passa a ser, o grande palco das sucessivas cenas e dramas, enfim, *lócus* das diversas representações da sociedade” (CABRAL, 2005, p.2) e que se tornam base do acontecer social.

Com efeito, segundo Magnani (1993), através dos contrastes criados pela inserção de novas tecnologias, pela heterogeneidade da vida contemporânea, a rua pode ser percebida como apenas espaço de passagem, de circulação, e como define Carlos (1996, p.87), “[...] na metrópole o caminho vira rua, depois se transforma em avenida, e nesse ponto [...] a rua deixa de ser extensão da casa para se contrapor a ela”. Sob esta ótica a rua é entendida,

[...] como um eixo classificatório e unidimensional (vias expressas, coletoras, locais, binárias, etc.)”[...] Mas também, essa rua, rígida na função tradicional e dominante - espaço destinado ao fluxo - às **vezes se transforma e vira outras coisas: vira casa, vira trajeto devoto em dia de procissão, local de protesto em dia de passeata, de fruição em dia de festa, etc. Às vezes é vitrine, outras**

pelas lembranças dos moradores idosos. .

**é palco, outras ainda lugar de trabalho ou ponto de encontro** (MAGNANI, 1993, p.2, grifo nosso).

A multiplicidade dos significados existentes na rua desvendam a forma como o homem se apropria do lugar, como ele o utiliza e o conceitua. Através dessa atribuição de valores e características é que se destacam as diferenças e singularidades. Esse “lugar de estar”, pode agregar diversos sentidos, pode ser lugar de passagem, de festas, lugar de mercado, lugar de morar, de reivindicar, lugar de domínio, lugar de lazer, lugar de encontro, enfim, a rua pode adotar os mais diversos significados dependendo de sua forma de utilização e apropriação (CARLOS, 1996). Tal consideração, pode ainda ser confirmada por Da Matta (1997), quando enfatiza que nenhum conceito sobre a rua deve ser estático e absoluto, mas ao contrário, deve ser dinâmico, pois há muitos casos em que a rua é espaço de liberdade, pertence ao povo, está sempre repleta de variados fluxos e movimentos, ou ainda, pode tornar-se um lugar ‘fechado’, ou melhor, tornar-se a casa ou ponto de um grupo que usufrui deste espaço.

A rua é lugar de encontros, representa todo o cotidiano do acontecer social. Há que se entender que ela possui vida própria perante a cidade, pois revela os valores e significados presentes na dimensão da vida (LEFEBVRE apud CARLOS, 1996). Assim, considerar-se-á para esta abordagem a rua, como descreve Carlos (1996,p.91),

[...] enquanto nível de entendimento do cotidiano e da espacialidade das relações sociais coloca-se na perspectiva da constituição da sociedade urbana[...] baseado na prática social na medida que expõe o vivido. Ela também se abre enquanto palco e espetáculo em que se transforma o cotidiano abrindo uma infinidade de perspectivas para a análise e entendimento da sociedade urbana[...]

Por se tratar de um elemento fundamental no plano do vivido, a rua revela os modos de saber e viver que estão impregnados na particularidade da essência humana. Em dicionários a palavra rua é considerada local de circulação urbana, qualquer logradouro público ou regular que não seja a casa, entretanto segundo Carlos (1996) é na rua que se encontram os fragmentos da vida, nela estando marcados os passos do cotidiano, o *modus vivendi*, os encontros e os desencontros. “A rua se coloca como dimensão concreta da espacialidade das relações sociais num determinado momento histórico, revelando gestos, olhares e rostos, as pistas das diferenças sociais”(CARLOS, 1996, p 86).

É neste corredor da vida cidadina que as formas de apropriação do espaço se concretizam, configurando o relacionamento do homem com o lugar. Nela, o cotidiano tem



pelas lembranças dos moradores idosos. .

“local” certo para acontecer, todos os dias, em cada passo, de acordo com a dinâmica das práticas sociais geradas pelo processo histórico em curso. Nas palavras de Da Matta (apud, FERRARE 1997, p.53), “é a rua que resgata a experiência da diversidade, possibilitando a presença do forasteiro, o encontro entre desconhecidos, a troca entre diferentes, o reconhecimento dos semelhantes, a multiplicidade de usos e olhares”.

Neste contexto de pluralidade de usos e significados, entender-se-á a rua como lugar do vivido, relacionando-a ao lugar onde a sociabilidade de certa forma aparece mais delimitada no espaço urbano, o bairro. Refletindo-se acerca da história de um bairro, percebe-se, que a rua é elemento presente nas lutas sociais, nas festas locais, procissões, quermesses, no caminhar para o trabalho, no saber e no fazer, onde se ouvem as notícias reais e fictícias, enfim, é o componente que revela cada evento constituinte do lugar. Por conseguinte, ela (rua) coloca-se na dimensão dos símbolos e significados de uma comunidade. “Se abre enquanto palco e espetáculo” (CARLOS, 1996, p 91), e torna-se lugar de passagem no qual a vida urbana se efetiva. Mas, também é espaço que salvaguarda o cotidiano, porque o recria.

Mediante tais características marcantes, este elemento tão singular que compõe o bairro, aqui é relacionado ao termo criado por Magnani (1993, p.5) como - “pedaço”, pois, “o termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade” (MAGNANI, 1993, p. 138), e ainda continua afirmando que “é aí que se tece a trama do cotidiano: a vida do dia-a-dia, a prática da devoção, o desfrute do lazer, a troca de informações e pequenos serviços, os inevitáveis conflitos, a participação em atividades vicinais”.

Prosseguindo no empenho de melhor explicitar estas questões, faz-se pertinente avançar a discussão acerca de como se apresentam a rede de relações e significados tão peculiares ao Pontal da Barra. Para tal intento, buscou-se melhor compreensão das interações entre indivíduo e lugar através de uma escolha metodológica que trabalha os valores simbólicos de forma multifacetada, a qual abordar-se-á no capítulo a seguir.

pelas lembranças dos moradores idosos. .

### **III. HISTÓRIAS DE VIDA – MEMÓRIAS E NARRATIVA**

pelas lembranças dos moradores idosos. .

### 3.1. HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA.

Antes de tudo, é preciso saber “ouvir contar”: apurar o ouvido reconhecer esses fatos que muitas vezes podem passar despercebidos (ALBERTI, 2004, p.10).

O espaço habitado é construído a partir das infinitas relações entre o homem e o meio, no qual a dinâmica da vida ultrapassa as estruturas físicas e funcionais. Neste plano de determinações é onde a vida de homens, de mulheres, de idosos e de crianças se concretiza e se estabelece. “O que trazem o que inventam, o que transformam está além de qualquer possibilidade de determinação”(MONTENEGRO, 1992, p.9). Nestas relações estão impregnadas uma diversidade de sensações, símbolos e sentidos que permitem que essas duas esferas conectadas, permeiem assim a identidade do próprio homem, do que o caracteriza, do que o forma, da sua capacidade como ser. “O ambiente urbano apresenta-se como um aglomerado de signos: traços, cores, texturas, cheiros, formas, ao mesmo tempo e paradoxalmente, juntos e dispersos, visto que não há convenção que os organize [...]” (FERRARA, 1999, p.21).

Entretanto, o universal e o particular, o geral e o específico se estabelecem nestas relações como formas indissociáveis de percepção do real e do vivido, onde a formação social de um lugar adquire sinais de universalidade. Emerge nesse processo o cotidiano, “que mais e mais cerca a vida das cidades, e que se projeta como experiência da modernidade” (MONTENEGRO, 1992, p.9).

Na busca pelo conhecimento deste cotidiano, expresso pelo plano do vivido e sentido, destaca-se uma metodologia que trabalha os valores simbólicos construídos pelo homem através dos registros da memória descritos e recuperados pela narrativa, denominada História Oral. Essa metodologia não é somente uma prática pontual que aborda a história através dos relatos da memória, mas uma maneira de resgatar os elementos formadores da identidade, de socialização de seus saberes e experiências. Desta forma esta idéia está associada às considerações estabelecidas por Silva (2006, p.186), quando diz que, “[...] A história oral, é uma metodologia histórica que trabalha com depoimentos orais, realizando entrevistas a partir das quais o historiador constrói suas análises”.

Entendida como ferramenta de difusão da cultura, a história oral incentiva a transmissão de valores, sentimentos e visões de mundo, na qual palavra compreender

pelas lembranças dos moradores idosos. .

ganha variados significados. Entre estes os quais significa vivenciar o outro (seja um bairro, uma rua, uma cidade ou até mesmo processo e lutas), as suas histórias, suas emoções baseado numa memória que tenta reviver ações e fatos de outrora. Ela está diretamente conectada as questões que envolvem a memória do homem tanto no campo coletivo quanto no individual (SILVA, 2006).

A história oral, segundo o Centro de Pesquisa e Documentação da História Contemporânea do Brasil, começou a ser utilizada nos anos de 1950, nos Estados Unidos onde era aplicada de forma bastante modesta para “coligir material para historiadores futuros” (JOUTARD, 1995, p.45); e ainda no México e na Europa, onde estas pesquisas se destacavam no registro de recordações de chefes revolucionários, bem como, para reconstituir a cultura popular (JOUTARD, 1995). Sua difusão foi ainda afirmada pela capacidade de interdisciplinaridade, a partir de onde ganhava cada vez mais adeptos; historiadores, antropólogos, sociólogos, psicólogos, arquitetos entre outros. Com o tempo, a história oral passou de complementação, apenas, do material escrito, para uma história que dá voz aos povos que ainda não tinham sido ouvidos (JOUTARD, 1995).

Sua introdução no cenário brasileiro se deu por volta da década de 1970, e teve como principal enfoque a compreensão do passado relacionada e contraposta ao futuro. Entretanto, só nos anos 90 houve uma participação expressiva nos estudos relacionados à memória. Consolidando-se desta forma, com a criação da Associação Brasileira de História Oral, em 1994, quando foram divulgados trabalhos e programas no cenário da história oral.

A partir daí, o caráter da pesquisa oral pôde ser vista como um sistema coerente e aberto para construir e transmitir conhecimentos. Os relatos orais sobre o passado englobam explicitamente experiências subjetivas (LAGO, 1996). Em razão disto, torna-se necessária a análise de todos os aspectos relacionados à história, aos costumes e a contextualização dos acontecimentos. Nessa contextualização descobre-se que a história oral apresenta uma vivacidade por tratar de experiências de vida singulares impregnadas de emoções, reações, observações dando um “tom especial” as pesquisas deste campo metodológico (ALBERTI, 2004).

É fato que esta metodologia trata necessariamente das experiências no plano do vivido relatados através de narrativas pelos atores sociais caracterizando-se pela coleta de entrevistas (resultado do diálogo entre entrevistador e entrevistado) gerando interpretações fundadas na relação do indivíduo com o objeto/lugar/acontecimento, ou seja, através das narrativas buscar-se-á linhas de interpretação (FERREIRA; AMADO, 2005).

pelas lembranças dos moradores idosos. .

O procedimento básico utilizado nessa metodologia é a aplicação de entrevistas feitas a partir de um banco de dados <sup>34</sup>, roteiro guia, no qual o entrevistado é inquirido sobre o assunto a ser pesquisado (procurando-se conhecer hábitos, costumes, história, cotidiano), e em seguida são feitas as transcrições das mesmas, passando de “objetos auditivos para objetos visuais” (PORTELLI, 1997, p.27). A análise deste banco de dados é capaz de revelar características desde processos sociais, a valores e significados implícitos na subjetividade das declarações. Posteriormente a esta etapa, objetos visuais são analisados, comparados e/ou complementados a partir de fontes escritas, que variam desde livros, dossiês, fotografias entre outros. “Trabalhar com História Oral consiste em gravar entrevistas e editar depoimentos [...] Também é comum a utilização de fontes escritas, como fornecedoras de informações” (FERREIRA; AMADO, 2005, p.11).

Mediante esta relação entre entrevistado e entrevistador, durante a investigação é necessário ultrapassar as barreiras de mera coleta de dados e reforçar a capacidade que esse método apresenta de análises e síntese, obrigando, desta maneira, o entrevistador interrogar-se acerca das histórias de vida e comunicar-se com a história a qual está sendo pesquisada. Como afirma Bosi (1994, p.414),

Imagine-se um arqueólogo querendo reconstituir, a partir de fragmentos pequenos, um vaso antigo. É preciso, mais que cuidado e atenção com esses cacos; é preciso compreender o sentido que o vaso tinha para o povo a quem pertenceu. A que função servia na vida daquelas pessoas? Temos que penetrar nas noções que as orientavam, fazer um reconhecimento de suas necessidades, ouvir o que já não é audível. Então recomporemos o vaso e conhecermos se foi doméstico, ritual, floral...

É importante destacar que, o fundamental na História Oral são os aspectos qualitativos e não quantitativos pois, ao adentrar cuidadosamente nas questões lúdicas que fazem parte da vivência e do cotidiano, como música, festas, os rituais de nascimento e morte, tornam as narrativas mais ricas de informações e dados. Desse modo, o que é relevante em trazer à tona as passagens vividas da memória é o fato de que este se torna um processo ativo de significados e impressões, pois, “conceber o passado não é apenas selá-lo sob determinado significado, construir para ele uma interpretação; conceber o passado é também negociar e disputar significados e desencadear ações” (ALBERTI, 2004, p.34).

---

<sup>34</sup> Banco de dados aqui é entendido como questionário suporte com dados essenciais ( nome, profissão etc) que será utilizado durante as entrevistas gravadas, ou melhor a história de vida contada pelos moradores locais.

pelas lembranças dos moradores idosos. .

Isto posto, reconhece-se que em muitos casos essa opção metodológica possibilita adentrar no filme contínuo da vida de cada entrevistado, revivendo cada símbolo, cada história, cada significado passado de sua trajetória. Cabe destacar o que relata Hallbwachs (2006, p.86), que essa “história não é todo o passado e também tudo o que resta do passado. Ou por assim dizer, ao lado dessa história há uma história viva, que se perpetua ou se renova através do tempo[...]”. Na verdade, muitos a denominam como “História/Memória Viva. Entretanto, convém lembrar, que cada filme pode instituir cortes, edições, mudanças e é através desses pedaços que entendemos o sentido efetivo de reviver o passado, pois trabalhar com a memória é restabelecer o vivido. De certa forma, essas diversas formas de apreensão do real ajudam a compreender o fascínio da história oral, pois as repetições e detalhes que funcionam como partes marcantes de uma entrevista pode ser esforço de refazer o percurso do que foi vivido (ALBERTI, 2004).

Convém lembrar que, a história oral proporciona mais do que conhecer o passado historiograficamente. Ela produz conhecimento sobre os costumes, hábitos, linguagem, fazeres, saberes e *práxis* cotidiana, este método não é apenas um relato da história de vida de outros indivíduos, mas sim “é a reflexão teórico-metodológica em torno da construção do conhecimento” (SILVA, 2006, p.187).

Dentro da história oral existem muitas possibilidades de pesquisa, pois é possível ampliar o conhecimento acerca do objeto e/ou processos através do passado. Na verdade, há um diálogo entre memória, história e tradição. Segundo Alberti (2004), entre os principais enfoques de pesquisa destacam-se: *História do cotidiano* que trata da reconstituição do cotidiano, dos signos e valores; *História política* refere-se aos grupos e atores onde se destacam suas ações e estratégia; *História de comunidades* histórias específicas de bairros, imigrantes, camponeses, além de auxiliar nas genealogias das famílias; *Histórias das instituições* abordam histórias do estado, organismos públicos; *Biografias* referem-se a (re) constituição de trajetórias de vidas; *História de experiências* podem ser usadas como relatos de experiências de grupos ou pessoas, principalmente incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas; *Registros das tradições culturais* surgem através da história oral quando o entrevistado se lembra de canções, lendas, provérbios; e ainda *História de memórias* são as representações do passado, estudam a constituição e formalização das memórias que são continuamente negociadas; essa construção da memória é importante, pois está atrelada a construção de identidades.



---

pelas lembranças dos moradores idosos. .

Consoante a algumas reflexões sobre o aproveitamento da história oral, deve-se ressaltar que a aplicação deste método desperta muitas discussões no que concerne à veracidade do discurso oral e a pertinência de sua aplicabilidade. Muitos estudiosos questionam a origem e o teor do ato de relembrar, por este estar baseado na subjetividade, pois tratam de lembranças, sentimentos e significados, elementos que podem ser facilmente modificados. De fato, segundo Bosi (1994, p. 416), “as versões alheias podem interferir alterando e turvando uma impressão cristalina [...]” do que foi vivido e presenciado. Discute-se ainda, que a história oral não tem a ver nem com o passado nem com o presente, mas sim, com as inquietações da mente humana. Entretanto, essas histórias da memória através dessas narrativas revelam, “[...] a capacidade dos seres humanos de pensar simbolicamente seus problemas complexos. A vida real é cheia de contradições, e os mitos nos dão meios de lidar com um mundo criado através de contradições [...]” (CRUIKSHANK apud FERREIRA; AMADO, 2005, p.153). A essência dessa metodologia é [...] “contribuir para uma história objetiva da subjetividade. Isso implica que o pesquisador deve ter como objetivo, ir além das simples histórias do acontecimento, interessando-se também pela história desse acontecimento até nossos dias” (ALBERTI, 2004, p.40).

Vale destacar que, segundo Alberti (2004), para a história oral cabe o modo de pensar hermenêutico, o qual incide em se colocar no lugar do outro para compreendê-lo. A palavra hermenêutica significa a arte de interpretar e sua relação com a história oral designa-se pela categoria das vivências, enfim da História Viva. A própria postura defendida na história oral é “genuinamente hermenêutica: o que fascina a entrevista é a possibilidade de tornar a vivenciar as experiências do outro, [...] sabendo compreender as expressões da vivência. Saber compreender significa realizar um trabalho de hermeneuta, de interpretar” (ALBERTI, 2004, p.18-19).

Essas entrevistas trabalham, sobretudo, com a possibilidade de construção de memórias. Nesta perspectiva, quando se trata de relatos de vida individual ou do grupo, a memória é elemento essencial na aplicação da história oral, pois nos mostra como o passado é construído e integrado a vida social e ao entendimento que o indivíduo tem de si. Pois constata Montenegro (1992, p.20), que a memória coletiva ou individual, ao reelaborar o real adquire uma dimensão centrada em uma construção imaginária e nos efeitos que essa representação provoca social e individualmente.

pelas lembranças dos moradores idosos. .

Propõe-se assim, nesta reelaboração do real, do acontecido, considerar os aspectos míticos da memória nos quais está associada aos povos antigos da Grécia que a entendiam como algo divino, onde a Mnemosyne, deusa da Grécia, filha de Urano e Gaia, se denominava a personificação da memória. Essa deusa,

irmã de Cronos e de Okeanós, do tempo e do oceano, preside a função poética que exige uma intervenção sobrenatural”É aquela que preserva o esquecimento e conduz a preservação do passado do tempo antigo. A memória é capaz de restaurar o tempo, ela configura “uma ponte entre o mundo dos vivos e o do além, ao qual retorna tudo o que deixou à luz do sol (BOSI, 1994, p. 89).

Essa evocação torna-se fonte do presente ao reviver o passado através da memória. Ela concedia aos poetas “o poder de voltar ao passado e de lembrá-lo para a coletividade, [...] conferia a imortalidade aos mortais, pois quando o artista ou historiador registram em suas obras a fisionomia [...] este nunca será esquecido (CHAUÍ, 2000, p. 130).

Mediante a esta evocação é conveniente lembrar, que esse “reviver o passado” envolve diretamente a dimensão do que foi vivido e apreendido pelas experiências do corpo e da mente. A memória torna-se pois, seleção e organização<sup>35</sup> daquilo que tem valor e significado e é herdada através da individualidade de cada um considerando as construções sociais inseridas em um contexto coletivo (ALBERTI, 2004).

Para Chauí (2000), o conceito de memória define-se pela evocação do passado, melhor dizendo, deve-se trazer para o presente as experiências passadas, registrando-as para que continue como lembrança. Esta lembrança designa-se por conservar o que não retornará ao presente. A memória apreende como função, segundo essa autora, a retenção de experiência ou conhecimento adquirido ao logo do acontecer histórico; é reconhecimento do percebido, conhecido ou ainda experimentado; tem a capacidade de evocar o passado a partir do presente. Dessa forma, por sua essencialidade para o plano do vivido segundo Aristóteles (apud CHAUÍ, 2000, p. 130), “é da memória que os homens derivam a experiência, pois as recordações repetidas da mesma produzem o efeito duma única experiência”. Graças à funcionalidade da memória é que se pode descortinar as experiências de toda a vida através do ato de lembrar, ela não é somente recordar, mas sim “revela uma das formas fundamentais de nossa existência, que é a relação com o tempo, e no tempo, com aquilo que está invisível, ausente e distante, isto é, o passado” (CHAUÍ, 2000, p. 130).

---

<sup>35</sup> Cabe aqui a afirmação “a memória é um cabedal do infinito do qual só registramos um fragmento” (BOSI, 1994, p.39).

pelas lembranças dos moradores idosos. .

Nesse entendimento, a memória do indivíduo está conectada às experiências efetivadas em um contexto sócio-cultural através das lembranças, “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho é trabalho” (BOSI, 1994, p. 55) e depende da interação com os demais sujeitos sociais, o relacionamento com a família, com a Igreja, classe social, entre outros, tornando-se assim coletiva. De tal modo, que a memória de um indivíduo está diretamente atrelada à memória coletiva da sociedade. Esta memória coletiva atua e determina a formação das memórias individuais variando de acordo com o espaço social que é vivido e praticado (HALLBWACHS, 2006). Diante de tal conhecimento, é uma (re) construção do passado contraposta aos fatos do presente, um passado que não se refere somente a um único indivíduo, no caso ao entrevistado, mas aquele inserido num contexto social, cultural e político onde as representações advindas desses processos intervêm nos valores e significados individuais (FERREIRA; AMADO, 2005). Como é constado por Bosi (1994, p. 47),

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações. Pela memória o passado não só vem à tona de águas presentes, misturando-se com percepções imediatas, como também empurra, “desloca” essas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.

Diante do exposto, como afirma Pollak (1992), a memória se constitui a partir de alguns elementos marcantes, os acontecimentos, os personagens/pessoas e os lugares. Com relação aos acontecimentos referem-se aos eventos vividos individualmente e aqueles que, como denomina o próprio autor, "vividos por tabela". Esses acontecimentos nasceram por experiência pessoal ou coletiva, na qual foram adquiridos significados que permeiam a formação do eu. Já os personagens são aqueles sujeitos que fizeram parte da história, indiretamente, mas que se transformaram em atores marcantes, devido suas ações, necessariamente não pertencendo ao espaço-tempo da pessoa entrevistadas. Por último, considera-se o lugar, que vinculado as lembranças pelos acontecimentos e processos existentes da interação do homem com o espaço, permanecem ativos pelos significados que lhe são inerentes.

pelas lembranças dos moradores idosos. .

Convém salientar que, esta constituição da memória é um processo constante de composição e conciliação da memória coletiva<sup>36</sup> e da memória individual<sup>37</sup>, pois defende Hallbwachs (2006, p. 39), “[...] para que nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles [...]”. Trabalhar com essa memória coletiva é buscar desembaraçar<sup>38</sup> um pouco da história do sujeito que lembra, sobretudo, de tudo o que o marcou e o conformou e que está sendo renovada a cada nova mudança e acontecimento.

Com essas marcas estão descritas principalmente em eventos do passado, nas variadas visões do tempo coletivo que se apóiam em tudo o que foi vivido, pois a memória sempre está interligada a organização da vida social. Diante de tais reflexões, é importante salientar o que ressalta Hallbwachs (2006, p. 79),

[...] nossa memória não se apóia na história apreendida, mas na história vivida. Por história, devemos entender não uma sucessão cronológica de eventos e de datas, mas tudo o que faz com que um período se distinga dos outros, do qual os livros em geral nos apresentam apenas um quadro muito esquemático e incompleto.

Esse “descortinar a história vivida”, tão importante na formação da memória, deve ser entendida como um processo coletivo de interpretações de práticas e vivências vividas e sentidas, com o intuito de salvaguardar os elos afetivos, o sentimento de pertencimento principalmente presentes em lugares como aldeias, igrejas, famílias entre outros (HALLBWACHS, 2006).

Diante de tais considerações, levar-se-á em conta o enfoque dado à memória direcionando-a aos valores e significados presentes na concepção do ser pontalense, sob a ótica dos idosos residentes no bairro. Pois, essas impressões gravadas e (re)construídas pelo grupo social são essenciais e formam,

[...] um sistema que subsiste enquanto puder sobreviver a memória grupal. Se por acaso esquecemos, não basta que outros testemunhem o que vivemos. É preciso mais: é preciso estar sempre confrontando, comunicando e recebendo impressões para que nossas lembranças ganhem consistência[...] (BOSI, 1994, p.414).

<sup>36</sup> “Contudo, a memória coletiva tira sua força e duração por ter base no conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo” (HALLBWACHS, 2006, p. 69).

<sup>37</sup> “[...]a memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes” (HALLBWACHS, 2006, p. 69).

<sup>38</sup> Essa palavra é entendida como “o descortinar” lembranças, alegrias, tristezas, fatos e/ou acontecimentos inerentes a vida de quem lembra.

pelas lembranças dos moradores idosos. .

Ressalta-se, então, que este recorte epistemológico foi efetivado pelo fato dos idosos serem detentores da experiência da dinâmica real local e sabedoria mais bem delineada acerca do bairro. Para discorrer de modo mais pormenorizado sobre tais aspectos, serão descritos a seguir os principais enfoques do aporte metodológico, bem como, cada passo da aplicação desta metodologia.

### 3.2. PASSOS MARCADOS – BALANÇO DE UMA EXPERIÊNCIA

De como tudo começa, de como nada finda, se transforma:/ das origens e das histórias/ Há um enredo comprido, feito novelo que se desenrola, / em busca do fio da meada a gênese e o acaso/ Há, sim, sob o lodo da Mundaú, debatendo-se nas ondas do mar/ embaraçando-se nas tramas das rendas e redes/ várias pequenas história a contar/ para fazer rir e gargalhar, chorar, esquecer/ histórias de morrer e de viver/ histórias gentes e lugares/ enredos que são biografias e destinos (IZP, 2004, p.06).

Entender as representações sociais, as formações espaciais e históricas e, sobretudo, o cotidiano é um trabalho que exige um olhar atento e determinado para interpretar as relações intrínsecas entre os moradores e o lugar. Essa relação do indivíduo com o “objeto/lugar/acontecimento” (FERREIRA; AMADO, 2005) interfere diretamente nos elementos formadores da identidade social, do “ser pontalense”, pois a cada vivência do passado e do presente, essas representações se renovam e/ou completam produzindo, assim, a essencialidade tanto do lugar quanto do próprio homem.

Diante deste ângulo de análise, a compreensão do Pontal da Barra, enquanto *lócus* da vida social produziu, para esta pesquisa, uma análise que utilizou a memória, não apenas como objetivo de fazer relembrar as experiências do passado, mas também como captação e reflexão das principais características e elementos que atuam na concepção e dinâmica das práticas sociais e simbólicas do bairro. Com efeito, a escolha da História Oral como aporte metodológico baseou-se na necessidade de conhecer e aprofundar os conhecimentos através de referenciais que compõem o cotidiano e as práticas espaciais características do bairro sob a ótica dos moradores.

Conforme se percebe, para sedimentar tal *práxis* é necessário empreender uma leitura multifacetada, para que cada registro oral caracterize a essência da realidade urbana presente no local. Nesta perspectiva, este trabalho busca tratar das histórias do cotidiano, como base foi focada nas experiências das histórias de vida. Através da coleta dos

pelas lembranças dos moradores idosos. .

depoimentos, se buscará reconhecer os elementos simbólicos inerentes à sua identidade atribuída pela história e atividades cotidianas exercidas na comunidade. Tal procedimento condiz com as considerações descritas por Lago (1996, p.23), quando afirma que

A história de vida (valendo-se da entrevista para obter o relato oral do informante, com um mínimo de interferência do pesquisador) expressa a essência da abordagem antropológica, no estar atento a outro, deixar-se envolver por ele, calar a própria voz para escutar a dele, procurando desvendar sua visão de mundo através dessa escuta e observações atentas. “É uma técnica que utiliza a fala como instrumento de pesquisa”.

Existe a preocupação de não apenas apreender os elementos que estruturam a identidade, mas também tornar a história desses entrevistados, em fortalecimento dessa identidade e de espacialização dos seus saberes<sup>39</sup>, pois essas histórias foram produzidas a partir da vida e práticas desenvolvidas no bairro, pois “é no local de moradia, nas associações e agremiações recreativas, nas praças, esquinas e bares, na rua e na casa que transcorre este vasto processo dinâmico de formação cultural, tornando o mundo mais denso de significados nem fixos, nem finais, nem únicos (ZALUAR apud MONTENEGRO, 1992, p.39).

Decorrendo de tamanho referencial, a articulação metodológica da História Oral buscou avaliar os aspectos que influem na formação da identidade do local através de três aspectos: os simbólicos, os sociais e os históricos. A estrutura simbólica abrange os significados presentes nas relações de vizinhança, na forte ligação dos habitantes com o elemento água, (Lagoa Mundaú e o mar) e nas significações implícitas na relação “*habitante-lugar*”<sup>40</sup>. Os aspectos sociais compreendem o cotidiano, as manifestações festivas, religião, além do que concerne no bairro, neste caso, entendido como lugar das vivências da vida social. Por fim, entre os aspectos históricos, ressaltam-se a formação do espaço habitado, sua “evolução” e as interferências causadas pela implantação da indústria. Com efeito, esse recorte analítico fundamenta-se com intuito de balisar e extrair os reais significados e elementos da identidade na visão dos moradores, pois se reconhece desta forma o estrato do viver no Pontal, do estar no Pontal e, sobretudo do ser pontalense.

Deve-se lembrar, que a aplicação da história oral de *per si* tem promovido inúmeras reflexões que compreendem desde a arte de interpretar, a hermenêutica, até a construção de

<sup>39</sup> O saber popular é desenvolvido com um sabor de narrativas de histórias, contadas em rodas de conversa, onde todos têm um detalhe a acrescentar, remodelar (MONTENEGRO, 1992, p. 56).

<sup>40</sup> Expressão muito utilizada por CARLOS (1996).



pelas lembranças dos moradores idosos. .

uma identidade de si e do que o cerca. Tal assertiva é comprovada quando se realizam entrevistas com os residentes, neste caso específico os idosos locais, pois fica explícito a transformação de lembranças, acontecimentos, fatos, períodos da vida em fontes de análise e pesquisa que traduz a realidade do passado contraposta a do presente. Através da essencialidade da vida de cada entrevistado, é possível constatar que “as lembranças que ouvimos de pessoas idosas têm assento nas pedras da cidade presentes em nossos afetos, de uma maneira bem mais estranha do que podemos imaginar” (BOSI, 1994, p. 443).

### 3.2.1 A DESCRIÇÃO DO CAMINHO- ENTREVISTAS E APLICAÇÕES

Como ponto inicial deste trabalho, desenvolveu-se um estudo acerca do processo histórico do bairro, bem como o de formação da própria cidade, através de dados textuais coletados em instituições públicas, nos documentos textuais sobre a história de Alagoas, além de trabalhos realizados como, por exemplo, o Dossiê de Tombamento do bairro, o PLEC – Projeto de Levantamento Ecológico Cultural da Região das Lagoas Mundaú e Manguaba, entre outros. Este eixo de investigação introduziu a reflexão acerca da história, e essencialmente dos fatores sociais, econômicos do local, sempre com desígnio de perceber as relações subjetivas (simbólicas e materiais), intrínsecas ao bairro.

Nesta perspectiva, o processo de compreensão da identidade, da vida social e dos aspectos subjetivos<sup>41</sup> necessitou de uma metodologia presente no campo das ciências sociais, que abordasse o conhecimento através de seus múltiplos significados advindo da experiência de ouvir histórias e, sobretudo, interpretá-las. Assim, era possível entender e explorar as questões relacionadas à formação do local e também os valores presentes nas relações dos usuários com o próprio bairro.

Optou-se desta maneira, pela História Oral, um sistema metodológico coerente e aberto, da História Oral, capaz de construir e transmitir conhecimentos aportados na memória e que se destaca por trabalhar com as questões qualitativas e não quantitativas. Vale ressaltar que, no contexto, adentrar cuidadosamente nas questões lúdicas que fazem parte da vivência e do cotidiano, como música, festas, o ritual de nascimento e morte,

---

<sup>41</sup> Neste caso refere-se a inserção do sujeito em um determinado lugar, suas vivências sociais, cotidiano enfim as dinâmicas dos processos sociais e seus significados.

pelas lembranças dos moradores idosos. .

através da história oral as narrativas tornam-se ricas de informações e conhecimentos representativos do espaço habitado. Desse modo, o que é relevante em trazer à tona as passagens vividas pela memória é o fato de que este se torna um processo ativo de significados e impressões.

Diante desta assertiva, foram estruturados todos os procedimentos necessários a aplicação de tal metodologia, tais como: estruturação do banco de dados, pesquisa piloto, entrevistas, transcrição e finalmente a análise, para que fosse construída desta forma uma visão mais real da dinâmica do espaço do Pontal da Barra. É válido observar, que a essência da História Oral é trabalhar com os fatos e não como situações carentes e não vinculadas da construção de uma identidade. Esta metodologia concede informações sobre a história da sociedade, concentrando todas as características de um determinado grupo. Ela permite reconstruir o cotidiano, através da história pessoal que se encontra entremeada à história do lugar.

Consciente do alcance da metodologia considerou-se a sua aplicação no Pontal da Barra, através dos caminhos da memória, tendo como personagem os idosos residentes do bairro. Essa parcela da população detém uma memória social atual mais bem conceituada com relação ao tempo, pois, conforme Bosi (1994, p. 60),

O velho não se contenta, em geral, de aguardar passivamente que as lembranças o despertem, ele procura precisá-las, ele interroga outros velhos, compulsua seus velhos papéis, suas antigas cartas e, principalmente, conta aquilo de que se lembra quando não cuida de fixá-los por escrito. Em suma, o velho se interessa pelo passado bem mais que o adulto, mas daí não se segue que esteja em condições de evocar mais lembranças desse passado bem mais que o adulto [...].

Tal constatação faz consonância com o que suscita Alberti (2004, p.14) quando diz: “Ouvindo-os falar temos a sensação de ouvir a história sendo contada em um contínuo, temos a sensação que as discontinuidades são abolidas e recheadas com ingredientes pessoais: emoções, reações, observações, relatos pitorescos”.

Trabalhar com os idosos é, sobretudo, entender como se dispõem os vínculos de cada período da vida, como a infância, a adolescência, a maturidade, contrapostos aos acontecimentos do presente, dos avanços e descobertas. Conforme explicita Montenegro (1992, p.26), “a história dos velhos é objeto de fortalecimento da identidade cultural e de socialização de suas experiências e do seu saber”. Este aporte conceitual também é ainda confirmado por Bosi (1994, p. 60) quando menciona,

pelas lembranças dos moradores idosos. .

Nelas [lembranças de idosos] é possível verificar uma história social bem desenvolvida: eles [idosos] já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; eles já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida na lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que uma pessoa de idade.

Deve-se ainda destacar, que a abordagem direcionada aos idosos é capaz de adentrar nas reentrâncias da essencialidade da vida, dos fatos que a marcaram. É tê-los como agentes sociais que desempenham a função social de *lembrar*, e diferente do adulto, que entrelaçado com as tarefas relacionadas ao tempo presente, não se ocupa em recordar as experiências do “antes”, nem mesmo em se entregar às delícias do passado. Sob a ótica dos idosos fica latente a relevância simbólica da vivência no local (da infância à velhice), a relação intensa com a Lagoa Mundaú (modos de vida e identidade), a cultura, a relação homem x espaço, além dos reflexos do turismo atividade já agregada ao cotidiano.

Este alcance do *modus vivendi* da população através da memória de pessoas idosas sugere inúmeras interpretações, mas que estão embasadas essencialmente nesse processo de interação do homem com o lugar. Como entende o próprio Certeau (1994) essa interação é o resultado de uma caminhada, da sucessão de passos numa calçada, pouco a pouco significada pelo seu vínculo orgânico com a residência<sup>42</sup>. Entretanto, é necessário atentar para os processos e transformações que o passado sofre, pois segundo Bosi (1994), através dos preconceitos, das preferências impostas pela sociedade, os idosos podem “modelar” o passado de acordo com o que foi apreendido pelos fatos e acontecimentos que foram vividos, pelos sonhos não realizados.

Atenta a essas considerações, a estruturação do instrumental metodológico iniciou-se pelo desenvolvimento de entrevistas que tinha como suporte a utilização de um banco de dados, um roteiro guia que aborda o entrevistado sobre assuntos relacionados ao lugar, a fatos e acontecimentos, ao cotidiano, aos hábitos, enfim à história de vida. O primeiro plano de perguntas relacionava-se às informações essenciais como, nome, sexo, idade, filiação, escolaridade e as demais a fatos da vivência, da infância, da religião, dos costumes, festas, além dos saberes e fazeres<sup>43</sup>. Esta experiência se tornou essencial para a

---

42 Aqui entendida como o bairro do Pontal da Barra

43 O banco de dados pode ser consultado no Anexo 1

pelas lembranças dos moradores idosos. .

consolidação da pesquisa-piloto, aplicada, correspondentemente a uma pequena amostra que contemplou a história de vida de alguns idosos locais.

De maneira geral, a aplicação da pesquisa piloto manteve o caráter semi-dirigido<sup>44</sup> e serviu para identificar alguns aspectos positivos e negativos do pré-teste ou banco de dados inicial. Essa pequena amostra foi capaz de balizar algumas considerações que faltavam para melhor formatação do roteiro final de entrevistas, além de fortalecer o envolvimento da pesquisadora com o bairro e com seus moradores. Foi ainda realizado o aperfeiçoamento e reformulação de algumas perguntas do banco de dados, e posteriormente a aplicação desta nova fonte de pesquisa.

Com o intuito de avaliar os elementos formadores da identidade do Pontal da Barra, foram inquiridos nove idosos, a maioria nascidos no próprio bairro e com vida social ativa. A rede de entrevistados foi determinada de acordo com os seguintes critérios: pessoas nascidas no bairro, e que tivessem vínculos de parentesco com fundadores do local ou até mesmo morado ou conhecido o núcleo original; pessoas que estivessem na faixa etária de 60 a 80 anos; e por fim, pessoas que estivessem com as relações sociais e seus saberes e fazeres, ativos. Nesta etapa de investigação realizou-se a abordagem dos moradores presentes nas ruas sinuosas do bairro, nas praças, calçadas e nas margens do Canal Calunga seguindo os aspectos acima citados, no qual era precedido por uma síntese da pesquisa.

No que concerne ao recorte numérico (entrevista com nove idosos), este se embasou na premissa de que a história oral é um procedimento qualitativo e não quantitativo, como já descrito anteriormente, e de que, quando se trata de relatos de vida, há uma preocupação com a análise de cada lembrança, de cada fato e acontecimento a partir da veracidade do ato de lembrar descrito pelo respondente. A importância das narrativas para a história oral ultrapassa a simples e fria ação de documentação da história representando a transmissão da *história viva* de cada época, já que se trata da realidade do que a gerou. Nota-se também, que quando coletadas as últimas entrevistas, já era comprovada e explícita a repetição de informações.

Em meio a tais constatações, apesar de seguir um roteiro pré-determinado, as entrevistas foram desempenhadas com a preocupação e o respeito com a fala do narrador e atento a “desvios e devaneios” relacionados ao ato de lembrar. Este procedimento serviu para contextualizar e entender o real funcionamento do bairro e do cotidiano dos

---

44 É aquela entrevista que a partir de uma conversa aberta e coerente com o banco de dados, a relação entrevistador e entrevistado pode esclarecer aquilo que seja interessante para ambos, sem dirigir passo a passo a testemunha nem deixá-la livre reduzindo desta forma o papel do entrevistador (FERREIRA; AMADO, 2005).

pelas lembranças dos moradores idosos. .

entrevistados, isto porque os respondentes falaram com liberdade a respeito de sua vida, infância, relações de trabalho e etc.

Sob esta compreensão, deve-se salientar que, tão importante quanto a coleta é a transcrição dos dados coletados, pois é nesta etapa que se efetiva a reprodução real do discurso com total fidelidade, de modo a respeitar vícios de linguagem, pontuação e até mesmo erros gramaticais.

Ciente desta seriedade, as transcrições foram feitas pela própria pesquisadora e imediatamente após a coleta das entrevistas. No intuito de torná-las legíveis foram ainda adicionados alguns sinais de pontuação, indicando pausas, emoções, ritmos, gestos, ações essenciais para interpretação das entrevistas. Estes atos são mais evidenciados quando os narradores são membros do povo, pois descrevem novas formas de vocabulário, variações de matizes, entonações, vícios de linguagem característicos do local no qual estão inseridos.

Foram também adotadas certas medidas ancoradas num aporte bibliográfico acerca desta metodologia, descritas a seguir: dúvidas, silêncio são assinalados por reticências; Risos e descontração serão descritos com anotações, como por exemplo: (Risos); Serão corrigidos no rodapé os erros gramaticais e vícios de linguagem; a entrevista será descrita na íntegra com perguntas e respostas; e por fim, as pessoas citadas são descritas por suas iniciais. Convém mencionar, que estas entrevistas foram gravadas em um único local e anexadas junto ao trabalho final, para comprovação da veracidade desta pesquisa.

A valorização das características do local pelos moradores é uma forma de revelar, com bastante clareza, o ambiente simbólico/psicológico, que emerge das inter-relações advindas da vivência com outros moradores e com o próprio espaço.

Para interpretação não existem regras rígidas, mas sempre deve ser mantida a real idéia defendida pelo narrador. No contexto desta pesquisa, a análise das entrevistas é passo fundamental para a construção, ou melhor, para o entendimento da identidade do Pontal da Barra, pois a história oral revela mais sobre significados e percepções do que propriamente sobre eventos.

Em outras palavras, através da apreciação desses relatos orais foram concretizadas as devidas conexões necessárias para entender e identificar as particularidades que compõem o Pontal da Barra, além de rastrear como se formaram e apresentam os elos afetivos, espaciais presentes na vida social.

pelas lembranças dos moradores idosos. .

Obteve-se assim, através desses relatos orais uma fonte de conhecimento passível de muitas interpretações, e que empregam a memória como traço de um saber individual, mas que por estar inserido em uma vida coletiva traduz características presentes em todo o grupo social. Como descreve a própria Bosi (1994, p.66) quando se trata da memória “fica o que significa”, os diversos significados que revelam a identidade do bairro estão presentes em cada fragmento de lembranças presentes nas entrevistas, que podem ser constatadas a seguir.

### 3.3 VOZES DA MEMÓRIA.

#### MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO

**ENTREVISTADORA: VANESSA MARIA DE MELO GONÇALVES (V.G)**

**LOCAL: PONTAL DA BARRA**

#### BANCO DE DADOS

**DATA DA ENTREVISTA: JULHO 2008**

**NOME: YONE MARIA DE OLIVEIRA (Y.O.) IDADE: 78 ANOS**

**RENATO DE OLIVEIRA (R.O.) IDADE: 69 ANOS**

**PROFISSÃO: COMERCIANTE, RENDEIRA, COZINHEIRA E DONA NO REST MARÉ / PESCADOR**

**FILIAÇÃO: BENEDITA DE SOUZA NUNES / EPIFÂNIO VALOZ NUNES**

**FORMAÇÃO EDUCACIONAL: [ ] NENHUM [ X ] ENSINO FUNDAMENTAL  
[ ] ENSINO MÉDIO [ ] ENSINO SUPERIO**

**V.G. - A SENHORA NASCEU AQUI NO PONTAL?**

**Y.O. - Não! Nasci no Riacho Velho.**

**V.G. - QUANDO E POR QUE DECIDIU MORAR NO PONTAL DA BARRA?**

**Y.O. - (Risos) Porque a minha mãe, arrente<sup>45</sup> tudo pequeno, o meu pai já velho era agricultor e ele você sabe né<sup>46</sup> mulé<sup>47</sup>, o coitado já velho, arrente tudo pequeno. Mamãe era quem se aperriava<sup>48</sup>. aí disse: Eu vou procurar uma melhora pra mim, mais as minhas filha.**

<sup>45</sup> Arrente = a gente

<sup>46</sup> né = não é?

<sup>47</sup> Mulé = mulher

<sup>48</sup> aperriava = preocupava-se



pelas lembranças dos moradores idosos. .

Aí nos viemo<sup>49</sup> praqui<sup>50</sup>, eu fui crescendo. Depois a gente ia pras<sup>51</sup> proas do maçonim, tirar maçonim pra vender, pá<sup>52</sup> comer, mais a minha mãe e os meus irmãos. Depois fui lavar roupa de ganho, tudo isso já fiz!

**V.G. - A INFÂNCIA DA SENHORA FOI NO PONTAL ? PODERIA ME CONTAR UM POUCO.**

**Y.O. -** (Risos) Hum ... Foi boa não. Foi nada, muitos problemas família né... minha filha.

**V.G. - QUAIS AS MÚSICAS MAIS CANTADAS NESTAS FESTIVIDADES?**

**Y.O. -** Não tinha não. Nunca brinquei não, nunca fui de diversão, não. Eu nunca fui... Minha mamãe e não deixava. Aí o povo diz, não se julga... é o jeito da pessoa.

**V.G. - VOCÊ TEM FILHOS? ELES RESIDEM NO BAIRRO?**

**Y.O. -** Não, nunca tive.

**V.G. - E AS PAQUERAS, ENCONTROS/ NAMOROS? QUAIS SEUS SONHOS QUANDO JOVENS?**

**Y.O. -** (Risos). Eu nem sei dizer isso agora. (Risos)

**V.G. - COMPARANDO O PONTAL DE ONTEM COM O DE HOJE ALGO MUDOU?**

**Y.O. -** Eu vou ser sincera, não acho que melhorar nada não. Acho que tá<sup>53</sup> a mesma coisa.

**V.G. - E A SENHORA SE SENTE PARTE DO PONTAL? SE VÊ UMA POTALENSE?**

**Y.O. -** Não! Eu morro em Riacho Velho! Perto de Marechal Deodoro. Riacho Velho Agora tá outro! Quando... o fandango num foi, agora! ...É, Riacho que agora tá uma cidade! Tem o cuble<sup>54</sup> que é da família dos Quintelas, Zé já morreu, tem agora o Dr. Jorge, Dr. Paulo, mas os velhos já morreram. Tinha naquele natal nerá<sup>55</sup>? Nós fazia uma festa. Tinha aqueles, os meninos do cuble, aí ia dançar, pra ganhar bola.

**V.G. - QUAIS SÃO AS FESTIVIDADES/ DATAS MAIS COMEMORADAS AQUI NO PONTAL?**

**R.O. -** Aqui é festa mermo<sup>56</sup>... que toda vida sempre gostou aqui é de São Sebastião. Janeiro. Fandango, já faz muitos anos... fandango é muito velho já, agora teve um tempo sem... agora melhorou.

**Y.O. -** De São Sebastião. 20 de janeiro.

**V.G. - EXISTEM MUITAS HISTÓRIAS SOBRE O PONTAL, PODERIA CONTAR ALGUMA? LENDAS?**

**R.O. -** Oia<sup>57</sup> quando a gente chegou aqui... existe, tudo já existe, na baixa ainda existe aquela politicazinha de... de cima com o de baixo, ainda existe, agora quando a gente

<sup>49</sup> viemo = viemos

<sup>50</sup> praqui = para aqui

<sup>51</sup> pras = para as

<sup>52</sup> pá = para

<sup>53</sup> Ta = está

<sup>54</sup> Cuble = clube

<sup>55</sup> Nera = não era?

<sup>56</sup> Mermo = mesmo

pelas lembranças dos moradores idosos. .

chegou era mais cavernoso sabe? Imperialista com o comunista tinha um que o chefão era o encarregado... Mas era assim na política. hoje mais... ainda tem aquele mesmo carrancozinho, né?

**Y.O.** - Tem uma divisão, o povo de lá não se dá bem com os daqui. Da igreja pra cá é o de cima e prá lá e o de baixo.

**V.G. - E NA FESTA DE SÃO SEBASTIÃO O PONTAL NÃO SE UNE?**

**Y.O.** - Não! Junta tudo.

**V.G. - QUAL O ELEMENTO QUE A SENHORA LEMBRA DO PONTAL?**

**Y.O.** - Oia, tem 77 anos que a gente mora aqui. Lembro daquela morte, que teve lá em cima, acho que você não era nascida.

**R.O.** - Eu não acho nada.

**V.G. - E EM TERMO DE PAISAGEM, O QUE LEMBRA O PONTAL?**

**R.O.** - Primeiramente quando a gente chegamos<sup>58</sup> aqui era casa de palha, arrocada de palha, o piso não era isso, era areia mermo e... as casa que tinha mais aqui era do finado Cipriano depois o seu Jorge da padaria e alguma casa, alguma casa, mas o resto tudo era casinha tipo mucambo mermo (Risos), em geral, daqui era sempre melhozinha porque era... tapada de barro, nera? As melhozinha<sup>59</sup>, mas o resto lá pra banda de prainha era de palha.

**Y.O.** - As casas de palha, eu gostava mais das casas de moradia de lá.

**R.O.** - Porque era mais tranqüilo. Tinha mais tranqüilidade, o pessoal tinha mais, quem morava aqui já tinha aquele negócio de quem era melhor... (Risos)

**V.G. - O QUE A LAGOA REPRESENTA PRA VOCÊS?**

**R.O.** - Nossa água azul? Mudou muito, mudou, mudou, mudou ... eu deixo de pescar, mas criei meus filhos tudinho da pesca, depois que eu fui pra... prefeitura, quando eu fui pra prefeitura tinha 42 anos, Luis Correia que era vereador do... daquele tempo do, do Suruagy que me butou<sup>60</sup> e butou ela. Sabe? Eu me aposentei e terei 35 anos de serviço... e o mas sempre, o que ganhava não dava, o emprego não dava, o que ganhava não dava eu tinha que me virar na pescaria. Me aposentei um, um, um salariozinho melhor, depois a FEMAC foi extinta, e o pessoal que era da FEMAC foi pra guarda municipal, pra guarda municipal, e na guarda municipal eu me aposentei.

**V.G. - E O FILÉ, QUAL A HISTÓRIA ? A SENHORA FAZ O FILÉ?**

**Y.O.** - Eu sei. Faço mais não, fazia muito... Agora faço só a rede. Conhece? Só a rede que eu faço.

**V.G. - QUAL A HISTÓRIA, COMO VEIO PRA CÁ, COMO FOI QUE SURTIU?**

**Y.O.** - Já, já. Todo mundo fazia. Foi sim, minha irmã me ensinou, minhas irmãs me ensinaram, eu fazer. Eu fazia colcha, era cheio fazer o filé. Era cheio.

**V.G. - E HOJE?**

<sup>57</sup> Oia = Olha

<sup>58</sup> Chegamos = chegamos

<sup>59</sup> Melhozinha = Melhorzinha

<sup>60</sup> Butou = colocou

pelas lembranças dos moradores idosos. .

**Y.O.** - Hoje? Faço uma redinha assim, a pessoa dessa idade e... já tem aposentadoria dá pra eu me virar. (Risos)

### **V.G. - E COMO SURTIU A DIVISÃO?**

**R.O.** - É porque toda vida teve, porque tinha gente que vivia melhor de situação, né? Os que tinha os melhor lugar, sempre um maior que o outro, um mais que o outro.

**Y.O.** - Porque a gente não nascemo<sup>61</sup> aqui e sempre acaba, não sabe? Ainda existe essa divisão. Ainda hoje. Ainda existe.

### **V.G. - E COM A CHEGADA DO SALGEMA MUDOU ALGO?**

**Y.O.** - Pra mim, pra nós não, mas alguém por aí...? (Risos) Ela agora riu. Antes dessa SALGEMA, não tinha... Ninguém reclamava de pressão alta, depois, todo mundo tem.

**R.O.** - Melhora não. É muita política, quem tá... dela, só pode achar bom, né mermo? vai dizer que ta ruim? Não? Ói<sup>62</sup> o principal dela não era pra ter festa, era ela comprar material suficiente pra a população de Pontal da Barra toda, só as máscara pra proteger, ter gente suficiente pá<sup>63</sup>, pá ensinar como é que... na hora. Teve reunião eu mermo num fui não, porque já num posso, né? Mas tem gente que falou, disse que ela mermo não tem condições, como que não tem condições? Como é que ele montou, sabia que é vazamento de, de, de veneno de pior a pior? E porque disse que não pode? Agora fica assim pra nós...

### **V.G. - E COMO SE APRESENTA A RELIGIÃO DO PONTAL?**

**Y.O.** - Meus pais tudo era católicos, minha família tudo é católica e morro sendo católica. Eu não gosto, é de mim mesmo não gostar (*igreja evangélica*)... Na igreja São Sebastião. Vixe<sup>64</sup> Maria, eu adoro São Sebastião. Eu chego lá dia de domingo, que vou pra missa, oh que eu olho assim pra dentro que eu vejo ele lá, o santinho dele ...“*Ah meu Sebastião, cuidai da minha saúde e da minha família.*”

**R.O.** - Aqueles que são considerados da família do riacho, todos que fazem parte da nossa Igreja de São Sebastião.

### **V.G. - SOBRE OS COSTUMES DE ANTIGAMENTE...**

**Y.O.** - Oxe, meu pai fazia... Agente ia de pé<sup>65</sup> né, daqui da boca da caixa, prá o Riacho Velho. Eu, a mamãe e ele e a Creuza, minha irmã, que morreu. Tinha uma velha que criaram a mamãe. A mamãe dizia: Oi é pra ir pra casa da ladinha, pra darem a bença<sup>66</sup> a Ladinha. Eu dizia logo: eu não vou, você vai! Ela dizia isso né, ninguém ia teimar com ela... Como eu já sabia onde era a casa dela, quando eu chegava perto... Via aquela casa. Daqui mermo daonde<sup>67</sup> eu tava marcava carreira, passava lá pela casa dela só pra não dá bença, repara só. (Risos). A Creuza ia pra lá, aí e ela dizia assim: Oh Maria cadê a Ione? A mamãe: Oia onde ela tá oia, passou na carreira. Ai ela fazia: mas ela é danada mermo né Maria? Aí a mamãe: Aquela não tem quem agente ela não, é assim mermo.

### **V.G. - SOBRE AS IDAS A OUTROS BAIRROS, COMO ELES FALAM MACEIÓ, ANTIGAMENTE...**

<sup>61</sup> Nascemo = nascemos

<sup>62</sup> Oi = Olhe

<sup>63</sup> Pá = para

<sup>64</sup> Vixe = virgem

<sup>65</sup> De pé = andando

<sup>66</sup> Bença = benção

<sup>67</sup> Daonde = de onde

pelas lembranças dos moradores idosos. .

**Y.O.** - De pé, a gente ia para o Trapiche, de pé. Pela berada<sup>68</sup>, maré cheia, com água por aqui, a gente passava... A gente suspendia a roupa, botava aqui em cima. Às vezes a gente tirava a roupa, (Risos) pra não molhar num é mulher! (Risos) A gente tirava quando passava pela água, aí botava...

**V.G. - SOBRE A FESTA DE SÃO SEBASTIÃO...**

**Y.O.** - Era, era muito animado. Quando era meio dia, essa praça já tava cheia de gente pra acompanhar a procissão de São Sebastião. O pessoal do centro, do Trapiche, do Prado. Mas... também esse ano...

**V.G. - VOCÊS TÊM FOTO ANTIGA DO PONTAL OU DE FESTAS?**

**R.O.** - Não a gente nunca... não. Era tom bom, a procissão de São Sebastião era de canoa, agente ia da boca da barra ia até o Trapiche. Era uma festisse<sup>69</sup> toda.

**Y.O.** - Quando era meio dia, essa praça já tava cheio de gente pra acompanhar a procissão, o pessoal<sup>70</sup> do Centro, do Trapiche.

**V.G. - COMO FOI A CHEGADA DO TURISMO?**

**Y.O.** - Oi, já foi melhor... Dão dinheiro pra levar os turista pra ir na casa dela. Lá tem tudo. Fica 4, 5, 6, carro na porta dela e os outros fica olhando.

**R.O.** - Cada uma, uma loja dessa que existe aquela políticazinha.

**MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO**

**ENTREVISTADORA: VANESSA MARIA DE MELO GONÇALVES (V.G)**

**LOCAL: PONTAL DA BARRA**

**BANCO DE DADOS**

**DATA DA ENTREVISTA: JULHO 2008**

**NOME: SIDNEIDE SOUZA SANTOS (S.S.) IDADE: 73 ANOS**

**PROFISSÃO: COMERCIANTE, RENDEIRA, COZINHEIRA E DONA NO REST MARÉ**

**FILIAÇÃO: BENEDITA DE SOUZA NUNES / EPIFÂNIO VALOZ NUNES**

**FORMAÇÃO EDUCACIONAL: [ X ] NENHUM [ ] ENSINO FUNDAMENTAL  
[ ] ENSINO MÉDIO [ ] ENSINO SUPERIOR**

**V.G. - A SENHORA TEM ALGUMA PROFISSÃO?**

**S.S.** - Já fui comerciante, fiz artesanato. Tomei conta de restaurante do Maré. Passei 18 anos, trabalhando lá na cozinha, cozinhando. Mão na massa mesmo. Lutando mesmo. Trabalhando de 7 da manhã as 2 da manhã do outro dia. Meus filhos hoje, tomam conta. Vai passando de um pra outro.

**V.G. - ONDE VOCÊ NASCEU?**

<sup>68</sup> Berada = borda, margem

<sup>69</sup> Festisse = festança

<sup>70</sup> Pessoá = pessoal

pelas lembranças dos moradores idosos. .

**S.S.** – Foi, nasci no Pontal.

**V.G. - A SENHORA PEGOU O PONTAL AINDA NA PRAINHA?**

**S.S.** - Peguei, só que não me lembro. Eu tinha sabe quantos anos? Eu tinha 4 anos, depois de 4 anos eu fui pra, morar na cidade. Fui criada com a madrinha.

**V.G. - O QUE É O BAIRRO PARA VOCÊ?**

**S.S.** - Antigamente, que eu era pequena, eu não entendia nada né? Mas depois que eu vim já casada, viúva, novamente pra eu morar aqui, aí Pontal sempre foi um bairrozinho pobre né, nunca teve nada, nunca teve a SALGEMA, num tinha restaurante, num tinha estrada, num tinha luz, num tinha água, num tinha nada. Eu era viúva e já não tinha. Veio melhorar de um tempo pra cá. Depois que mais ou menos com uns que eu tinha 18 anos, quando eu voltei que já tava viúva. Tava viúva com 18 anos, já. Eu fui criada lá na cidade. Depois quando eu tava viúva, aí eu voltei. Vim pra cá, pra casa da minha mãe. Aí fiquei na casa da minha mãe.

**V.G. - QUAL FOI O BAIRRO QUE A SENHORA SE CRIOU?**

**S.S.** - Oi, eu fiquei dois anos no Passo de Camaragibe, era... eu tinha mais ou menos, meus 4 ano quando eu fui pra lá. Nós voltamos de Passo do Camaragibe já tava com 8 anos. Passei mais ou menos 4 anos lá. Aí quando voltamos, aí fomo morar lá na rua do Imperador. Passamos um bucado<sup>71</sup> de tempo. Depois dali nos fomo pra Recife, pronto quando eu saí da Rua do Imperador, eu já estava casada. Eu me casei lá. Me casei com 14 anos, não me casei né, me casaram né? Com 14 anos eu era uma menina, num entedia nada. Pra mim tudo era bacana, né!! ( risos) aí fomos pra..., aí fiquei viúva aí ela resolveu, minha madrinha, resolveu ir pra Recife, passar um tempo. Aí nos fomo pra Recife, lá num<sup>72</sup> tava<sup>73</sup> muito bom pra mim, que eu já tinha um filho, tava com um filho. Eu tinha que ter responsabilidade, dar atenção dento<sup>74</sup> de casa, o dinheiro que eu ganhava era muito pouco. Ele era jornalista. E o dinheiro que ficou era uma pensãozinha, desse tamanho, pra mim. Eu assumi. E a minha madrinha, o marido dela, que sempre foi muito exigente, muito ruim, e que queria que eu desse tudo. E eu trabalhava né, e ela era costureira, e eu trabalhava com ela fazendo bordado, costura essa coisa. Fora o serviço de casa que também ajudava ela. Naquele tempo, ela não tinha empregada era eu e outra, nos tomava conta da casa. Depois eu digo, hum eu vou me bora<sup>75</sup>.

**V.G. - O QUE É SER PONTALENSE?**

**S.S.** - Ah sou, de coração até morrer, até morrer, oxeee! O Pontal era muito bom menina, não tinha doença, não tinha nada, depois chegou a SALGEMA e acabou o Pontal. Pra mim foi a desgraça do Pontal foi essa SALGEMA. Uma que ela não faz nada pelo Pontal, né? Quem é que vê benefício dela. Justamente né, e outra, que todo mundo diz que todo mundo tá se acabando aí, do câncer, é ela que tá matando. Essa fumaça que a gente... E é só de madrugada né? Quando dá aqueles apitos, aqueles alarmes, só é de madrugada, deixa a gente atordoada.

**V.G. - VOCÊ TEM FILHOS?**

<sup>71</sup> Bucado = bocado

<sup>72</sup> Num = não

<sup>73</sup> Tava = estava

<sup>74</sup> Dento = dentro

<sup>75</sup> Bora = embora

pelas lembranças dos moradores idosos. .

**S.S.** - Oh, minha filha (risos), eu tenho 10 filhos, criei mais 3, fora os que chegaram em casa e a gente ia tomando conta deles. Eu nem sei sabe. Nasceu aqui Sueli, nasceu a Diane. Diane e Sueli são pontalista<sup>76</sup> mesmo.

**V.G. - ELES RESIDEM NO BAIRRO?**

**S.S.** - Não, só a Dione a Sueli tá morando no Trapiche.

**V.G. - COMO FOI SUA INFÂNCIA E ADOLESCENCIA NESTE BAIRRO? COMO ERAM AS BRINCADEIRAS? E OS ENCONTROS/ NAMOROS?**

**S.S.** - Eu passei a minha infância na Rua do Imperador, foi. Eu cheguei lá... Quando eu voltei é isso que tô<sup>77</sup> lhe dizendo, que era muito bom, aí todo sábado tinha dança, samba, forró, oxee como eu dançava viu, como eu dançava! Eu não me lembro o nome dele... Nem das meninas mais. Na casa do seu...seu... Não me lembro não. Aí todo sábado tinha dança, tinha as paqueras né (risos), nas danças. Mas eu aqui no Pontal não namorei com ninguém não, num sei, não namorei com ninguém. Aí já tava com meus 18 anos, já tinha responsabilidade de filho, não.

**V.G. - QUAIS SEUS SONHOS QUANDO JOVENS?**

**S.S.** - (risos) Ah, filha eu nem sei sabe, meu sonho, meu Jesus!!! Depois que eu vim pra cá, depois eu já conhecia esse...o Américo, já conhecia ele. Que quando eu tava na casa da minha madrinha, eu com os meus 10 anos, eu conheci ele. Ela, a mulher dele, ainda era parenta do velho que me criou, seu Manoel. Ela era sobrinha dele, a esposa dele, que ele morava com ela. Aí a gente ia muito na casa dele, a minha madrinha levava, porque ela ensinava flores, flores de massa. Era muito trabalho! Muito instrumento, muito bem feito! Ela trabalhava muito bem! Fazia aqueles pombinhos, fazia aqueles coraçãozinho, aquelas coisas de aniversário, de casamento. Preparava uma mesa todinha de massa, de...de maisena, maisena não, de goma. Era um trabalho muito bem feito. Hoje em dia não fazem mais isso não. Então, a gente frequentava muito a casa dele, mas ele lá e eu cá. Era uma menina com 8 anos. Aí, fui crescendo, fui ficando moça, e tudo, me casei. E ele também viveu com ela pouco tempo. Teve o primeiro filho, esse primeiro filho, eu criei ele, mas depois dele homem, ele foi embora. Foi embora pra o Rio Grande do Sul e não voltou mais até hoje. Tá com mais de trinta anos que não tenho notícia dele. E...a minha infância foi essa.

**V.G. - E HOJE COMO SÃO ESSES SONHOS? PODERIA CONTAR SOBRE O PONTAL DE ONTEM?**

**S.S.** - As histórias que minha mãe contava, ela morava lá perto da gaveta, por ali, aonde a Neu mora. Tinha umas casinhas e ela morava lá, e era viúva coitada, eu era pequenininha, tinha meus quatro anos. Aí ela dizia que ficava costurando, fazendo o filé...

**V.G. - JÁ ERA O FILÉ?**

**S.S.** - Era o filé, ela costurou muito o filé. Até quando ela morreu. Filé mesmo, fazia aquelas colcha enormes, pra dona Cordélia lá no Prado. E ela contava, pra gente, que quando era de madrugada assim, todo ano, perto de natal, aí passava “o gritador”. Era “o gritador”, pelo oitão<sup>78</sup> da casa gritando e carregava um morto nas costas. E ele gritava e

<sup>76</sup> Pontalista = pontalense

<sup>77</sup> Tô = estou

<sup>78</sup> Oitão = pelo lado



pelas lembranças dos moradores idosos. .

minha mãe ficava aperriada<sup>79</sup>, pegava a gente e escondia a gente. Ela contava muito essa história.

**V.G. - E A SENHORA JÁ OUVIU O GRITADOR?**

**S.S. -** Não, ouvi não!!!! ( risos)

**V.G. - E SOBRE O PONTAL DE HOJE? COMO É MORAR NO PONTAL DA BARRA?**

**S.S. -** Ah hoje, é bom né, porque é tranqüilo, não tem esse negócio de roubo, nem assalto. É um bairro, ainda acho que é dos melhor, de Maceió. Eu acho... Porque eu mesmo durmo com a minha casa, não tem essas coisa toda, não tem gradeado, não tem nada. E eu durmo tranqüila. Às vezes minha menina sai, pernoita né, (risos) e eu durmo só. E graças a Deus nunca vi nada, nem ninguém nunca entrou na minha casa. Quer dizer que é um bairro tranqüilo né, de se morar. A gente pode botar a cadeira na porta, pra conversar e aí hoje qual é o bairro que pode mais? Em canto nenhum, né? Por isso que eu não tenho vontade de sair daqui, às vezes as meninas diz: saia minha mãe, saia daqui. Eu não tenho vontade por causa disso, as minhas filhas moram tudo aqui, né. Todas elas, quase todas né, porque ainda tem umas três que moram lá fora.

**V.G. - LÁ FORA E EM OUTRA CIDADE?**

**S.S. -** Um mora em Rio Largo, tem um filho que também mora em Rio Largo. Aqui mora um, ali mora outro, depois mora outro, depois mora um neto. Depois mora essa que veio aqui. Depois é o restaurante da Sueli. E assim vai, todos os filhos. Só tem a vendinha lá da frente... Essa lojinha é da Diane, a que nasceu aqui.

**V.G. - QUAIS AS FESTIVIDADES MAIS IMPORTANTES E COMEMORADAS NO BAIRRO?**

**S.S. -** São João, que tem negócio de brincadeira, de baiana, tem essas coisas, de chegada né? Que é tudo lá na praça. Por aqui não tem nada minha filha, nada, nem uma pracinha, nem nada,.. Às vezes a noite eu tenho vontade de dar uma andadinha, mas como que não tem nada. Chega aí no beco é uma escuridão danada, oxe faz medo. E no carnaval, o carnaval daqui é uma comédia (risos) que é os homem tudo vestido de mulé (risos), é doidice. Tem a festa de São Sebastião, é bom né, continua ainda. Embora que diminui muito, sabe? Depois que tiraram a parte do porto, fizeram aquele terminal,.. diminuiu as brincadeiras, tinha barzinho, tinha brincadeira, tinha tudo. Era uma festa muito boa. Janeiro, dia 11 de janeiro, começa dia 9 e termina dia 20, dia de São Sebastião. Continua todo ano, mesmo com pouca gente. Eu vou me arrastando, mas vou ver São Sebastião. Embora que hoje dia não sou mais da igreja, sou evangélica. Deus me chamou, Jesus cristo me chamou e agora sou evangélica.

**V.G. - QUAIS AS MÚSICAS MAIS CANTADAS NESTAS FESTIVIDADES?**

**S.S. -** Lembro não.

**V.G. - SABE-SE QUE EXISTEM MUITAS HISTÓRIAS SOBRE O PONTAL, PODERIA CONTAR ALGUMA?**

**S.S. -** Não sei, eu sei que eu mesmo morava lá em cima. Minha mãe morava lá em cima. Era o Alto da Floresta.

<sup>79</sup> Aperriada = agoniada

pelas lembranças dos moradores idosos. .

**V.G. - COMO É ESSA DIVISÃO?**

**S.S.** - Minha filha, é o seguinte: quando começou era só aqui, na ruazinha aqui de cima, somente. Depois foram crescendo, foi crescendo, foi crescendo, tá até perto da praia, que sai lá na praça da igreja, aquele arruado<sup>80</sup>. O povo foi entrando né, muita gente que é de fora, num é daqui. Agora né mais não, antes era uma rixa. É a mesma coisa com o Trapiche, Trapiche ainda hoje, ainda tem rixa. Quando vem os caras lá do Trapiche, pra cá é briga! É briga! Num deixa disso. Pontal é Pontal. Quer vir do Trapiche pra qui e querer ser o dono do Pontal, num pode.(risos)

**V.G. - QUAL O LUGAR MAIS IMPORTANTE PARA VOCÊ NO PONTAL?**

**S.S.** - Local? Aqui né! Só. É... Aqui, pois é, pra que vista melhor do que essa meu Deus! Essa natureza, coisa linda! Me acordo bem cedo, quando eu olho, olho, essa natureza, meu Deus! Jesus deu isso tudo pra gente né? É muito lindo!

**V.G. - O QUE A LAGOA MUNDAÚ REPRESENTA PARA O BAIRRO/ PARA VOCÊ?**

**S.S.** - Bem, representa muito né? Porque dá o sustento de todo mundo daqui. Porque antes, todo mundo vivia da onde? Do massunim, minha mãe também. Minha mãe criou meus irmãos, que eu não fui criada com ela. Criou meus irmãos, com que? Com o massunim, com o siri, com o camarão. Tudo dava boa. E, antes todo mundo só vivia dessa lagoa. Agora não, que chegou a SALGEMA né? Aí tem o comércio né? E tem outros, e tem o filé né? Que antigamente só era o filé. Não existia outra coisa, só o filé pra todo mundo trabalhar só no filé. Era...

**V.G. - E HOJE COM O TURISTA?**

**S.S.** - Agora chegou o turista né? Chegou o restaurante. Primeiro foi o meu né? (risos) é o primeiro e já tem 40 anos! (risos) é 40 anos, o Maré tem! Depois, veio o Alípio, depois veio o outro, depois veio o Renato e tem o restaurante né? E tem os artesanato.

**V.G. - QUAL A HISTÓRIA DO FILÉ? O QUE ELE REPRESENTA PARA A COMUNIDADE?**

**S.S.** - Bem, surgiu como. Os homens pesca com a rede né, e tudo que eles tavam<sup>81</sup> fazendo a rede, as mulhé<sup>82</sup> foi aprendendo, fez a rede. E da rede foram fazer... Botar num tear, e fazer o filé. Agora, como eu num sei né? Muita gente ainda sabe, né! Ainda tem muita gente com vontade de aprender e aprende, é... uma coisa bonita, oxeee. É porque as moças de hoje em dia num querem tá mais sentada, com o tearzinho fazendo o filé... mas antes não, era a vida da pessoa, era o filé. Não tinha outro<sup>83</sup> sustento, né? Mulé o filé e os homens a pescaria.

**V.G. - E A PESCA O QUE SIGNIFICA, COMO ELA SE APRESENTA HOJE?**

**S.S.** - Sustenta. Mesmo falha, né? Como tá agora muito pouco escassa, o peixe. Mas é, sustenta muita gente ainda, muita gente ainda nesse Pontal. É pescando...

**V.G. - COMO É A SUA RELAÇÃO COM A VIZINHANÇA? POR QUE?**

<sup>80</sup> Arruado = rua pequena

<sup>81</sup> Tavam = estavam

<sup>82</sup> Mulhé = mulher

<sup>83</sup> Outo = outro

pelas lembranças dos moradores idosos. .

**S.S.** - É porque, vizinho só tem os filhos, dos dois lados. Um do lado outro do outro... (risos) mas meus vizinho e aqui todo mundo gosta de mim. E eu gosto de todo mundo. É, porque pode perguntar: Conhece a Neide? Ah, a Neide do Maré? (risos) é, todo mundo, Graças a Deus eu não tenho maquerência<sup>84</sup> aqui com ninguém, nunca tive. E num tenho. Gosto de todo mundo. Todo mundo pra mim é bom. Dá, oxe dá tudo!

**V.G. - EXISTE ALGUM TIPO DE DIVISÃO DA COMUNIDADE? COMO SURTIU/ POR QUE E QUANDO? DESDE A IMPLANTAÇÃO DO SALGEMA COMO SE APRESENTA O BAIRRO? A CHEGADA DO TURISMO HOVE ALGUMA MUDANÇA NO COTIDIANO DO BAIRRO?**

**S.S.** - Bem, de noite não tem turista, não tem nada. Mas pelo dia, quando é temporada, é muito bom! Tem muito movimento de turista por aqui. Os barcos sai cheio, eles vão passear nos filés, e tem muito movimento.

**V.G. - E ANTIGAMENTE QUAIS PEÇAS DE FILÉ SE FAZIAM MAIS?**

**S.S.** - Colcha, muita colcha, muitos banquete. Hoje em dia tá mais escasso, né? É vestido, é blusa. Blusa faz muito tempo, no meu tempo que eu tinha artesanato, o que era que eu tinha, só blusa de filé, e colcha e toalha, muitos banquete. Hoje em dia não, que inventaram muitos modelos.

**V.G. - A SENHORA ACHA QUE INVENTARAM ISSO POR CAUSA DOS TURISTAS?**

**S.S.** - Não, acho que é por causa do tempo, que vai modificando, mudando. É o movimento do tempo... Eu fazia uma blusinha pequenininha. Hoje em dia não, hoje em dia faz o que? Um blusão de moda! Muito bonito!

**V.G. - A SENHORA AINDA FAZ O FILÉ?**

**S.S.** - Não, faço não minha filha. Se for pra fazer eu faço né? porque aí a gente não esquece né? Nunca esquece!

**V.G. - COMO A RELIGIÃO SE APRESENTA NO PONTAL? QUAIS SÃO ELAS?**

**S.S.** - Ahhh! Religião minha filha, aqui é um pobrema<sup>85</sup>. Porque aqui, a católica, meu Jesus, é muito fraca. Povo tudo é evangelista<sup>86</sup>. Assembléia de Deus, tem essa outra de cá e agora tem aqui a Universal. A Universal tá muito fraca, muito fraca. Mas é mais, o povo é tudo evangelista. Tudo evangélico

**V.G. - E POR QUE A RELIGIÃO CATÓLICA TÁ FRACA?**

**S.S.** - Porque pouca gente na igreja. Quando eu freqüentava, tinha pouca gente. Eles tem uma missa dia de quinta-feira e tem domingo. Domingo tem mais né. Dia, noite de quinta feira não tem quase ninguém, é muito pouco, é muito fraco. Só mais na festa. Culto tem toda noite, toda noite e dia de domingo é que tem primeiro horário bem cedo às 7hs e às 6 da noite.

**V.G. - SOBRE O COSTUME DO POVO SENTADO NA PORTA...**

<sup>84</sup> Maquerência = nenhuma inimizade

<sup>85</sup> Pobrema = problema

<sup>86</sup> Evangelista = evangélico

pelas lembranças dos moradores idosos. .

**S.S.** - Acho que é por causa da pista, né? Depois fizeram<sup>87</sup> a pista diminuiu. E o povo tem medo né? De ficar sentado, por causa do movimento de carro. Muita gente entra aí bebo né? É aí fica com medo da pessoa tá na porta. Mas a tardinha, a noitinha né? Depois de 9hs minha filha, aqui parece que o mundo se acabou. Tem o restaurante, assim mermo não tem esse movimento. Ahhh! quando é tempo de turista tem mais um movimento. Mas enquanto isso quando dá 9h aí tá tudo fechado. Aí só é mais o Maré e o Peixarão.

**V.G. - VOCÊ POSSUI FOTOGRAFIAS ANTIGAS DO LUGAR OU DAS FESTAS?**

**S.S.** - Ah eu tenho. Tenho. Eu vou procurar... Não tenho de festa. Eu tenho, por exemplo, eu tenho desse arruado, quando eu tinha artesanato. Tenho retrato do restaurante lá do Maré, tenho retrato das minhas meninas, quando vendia artesanato. Agora dá praça não tenho.

**MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO**

**ENTREVISTADORA: VANESSA MARIA DE MELO GONÇALVES (V.G)**

**LOCAL: PONTAL DA BARRA**

**BANCO DE DADOS**

**DATA DA ENTREVISTA: JULHO 2008**

**NOME: MARLENE MARIA SANTANA DOS SANTOS (M.S.) IDADE: 68 ANOS**

**PROFISSÃO: RENDEIRA, DONA DE CASA**

**FILIAÇÃO: ALEXANDRE VIEIRA DE SANTANA / MARIA DE LOURDES SANTANA**

**FORMAÇÃO EDUCACIONAL: [ ] NENHUM [ X ] ENSINO FUNDAMENTAL [ ] ENSINO MÉDIO [ ] ENSINO SUPERIOR**

**V.G. - ONDE VOCÊ NASCEU?**

**M.S.** - Nasci e me criei aqui.

**V.G. - O QUE É O BAIRRO PARA VOCÊ?**

**M.S.** - Eu acho bom né. Eu acho bom. Eu acho que num tem melhor do que esse!

**V.G. - POR QUE?**

**M.S.** - Porque aqui é um lugar carmo<sup>88</sup>. Ninguém vê tanta coisa como tá<sup>89</sup> agora acontecendo aí, em Maceió nos outros canto, nesses bairro aí, ladrão por todo canto. Esse lugar é sempre, um lugar carmo. Ninguém vê essa coisas. Eu indo pra qualquer um canto, pra Maceió, pra qualquer um canto, eu deixo essa porta aberta só no trinco. Oxe encontro do mesmo jeito.

<sup>87</sup> Fizero = fizeram

<sup>88</sup> Carmo = calmo

<sup>89</sup> Tá = está

pelas lembranças dos moradores idosos. .

### **V.G. -O QUE É SER PONTALENSE?**

**M.S.** - É, Pontal. (risos). De coração. É bom, muito bom, é bom né? Muito bom. Eu acho que em outro canto eu acho que num me dou não. Num queria sair daqui, só saio daqui pro cemitério. Mas eu sair pra morar em outros cantos, acho que num dava um lugar tão bom quanto esse daqui.

### **V.G. -VOCÊ TEM FILHOS?**

**M.S.** - Tenho. 5 filhos.

### **V.G. -ELES NASCERAM NO BAIRRO?**

**M.S.** - Todos.

### **V.G. -COMO FOI SUA INFÂNCIA E ADOLESCENCIA NESTE BAIRRO? COMO ERAM AS BRINCADEIRAS?**

**M.S.** - Boa, né<sup>90</sup>. Oia<sup>91</sup>, tinha brincadeira né, pra gente brincar, mas eu tinha um pai ruim não dexava<sup>92</sup> a gente sair. Uma vez uma mocinha do pastoril pejejou pra gente dançar... Ele nunca deixou, saía não. Dança na colônia, tempo de festa de São João né? São Pedro, forró. Arrente<sup>93</sup> dançava escondido. Quando ele saia pra pescar, oia...bem assim era no carnava<sup>94</sup>, aquele quando o bloco vinha.... Agora não, cabousse<sup>95</sup>, que não tem mais isso não.

### **V.G. -POR QUE?**

**M.S.** - Eu num tô<sup>96</sup> achando que tem não, como antigamente não. O povo diz: ah porque é tempo de veia<sup>97</sup>, foi o tempo das veia. Eu digo: não rapaz, né o tempo das veia não. É porque eu acho que é o clima mesmo. Porque é antigamente, isso aqui era muito mais animado. Eu achava.

### **V.G. -QUEM DIZ ISSO?**

**M.S.** - Meus filhos. As meninas aí, de hoje em dia né? Mas eu, eu achava mais animado! Chegava no tempo de São João aqui no Pontal Da Barra, São Pedro, a colônia ficava cheio, cheio de gente pra dançar. Aquelas músicas do forró do Luiz Gonzaga, de antigamente. Agora não, é música de tango, né? Como é, como é o nome? Do caminhão... Como é daqueles carro de som? Sim, agora é tio<sup>98</sup> elétrico. No tempo de São João é trio elétrico. Eu digo, minha gente! Num tem nem graça, minha gente! É tempo de São João é São João! É música de forró! Ahhhh, acabouse aquele tempo, agora é das veia. Eu digo: é tá certo bando de peste, vocês num vão ficá<sup>99</sup> veia, né não? Eu digo: eu tô dizendo que naquele tempo pra mim é muito animado do que agora.

### **V.G. -VOCÊS SE ENCONTRAVAM EM ALGUM LUGAR?**

<sup>90</sup> Né = não é?

<sup>91</sup> Oia = olha

<sup>92</sup> Dexava = deixava

<sup>93</sup> Arrente = a gente

<sup>94</sup> Carvaná = carnaval

<sup>95</sup> Cabousse = acabouse

<sup>96</sup> Tô = estou

<sup>97</sup> Veia = velha

<sup>98</sup> Tio = trio

<sup>99</sup> Ficá = ficar

pelas lembranças dos moradores idosos. .

**M.S.** - Não, a gente ia. Saia de casa e ia pra colônia, dançar. Lá em baixo na segunda praça dos pescadores. Lá atrás um prédio grande.

#### **V.G. -E OS ENCONTROS/ NAMOROS?**

**M.S.** - (Risos) Era bom nera<sup>100</sup>, porque num tinha luz. Num tinha luz, aqui não. Num tinha luz não. Foi, uns ano aí atrás. Oia, quando eu tava na idade de uns 10, 12 anos num tinha luz no Pontal da Barra. Ah, num tinha não.

#### **V.G. -QUAIS SEUS SONHOS QUANDO JOVENS?**

**M.S.** - Pensava não, pensava nisso não. Não, eu queria me casar nera? Eu queria me casar né. Ter filhos. Eu vou me casar um dia...

#### **V.G. -PODERIA CONTAR SOBRE O PONTAL DE ONTEM?**

**M.S.** - Mulé<sup>101</sup> ônibus, só tinha assim de 7 hora. Tinha um de 7, um de 11, um de 6 hora. Tinha mais sabe. Antes era assim, quando a gente ia pra Maceió a gente ia de pés<sup>102</sup>, também naquele tempo num tinha assalto como tem hoje em dia, não. Muito diferente, num tinha não. Eu, eu ia pra Maceió saia sozinha! Era pu<sup>103</sup> detrás, era pela berada<sup>104</sup> né. A pista num tinha pista ainda. Aí, tava aquele areião, ainda tava fazendo a pista, mas num tinha não, era direto. Aí, eu saía por aqui, dava...vige<sup>105</sup> eu ficava tão alegre quando avistava uma pessoa. Meu Deus, ali tem um homem, graças a Deus que eu num vou sozinha! Aí, saía quando chegava no Trapiche, apanhava o bonde. Também não tinha ônibus o Trapiche, tinha não. Apanhava era bonde, apanhava o bonde e vinha simbora<sup>106</sup>. Quando vinha era do mesmo jeito. Depois fizeram<sup>107</sup> uma rodagem pra cá, é essa, é essa que agora, que num é mais na berada. Que a berada comeu, aquela de antigamente. É essa que a gente vai agora. Que tá perigosa agora se andar. Aí a gente ia, eu ia sozinha. Era um areião, eu ia sozinha ...graças a Deus quando eu via uma pessoa. Quando eu via, vige meu Deus do céu, quando eu me encontrava com um monte de vaca! Vige meu Deus, Jesus olha pra li<sup>108</sup>! Que é que eu faço? Vige Maria! O que vou fazer? Ficava assim... Eu digo: é o jeito ou elas me pegarem ou eu vou pegar elas (risos) se não eu tô aqui caminhe, mas do que Deus ninguém! Aí o homem que vinha dizia: num pega não, passe vá simbora. E eu ia pelo meio das vaca no maior do medo. Não, ia me embora. Eu dava graças a Deus quando achava uma pessoa, quando às vezes tinha aqueles homem assim, vinha um, vinha dois. Nem tinha medo. Hoje em dia se eu for pra Maceió sozinha e vi avistá<sup>109</sup> um homem, fico me acabando de medo. Penso que é um assalto, va...vai me pegar! Naquele tempo num tinha, ninguém via isso não, menina. Tá uma misera<sup>110</sup>!

#### **V.G. -SOBRE O PONTAL DE HOJE?**

<sup>100</sup> Nera = não era?

<sup>101</sup> Mulé = mulher

<sup>102</sup> Ia de pés = ia a pé

<sup>103</sup> Pu = por

<sup>104</sup> Berada = margem, beira

<sup>105</sup> Vige = Virgem

<sup>106</sup> Simbora = embora

<sup>107</sup> Fizeram = fizeram

<sup>108</sup> Pra li = para ali

<sup>109</sup> Avistá = avistar

<sup>110</sup> Misera = miséria



pelas lembranças dos moradores idosos. .

**M.S.** - Hoje em dia também tá muito bom né, tá muito ótimo! Fizero a rodagem , que num tinha, que antigamente num tinha. A luz quem botou foi o Arnon de Mello. Botou luz, água, também!

**V.G. -A SENHORA PEGOU A FASE DO PONTAL LÁ NA PRAINHA?**

**M.S.** - Peguei, peguei! Era alto, era muito grande. Tinha a prainha, e o cemitério lá no final. Era ótimo. Mas depois, acabou, foi tudo comprado. Compraram pra fazer esses prédios, a SALGEMA, a SALGEMA não! Aí pronto, o Pontal ficou pequeno. Mas já veio fazer isso, já agora! Depois de....mais antigamente não! Era muito grande o Pontal.

**V.G. -COMO É MORAR NO PONTAL DA BARRA?**

**M.S.** - É bom, eu tô gostando, porque é ônibus direto de instante, instante. Naquele tempo, quando vinher<sup>111</sup> fazer, não tinha ônibus. Só tinha ônibus assim 7, de 11 perto de meio dia e 6hs da noite. E agora não, é direto. Naquele tempo...

**V.G. -QUAIS AS FESTIVIDADES MAIS IMPORTANTES E COMEMORADAS NO BAIRRO?**

**M.S.** - Oia, as festas mais importantes que é quando eu vejo tempo de São João. Ali pro alto, fazem festa. Eu fico lá da cama só escutando. É quem? Eu vou lá, eu vou me ocupar e olhar porcaria, mulé. A de São Sebastião também, eu num tô achando mais bom não. Sei lá, de antigamente era cada festa bonita mermo<sup>112</sup>, dez noite de festa. Agora é muito simples. É 12, é 10 dia de festa, termina... se cai no dia 20 domingo, termina no domingo, no dia 20. Janeiro! Agora que... antigamente era boa a festa. Era festa mermo, de antigamente né! Mas agora, num<sup>113</sup> acho não.

**V.G. -QUAIS AS MÚSICAS MAIS CANTADAS NESTAS FESTIVIDADES?**

**M.S.** - Tinha mulé, tinha até..., tinha música, tinha tanta coisa. Tinha telegrama, agora num existe telegrama. Acabou tudo, acabou tudo, mudou tudo! Telegrama era... Alô, alô fulano, seu... às vezes, seu namorado, seu fulano de tal tá esperando em tal canto. Ah, era assim nera. Quando fazia ano: alô, alô seu fulano meus parabéns, aí cantava assim. Era muita coisa, lhe ofereço essa música. Aí oferecia as música. Era bom mulé. Agora não, agora num tem, num existe isso mais não, acabou! Tem sim as festas, mais é mais na novena e botam aqueles, aqueles negócios... Cumé<sup>114</sup>? Tinha barco, mas hoje em dia não tem mais nada e fazer. Porque já fizeram casa, sabe, aí diminuiu tudo. Agora acabou. Tem festa, mas não era como antigamente não, animada. A procissão era muita gente menina! A procissão, o santo vinha aqui, vinha gente muito longe ainda. Assim oí, de gente oí. Hoje em dia não, caiu tudo.

**V.G. -MAS AINDA TEM GENTE NA PROCISSÃO?**

**M.S.** - Tem. Na festa tem. Tem mas num...tem festa, mas num é animada como antigamente não. Entendeu? Num tinha luz, energia. Vinha a energia que botavam, as gambiarras. Quando terminava a festa fazia uma falta, a gente olhava uma escuridão, na praça! Ficava com tanta da pena, oia. Eita meu Deus oia, tão bom essas noites de festa. Ahh, ficava uma escuridão, um esmo<sup>115</sup> danado! Quando a gente olhava um silêncio.

<sup>111</sup> Vinher = vier

<sup>112</sup> Mermo = mesmo

<sup>113</sup> Num = não

<sup>114</sup> Cumé = como é?

<sup>115</sup> Esmo = escuro, breu

pelas lembranças dos moradores idosos. .

Quando tinha festa não, a gente andava, passeava. Era bom mulé, gostei muito, do meu tempo. Agora pra namorar no escuro... (risos) sem luz era bom também (risos)

**V.G. -SABE-SE QUE EXISTEM MUITAS HISTÓRIAS SOBRE O PONTAL, PODERIA CONTAR ALGUMA?**

**M.S.** - Não, não, não disse não. Não, não, não. Ela era... Ela num morava aqui, morava em Marechal.

**V.G. -O PAI DA SENHORA NASCEU AQUI?**

**M.S.** - Barra Nova! Aí casou-se, morou aqui, pronto. Aí teve a família tudo aqui. Mas mulé esse tempo, num vi não. Tinha essas coisas, mas num era aqui não. Era noutro canto, nesses cantos, mas nunca vi aqui não. Tinha negócio do fogo corredor né? Ali pela chã, mas por aqui nunca teve isso não.

**V.G. -QUAL O LUGAR MAIS IMPORTANTE PARA VOCÊ NO PONTAL?**

**M.S.** - Mulé, nenhum. (silêncio)

**V.G. -O QUE A LAGOA MUNDAÚ REPRESENTA PARA O BAIRRO/ PARA VOCÊ?**

**M.S.** - Mulé, a lagoa? Ruim que tá viu. Num é a lagoa aqui? Muito ruim, porque antigamente, a lagoa era boa. Num tinha... num faltava peixe pra nada. Mas hoje em dia... Porque eles deram pra botar esse negócio de fábrica. Aí disse, que os peixes deserta, morre tudinho. Antigamente num tinha esse negócio de botarem negócio pra matar não. A lagoa nunca foi ruim, hoje em dia num presta, num dá peixe. Se for depender disso morre de fome!

**V.G. -QUAL É O SUSTENTO DA SENHORA?**

**M.S.** - Não, eu vivo de aposentada.

**V.G. -FAZ O FILÉ?**

**M.S.** - Faço, nunca mais eu fiz não. Me abusei, vaiiii...

**V.G. -A SENHORA APRENDEU FILÉ COM QUEM?**

**M.S.** - Com a minha mãe. Desde de 7 anos que faço. Fazia toalha, as toalhas, fazia... Mas hoje em dia. Antes... 7 anos fazia, ela me ensinou.

**V.G. -QUAL A HISTÓRIA DO FILÉ?**

**M.S.** - Não, é muito velho. Não sei, não. Quando eu me entendi de gente minha mãe já fazia. Já vivia disso.

**V.G. -E ANTIGAMENTE QUAIS PEÇAS DE FILÉ SE FAZIAM MAIS?**

**M.S.** - A gente fazia aquelas colcha, toalha. Hoje em dia, tem também. Hoje mais blusa, paninho de bandeja, pano de... tanta qualidade de filé. Aquelas blusa, de peitinho, aquelas blusas...

**V.G. - O QUE ELE REPRESENTA PARA A COMUNIDADE?**

**M.S.** - Ele tá representando, bom, né. Porque naquele tempo só era mais esses negócios do filé, mas agora não. A gente faz bonito. Aí o povo vê gosta e compra. É tudo, é biquíni, é tudo de filé, a gente faz e vende e é bonito.

pelas lembranças dos moradores idosos. .

**V.G. - COMO É A SUA RELAÇÃO COM A VIZINHANÇA? POR QUE?**

**M.S. -** É...é bom né. A gente se dá um com outro. A gente se dá né. Fala conversa.

**V.G. - EXISTE ALGUM TIPO DE DIVISÃO DA COMUNIDADE? COMO SURTIU/ POR QUE E QUANDO?**

**M.S. -** Ahh, tem mais não! Não, num tem mais não aqui, já passou. Era porque o povo de cá não se dava com os de lá. Quando se encontravam... acabou esse negócio, era antigamente. Não tem, não. Hoje em dia é um lugar bom.

**V.G. -DESDE A IMPLANTAÇÃO DO SALGEMA COMO SE APRESENTA O BAIRRO?**

**M.S. -** Essa aí, mudou foi muito. Desgraçou foi tudo, eu acho. A gente vive com medo, com esse tal de SALGEMA aí. A gente vive com medo, porque a gente vê os outros cantos né, a pessoa fica com medo. Um dia desses botaram um negócio no alarme, porque quando alarmasse aqui, era porque tava fugindo o cloro. Oh mulé, fazendo medo nos outro. A pessoa com medo, fizeram a bicha<sup>116</sup> alarmar de madrugada. Eu fico em casa mermo. Vou sair nada. A gente só via era os carros buzinando. Vige Maria! Ahh, fiquei aqui mermo, todo mundo correu, quem teve carro saiu, foi pra cá. Eu fiquei aqui mermo. Depois vinheram<sup>117</sup> dizer que foi não, foi um negociozinho que tinham endireitado. Oia a gente vive com medo! Esse lugar aqui já depois dessa tragédia, eu hein. É complicado, né. O que a gente vê nos outros canto, de vez em quando né, a gente pensa que aqui é do mesmo jeito, né.

**V.G. -A CHEGADA DO TURISMO HOUVE ALGUMA MUDANÇA NO COTIDIANO DO BAIRRO?**

**M.S. -** O turismo é bom, tá bom. É bom ,é . Tem tempo que tá ruim. Só vem passearem né, não compram nada. Eu só vejo elas reclamarem. É, tudo depende, né?

**V.G. -COMO A RELIGIÃO SE APRESENTA NO PONTAL? QUAIS SÃO ELAS?**

**M.S. -** Tem é muita, aqui. Tá lotado, tá lotado de inseto. Eu sou católica (risos). Antigamente, num tinha não viu, crente não. Ninguém num via um crente aqui no Pontal da Barra. Num via não, só era católico. Num tô dizendo que a festa era uma beleza. Era assim, desde a primeira noite, até o final cheia de gente. Que quando se acabava eu ficava com pena! Num tinha crente, não. Parece era um inseto, que um não lasca, né? Oxente, tá forte, tá forte, todo canto que for daqui pra baixo... Agora tem muito crente.

**MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO**

**ENTREVISTADORA: VANESSA MARIA DE MELO GONÇALVES (V.G)**

**LOCAL: PONTAL DA BARRA**

**BANCO DE DADOS**

**DATA DA ENTREVISTA: JULHO 2008**

**NOME: NEIRDE VALOZ DOS SANTOS (N.S.) IDADE: 69 ANOS**

<sup>116</sup> Bicha = sirene

<sup>117</sup> Vinheram = vieram

pelas lembranças dos moradores idosos. .

**PROFISSÃO:** FUNCIONÁRIA DO ESTADO APOSENTADA

**FILIAÇÃO:** ANTÔNIO ELEOTÉRIO DOS SANTOS / ANA VALOZ DOS SANTOS

**FORMAÇÃO EDUCACIONAL:** [ ] NENHUM [ X ] ENSINO FUNDAMENTAL  
[ ] ENSINO MÉDIO [ ] ENSINO SUPERIOR – 4º SÉRIE NO GRUPO DO BAIRRO  
( SILVESTRE PÉRICLES)

**V.G. - ONDE VOCÊ NASCEU?**

**N.S.** - Nasci aqui No Pontal. Eu peguei o Pontal, quando era na... Pra lá da prainha. E pra lá da prainha, tinha uma casa muito boa, muito bonita e eu ia pra li<sup>118</sup>. Eu tinha mais ou meno uns 10 ano. Eu ia pra casa de uma prima minha e lá a gente sempre fazia... No começo eu fazia filé, né<sup>119</sup>? Eu era nova e fazia filé. Eu aprendi com 7 anos. Eu já fazia filé! Aí, eu quando vim trabalhar eu já tava com uns 28 anos, mais ou menos. Quando eu vim, pra trabalhar no estado. Quando eu comecei a trabalhar, né.

**V.G. - VOCÊ TEM FILHOS? ELES NASCERAM NO BAIRRO?**

**N.S.** - Tenho 8 filhos. Quer dizer, teve uns que nasceram no Pontal, e outros nasceram na maternidade e 4 nasceram na maternidade. Quatro aqui, com parteira. Antigamente num tinha parteira né? Aí eu tive os 4 mais velhos e os outro nasceram na maternidade Santa Mônica.

**V.G. - ELES RESIDEM NO BAIRRO?**

**N.S.** - Não, só mora o Ávila, a Carmem, só mora dois. Porque a Jori mora aqui, mas a Jori tem muita coisa. (risos)

**V.G. - O QUE É O BAIRRO PARA VOCÊ?**

**N.S.** - O Pontal ele comé<sup>120</sup>... Na época, eu achava o Pontal melhor. Eu achava o Pontal melhor, porque antigamente a gente era mais jovem, mas era tudo fácil. Hoje em dia, com as vicitudes das coisas, eu acho tudo difícil. Antigamente a gente fazia o nosso filé, mas a gente vestia, a gente calçava... O filé era bem vendido naquela época. Já era bem vendido! Agora que, eu acho num<sup>121</sup> tá<sup>122</sup> mais como aquele tempo, na minha infância. Eu digo assim porque a venda depois que o filé se expandiu pelo meio mundo, porque hoje tá no Brasil inteiro, né. Ela perdeu mais valor, eu acho! Porque antigamente, a gente vendia filé... Era umas senhoras, elas vendiam a bordo. A bordo!

**V.G. - QUEM FOI A PRIMEIRA PESSOA A FAZER O FILÉ?**

**N.S.** - Não, num lembro quem foi a primeira pessoa que vendia. Era, tudo vendido a bordo, no navio. Não, porque elas pegavam da gente né. Era comé... o povo comprava a gente, levava, pagava depois que vendia. Aí, levavam por consignação. Levava pra bordo e lá elas vendiam e quando chegava pagava a gente. E hoje em dia não, que cada um aluga um ponto. Começou primeiro... a primeira pessoa que começou a abrir uma loja aqui no pontal foi a Neide, do Maré. É prima da gente, ela. Família da gente, ela é prima da minha mãe, ela é. A Neide! Depois foi a Liliu que já faleceu, depois foi a dona Laura, depois foi a

<sup>118</sup> Pra li = para ali

<sup>119</sup> Né = não é?

<sup>120</sup> Comé = como é?

<sup>121</sup> Num = não

<sup>122</sup> Tá = está

pelas lembranças dos moradores idosos. .

Marinalva, a Lucinha que é ali na Mão de Ouro, a dona Marinete a mãe dela, aí foi expandindo. Foi, o filé foi assim!

### **V.G. - O QUE É SER PONTALENSE?**

**N.S.** - Fazer parte do Pontal é... Porque antigamente nera<sup>123</sup>, a pessoa não se considerava pontalense não, sabe. Eu não sei. Porque o povo... porque aqui era um bairro né, depois que passou Maceió. Tem muita gente que Maceió aqui é um bairro, que é Maceió, mas aqui é Maceió né. Depois, passou. Antigamente, dizia: oia eu vou pra Maceió (risos)! Mas a gente num tamo<sup>124</sup> em Maceió, né? Mas antigamente era assim. Hoje dizem vou pra cidade! É, a cidade é ali, né. Eu acho que o povo né, que o povo acha que aqui num é cidade né (risos). Acha que aqui, sabe o que é eles consideram acho aqui, assim como antigamente o povo considerava quase um interior né? Porque antigamente não tinha estrada de rodagem, a gente ia pela bera<sup>125</sup> do canal, pela maré. Tudo botava o calçado na mão e ia. Não tinha ônibus não, num tinha energia, aqui. Não tinha ônibus, tinha carro de passeio que fretavam e era vários, porque num tinha estrada, era estrada de areia. Era uma estrada de areia, eu mesmo... A praia era só dunas, combros que a gente chamava. Era só dunas. A gente subia naquelas dunas, quando acabava a gente descia pelo outro lado, né? Aí já caía no mar! Antigamente a gente já gostava. Eu era nova né, novinha, aí as meninas não tinha aqueles biquíni, né. Teve um tempo que apareceu uns biquínis que era assim, tipo uma calçolona e o bustiê, né. Antigamente não tinha, depois que foi né, aparecendo o biquíni. Até as meninas antigamente tinham vergonha né, de usar pra aprezer a barriga né. Aí, a gente vestia aquele biquíni grande, aí a gente ia pra praia, pra ponta da praia, lá no final. Menina, aqui o Pontal era lindo, lá na prainha. Tinha cemitério aqui, aqui ainda tinha cemitério. Tinha cemitério aqui no pontal, lá embaixo que o mar já comeu. Perto do DETRAN, ali mesmo naquelas imediações. Agora só que, o mar já comeu né, avançou e o local ninguém sabe mais. Aí, a gente ia pro cemitério e ainda era nova, tinha mais ou menos 8 anos, mas eu ainda lembro. A minha mãe me levava, a gente quando era dia de domingo, a gente ia passear na praia, aí a minha mãe levava a gente. A gente com os mais velhos né, aí mostrava a gente. Agora aqueles mausoléus já tava tudo revirado, a praia já tava comendo só tinha pedaço de muro, era... Eu não lembro de quem se enterrou lá, não me lembro!

### **V.G. - COMO FOI SUA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA NESTE BAIRRO?**

**N.S.** - A minha infância aqui, ainda tenho saudade, viu. Não é como hoje. Hoje é muito diferente. Eu já criei meus filhos tudo diferente. Minha infância ahhh, ainda hoje fico... Eu me lembro da minha infância. Porque tem passado que é ruim, tem gente que não gosta nem de falar, mas eu não. Eu sempre fico com o passado em volta!!!

### **V.G. - COMO ERAM AS BRINCADEIRAS?**

**N.S.** - A gente brincava de... peraí deixo ver se ainda me lembro, antigamente a gente cantava aquela: Eu vim do Tororó... Quer ver a outra que a gente também que a gente brincava muito de *la condessa*. Você já ouviu falar? A Jori sabe... É a Jori lembra. Eu nem lembro direito.

### **V.G. - E OS ENCONTROS/ NAMOROS?**

<sup>123</sup> Nera = não era?

<sup>124</sup> Tamo = estamos

<sup>125</sup> Bera = borda, margem

pelas lembranças dos moradores idosos. .

**N.S.** - Aqui antigamente, não tinha energia, como eu te contei, né. Eu tinha mais ou menos uns 12 pra 13 anos. Aí a gente, eu tive só 2 namorados, eu tive. Eu tive um que foi pra marinha, ele foi para o Rio. Aí, ele mora em Vitória no Espírito Santo, ele mora com a esposa e tem os filhos. Dois filhos ele tem. Aí depois eu acabei, aí eu namorei com 16 anos, comecei a namorar com o pai dos meus filhos. Aí me casei com 17! Foi, me casei com 17!

### **V.G. - QUAIS SEUS SONHOS QUANDO JOVENS?**

**N.S.** - Oia, vou te dizer toda vida eu sonho em sair daqui. Ainda hoje, eu tento. Aí, porque antigamente a gente... O Pontal não era assim. Porque aqui muita gente gosta de olha a vida dos outros, e antigamente ninguém botava olho na vida de ninguém não! Cada um vivia a sua vida, mas hoje em dia esse povinho, essa geração nova que tem outra criação, né. Que num foi nem criado aqui, que o pai era rígido, era fogo viu. Era um pai diferente, era um comé?... Ele num dava ousadia, num dava não, num dava mesmo! Era um pai muito simples, por ser de ajudar os meninos a estudar em colégio particular, quando ele ia de arrumar emprego, aí sempre deu uma boa vida né, pros meninos. Quer dizer, sempre deu uma boa vida digamos, uma assim, melhor. Aí foi tempo... Sim mulé, sim os meus sonhos... Eu sempre sonhei coisas grandes (risos), deixa eu te dizer: eu quando eu, meu pai era pobre, mas num era pobre de marré de si, não (risos). Era uma pessoa assim, que trabalhou no estado, na saúde. Uma pessoa, bem conceituada que tinha aqueles deputados que tudo ia lá pra casa. O meu pai gostava daquele povo todo, trabalhava pra negócio de política. Meu pai sempre foi assim. Aí, a gente sempre teve aqueles conhecimento, né, aqueles conhecimento grande, aí a gente depois, o meu pai sempre a gente viveu bem, né. Graças a Deus, na casa da minha mãe nunca faltava nada. Agora, depois que eu me casei, eu me casei com uma pessoa muito pobre, que não era daqui do Pontal. Ele era do interior. Ele era de Sertãozinho, interior né. Aí, ele veio trabalhar na casa de um pessoal que era quase da minha família. Ele com 17 anos e ficou trabalhando nessa casa, assim eles tinham uma mercearia, e ele ficou. Eles adotaram ele assim, como um filho né. Eles tinham muita confiança. Era uma pessoa, era novo, mas era uma pessoa muito certa, não pegava nada de ninguém, honesta era. Ele veio do interior, só que não sabia ler. Aí, eu foi o tempo que eu comecei a gostar dele. Aí ele sem saber ler, sem saber ler. Aí o meu pai dizia bem assim: eita Neirde vai ficar difícil pro Zé arranjar emprego. Eu dizia: não pai, eu mesmo com minha leitura pouca, mas eu vou ensinar pelo menos, porque ele é analfabeto, pelo menos pra ele tirar os documentos de alfabetizado pra poder trabalhar, tentar né. Aí o meu pai chegou disse assim: é vamo ver. Aí eu ensinei o meio pra ele tirar o título de eleitor. Depois ele tirou MOBREAL, ainda tem MOBREAL? Ele estudou, estudou, estudou. Aí foi tempo de aparecer um trabalho nesse posto que era do município. Antigamente, era dos pescadores, policlínica dos pescadores aí na praça. Era aí depois eles remodelaram sabe? Aí foi pra ficou pro Estado. Então meu pai e o Dr. Élvio, já ouviu falar né? Dr. Élvio velho, já faleceu, era médico daí, sendo dos pescadores. Aí o meu pai falou com ele com o Dr. Élvio, aí ele disse: oia, fininho, o apelido do meu pai era Fininho, oia Fininho... o meu pai fazia parte da colônia dos pescadores, meu pai foi tesoureiro, aí foi quando apareceu essa vaga no posto, que não era esse posto né, como já lhe disse antigamente. Aí apareceu essa vaga, aí o meu pai disse: ô Neirde, a gente já tinha casado já, a pouco tempo, eu tinha só o meu mais velho e aquela outra mais velha. O resto, eu só tinha mesmo o George que já nasceu aqui. Eu morei numa casa coberta de palha tapada de barro. Num tinha energia. Aí, a gente moremo<sup>126</sup> que era uma casa que quando se vai, você num entra ali na rua pra ir pra

<sup>126</sup> Moremo = moramos



pelas lembranças dos moradores idosos. .

praia, ali pra ir pra praia é aquela casa de esquina, de esquina que o rapaz tá fazendo um primeiro andar, atrás assim uma quitinetizinha. Aquela casa ali, eu morei ali, agora sendo que era tapada de barro, coberta de pau e num tinha energia. O meu pai puxou a energia da casa dele que é aquela casa de esquina, quando você... Antes de você dobrar, é a casa do meu pai. Do lado de lá, ainda num foi vendida não, quando o ônibus dobra aqui. Ali era do meu pai, ainda num foi vendida não, que eu tenho um irmão que é doente e tá lá. A minha irmã que toma conta dele. Sim aí, o meu pai disse: e aí Neirde o que é que tu quer? Tu quer ficar com esse emprego ou quer dá pro seu marido, seu marido num sabe bem. Eu digo: pai, eu vou, eu acho que vou deixar pra ele. Porque tenho certeza que ele vai, comé, já tá assinando o nome, já tá... ele era muito inteligente viu, era muito inteligente. Aí ele disse: ié? Então vou mandar o nome dele, vou mandar a documentação. Eu sei que mandou, naquela época num era Brasília não, era Rio De Janeiro, Distrito Federal era no Rio De Janeiro nera? Num era? Era no Rio. Brasília já foi depois né, que passou, né. Aí meu pai mandou a documentação dele tudo, mas minha senhora quando veio foi um emprego federal, pra ele. Um emprego federal. Aí a gente foi melhorando, aí a gente juntando dinheiro, juntando dinheiro. Aí compremo<sup>127</sup> essa casa aqui, que era um chalé de taipa. Aí a gente compremo, juntemo<sup>128</sup> um dinheirinho e compremo. Agora esse terreno todo né, até o final. Aí a gente compremo e depois, quando ele passou seis meses sem receber o dinheiro, quando ele recebeu, ainda me lembro como hoje, menina que tanto dinheiro, era cruzeiro na época tanto dinheiro. Menina era cada monte assim tudo na borracha. Aí ele disse: sabe o que a gente vai fazer Neirde, vai comprar tijolo e construir a casa né, que era de taipa um chalezinho. Só que era bonzinho sabe, tinha energia, tinha água, tinha tudo né, que lá não tinha. Lá era poço, cacimba que chamam né, cisterna né. Aí, a gente foi vivendo nessa casa, e quando foi com 3 anos, mais de 3 anos que a gente tinha vindo pra qui, ele faleceu. Foi, ele faleceu. Sim, aí ele ficou com o emprego federal, trabalhou na FUNDEPES, trabalhou depois da FUNDEPES, ele passou pra Ministério da Fazenda. Quando ele faleceu, ele já tava aposentado pelo Ministério da Fazenda ali. Aí pronto a gente foi subindo né, aí eu já tive carro, já tive tanta coisa na minha vida (risos).

#### **V.G. - E HOJE COMO SÃO ESSES SONHOS?**

**N.S.** - Ainda tenho sonhos, sabe qual é? É de ir me bora<sup>129</sup> pra Salvador. Deixar o Pontal. Eu gosto muito menina, de Salvador. Que a gente vai muito por causa da Jori né. Eu sempre vou pra lá né. Aí, eu pra mim não dá mais não. O Pontal daqui pra lá só tem gente estranha, minha filha. O povo que era do Pontal tudo morreu, só tem gente estranha! Tudo mudado, uns do Trapiche, outros Ponta da Terra, outros Pajuçara, aqueles mais antigos.

#### **V.G. - MAS MUITOS AINDA SE CONSIDERAM UMA SÓ FAMÍLIA?**

**N.S.** - É se consideram família. Porque aqui no Pontal quase tudo que a gente vê é tudo família. A família da minha mãe é enorme, do meu pai também.

#### **V.G. - PODERIA CONTAR SOBRE O PONTAL DE ONTEM?**

**N.S.** - O Pontal de antigamente, lá na prainha tinha uma barca de fandango. Uma barca de fandango, o fandango sempre existiu aqui no pontal, sempre existiu. Tinha umas baiana lá em cima, também naquela época que eu era jovem né. Agora só que ficou dessas baianas, só existe uma que dançava naquela época, era a Liu. A dona Maria já é de pouco tempo.

<sup>127</sup> Compremo = compramos

<sup>128</sup> Juntemo = juntamos

<sup>129</sup> Bora = embora

pelas lembranças dos moradores idosos. .

### **V.G. - E SOBRE O PONTAL DE HOJE?**

**N.S.** - Hoje, morar no Pontal, eu num gosto muito não. Gosto não. Até minha filha, aquela que ta lá né, que mora lá em Jatiúca. Num querem voltar pra qui<sup>130</sup> de jeito nenhum. A filha que eu tenho também que mora na Serraria e meu filho que mora... Num gostam mais daqui, de jeito nenhum. Ah, querem não, de jeito nenhum!

### **V.G. - COMO É MORAR NO PONTAL DA BARRA?**

**N.S.** - Não, aqui é um lugar bom, porque gente se sente sempre tranquila, né. Eu fico aqui sozinha, não tem pobrema<sup>131</sup> nenhum, tenho medo de nada. O povo viajam, e eu sempre fico só. Graças a Deus, nunca aconteceu nada.

### **V.G. - QUAIS AS FESTIVIDADES MAIS IMPORTANTES E COMEMORADAS NO BAIRRO?**

**N.S.** - De agora, é? Não né? Aqui, a festa mais forte que tinha aqui, era a festa de São Sebastião, era antigamente. Antigamente, era uma festa muito boa, mesmo no tempo do meu marido, do meu pai. Era o meu marido quem organizava, agora acabou. É em janeiro. Ainda continua, mas fraquinha minha filha. Nunca, nunca como antigamente, nunca! Antigamente era muito comé, animada, né. Antes tinha tudo, tinha leilão, tinha tudo, era uma mesa enorme, toda qualidade de fruta. Era muita coisa, muita coisa. O povo vendia, o povo arrematava né. Antigamente, todo interior tem, né. Hoje em dia, num tem isso não. Isso era tradição daqui! Hoje em dia num tem. Eles botavam, pescador botavam uma canoa cheia de peixe, aí eles colocavam numa canoa era peixe, camarão, tudo. Pessoal ficava olhando, pescava assim e a canoa ficava ali e era muita coisa, antigamente. Hoje em dia, ninguém vê mais isso não, acabou a tradição!

### **V.G. - QUAIS AS MÚSICAS MAIS CANTADAS NESTAS FESTIVIDADES?**

**N.S.** - Não, eram as músicas da própria igreja.

### **V.G. - SABE-SE QUE EXISTEM MUITAS HISTÓRIAS SOBRE O PONTAL, PODERIA CONTAR ALGUMA?**

**N.S.** - Sim, tinha. Mas acho que isso é lendas, né? Deixe te contar, um dia desses contei a Jori. Uma senhora, ela morreu com mais de 100 anos, aqui no Pontal. Ela morava no Roteiro, morava aqui não. Agora, só que ela morreu, já morreu velha, já. Porque ela veio morar aqui, comé, porque a família dela nasceu aqui. Aí ela contava, que quando foi um dia, ela veio de pés<sup>132</sup> do interior pra cá, aí vinham de pés. Aí ela disse que veio pra casa de uma cumade<sup>133</sup>. Que antigamente, porque hoje em dia ainda tem os coqueiros, né? Ali no DETRAN, né. Aonde tinha o sítio que era o sítio do compade<sup>134</sup> do seu Moisés. Eu não sei se ele já faleceu e eles não moram, aqui não. Esse sítio era um casarão, tipo casa de fazenda. Aí eles moravam lá. Aí depois a família foi morrendo né, foram morrendo, foram subindo na vida e aí, se mudaram né, pra lá. Mais a casa ficou, uma casa bonita aquelas paredes dobradas né. Num é como essas casas de hoje em dia não. Casa de antigamente era aquelas paredes dobradas, com aqueles tijolos batidos, nera? Aquelas paredes grossa, aquelas portas, aquelas molduras nera? Antigamente era assim lá embaixo. Era muito bonito. Então era o sítio né, e não tinha energia, onde era o DETRAN hoje. Aí, ela... Eu

<sup>130</sup> Pra qui – para aqui

<sup>131</sup> Pobrema = problema

<sup>132</sup> De pés = a pé

<sup>133</sup> Cumade = comadre

<sup>134</sup> Cumpade = compadre

pelas lembranças dos moradores idosos. .

digo, ela contou isso a gente. Ela, já morreu a muito tempo atrás. Mas eu era piveta, aí eu me lembro. Ela contando que chegou na casa dessa cumade dela, lá no sítio, lá embaixo. Aí ela disse que quando chegou lá, por volta de uma tardinha. Aí a cumade dela recebeu ela muito bem. Aí disse bem assim: cumade, a senhora só vai embora amanhã. Ela disse: tá certo cumade. Porque não dá pra senhora ir hoje mais. Aí, ela disse: tá certo cumade. Aí ela disse que quando foi de noite, aí elas conversaram, conversaram e disse: oi, amanhã a gente vai comer uma mocotozada, que esse pessoal antigamente, a dona da casa que era amiga da mulé que chegou, da dona Maria. Vamo comer uma mocotozada, já está ali, já pra preparar amanhã. Já cozinhei, porque o mocotó fica de um dia pra outro fica molinho, no tacho. Antigamente tinha tacho de bronze, você num lembra não! Eu que lembro, porque a avó do meu marido, ela tinha muitos tachos de bronze, tesoura de ouro. Ela morava no Roteiro. Ela tinha muito tudo isso. Ela, era a família mais tradicional do Roteiro, eram ricos. Tinham comé? Carro de boi, tinham tudo, sabe? Que eram dono da que chamava antigamente POGOMONHA que é a destilaria, agora. Que ainda tem né, a destilaria? Aí, foi do avô do meu marido. Sim, aí ela disse que quando foi de noite, conversaram, conversaram, até certo alto, tem muita coisa pra conversar, né? Aí ela disse que quando foi umas horas, aí a cumade dela disse: cumade a senhora quer dormir? Ela disse: não cumade, depois eu me deito. Aí, ela disse: oi, eu vou botar esse colchão aqui, na sala de jantar. E o tacho do mocotó ela botou em cima da mesa e botou uma toalha bem branquinha, alvinha assim, por exemplo, a porta é a metade, né? Como aqui, né? E botou a toalha e fechou, a porta. Então antigamente aqui, dizem o pessoal aqui, que tinha um tal de gritador. Que não tinha... eu acho que isso é lenda, mas ela me contou que foi verdade, na época. Então, antigamente tinha engenho, aqui o pontal num já foi engenho, num foi? Nem sei, nem me lembro, a Jori que sabe. Aí disse, que antigamente tinha os escravos e os donos da fazenda, eles num pegavam os escravos e não... num era? Num batia e tudo, nera? Botava na senzala, nera? Pois é, aí disse que ela foi se deitar, aí ficou, até ela disse, sem sono. Porque quando a gente quando vai pra casa dos outros, a gente fica sem sono né? Uma coisa tão estranha né? Aí ela disse que ficou lá, deitada. Aí se enrolou com um lençol branco, que ela deu. Mas, ela disse que o lençol era meio fininho assim, que via a réstia, né. Aí, quando foi, ela ouviu um grito, isso foi de meia noite em diante, pra dá uma hora da manhã. Aí, ela disse que ouviu aquele grito: alguém acode ele! Aí ela disse: oxente meu Deus, o que tá acontecendo? Aí, ela disse que ficou com tanto medo, toda arrepiada. Vixe<sup>135</sup> meu Deus, não acredito! Aí, ela disse que quando deu fé, outro grito mais perto. Depois outro grito mais perto. Aí ela disse que viu, pela réstia do lençol, viu quando entrou um negro com outro nas costas, todo cheio de chagas. Ela disse que o que tava nas costas gemendo, gemendo. Aí ela disse que viu quando abriu a porta. Aí ela disse: vixe meu Deus! Não podia se mexer. Aí ela disse que viu quando ele pegou o outro pegou, deixou o doente no chão e pegou a bacia pura, quando acabá botou no chão despejou o caldo mocotó. Ela disse que vendo tudo isso. A Dona Mariquinha, eu acho que não mente não. Uma senhora daquela idade. Aí disse que despejou o caldo, porque o mocotó... E a dona da casa no quarto né, e ela na sala de jantar, né. E ela dormiu na sala de jantar e o mocotó em cima da mesa. Aí despejou aquele caldo, pegou a toalha que tava na coisa, enxugou o homem e despejou o caldo de novo na panela. Ela disse que vendo isso tudo. Quando acaba botou a toalha lá, na porta do mesmo jeito. E fechou a porta e ela disse que não sabe como foi que fechou a porta. A porta amanheceu fechada. E ela disse que num dormiu. Aí quando deu fé, já ouviu os gritos, já longe. O dia já tava perto de amanhecer, né. Aí ela disse que ouviu os gritos, ouviu os gritos. E continuou a madorna. Ela disse que tava

<sup>135</sup> Vixe = ave

pelas lembranças dos moradores idosos. .

tremendo de medo, né. Não podia se mexer. Aí ela disse que quando foi de manhã, aí a dona da casa acordou e perguntou: e aí, como foi a sua noite? Dormiu bem? Aí ela disse: cumade, você nem queira saber o que foi que eu vi ontem a noite. Aí contou a história pra ela. Aí disse: o que cumade? Ah, eu nunca vi não, mas diz que o pessoal sempre vê, desse jeito. Mas num ia fazer nada não. O povo sempre diz que aqui tem um gritador. Dizem que é um gritador. Aí ela disse: comade, pelo amor de Deus, Deus me livre, cumade! Eu vou me bora hoje, Deus me livre! O que eu vi ontem à noite, de madrugada. Aí ela: e como foi? Aí ela contou, ela disse: oi esse mocotó eu num quero não! Mas, a toalha tava lá do mesmo jeito que a mulé botou, num tinha nada sujo. O mocotó tava do mesmo jeito, agora só que ela viu. Agora, ninguém sabe se passou na imaginação dela, né? Porque disse que negócio de espírito de alma ninguém vê? Dizem que é dá imaginação, eu mermo<sup>136</sup> nunca vi essas coisas. Nunca vi. Aí, menina a dona Maria ela sempre contava isso. Morreu com mais de 100 anos. Ela sempre contava isso lá em casa, na casa do meu pai. Todo mundo via, quando no Pontal não tinha energia, escutava né. Disse que ele vinha com o outro de lá debaixo, ia lá pra cima e voltava, pra lá pra baixo. E eu vou lhe contar outra, a mãe da... a sogra da Dilma, que a Dilma é da minha idade, a dona Mocinha chamava ela de mocinha. Aí, ela era costureira e então a casa dela é ali nesse cercado. Que num tem esses artesanato ali, que atrás tem um sítio, tem umas mangueiras, que entra no beco, ali. A dona Mocinha morava com a irmã dela. A irmã dela era solteirona. E a dona Mocinha criou o Adalberto, que era marido da Dilma, que já faleceu, também. Aí, criou ele. Sabe o que era que ela fazia... A dona Mocinha, agora só que já tinha energia, meu Deus? Já tinha energia? Tinha não, tinha energia não. De noite, ela ia pra porta da igreja Auxiliadora, que ali tinha uma igreja, que tá só o terreno agora. Aí do lado da, comé? Depois do artesanato da Edite, num tem o Ererê, pra lá. Era uma igreja, tá só... igreja da nossa senhora Auxiliadora. É, que era negócio de... era negócio de que o povo pagava comé mulé? Negócio de sócio, sociedade! Num tem na Ponta Grossa, do Pade<sup>137</sup> Cícero, né. pois é, era da Auxiliadora. Então, a dona Mocinha, ela só me contava isso, ela morreu também. Ela fazia assim: quando era de noite, ela ia mais a irmã dela pra, a dona Nina e sentava na calçada da igreja. É ali no italiano, ali no pfer, que tem artesanato, aí né. Ali era um beco e o povo puxava a canoa e deixava. Quando chegava da pescaria e saía pelo aquele beco, ali. Então, disse quando foi uma noite, tava ela e a irmã, sentada na calçada. Quando os pescador passava com os peixe, ela pedia cigarro, pra fumar. Fumava que só uma caipora! Aí ela, pedia cigarro. Aí quando foi a noite, aí disse que elas duas lá sentada, mais de meia noite. Aí, quando deu fé, aí veio aquela procissão. Aquela procissão que, como é que chama de...? Comé mulé? É... A noite fora de hora, como é que chama, penitência! Tudo com a vela na mão! Cantando: *Avé, Avé, Avé Maria!* Cantando isso mermo! E ela duas oxe também, num sei se foi imaginação delas né, ou foi que deu dali pra elas num tarem até tarde nas calçadas. Porque antigamente não fazia medo, era tranquilo. Mas mesmo assim, num era pra uma pessoa de idade, tá a toa pra tá pedindo cigarro. Aí disse que quando deu fé. Ela viu a procissão, tudo com a vela na mão. Aí disse, que quando foi se aproximando delas duas, aí ela disse bem assim: que<sup>138</sup> que a senhora tá fazendo aqui? Aí disse que: tome segure essa vela? Aí deu a vela a ela e a procissão seguiu. Não, só elas. Elas duas não, só uma delas, a outra num viu não, só a dona Nina. A dona nina não, a dona Otília. Aí disse que deu a vela, ela segurou. Ela disse: agora a senhora vá dormir, viu. Uma pessoa com um véu na cabeça e uma vela na mão, aí deu pra ela. Minha senhora, que ela aí foi pra casa. E ela pensando que era procissão de penitência, que antigamente tinha, com os missionários. Aí, ela foi pra casa.

<sup>136</sup> Mermo = mesmo

<sup>137</sup> Pade = padre

<sup>138</sup> Qué = o que é

pelas lembranças dos moradores idosos. .

Menina, disse quando foi no outro dia, que ela se acordou. No outro dia não, no mesmo dia né, que já era de madrugada. Que ela se olhou, um osso de canela humana. Não ela botou junto da cama, num foi a vela que ela deu. Que a mulé deu a vela. Foi, mas disse que foi verdade isso.

**V.G. - QUAL O LUGAR MAIS IMPORTANTE PARA VOCÊ NO PONTAL?**

**N.S.** - Pode ser aqui, essa rua que eu moro. Ali também na praça, né? Que eu já morei, né? Não assim, eu num morei ali, na minha infância, né? É, ali é bonzinho, eu gostava também.

**V.G. - O QUE A LAGOA MUNDAÚ REPRESENTA PARA O BAIRRO/ PARA VOCÊ?**

**N.S.** - A lagoa? Ah, a lagoa Mundaú representa muita coisa, pro pessoal achar, comé? As beleza das ilhas. Sempre foi assim, sempre foi assim. Muito pescador, vive da pescar. Pra mim é muito importante, eu gosto muito. Antigamente a gente ia muito pro Rios dos Remédios. Já ouviu falar? No Rio dos Remédios? Tinha até uma igreja lá, a igreja dos Remédios. A gente ia tomava banho, ia tirar massunim. A gente ia pra aquelas ilhas ali, pra jibóia a gente passeava. Que negócio só de rico, né? A gente passeava por ali. Ah, eu gosto.

**V.G. - QUAL A HISTÓRIA DO FILÉ? QUAIS SÃO OS PONTOS DO FILÉ?**

**N.S.** - É, hoje em dia ainda faço, né? Mulé, não sei como surgiu o filé. Se já veio da antiguidade, né? A minha mãe nunca falou. Minha mãe morreu com 86 anos, mas nunca falou. É, olho de pombo, é jasmim, é bom gosto, é ponto de arroz. Agora o filé de antigamente, tinha um tecido. Era diferente dos pontos de agora. Era diferente, antigamente a gente só fazia filé tingindo nas pontas. Agora não, que só fazem, como ali ó, você tá vendo? Ali, num é tingindo nas pontas, né? Tá vendo ali? Ali, é como que é uma toalha, né que ele tá fazendo. Ou é uma saia, sei lá. Não tá parecendo uma toalha. Depois<sup>139</sup>, antigamente o filé era assim, era cheio. Muito filé que jovem tinha antigamente era toalha, colcha, blusa, camisa de homem com gola. Hoje em dia, só é mais xale, encharpe. É caminho de mesa, é jogo americano, tem toalha também, colcha pra vender.

**V.G. - O QUE ELE REPRESENTA PARA A COMUNIDADE?**

**N.S.** - Mulé, é uma fonte de renda, né? Pra comunidade, pras pessoas. Antes, era da pesca. Porque antigamente, ainda existe, muita gente daqui do pontal, num sabem fazer o filé. E nem querem aprender. Oi, viviam de que? De trabalho de casa, de limpeza de casa. Viviam disso. Hoje em dia, quase todo mundo sabe fazer o filé. E é a fonte de renda, né?

**V.G. - A CHEGADA DO TURISMO HOVE ALGUMA MUDANÇA NO COTIDIANO DO BAIRRO?**

**N.S.** - Menina, esses turistas agora... Antigamente não, antigamente era muito bom. No tempo do Sarney. Diferença porque no tempo do Sarney era cruzado, né? Aquele cruzado, ah aquele, muita gente prosperou. Foi um tempo bom! Eu vou dizer, muita gente orou muito de joelho. Mas depois que passou, pro real, né? O real, agora, né? aí, foi caindo, caindo. Aí tá desse jeito. Num tem mais futuro não, isso daqui! Oia, num tem futuro não, porque eu digo. Porque antigamente não tinha tanto turista, oh, comé? Tanta loja. E hoje em dia... As lojas eram contadas, e hoje tudo se vê. Tem quer dizer, quase a merma coisa. O que um tem outro faz. Não tem nada diferente! É isso, quer dizer, caiu! E outra, tem filé

<sup>139</sup> Depois = pois

pelas lembranças dos moradores idosos. .

por todo canto aí, né? Em todo estado, né? Marechal, nas feiras. O daqui é melhorzinho, é mais bem feito. Porque tem os pontalenses... O daqui é melhor! Porque inventam muita coisa, né? Tem camiseta, tem a blusa, tem a blusa de manguinha japonês, tem a blusa de manga. E antigamente tinha chapéu, agora num tem chapéu, de filé. Menina, eu fiz muito chapéu de filé! Agora é trabalhoso. Barrar, porque a gente faz a roda e depois faz o tapume e faz a copa. A copa não, é aba, é? A aba é o mais fácil, o pior é o redondo, o miolo, né? E em volta a tira, né. E quando vira, ele na goma, já. Ele tem que tá na goma. Quando acaba a gente arma a copa. Já fiz muito, muito, muito, quando era mais jovem! Fiz muito, muito!

**V.G. - E A PESCA O QUE SIGNIFICA, COMO ELA SE APRESENTA HOJE?**

**N.S.** - A pesca, cada dia que vai se passando, tá ficando pior. Ah, e como! Abriu a barra. A barra abriu a onda, lá pra banda da Barra Nova, muito pra lá. Aquela barra, quando era mais pra lá, porque o mar entra peixe né? Menina, antigamente era cada monte de peixe que era isso. Na praia, pescaria era aquelas canoas cheia, virava. A gente ia muito pra ponta da praia pra olhar a pesca. Hoje em dia num tem mais isso! Num<sup>140</sup> existe!

**V.G. - DESDE A IMPLANTAÇÃO DO SALGEMA COMO SE APRESENTA O BAIRRO?**

**N.S.** - Influi na vida do povo né? Porque mudou a vida de muitos, né? Foi, agora só que a vida do povo piorou. Antigamente, não tinha não, era tranqüilo... É, que a gente de vez em quando teve... Eu tava deitava já e a minha filha veio me chamar pra gente ir correr, repare mulher? É por isso que eu quero sair daqui! Porque isso aí uma bomba atômica! É por causa disso! Antigamente era um ar puro, ninguém via ninguém doente! Hoje em dia é tudo doente de câncer, demais aqui no pontal... Faz pra enganar o povo. E tem muita gente que acredita, porque tão comendo ou ficando rico, entendeu?... Aí quando aquele alarme, que... Na caldeira, tá contaminando, cloro. E o povo... Aí eles mandam o que, os bombeiro... Um cala boca. Como nessa noite mesmo, foi todo mundo correndo, foi um sufoco. Seu Jamir quase morre, um senhor quase morre. Porque...comé? Não, do produto... seu Jamir, ele mora ali. Seu Jamir, é uma pessoa que faz hemodiálise, há 20 anos. Tem problema de coração, tem tudo! E acordar, tomar um susto desse... E muita gente quase morre. A dona Andrea, que mora ali embaixo. Aí é um cala boca, minha fia, que aqui muita gente tá rico. Que aqui é curso e mais curso... pra fazer graça, mas em compensação, não vale a pena. É a vida da pessoa que tá em risco. É a vida da pessoa. É isso que tenho vontade de sair daqui. É por causa disso. Porque antigamente, menina, a gente num via o povo tendo isso. Hoje, quase todo mundo morrendo de câncer. É, quase todo mundo. Câncer só não, muitas doenças nos ossos, é... Aparecendo.

**V.G. - A SENHORA LEMBRA DA ÉPOCA DA DUPLICAÇÃO DA SALGEMA?**

**N.S.** - Lembro, me lembro. Depois pra não ia incomodar. Não ia incomodar e ficou, disse por não disse, pronto. E implantou ali, foi o Suruagy que fez essa bondade. Tem muita gente que foi embora daqui. Aqui! Muita gente!

**V.G. - COMO É A SUA RELAÇÃO COM A VIZINHANÇA? POR QUE?**

**N.S.** - Não, agora como diz a história. Quase que não tenho vizinho eu me dou ou lá ou cá. Às vezes eu converso muito com o Guilherme, que ele bota a cadeira de manhã aqui na minha área, sabe? Aí ele vem com o tear e fica fazendo o filé dele. Aí eu vou lá e... Mas isso é de manhã. É na porta, é. Muita gente fica na porta fazendo o filé.

<sup>140</sup> Num = não

pelas lembranças dos moradores idosos. .

**V.G. - EXISTE ALGUM TIPO DE DIVISÃO DA COMUNIDADE? COMO SURTIU/ POR QUE E QUANDO?**

**N.S.** - Ah, existe! O povo lá de cima, num gosta do povo daqui de baixo não. Surgiu na antiguidade, eu não entendi! Porque a minha mãe contava que a família dela mesmo, sabe? Eram intrigado, que a gente tinha dois bloco, um de lá de cima pra se encontrar com o de baixo. E toda vez que eles saiam, na antiguidade, sabe? Aí toda vez quando vinha, que se encontravam era briga. Os irmãos da minha mãe mermo, até eles... Porque um queria ser o melhor que o outro. Assim, por exemplo, um bloco pra se encontrar com outro, cada um quer ser o melhor, né? Era isso! Aí eram intrigado e sempre foram! Ainda existe, ainda existe! Quando fazem as brincadeiras lá em cima, aí o povo daqui de baixo vão, mas sempre botam falta, diz que não presta. Ainda existe, existe. Isso é antigo já, sempre houve essa desfeita!

**V.G. - A CHEGADA DO TURISMO HOVE ALGUMA MUDANÇA NO COTIDIANO DO BAIRRO?**

**N.S.** - Mudou, mudou tudo da renda do povo que muita gente trabalha né? E nos restaurantes, o povo daqui do Pontal, do próprio Pontal. Vizinhas do povo de lá, é tudo o povo daqui. É mermo... Mudou, o movimentou... O que não tem.

**V.G. - COMO A RELIGIÃO SE APRESENTA NO PONTAL? QUAIS SÃO ELAS?**

**N.S.** - Aqui no Pontal é Assembléia, Adventista, Católica e a Universal. Que tem mais gente é a Assembléia. Era católica, não, antigamente tinha a adventista. É muito antiga, a adventista. Aí porque reformaram fizeram a igreja nova. Quer dizer primeiro é a católica primeiro, depois é a Adventista.

**V.G. - VOCÊ POSSUI FOTOGRAFIAS ANTIGAS DO LUGAR OU DAS FESTAS?**

**N.S.** - Eu tenho não, foto antiga. É tenho, não. Mulé eu tinha foto antiga, mas essa foto eu já bati tudo, tudo. Pois eu tinha um bocado de foto mas sumiu.

**MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO**

**ENTREVISTADORA: VANESSA MARIA DE MELO GONÇALVES (V.G)**

**LOCAL: PONTAL DA BARRA**

**BANCO DE DADOS**

**DATA DA ENTREVISTA: JULHO 2008**

**NOME: MOACIR ANTÔNIO DOS SANTOS (M.S.) IDADE: 72 ANOS**

**PROFISSÃO: FUNC. PÚBLICO FEDERAL APOSENTADO**

**FILIAÇÃO: ANTÔNIA MARIA DOS SANTOS/ ANTÔNIO SABINO DOS SANTOS**

**FORMAÇÃO EDUCACIONAL: [ ] NENHUM [ X ] ENSINO FUNDAMENTAL**



pelas lembranças dos moradores idosos. .

## [ X ] ENSINO MÉDIO [ ] ENSINO SUPERIOR

### V.G. - ONDE VOCÊ NASCEU?

**M.S.** - Nasci aqui no Pontal. O Pontal Da Barra é uma história interessante, é ... Tinha o final do Pontal da Barra que era quase independente do Pontal como um todo. Porque na época lá, eu era muito garoto, quando lá tinha uma espécie de vila. Quando aqui no Pontal... Era uma vila de pessoas que vieram, diziam que vieram através dos holandeses, naquela época. Da chegada dos holandeses aqui, né. E então, eles fundaram lá no final embaixo, eles fundaram uma pequena vila. Que era calçada, tinha aqueles calçamento antigo e tudo mais. Enquanto o resto do Pontal era tudo uma espécie de vila de pescadores, só pescadores. Num existia essas casa que você vê hoje, era tudo aquelas casas de palha, pau a pique, é... de taipa fixada com barro e aquela coisa toda. E então, depois quando o pontal foi crescendo mais um pouco, fazendo uma movimentação melhor, aquelas pessoas que estavam naquela vila foram desaparecendo, por exemplo, morrendo né? Foi invadindo é, tinha um cemitério. Tinha um cemitério ao lado dessa vila, né? Que também a praia invadiu e tomou conta e acabou com o cemitério.

### V.G. - VOCÊ TEM FILHOS? ELES RESIDEM NO BAIRRO?

**M.S.** - Tenho. Todos nascidos aqui no pontal. Não, eu tenho o mais velho que mora ali, no Vergel do Lago, só o mais velho. O restante moram aqui. Nasceram aqui, passaram a infância aqui.

### V.G. - O QUE É O BAIRRO PARA VOCÊ?

**M.S.** - Olha, o Pontal da Barra pra mim é tudo. É tudo mesmo! Porque eu digo a você com sinceridade. Porque eu já morei em vários lugares. Foi, eu já viajei muito e morei em vários lugares com a minha família. Morei em Penedo né<sup>141</sup>, morei no interior da Bahia numa cidade chamada Gerimoá, ali perto onde passava na época, que dizia que lampião passava por ali, né?. E morei durante 6 anos e morei em Penedo por mais 6 anos. Foram 12 anos que morei fora. É, voltei pra qui<sup>142</sup>, né? Voltei praqui e terminei aqui meu período de trabalho e me aposentei e fiquei aqui. Nasci e me criei, fui em bora, saí também pra fora. Fui pro estrangeiro na época também né. Eu fui soldado do exército, na época tinha um é... Pra o canal Suez, naquela época de Egito e Israel, aquela coisa toda. Então, eu fui convocado e fui. Passei 2 anos e pouco tempo depois, eu volto pra minha terra, pra minha terrinha novamente né? E aqui eu permaneço até hoje.

### V.G. - O QUE É SER PONTALENSE?

**M.S.** - É tudo, olhe, Pontal da Barra é o seguinte: você verifica o povo, o povo do Pontal. Porque o Pontal da Barra, existe agora uma invasão né, tomaram. É muita de gente de fora né? Aí, houve aquela descaracterização de pessoas que vieram de outros lugares. Vieram de outros estados pra qui e tudo mais, através do artesanato eles ficaram... Aqui quando começou o artesanato dava muito dinheiro né? Era diferente e tudo mais. E começaram a introduzir outras coisas. Aí houve aquela mudança né?

### V.G. - MESMO COM ESSAS MUDANÇAS/PESSOAS O SENHOR TROCARIA O PONTAL POR OUTRO LUGAR?

<sup>141</sup> Né = não é?

<sup>142</sup> Pra qui = para aqui

pelas lembranças dos moradores idosos. .

**M.S.** - Por nada nesse mundo, sinceramente! Sabe por quê? Porque hoje você dorme de portas abertas, ainda dorme de portas abertas. Tranquilidade, você vê não tem um... Policiamento não existe, não tem nada disso. Tranquilo, tranquilo! Onde você passa, você não vê briga. Você pode ouvir assim alguma confusão, um negócio de pescador bebendo, alguma coisa assim. Negócio de... É comum né? É natural né? Mas não essa briga assim! Aqui nós mesmos somos nossos policiais, somos policiais. A polícia num faz... Somos uma família!

#### **V.G. - COMO FOI SUA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA NESTE BAIRRO?**

**M.S.** - Foi a minha infância toda aqui. É infância, adolescência, tudo. Só saí daqui depois dos 18 anos, que fui, viajei que eu fui pro estrangeiro. A minha infância foi... Que eu me lembro foi ótima! Porque era todo assim... Era mesma coisa, tudo era nivelado, sabe? Tudo existia o ritmo, sabe? Algumas pessoas que se destacavam, algumas. Mas tudo era igual, sabe? Financeiramente.

#### **V.G. - COMO ERAM AS BRINCADEIRAS?**

**M.S.** - As brincadeiras olhe, hoje num tem mais brincadeiras. Só tem fandango! Mas naquela época, nós tínhamos, nós tínhamos o coco de roda, nós tínhamos as baianas, nós tínhamos o fandango propriamente dito. Que hoje... É muito antigo. Olhe, o meu pai foi fundador do fandango, foi o meu pai!

#### **V.G. - E O SENHOR SABE O ANO QUE O FANDANGO FOI FUNDADO?**

**M.S.** - Olhe, eu não sei o ano porque eu tinha mais ou menos uns 6 anos de idade pra 7, naquela época. Já tô com 72 né? E ele já brincava, né? O fandango. Eles já brincavam, já era aqui num povoadozinho aqui ao lado, que pertence hoje a Marechal Deodoro, que é Barra Nova. É um povoadozinho pequeno. Eles ensaiavam e brincavam lá e brincavam aqui. Agora eu não posso dizer a você se saiu, o fandango saiu daqui e foi pra lá, ou de lá da Barra Nova e veio pra cá. Sabe, não tenho essa certeza, não sei dizer isso a você. Mas foi assim, aí o meu pai foi o fundador juntos com outros colegas, né? Juntaram-se alguns e fundaram junto com meu pai. Isaldino. E meu pai deixou pra ele, e meu pai que ensinou a ele. Eu dançava, mas agora minha filha, agora mais não! (risos)

#### **V.G. - E OS ENCONTROS/ NAMOROS?**

**M.S.** - Eram bons. Porque era... Quando eu era rapazinho, era muita... A gente pra chegar numa casa, pra namorar uma moça era preciso ter uma cara de pau muito grande! (risos) né, porque os pais daí, era aquela proteção tamanha, né? Que não deixava a gente chegar perto. Muitas vezes a gente ficava conversando assim, mais de longe do que... Né? E o pai e a mãe de lado, perto olhando né? E olhando e sempre dizendo... Porque naquela época praticamente relógio num tinha, só quem tinha relógio eram pessoas que tinha mais dinheiro. Aí, a pessoa olhava assim e pela lua, pelo sol ou pelo tempo dizia, mais ou menos a hora, né? *Oia, tá na hora pra dormir!* E num tinha conversa não, a menina ia dormir e pronto e o cara ia embora pra casa.

#### **V.G. - QUAIS SEUS SONHOS QUANDO JOVENS?**

**M.S.** - Oi, eu sempre tive um sonho na vida, sempre tive um sonho, viajar! Sabe? Viajar, viajar foi tanto que quando apareceu a primeira oportunidade, eu deixei tudo, deixei família, deixei pai, deixei mãe, deixei tudo, deixei os amigos né? Botei aquela maletinha antiga, que você não conhece, mas que é muito bom a gente recordar. É uma maletinha de madeira, já visse? De madeira e a gente colocou assim ó, é um par de chinelos, um par de

pelas lembranças dos moradores idosos. .

sapato, uma sandália e duas peças de roupas, né? E jogou dentro dela e me larguei pelo mundo a fora que... Nessa época, não tinha aqui, aqui não tinha transporte. A gente ia de pé, ia pra cidade de pé<sup>143</sup>. Pra lá a gente pegava o bonde. O bonde vinha até o Trapiche da Barra. Do Trapiche ele ia até a Sinimbú. Ali na praça Sinimbú hoje, ali de frente ao lado, lado esquerdo onde hoje... Era a companhia dos trilhos, exatamente. E nós íamos pra cidade de bonde e nós íamos andando né, daqui prá lá. Era uma coisa... E eu peguei a minha maletinha e me larguei pelo mundo e fui embora. Fui embora. E fui pro quartel do exército, do quartel aí me botaram num trem, me largaram pra Recife, né. E eu tô<sup>144</sup> aí, sem dinheiro certo? Sem dinheiro, porque eu fui escondido de casa,. Porque claro que meu pai e minha mãe não queriam, né? Achavam que... Porque naquela época os pais tinham muito cuidado. Num sei se mais autoridade ou mais cuidado. Num sei né? Porque hoje tá<sup>145</sup> assim, mais liberal. O camarada vai a hora que quer sem... Mas eu saí escondido de madrugada, quem sabia era meu irmão mais velho. E eu fui embora. Que quando eles souberam que eu tinha viajado, eu já tava no Recife. Aí eu segui viagem, andei pelo mundo durante mais de 3 anos, mais de 3 nos e meio.

#### **V.G. - E HOJE COMO SÃO ESSES SONHOS?**

**M.S.** - Não! Eu menina, eu me sinto realizado! Apesar de não ser rico, não ter... Mas eu me aposentei, serviço público federal, né. Tive essa oportunidade de passar 33 anos trabalhando pro governo federal. É, criei meus filhos, né. Fiz o que eu não pude, o que meus pais não pode fazer comigo, eu fiz pra eles né. Porque são duas assistentes sociais e um professor de educação física. Tem uma que trabalha...é enfermeira. Todos eles se formaram né. Todos eles se formaram. Só o único que não tem...não fez curso superior, mas tá na dependência dele, se ele quiser fazer ele faz. Que é funcionário da prefeitura, e é novo ainda né. E o mais novo que tem. Dá tempo de fazer. Mas o resto todos eles tem né!

#### **V.G. - PODERIA CONTAR SOBRE O PONTAL DE ONTEM?**

**M.S.** - O Pontal antigamente era uma espécie de aldeia! Era, você tá me entendendo? Era uma aldeia né. Porque era as casas eram quase todas uniformes, né. Eu volto a repetir, aquelas casas cobertas de palha de coqueiro né.

#### **V.G. - E AS FAMÍLIAS?**

**M.S.** - Não, eram famílias assim... O negócio é o seguinte: a história da gente quando nós éramos garotos, as nossas famílias, os nossos pais, quando num era parente era compadre. E era assim. E tinha um tal de compadre de fogueira, eu num sei se você... Sabe não disse né? Eu sei, São João e São Pedro né. Santo Antônio, São João e São Pedro e aqui existia muitos folguedos né? E também as fogueiras e tudo mais aquilo era tudo original daqui mesmo. O milho assado, aquela coisa todinha e tudo mais. E havia aquelas celebrações e no final daquelas celebrações, antes da fogueira se apagar e todo. Aí, havia o convite né? *Você vai ser minha comadre*. Entendeu? Mais aquilo era uma coisa séria, nera<sup>146</sup> de brincadeira não, sabe? *Você vai ser minha comadre. Você vai ser meu compadre*. Era um convite sério e pulava na fogueira, interessante né? Pra confirmar. Então, a fogueira quando ela ia perdendo calor, aquele calor todo, aí passava o compadre de um lado a compadre do outro ou comadre de um lado compadre do outro e pulavam a fogueira, com a mão segurada na mão do outro né. E dizia, pronto aí... Aquilo ali ficaria mais seguro do

<sup>143</sup> De pé = a pé

<sup>144</sup> Tô = estou

<sup>145</sup> Tá = está

<sup>146</sup> Nera = não era

pelas lembranças dos moradores idosos. .

que fosse padrinho de um filho. Por isso que eu digo, quando não era parente era compadre!

#### **V.G. - E SOBRE O PONTAL DE HOJE?**

**M.S.** - Diferente! Diferente porque como eu disse a você, muita mistura né. Muita gente de fora. Aí veio com os costumes, né? Outras regras, outros posicionamentos. E aquilo ali... Porque você vê até no artesanato mesmo. Porque começou o Pontal com artesanato só daqui do Pontal da Barra, com artesanato daqui. A bordo, eram as pessoas que saíam daqui e vendiam a bordo. Já compravam das pessoas daqui, já comprava e iam revender lá, a bordo. Depois começaram a abrir as lojinhas. Tinha uma mulher, uma mulher que abriu, mas não conseguiu dá andamento. Não era daqui. Essa senhora vinha fazer negócio aqui e voltava. Mas tem uma pessoa aqui, que ainda é viva, ainda hoje. Que começou as primeiras lojinhas foi dela. A gente chamava Teka. Teka foi uma pessoa que assim que começou, deu aquele pontapé inicial. Pra que isso aqui fosse formado artesanato, fosse um chamariz né, pro artesanato, aquela coisa todinha. Que eu me lembre assim mesmo de mão cheia foi a Teka.

#### **V.G. - COMO É MORAR NO PONTAL DA BARRA?**

**M.S.** - Bom, por mim mesmo, eu gosto muito de morar no Pontal. Eu num vou saí do Pontal da Barra pra canto nenhum mais. Primeiro porque, não achei lugar melhor do que esse. Mesmo eu tendo conhecido outros lugares, tenha morado em outros lugares, né. Eu conheci outros países né, e conheci também outros estados, né. E morei também em outros estados, como morei na própria Bahia. Olhe, eu vou contar uma coisa interessante pra você, pra você vê a idéia de volta pra minha terra. Cheguei no Rio de Janeiro, muito jovem né, 22 anos, um 21, 22 anos de idade né. Muito jovem, e o Rio de Janeiro não é como hoje em dia está, né. Era muito bom, e tinha aquela abertura tremenda. Era muito bom, tinha muito trabalho. E quando eu fui licenciado do exército, eu não pensei duas vezes, eu não pensei. Olhe, foi oferecido pra mim, eu tinha o segundo grau. Eu era uma pessoa que tinha o meu nível intelectual, na época era bom. E eu tive várias chances de emprego, lá né. Oportunidades, negócio sério. Mas eu num pensei em outra coisa a não ser voltar pra aqui, pro Pontal da Barra. Pra mim, sabe fazer, o que? Pescar, sim. Eu vinha louco pra chegar, não queria outra coisa, a não ser, pescar.

#### **V.G. - O QUE VOCÊ SENTE QUANDO ESTÁ PESCANDO?**

**M.S.** - Olha, a gente sente uma sensação muito estranha! Muito bonito, você botar uma rede, lançar uma rede, uma tarrafa e você vê o peixe vindo. Hoje não existe praticamente mais isso. A lagoa tá muito poluída, muito poluída. Não, não, não a SALGEMA não influi na lagoa. Por sinal, eu digo a você sinceridade, porque eu fui presidente da colônia de pescadores durante 10 anos. Fui presidente de colônia de pesca, né. E eu trabalhei muito junto aos pescadores e junto também a BRASKEM que a SALGEMA hoje, que era SALGEMA antigamente. E, verifiquei que a SALGEMA não tem influência nenhum. O problema daqui da lagoa, é a falta de governo. Falta de governo. Na época que eu tava na colônia de pesca, que eu era presidente da colônia de pesca, eu lutei muito contra isso. Porque o governo num se interessa pelo pescador, ele não quer saber. Pra ele, pro governo o pescador não é nada. Agora só que o pescador é um trabalhador qualquer, como outro qualquer. Pra você ter uma idéia, o pescador vai pescar, ele pega 10 quilos de peixe, olhe você veja que o governo não botou nada na lagoa, num juntou nada na lagoa, num fez nada na lagoa, mas o pescador vai e pesca. Tira na lagoa 10 quilos de peixe pra sustento de sua família. Ele vende aqueles 10 quilos de peixe, vamos dizer assim, que ele apure naqueles

pelas lembranças dos moradores idosos. .

10 quilos de peixe 40 reais. O que é que ele vai fazer com aqueles 40 reais? Ela vai pra bodega né, pra mercearia, ele vai comprar farinha, feijão, arroz, açúcar, o básico pra comer, o fósforo né e uma garrafinha de cachaça. Porque o pescador não deixa né (risos). Então, você verifique quanto é que ele deixou, quando ele comprou com aqueles 40 reais. Ele comprou naquela bodega, porque quanto é que ele deixou pro governo? Não é? Porque aquilo ali, toda mercadoria que é vendida o governo pega uma parte de imposto, correto? Mas o governo não olha isso, não verifica isso, não vê. Essa lagoa tá secando, daqui a um tempo, se não houver qualquer tipo de modificação vai virar um pântano, né. Porque se continuar secando não tem mais a aquelas entradas e saídas, aquelas como é que chama? Criatório né, natural do peixe. Quando aqueles pequenos peixes vão com medo dos maiores pra ficarem ali, crescem mais né e voltam. Eles não tem mais condições pra isso. E vão sumindo né, correto? Vai desaparecendo! É tanto que muitas qualidades de peixe que existia na época da minha juventude, hoje não existem mais, foram extintas né.

**V.G. - E A PESCA O QUE SIGNIFICA, COMO ELA SE APRESENTA HOJE?**

**M.S.** - Olhe, até uns 10 anos passados, era muita coisa. Nós eram muito bem organizados. Nós trabalhava com muito mais organização, também com muito apoio de fora, sabe? A pesca era muito mais bem organizada, porque nós também tínhamos apoio de fora. Hoje, acabou não existe mais isso! É difícil, até de analisar. Aqui é tudo dividido, o artesanato e a pesca. Quando não dá mais pra pesca, o homem vai ser soldado de polícia (risos) e hoje a mulher também, né?

**V.G. - QUAIS AS FETIVIDADES MAIS IMPORTANTES E COMEMORADAS NO BAIRRO?**

**M.S.** - Festa de São Sebastião. É começa do dia primeiro a nove de janeiro. Às vezes, eles mudam o calendário, não sei porque. Mas a festa é o dia primeiro ao dia 9 de janeiro. São nove dias, cada dia é definido pra uma certa categoria, correto? Dia das crianças, dia dos jovens, dia dos idosos, dia do pescador.

**V.G. - QUEM ORGANIZA ESSA FESTA?**

**M.S.** - A associação de bairro. Nós temos uma associação de bairro por sinal muito forte, hoje. O presidente hoje é o Vavá. É um rapaz ali que se chama o Vavá. Hoje é o Vavá, mas a nossa presidente hoje que deu todo o apoio é a Valéria. Ela agora passou a ser... Ela é muito mais empreendedora. Ela tem aquele senso de empreendimento muito forte, sabe? De resolver as coisas. Hoje, já temos aqui uma quadra esportiva né, que não tínhamos. Quem construiu essa quadra foi a prefeitura em convênio com a Braskem. É útil, tem jovens que.... Quando eles construíram não houve problema nenhum quanto ao problema das dunas. Porque eles já tinham retirado a muito tempo. Eles já tinham mexido nas dunas a muito tempo, né. Eram os combros. Eles num mexerem não. Em quase nada foi muito alterado aquilo ali.

**V.G. - SABE-SE QUE EXISTEM MUITAS HISTÓRIAS SOBRE O PONTAL, PODERIA CONTAR ALGUMA?**

**M.S.** - História? É eu lembro... História assim em qual sentido? É, que meu pai contava ou coisa assim. Interessante, eu lembro sim. É disse que, passou por meu pai né, eu não sei se foi história dele, ou foi alguma coisa que ele inventou, eu num sei. Só sei que foi uma história que ele contava a muito tempo pra gente. Foi, nessa época de trovoadas de... Num existia luz, não tinha nada. Veio chegar muito tempo depois. E o pescador pescava e

pelas lembranças dos moradores idosos. .

quanto mais trovoava mais chuva mais os pescadores pescavam. Porque o peixe chegava assim, atordoado com a trovoada, o peixe chegava mais perto, né, mais junto. Isso o meu pai foi pescar mais um companheiro dele, e encostaram a canoa na praia pra descansar um pouco e disse que quando voltaram, viram aquela luz muito grande, muito forte. Chegaram olharam pra canoa, aquela luz forte na polpa da canoa né, numa das extremidades que a canoa tem né, a canoa tem a pola e tem a proa, na polpa da canoa, aí aquela luz assim, muito forte e muito grande aí eles se assombravam, correram. Aí ficou essa história do fogo corredor já ouviu essa história? O fogo corredor. Então, aí ele aparecia nos mangues, no manguezal, dentro do mangue, ele aparecia. O pessoal conta muito isso, mas eu nunca vi, não. Interessante, né? Interessante

### **V.G. - QUAIS AS MÚSICAS MAIS CANTADAS NESTAS FESTIVIDADES?**

**M.S.** - Não, eu lembro que a minha mãe dizia mais o meu pai, que quando as pessoas eram enterradas e iam pro enterro, né? E naquela época o enterro era enterro de cachaçada, sabe? A pessoa ia levava o defunto, e aquelas outras pessoas iam cantando e outras bebendo cachaça. E uma das cantigas era assim: *Ô Migué, Ô Migué; Ouve a voz de quem te chama, Vem buscar aquela alma que a muito reclama.* Meu pai contava assim, mas pai... Porque cantava assim? É interessante que... Eles faziam o enterro, eles faziam como se fosse uma espécie de brincadeira, né? De brincadeira, de como num tinha aquele sentimento tão profundo. Então, é eu analisei da seguinte forma: porque eu tive em algumas aldeias de índio no meu trabalho, que eu era obrigado de tá, né. Essas aldeias de índios existem aqui em Alagoas, você sabe muito bem né? Existe em Palmeira dos Índios, ali naquele município de Joaquim Gomes, e também no Colégio né. Eu vivi em algumas aldeias e me lembrei, daqui do Pontal da Barra, entendeu? A diferença é nenhuma. É por isso que quando eu fui pra a escola técnica na época né, me chamavam de índio (risos). Porque a diferença é pouca, do índio pra nós aqui. Porque o índio é assim, o índio quando morrem alguém e tudo mais, pra eles é uma festa. Em determinadas aldeias, eu fui vê uma festa lá em uma aldeia e mataram, os índios matando porco, aquela coisa todinha. *E porque matou esse porco todinho? Não é porque morreu o pajé né e em comemoração.* Que eles iam fazer do modo deles, a cultura deles. É por isso que eu fiquei assim pensado aqui também é uma... Eu associei né, associei. Um pouco diferente né, mais que lembra, foi.

### **V.G. - QUAL O LUGAR MAIS IMPORTANTE PARA VOCÊ NO PONTAL?**

**M.S.** - O lugar mais importante pra mim? Olhe, o lugar mais importante pra mim mesmo é o meu quintal! Sabe por que? Porque hoje eu... Não dá pra lagoa, não. Mas eu fico sentando ali, tranqüilo, debaixo de um pé de uma mangueira, olhando as plantas que eu gosto de plantar. É gosto de plantar e planto, fica ali tudo bonitinho. Aquelas rosas nascendo, né, aquela coisa assim. Eu não sei se é muito de... Hoje eu gosto muito do meu quintal.

### **V.G. - O QUE A LAGOA MUNDAÚ REPRESENTA PARA O BAIRRO/ PARA VOCÊ?**

**M.S.** - A lagoa? É também é muito bonita quando você não confunde ela com as maldades das pessoas, né. Você olha assim um pôr do sol, você fica sentado olhando, aquilo também é um atrativo muito interessante, muito bonito pra quem entende né? E participa disso com tal, uma coisa assim bonita! Porque muita gente aí, chega na lagoa e joga um pacote de lixo, outros fazendo qualquer tipo de besteira por aí. E aí isso, cada vez mais vai degradando, vai degradando. E isso é uma coisa ruim. Então, a lagoa pra mim ainda tem esse visual bonito, essa coisa assim mágica, né. É um referencial. Tanto que quando fui pra

pelas lembranças dos moradores idosos. .

o exterior, quando estava aqui na colônia que eu viajei pra o exterior através de uma ONG, pra que fosse representar a colônia de pesca em outras localidades diferentes. E eu fui representando essa colônia daqui, quando me deram a idéia ali, nós tínhamos um terreno muito bonito que dava pra lagoa e me deram a idéia de construir alguma coisa. A primeira coisa que eu pensei em construir ali foi um mirante! Um mirante pra você vê... Você via de lado do sul, e a frente dos manguezais muito importante, eu tentei construir ali o mirante. Eu vim com essa idéia, e quando eu vim com essa idéia pra qui eu vim pra construir o mirante. Mas aí, a gente quando é presidente da associação, a gente apenas administra né? Não é? Outras idéias são mais válidas do que a nossa! Nessas discussões né, a assembléia geral aprovou que fosse construído outra coisa, e foi construída outra coisa. Mas a minha idéia era um mirante!

#### **V.G. - O QUE FOI CONSTRUÍDO?**

**M.S.** - Olha menina, foi construído um terminal interativo de pesca e turismo. Foi construído ali. Mas depois, aí foi passando o tempo, foi passando... Aí a gente quando é presidente da colônia é só um mandato ou dois né. Depois, muda pra outros. E na mudança pra outros, aí a coisa desandou, né. E...

#### **V.G. - COMO É A SUA RELAÇÃO COM A VIZINHANÇA? POR QUE?**

**M.S.** - Olhe, eu acho que são boas, eu acho, olhe... (risos) num sei se a vizinhança... (risos) tenho, tenho muitas amizades, tenho muitos amigos. É são amigos, a gente se sente tudo de uma família só. A gente conversa, a gente às vezes bate um papo. As pessoas vem procuram a gente pra conversar, por a gente ser mais idoso né, aquela coisa toda e tudo mais. Tem uma maior... Dizem que a gente tem uma maior experiência da coisa. Eles vêm às vezes, pedem um conselho pra gente conversar né, aconselhar sobre determinadas coisas. O que é que vai fazer, o que é que pode fazer. E às vezes a pessoa me procura também, quando eu tenho também alguma dúvida alguma coisa, que eu quero esclarecimento melhor, eu também procuro algumas pessoas que podem me esclarecer aquilo né. A gente tem sempre aquela amizade sempre! Não existe nenhuma maquerência<sup>147</sup> por aqui, às vezes é falta de compreensão de alguns, uma ou outra pessoa né.

#### **V.G. - EXISTE ALGUM TIPO DE DIVISÃO DA COMUNIDADE? COMO SURTIU/ POR QUE E QUANDO? O QUE ELE REPRESENTA PARA A COMUNIDADE?**

**M.S.** - Antigamente existia, hoje não existe mais! Agora interessante, que ainda existe alguma coisa referente aquilo de antigamente. Foi quando eu comecei a contar a você e eu acho que a gente desviou a coisa um pouquinho, que eu falei sobre a vila dos holandeses... Num foi isso? E então, eles eram independente dali, eles dali só entravam quem eles queriam e daqui essa vila foi crescendo mais, crescendo mais. E eles foram se acabando lá um pouquinho e depois nós chegamos juntos e ficou todo mundo um. Agora só essa parte daqui pra cá, a parte de lá era outras pessoas. Outras famílias, outras pessoas que não se davam bem com as pessoas daqui. Aqui debaixo e lá de cima. Então, aí tinha uma linha imaginária, ali naquela praça da igreja. Era, era... Ali era a divisão, dali pra lá, só ia quem tinha negócio. Era tanto que quando aqui fazia um bloco carnavalesco, esse lado daqui, o de lá fazia outro. Pra se juntar, eles chegavam... Era um sacrifício pra não haver briga, mas era aquela briga... Às vezes um supapo, uma coisa assim. Era um sacrifício! Então, aquelas

<sup>147</sup> Maquerência = inimizade, intriga



pelas lembranças dos moradores idosos. .

peças de lá não gostavam das peças daqui, e vice-versa, era assim... Era opinião, aquelas coisas assim sabe? Aquelas coisas aquelas discussões tola, do dia-a-dia aquela tolice. É tanto que nós quando éramos garotos, então, olhe repara só, garoto assim adolescente, 12 a 13 anos de idade, que a gente não entendia muita coisa só tinha isso aqui, esse grupo. Que foi na época quando eu vim. Quando eu vim pra esse grupo eu tinha 12 anos de idade. A gente estudava nessa época em escola pública. Silvestre Péricles, pra eu fui o primeiro... Pra você ter uma idéia, eu fui o primeiro aluno daí que estudou a 3° série. Porque não existia mais ninguém, além de terceira série, nenhum aluno. Primeira, segunda série, terceira série não tinha ninguém! É tanto que não foi formado nenhuma classe de quarta série. Porque não tinha aluno de quarta série. Sim, mais vamos voltar... Resultado é que aquela divisão... É tanto quando nós vínhamos quando garotos, nós vínhamos juntar os garotos de lá de cima com os garotos daqui de baixo e fazia... Pra se encontrar pra brigar. Pra brigar no tapa! Sem ter nem pra que! Aquele negócio sem nada, sabe?! E aí brigava no tapa, depois deixa disso, deixa pra lá, aí apartava e ia embora. Era tanto que se juntavam às vezes aqueles mais acirrados do que o outro. Aí, acertava pra ir brigar na praia, pra brigar, pra discutir... Pra sei lá, aquela coisa toda. Mas no fim de tudo, depois assim, eu tinha uns 14 pra 15 anos aproximadamente, a coisa já começou a mudar, sabe? Já começou o pessoal de lá de cima a freqüentar muito mais aqui e aqui a freqüentar também lá, aquela coisa.

#### **V.G. - E HOJE AINDA EXISTE?**

**M.S.** - Não, não, não existe não! Mas olhe, ainda tem alguma coisinha. Mesmo muito acobertada, sabe? Mas ainda tem aquele... É, o meu pai dizia um negócio assim interessante, dizia: ainda tem o ranso! Sabe o que é ranso? É justamente! Então, ainda tem aquelas peças que são de lá, sabe? Que ainda são filho daqueles pessoal antigo, que já morreram e que ficam com aquelas coisas assim com que... Aquela coisa sabe? Mas, eu acredito, eu acredito que ainda exista alguma coisa!

#### **V.G. - DESDE A IMPLANTAÇÃO DO SALGEMA COMO SE APRESENTA O BAIRRO?**

**M.S.** - Você quer minha opinião, real? Sinceridade! Olha, o bairro ele mudou muito. O aspecto dele financeiro até, sabe? Do ambiente de funcionamento foi mais, cresceu mais, sabe? Houve aquela mudança de aldeia pra vila, entendeu? Aquela coisa que cresceu assim. Mas eu digo uma coisa a você, minha opinião pessoal mesmo: nós, nós não crescemos, nós fomos proibidos de crescer. Porque hoje se, não existisse a SALGEMA nós estávamos ligados ao Centro, com tudo de bom ou de ruim. Porque hoje seria ou edifício ou favela, não é? Você tá me entendendo? Ligado ao Pontal da Barra, não é? Com tudo isso... É a extensão do Pontal. Então, nós não progredimos com isso, nós ficamos restritos aquilo. E outra coisa Vanessa, com toda a minha sinceridade, com tudo aquilo que... Isso é uma opinião minha, pessoal minha e talvez também a opinião... Uma opinião minha até assim meia quadrada. Nós não progredimos, porque nós estamos montados em cima de uma bomba não é? Porque nós não sabíamos aonde é que estamos mais, porque nós estamos cercados. É, vem as tubulações, passam por aqui, de frente, depois desce a ponte Suruagy e vai embora. E qualquer tipo de vazamento que existir, alguma coisa que existir, forte. E essa fábrica né é química e pode acontecer, que Deus me livre, alguma coisa de muito forte. Esse bairro é varrido do mapa. Quer dizer é uma opinião minha, é uma opinião minha. Eu num quero nem entra assim no mérito de desaparecer. Mas, eles dão toda uma dica de como... Sabe por quê? Tem aquela coisa assim de dizer, o alarme vamos treinar o pessoal pra qualquer tipo de alarme correr pra qualquer canto. Nós não temos Vanessa, pra onde correr se houver qualquer tipo de coisa! Na hora de correr, nós não temos pra onde.

pelas lembranças dos moradores idosos. .

Aí, há ensaio, aqui há ensaios. É , de vez em quando há ensaios, porque tem aquele pessoal, comé? Da lagoa viva, não é... da opel, uma coisa assim. Que por sinal até uma senhora que é daqui ela faz, acompanha né, junto com associação dos moradores que a BRASKEM dá muito apoio, estágio. E eles tem essa... Tem o treinamento e tal, e esse treinamento o pessoal vai e tem aquele alarme e o pessoal vai corre todo mundo, pronto. Mas menino corre pra onde? Num raio de 5 km, num diâmetro 5 km se houver um vazamento forte ou uma explosão, ela atinge um diâmetro de 15 km. Então meu pensamento é esse! Eu fui uns 3 ou 4 anos do conselho, é consultor né, é consultor? É voluntário, num é gratificado num sabe? Daqui éramos 4. E nós discutíamos aquilo ali na SALGEMA, era junto. Tinha muita gente inclusive pessoal do... era Secretário de saúde, era Coronel do bombeiro, era num sei o que mais. Aí, também nós daqui. Nós éramos conselheiros e nós ouvíamos aquilo ali. E quando nós víamos nos aprofundar mais alguma coisa, porque eu sempre que vou a palestra eu vou saber. Não sei porque, Vanessa mas nós éramos cort... Assim, tirados de tempo, como diz a história. Pra não se aprofundar mais ainda. E aquilo ali, é a cabeça da gente fica mais focado pra aquela coisa. Porque que num quiseram me responder isso. Você quando vai pra faculdade você quer um esclarecimento sobre matéria. Eu quero sabe porque né? E aquele esclarecimento quando era esclarecido era vago. É por isso que eu digo, eu num digo todo isso a todo mundo não sabe? Eu num converso isso com todo mundo não, mas eu fico com isso aqui na minha cabeça. É por isso que, teve aqui uns poucos dias um vazamento, num foi vazamento foi alarme falso. Tá mais ou menos com uns 6 pra 8 meses. Aí, o pessoal passaram correndo pela minha porta correndo, primeiro foi 7 horas da noite depois 6 horas da manhã. Aí correram todo mundo, saíram correndo aquela coisa todinha, minha gente correr pra onde? Se houver qualquer coisa mais forte aí, morre todo mundo. E saiu aquele pessoal... E passou pela minha porta um deficiente físico com cadeira de rodas, a pobrezinha da mulé quase que derrubava... rapaz, tu vai morrer antes? Quer dizer isso é uma coisa... E foi um alarme falso, num sei o que e papapá e aquela coisa eu num sei, eu num sei Vanessa se passou mal, porque eu também eu num perguntei assim se alguém passou mal, porque eu num procurei saber, nada não. Houve aquele alarme, depois aquilo até surgiu de gozação né, aquela coisa todinha e tudo mais normal. Houve alguém que reclamou daquilo ali, aconteceu. Correr pra onde né, porque nós temos o final ali, no final e chega ali. No final na ponta da praia, onde fica o DETRAN por ali. Dali a gente num tem mais pra onde sair. Pra onde sair, né? Pra frente é pior, vamos de encontro ao inimigo. Por isso que eu digo não há possibilidade nenhuma da gente. Deus queira que nada disso aconteça! E eu acredito que num vai acontecer, eu acredito né? Mas, que nós estamos nessa situação porque a SALGEMA nos deixou. Porque se ela fosse instalada nem outro

pelas lembranças dos moradores idosos. .

#### **IV. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO – “O PONTAL DA BARRA”**

pelas lembranças dos moradores idosos. .

## 4.1 ESPAÇO SENTIDO E ESPAÇO VIVIDO

Andando pelas ruas, calçadas e becos, descobrindo seus segredos, seus cheiros, entrando nas casas e lojas, observando os rostos das pessoas, suas atividades, encontros e desencontros, é quando, enfim, se vivencia cada pedaço da cidade [...] (COELHO; FONTES; NEVES, 1986).

Como extensão do processo vivido e sentido no Pontal, e aportada na metodologia já mencionada, provém neste capítulo à compreensão de como os valores e significados da vida social são compreendidos através do âmbito individual e coletivo dos moradores. Assim como, os elos identitários e os elos afetivos que se estreitam e compõem a ambiência do espaço habitado e influem na formação da identidade do bairro.

Este entendimento avigora o conceito de lugar, defendido neste trabalho, que o entende enquanto *locus* da vida social, onde são travadas relações afetivas, e servem de reconhecimento do próprio homem e do ambiente ao qual está inserido. É neste *locus* da vida social, que a rede de significados é tecida “pela história que fundamenta a própria identidade” (FERRARE, 2006, p. 323), pois “[é] no lugar que emerge a vida, [...] cada sujeito se situa num espaço concreto e real onde se reconhece, ou se perde, usufrui ou modifica, posto que o lugar tem usos e sentidos de si” (CARLOS, 1996, p.29). Sob esta compreensão, também constata Ferrare (2006, p.320) que,

[...] No trâmite da convivência que [o morador] estabelece com o ambiente circundante, desenvolve-se um sistema de valores regidos pelas próprias experiências pessoais de uso cotidiano e fruições visuais que os espaços e formas lhe transmitem[...].

A construção do modo de ser e viver interpretado através das falas dos narradores subsidiou a percepção de referenciais fundamentais para a construção e compreensão da identidade do bairro. Vale frisar que um lugar construído através da coletividade de vivências como território onde estão presentes as “artes de fazer” e saber, melhor dizendo, é considerado a casa de cada um. Local onde “a gente se sente em paz” (CERTEAU, 1994, p. 203).

Nesta requisição conceitual, cabe levantar a discussão empreendida ainda por este autor, no que diz respeito ao habitat- enquanto significativo do lugar que abriga o corpo e a vida. Diante de tal assertiva, entende-se que é neste local onde se retratam a ordem a

pelas lembranças dos moradores idosos. .

desordem, o visível e invisível, as harmonias e as discordâncias, os costumes e os hábitos, sobretudo, tudo que estrutura a vida cotidiana. Este habitat, aqui entendido como o bairro do Pontal, traduz a maneira de viver e sonhar mais íntima de seus moradores, pois é “neste lugar próprio como perfume secreto, que [se] fala do tempo perdido, do tempo que jamais voltará que fala também de outro tempo que ainda virá, um dia quem sabe”(CERTEAU, 1994, p. 204).

Nele constatam-se sem máscaras ou disfarces todos os ritmos que compõem o cotidiano, todas as ambições e desejos de quem o constrói, além das múltiplas funções e práticas inerentes a sua essência. A este ponto de discussões faz-se oportuno citar outro trecho de reflexão de Certeau quando explicita,

Aqui [habitat/bairro] se repetem em número indefinido em suas minuciosas variações as seqüências de gestos indispensáveis aos ritmos do agir cotidiano.[...] Aqui os corpos [...] tem tempo para viver e sonhar [...] Aqui as pessoas se estreitam, se abraçam e depois se separam. [...] Aqui a criança cresce e acumula na memória mil fragmentos de saber e de discurso que, mais, tarde, determinarão sua maneira de agir, de sofrer e de desejar (1994, p.205-206).

Assim, é a partir dessa reflexão que a análise dos valores simbólicos revela os significados e os valores impressos no Pontal da Barra. Reconhece-se o forte elo afetivo com o lugar o que pode ser constatado nos discursos de moradores idosos abaixo,

O Pontal da Barra pra mim é tudo. É tudo mesmo! Porque eu digo a você com sinceridade. [...] Eu já morei em vários lugares. [...] Eu já viajei muito e morei em vários lugares com a minha família. [...] passei 2 anos, e pouco tempo depois, eu volto pra minha terra, pra minha terrinha novamente né? E aqui eu permaneço até hoje. [...]e eu tive várias chances de emprego, lá né. Oportunidades, negócio sério, mas eu num pensei em outra coisa a não ser voltar pra aqui, pro Pontal da Barra. Pra mim, sabe fazer, o que? **Pescar**. Sim, eu vinha louco pra chegar, não queria outra coisa, a não ser, **pescar**. (grifo nosso) (Moradora do Pontal, entrevistada pela pesquisadora)

[Pontalense] Ah sou, de coração até morrer, até morrer, oxe![...] É um bairro, ainda acho que é dos melhor, de Maceió. [...] quer dizer que é um bairro tranqüilo né, de se morar. A gente pode botar a cadeira na porta, pra conversar e aí hoje qual é o bairro que pode mais? Em canto nenhum, né ! Por isso que eu não tenho vontade de sair daqui! (Moradora do Pontal, entrevistada pela pesquisadora)

Sou, Pontal (risos), de coração. É bom, muito bom, é bom né,. Eu acho que em outro canto [...] num me dou não. Num queria sair daqui, só saio daqui pro cemitério. Mas eu sair pra morar em outros cantos, acho que num dava um lugar tão bom quanto esse daqui. (Moradora do Pontal, entrevistada pela pesquisadora)

pelas lembranças dos moradores idosos. .

Por assim dizer, nas palavras de Vieira (2000, p.10), “Trata-se, portanto, de um bairro *“sui-generis”*, um meio poético e simbólico [...]. Segundo seus habitantes pode ser descrito como lugar da tramas, das rendas, do pescado, enfim lugar onde se desenrola a vida e para muitos significa ‘tudo’.

Elemento fundamental para entender o Pontal da Barra, o cotidiano, é marcado a cada dia, pelas relações sociais, por suas artes manuais majoritárias: a renda, o pescado. Nesse cotidiano, a vida é escrita pela tradição marcada pela trama das mãos, das rendas, das redes (Ver Fig. 40).

É evidente, como tal ligação com as tradições, substancialmente se solidificam a beira da lagoa e principalmente nas calçadas, local de constante permanência de moradores, onde à tardinha as senhoras, se debruçam sob o tear, fazendo o filé, as crianças desfrutam de banhos na lagoa, os idosos relembram o passado escrito nas ruas e comentam sobre o transcorrer do presente asseverando ser este bairro lugar de várias memórias e histórias (Ver Fig. 41 e 42).

Entre as conversas na calçada ao entardecer foi possível perceber que esta “arte da conversa” também é uma forma de se relacionar com os vizinhos e com o próprio espaço. Nessas conversas intermináveis, as bordadeiras, muitas já idosas, carregam nas mãos, marcadas pelo tempo, a



Figura 40- A arte do filé- artesanato tão característico do local. Fonte: Vanessa Gonçalves. Novembro/07.



Figura 41- O cotidiano na lagoa se conforma nos elos afetivos que surgem a cada dia. Fonte: Vanessa Gonçalves. Junho/09.



Figura 42- Senhora tecendo o filé. Arte do cotidiano. Fonte: Vanessa Gonçalves. Novembro/07.

pelas lembranças dos moradores idosos. .

força de sua tradição surgida desde os tempos de outrora,(Ver Fig.43) tal como é afirmado nas falas abaixo de alguns,

Bem, surgiu com os homens na pesca com a rede né, e tudo que eles tavam fazendo a rede, as mulhé foi aprendendo [...] E da rede foram fazer... botar num tear, e fazer o filé. Agora, [a época que surgiu] como eu num sei né. Muita gente ainda sabe, né! Ainda tem muita gente com vontade de aprender e aprende. É. uma coisa bonita, oxe![...] É a vida da pessoa, o filé. Não tinha outro sustento, né. Mulé o filé e os homens a pescaria (Moradora do Pontal, entrevistada pela pesquisadora)

Todo mundo fazia. Minha irmã me ensinou, minhas irmãs me ensinaram eu fazer. Eu fazia colcha, era cheio fazer o filé. Era cheio. Hoje, Faço uma redinha assim, a pessoa dessa idade já tem aposentadoria dá pra eu me virar. (risos) (Moradora do Pontal, entrevistada pela pesquisadora)

Quando eu me entendi de gente minha mãe já fazia. Já vivia disso. [Aprendi] Com a minha mãe. Desde de 7 anos que faço. Fazia toalha, as toalhas, fazia[...] É, hoje em dia ainda faço, né? [o filé] Mulé, não sei como surgiu o filé. Se já veio da antiguidade, né? A minha mãe nunca falou. Minha mãe morreu com 86 anos, mas nunca falou. É, olho de pombo, é jasmim, é bom gosto, é ponto de arroz. Agora o filé de antigamente, tinha um tecido. Era diferente dos pontos de agora. Era diferente, antigamente a gente só fazia filé tingindo nas pontas. Agora não, que só fazem, como ali ó, você tá vendo? Ali, num é tingindo nas pontas, né? Tá vendo ali? Ali, é como que é uma toalha, né que ele tá fazendo. Ou é uma saia, sei lá. Não tá parecendo uma toalha. Depois, antigamente o filé era assim, era cheio. Muito filé que jovem tinha antigamente era toalha, colcha, blusa, camisa de homem com gola. Hoje em dia, só é mais xale, echarpe. É caminho de mesa, é jogo americano, tem toalha também, colcha pra vender. (Moradora do Pontal, entrevistada pela pesquisadora)

Ele tá representando, bom, né [relacionado ao filé]. Porque naquele tempo só era mais esses negócios do filé, mas agora não. A gente faz bonito. Aí o povo vê gosta e compra. É tudo, é biquíni, é tudo de filé, a gente faz e vende. E é bonito.[...] Era, tudo vendido a bordo, no navio. Não, porque elas pegavam da gente né. Era comé... O povo comprava a gente, levava, pagava depois que vendia. Aí, levavam por consignaçoão. Levava pra bordo e lá elas vendiam e quando chegava pagava a gente. E hoje em dia não, que cada um aluga um ponto. Começou primeiro... A primeira pessoa que começou a abrir uma loja aqui no pontal foi a Neide, do maré. É prima da gente, ela. Família da gente, ela é prima da minha mãe, ela é. A Neide! Depois foi a Liliu que já faleceu, depois foi a dona Laura, depois foi a Marinalva, a Lucinha que é ali na mão de ouro, a dona marinete a mãe dela, aí foi expandindo. Foi, o filé foi assim! (Moradora do Pontal, entrevistada pela pesquisadora)



Figura 43- O filé de antes, características ultrapassaram as mudanças advindas do tempo. Fonte: Plec, 1977.



pelas lembranças dos moradores idosos.

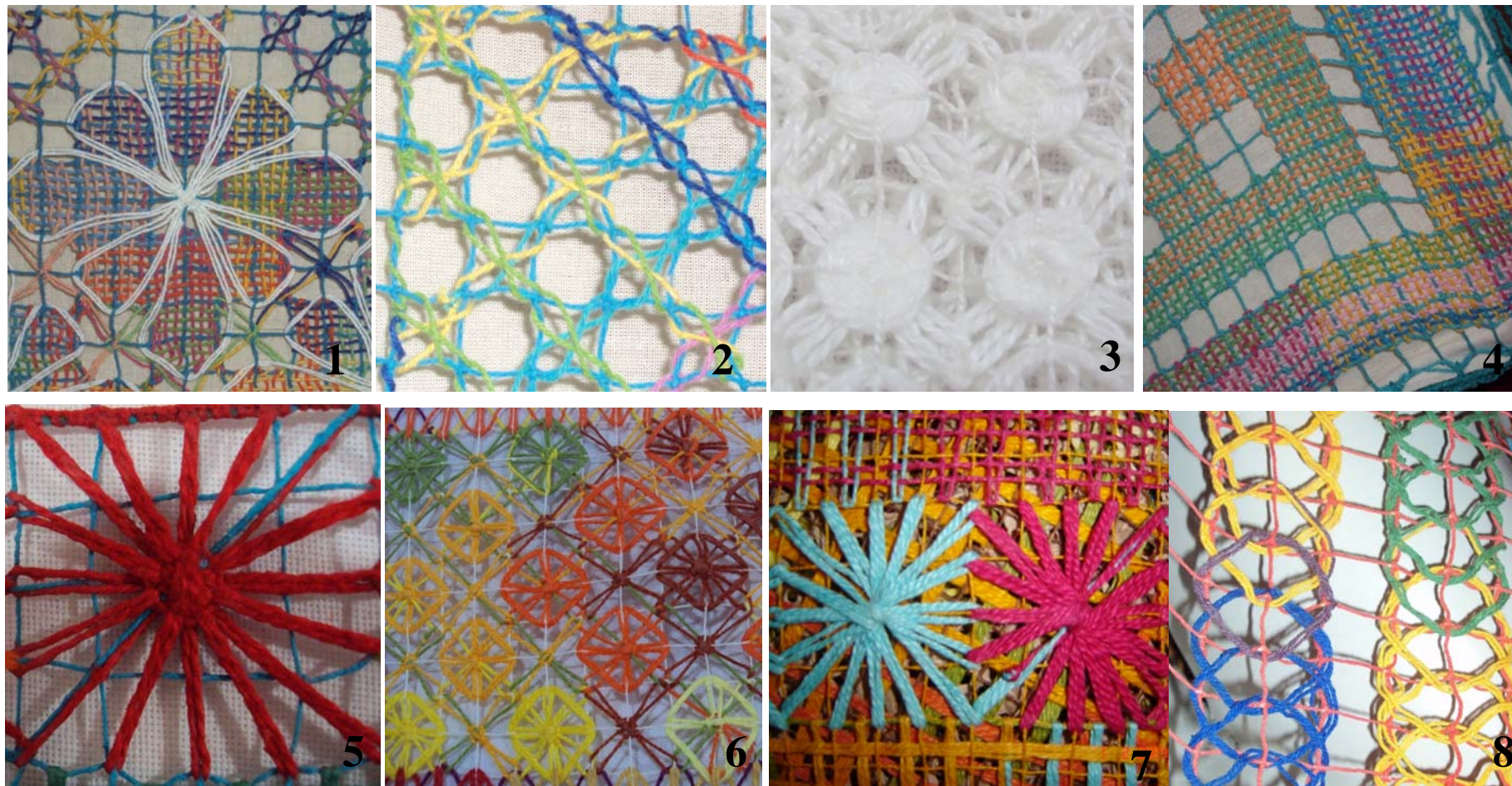


Fig 44. - Os pontos do filé- Ponto 1- Bom Gosto; Ponto 2- Cadeira; Ponto 3- Olho de pombo; Ponto 4- Cinzido; Ponto 5- Aranhão; ponto 6- Jasmin; Ponto 7- Aranhão coberto; Ponto 8- Corrente. Fonte: Vanessa Gonçalves. Junho/09

pelas lembranças dos moradores idosos. .

Estas falas que narram sobre o filé, coletadas durante a pesquisa, só confirmam a força da tradição desta arte de *saber fazer*, que já era mencionada em trabalhos da década de 1970 (PLEC), como parte essencial do *lócus* da vida social. As ocorrências descritas no PLEC reforçam e revelam a força simbólica que o filé representa para o bairro, além de avigorar a reflexão que a partir da memória é possível extrair fatos, informações que servem para resguardar o legado de uma cultura.

O filé já veio da pesca porque aqui é lugar do pescador [...] No filé a gente tem primeiro que fazê a rede. Faz a rede com linha fina e a rede precisa de uma agulha. Ela é comprida, com uma cavidade na ponta, a ponta é bem fininha. Então a gente encha aquela agulha de linha, e vai fazendo a rede (PLEC, 1977, p.213).

Quando eles começaram a fazê a malha a rede era bem fininha, era assim: elas raspava o talo do coqueiro, que é uma coisa muito... uma espessura bem fina, [...] Então, ela faziam com aquela agulha bem fininha e com linha fina mesmo. [...] A rede tem que ter um molde sabe? é uma medida prá malha saí todas iguais. Então a gente pega a agulha e enfia aqui e segura o talo, aí dá o laço, aí a malha ficou certinha [...] Depois que faz a rede, por cima a gente sai tecendo, bordando, vai desenhando de acordo com o que a gente sabe desenhá. [...] (PLEC, 1977, p.213).

Antigamente, gente tinturava. Na época não tinha a tinta Guarani, então, a gente tintura em colorau, a palha da cebola, a bucha do coco, a Corpuna. A Corpuna é uma tinta que os pescadores davam na tarrafa para não apodrecê rápido. È da mata. Chama-se Corpuna e tem o Murici também. O Murici é um pau. A palha da cebola era quando a gente queria fazê uma rede bege. A sala da praia dá i lilás, o roxo, dá um roxo lindo [...] (PLEC, 1977, p.214).

Desde os tempos mais antigos até os dias de hoje, cotidianamente ainda é comum a prática do fazer filé, onde as mulheres sentam em suas calçadas para fazer a renda, enquanto os homens saem para garantir o sustento de suas famílias através da arte da pesca (Ver Fig. 45), pois segundo eles: “*essa [a lagoa] é a nossa mãe impossível de ser abandonada*” (Morador do Pontal).

No jogar das tarrafas na lagoa Mundaú, estes homens imprimem sua esperança de garantir seu passado, como sempre fizeram:

Os pescadores gostam de se reunir às margens da lagoa Mundaú para contar seus causos e reclamar da poluição que prejudica a pescaria. Enquanto suas esposas e filhas se debruçam na confecção de toalhas, colchas, vestidos, blusas, tapetes,



Figura 44- A mágica da pesca, sustento e esperança. Fonte: Vanessa Gonçalves. Junho/09.



pelas lembranças dos moradores idosos. .

caminhos de mesa, saídas de praia, chapéus, entre outros artefatos típicos muito apreciados pelos turistas [...](BARBOSA; ANJOS, 2006, p. 53)

Tal como o filé, a atividade pesqueira é a “vida do lugar”, seus utensílios e modos de pescaria<sup>148</sup> também sempre estiveram presentes na história do bairro e na vida da população residente. Por ser uma técnica secular transmitida de geração em geração, e em sua maioria desempenhada pelo sexo masculino, o ofício de ser pescador envolve uma multiplicidade de conhecimentos, técnicas, e principalmente sentimentos, pois segundo Lago (1996, p.103),

A pesca artesanal ressalta conhecimentos do mar[lagoa], do tempo, das espécies de pescado e de seu comportamento; controle do processo de produção [...] comercialização; divisão do trabalho [...] dos camaradas de rede, dos ajudantes da praia (os meninos que se iniciam na pescaria); o recrutamento informal dos camaradas sem vínculos empregatícios e até laços de afetividade ( a parentela, a vizinhança, o compadrio, a amizade) [...] Todos esses fatores contribuem para desenvolver uma identidade (e, naturalmente, psicológica, individual) do pescador[...].



Figura 45- Rede de pesca. Utensílio indispensável nesta arte de "saber fazer". Fonte: Vanessa Gonçalves. Novembro/07.



Figura 46- Canoa- instrumento de vida e arte. Fonte: Vanessa Gonçalves. Novembro/07.

<sup>148</sup> Deve-se ressaltar, a caiçara, tipo de aparelho de pesca fixo, feito de madeira de mangue.ê formado por estacas fixas, em número de 25 a 30 e distribuídas de forma retangular. [...]A canoa, são do tipo indígena, cavadas em troncos de árvores. Normalmente conduzem dois pescadores e caracterizam-se por serem estreitas, compridas e bastante pesadas [...]Curral, é um aparelho de pesca fixo, constituídos de Mourões fixados ao fundo. Este instrumento de pesca tem um formato, em vista superior, similar ao de uma seta, com um longo tramado de ráquis de palma piçaba, feita com cipó, o qual é fixo a um correr de estacas de mangue[...] Gereré, aparelho de pesca móvel, formado por duas varas que se cruzam e obtido um semi-círculo, estende-se sobre o mesmo uma rede de algodão com malhas de 8mm[...] Redes e acessórios são feitos de tío de algodão, para sua melhor conservação[...] Tetéias, aparelho de pesca construído pelos próprios pescadores locais, compostos de um arco de metal ou de madeira, onde se prende uma rede de malha não muito fina em forma de saco e no sentido oposto, três cordas de nylon ou de fibra que convergem para um único cabo de mesmo material, como uma bóia(geralmente: garrafas de plástico, pedaço de isopor ou madeira) presa sua extremidade. A isca utilizada consiste em qualquer pedaço de carne ou peixe (PLEC,1997,p.591-595)

pelas lembranças dos moradores idosos. .



Figura 48- Artes do cotidiano. A canoa e a rede. Fonte: Vanessa Gonçalves. Novembro/07



Figura 47- Artes do cotidiano. A canoa e a rede. Fonte: www.googleearth.com.

Esses homens carregam consigo uma sabedoria capaz de distinguir cada vento, cada sopro, cada lugar adequado de pescaria. Trazem o respeito e a solidariedade para cada pescaria, prevêm a ventilação e dominam as técnicas adequadas a cada tipo de pesca. No entanto estes saberes estão sendo comprometidos e muitas vezes esquecidos pela degradação ambiental e introdução de novas técnicas de compra e venda do pescado,

Olha, a gente sente uma sensação muito estranha! Muito bonito, você botar uma rede, lançar uma rede, uma tarrafa e você vê o peixe vindo. Hoje não existe praticamente mais isso. A lagoa tá muito poluída, muito poluída. [...] Por sinal, eu digo a você sinceridade, porque eu fui presidente da colônia de pescadores durante 10 anos[...]E eu trabalhei muito junto aos pescadores e junto também a Braskem que a Salgema hoje.[...] Pro governo o pescador não é nada. Agora só que o pescador é um trabalhador qualquer, como outro qualquer. Pra você ter uma idéia, o pescador vai pescar, ele pega 10 quilos de peixe, olhe você veja que o governo não botou nada na lagoa, num juntou nada na lagoa, num fez nada na lagoa, mas o pescador vai e pesca. Tira na lagoa 10 quilos de peixe pra sustento de sua família. Ele vende aqueles 10 quilos de peixe, vamos dizer assim, que ele apure naqueles 10 quilos de peixe 40 reais. O que é que ele vai fazer com aqueles 40 reais? Ela vai pra bodega né, pra mercearia, ele vai comprar farinha, feijão, arroz, açúcar, o básico pra comer, o fósforo né e uma garrafinha de cachaça. Porque o pescador não deixa né. (risos)[...] Essa lagoa tá secando, daqui a um tempo, se não houver qualquer tipo de modificação vai virar um pântano, né. Porque se continuar secando não tem mais a aquelas entradas e saídas, aquelas como é que chama? Criatório né, natural do peixe. Quando aqueles pequenos peixes vão com medo dos maiores pra ficarem ali, crescem mais né e voltam. Eles não tem mais condições pra isso. E vão sumindo né, correto? Vai desaparecendo! É tanto que muitas qualidades de peixe que existia na época da minha juventude, hoje não existem mais, foram extintas né. (Morador do Pontal, entrevistado pela pesquisadora)

A pesca, cada dia que vai se passando, tá ficando pior. Ah, e como! Abriu a barra. A barra abriu a onda, lá pra banda da barra nova, muito pra lá. Aquela barra, quando era mais pra lá, porque o mar entra peixe né? Menina, antigamente era cada monte de peixe que era isso. Na praia, pescaria era aquelas canoas cheia, virava. A gente ia muito pra ponta da praia pra olha a pesca. Hoje em dia

pelas lembranças dos moradores idosos. .

num tem mais isso! Num existe, mais... (Moradora do Pontal, entrevistada pela pesquisadora).

O Pontal é um ponto dos mais bonitos de Alagoas, ponto turístico não é? Tem essa lagoa, tem o mar, só o por do sol dessa lagoa... é o mais lindo do mundo não é? Na época antiga, o Pontal era muito mais lindo, porque essa lagoa não era poluída, tinha a barra muito mais perto, então desaguava muito mais assim, e a lagoa era muito azul, era igual ao mar... Agora, depois da fábrica despejar os detritos da fábrica no Rio Mundaú, o Rio Mundaú deságua na lagoa Mundaú, aí a poluição veio e acabou com tudo, acabou com a flora, com a fauna, acabou com tudo da lagoa Mundaú, inclusive com a gente. Hoje o Pontal é o mais restrito, a... o povo pesca, mas não é profissional é mais assim uma complementação. (discurso de um morador In: PLEC, 1977).

Todas essas potencialidades influíram diretamente na dinâmica urbana do local, na vivência dos moradores, sedimentando uma forte identidade coletiva. A partir deste entendimento do *lugar*, e de como se apresentam os elos afetivos, é que o cotidiano vai se conformando

Toda esta movimentação rotineira, da pesca e do filé, se torna ainda mais expressiva durante os finais de semana quando usuários (moradores de outros bairros e principalmente turistas) visitam o local a procura de lazer dos bares, da apreciação visual da paisagem lagunar ou mesmo para compras de artesanato. (Ver Fig.50). Evidentemente, a chegada do turismo



Figura 48- A movimentação do bairro nos finais de semana. Fluxo, movimento e vida. Fonte: Vanessa Gonçalves. Junho/09.

interferiu na dinâmica do cotidiano principalmente no que diz respeito à economia, ”ou seja, dito de outra forma, apesar das transformações de ordem econômica que vêm ocorrendo no bairro, às atividades tradicionais - pesca e artesanato - ainda persistem, seja como atividade de subsistência, seja de lazer, ou ambas, assim como persistem as relações de vizinhança, de amizade, de parentesco” (VIEIRA, 2000, p.5).

É perceptível no Pontal da Barra que, mesmo com essas interferências advindas da contemporaneidade, os “fixos”<sup>149</sup> (SANTOS, 1998), aqui entendidos como as peculiaridades, a cultura e costumes de outrora, se adaptam e/ou são reafirmados a cada

<sup>149</sup> A referência aos fixos, termo criado por Santos (1998), aqui é entendido como o sentimento tão alentado de pertencimento ao bairro, os saberes e fazeres, os costumes e elos de afetividade criados no decorrer da história. Esses “fixos” asseguram a própria identidade e a continuação das referências culturais, sociais e simbólicas tão enraizadas do lugar.

pelas lembranças dos moradores idosos. .

nova mudança. Quanto mais a vida social se mantém, mais são confirmadas as raízes sócio-culturais. A carga simbólica, a história, a cultura desperta nos pontalenses valores e significados latentes de identidade.

A vivência, os costumes, as relações de vizinhança, de compadrio, de amizade e o contexto citadino do Pontal da Barra vêm se adequando às modificações do tempo, a inserção de novos comportamentos, contudo, na interação do pontalense com o bairro, “existe muito mais do que uma relação homem-espaco, existe um componente de ordem espacial, a que corresponde uma rede de relações sociais” (VIEIRA, 2000, p.5).

No Pontal da Barra, o traçado sinuoso de suas ruas parece reforçar a espontaneidade de sua gente e a

simplicidade de seu contexto citadino.

Nessa diversidade de significados, a rua aparece também como elemento estruturador das vivências no bairro, pois nela estão presentes as práticas sociais e culturais tão marcantes do bairro.

É na rua que a vida cotidiana se reflete, passando de simples elemento, rígido, urbanístico e material para o estrato do ser pontalense. Tal como afirma Carlos (1996), a rua neste

bairro (Av. Alípio Barbosa), é palco, expõe sobre a história, sobre a vida, é passagem, é memória. Nela pulsa o ritmo da vida através dos emaranhados no movimento das festas, procissões, conversas, saberes e fazeres.



Figura 49- A simples vivências no contexto da rua e expressiva dinâmica do lugar.

Fonte: Vanessa Gonçalves. Novembro/07



Figura 50- A simples vivências no contexto da rua e expressiva dinâmica do lugar.

Fonte: Vanessa Gonçalves. Novembro/07



pelas lembranças dos moradores idosos. .

Neste “lugar”, que segue os contornos da lagoa Mundaú, a rua se transforma em artéria, que pulsa o contexto citadino, onde se consolida o mundo das rendeiras, dos pescadores, dos passantes, dos turistas, das crianças, dos idosos e refletindo-se assim, nas relações de vizinhança, de afetividade entre eles, na inserção de novos costumes e nos valores trazidos pelo mundo contemporâneo, enfim, *o jeito de ser pontalense*.

Este cenário é bem diferente da rua rígida, espaço apenas de movimento, onde passantes circulam determinados apenas pelo tempo do deslocamento, ou mesmo olhando vitrines. Nesse sentido, é na principal rua do Pontal que se associa um significado poético, lúdico, onde as cores do artesanato emolduram o cotidiano e se misturam ao tecer das redes de pesca, ao balançar das canoas, tornando-se assim, palco das atividades peculiares a esta comunidade.

Com efeito, por constituir palco onde acontece a vida e o cotidiano, através dos relatos dos idosos pontalenses, foi possível a construção de um mapa, no qual estão configuradas, em linhas amplas, as mais significativas vivências e práticas, bem como, elementos estruturantes, tanto naturais quanto simbólicos, que se conformam no Pontal da Barra. Pois, é através do forte sentimento de pertencimento ao bairro que a emoção de todas as falas foram traduzidas em uma imagem (mapa) onde se destaca o singular - ser, estar e viver neste lugar.

Neste sentido, a leitura gráfica reúne imagens de espaços marcantes, saberes e fazeres característicos do lugar, que se destacam em toda sinuosidade da Av. Alípio Barbosa. Desta forma, recriar o “andar pelo bairro” sob a ótica dos idosos, despertando tanto sensações quanto curiosidades, caracterizou-se em destacar principalmente as partes mais significativas do lugar, como por exemplo, a lagoa, o fazer e comercializar filé, a pesca na lagoa, a igreja, os elos de amizade, a colônia entre outros, ou melhor, partes constituintes da identidade do bairro.

Trabalhar com essas construções gráficas, através de uma leitura significativa baseada na coletividade, é estruturar as referências na constituição de um “elemento gráfico de reconhecimento de espaços e instrumentos de sua compreensão e transformação” (CABRAL, 1992, p. 277). Pois, ainda destaca esta autora,

Trata-se de um gesto de organização de símbolos em uma seqüência linear coerente, compreensível através de marcas, registros ou da própria eleição de determinados elementos naturais como referência dentro de trajetos afins. A leitura pode dizer respeito a um ou mais sistemas de referências de um determinado grupo humano[...], em suma, constituam-se esquemas básicos de



pelas lembranças dos moradores idosos. .

reconhecimento e de informação sobre o meio ambiente, a natureza, a cidade, etc [...](CABRAL, 1992, p. 277).

Por conseguinte, conforme mapa 15, o desvendar, baseado nas falas dos idosos, iniciou-se pelo embalo das texturas e cores que escondem os segredos prestes a serem descobertos e que principalmente se conformam através da sinuosidade, principal característica desta rua<sup>150</sup>. Observa-se que há um mistério caracterizado pelo jogo de espaços de onde se pode ou não apreciar as paisagens da Lagoa Mundaú. Esse revelar e esconder são compostos principalmente pelos becos que constituem grande parte da avenida. Entre tais lacunas encontram-se ainda os bares e restaurantes, elementos marcantes para a movimentação do bairro, principalmente durante os fins de semana, pois incidem diretamente no fluxo de pessoas que buscam as delícias da culinária local.

Durante a tarde, por várias vezes citadas, as conversas ficam intermináveis, a calçada se transforma em um cenário de comadres e compadres, onde os elos afetivos são concretizados pelas relações de vizinhança e amizade. E que ainda é rodeado pelo colorido das tramas das rendas, sobretudo, do filé. Cada peça é confeccionada pelas pontalenses que se apropriam das calçadas como extensão de sua casa e traçam com a delicadeza desse saber os pontos do filé, são flores, correntes, cinzidos entre outros.

A Igreja de São Sebastião- fé, proteção e sagrado- está localizada no coração do bairro, o que a torna elemento marcante na paisagem refletindo também toda a relação de fé presente neste lugar. Em frente à igreja, destaca-se a praça que em tempos de festa do santo é transformada em ponto de encontro de diversão e de tradição.

Deve-se mencionar ainda, a mãe que abraça que acalma e sustenta todos esses elementos constituintes da identidade do bairro. Esta mãe emoldura, caracteriza e conforma a paisagem, as práticas sociais, o cotidiano, enfim, a vida do Pontal da Barra. Os quintais das casas voltam-se para esta lagoa: onde abrem-se a vida de cada família, onde se conforma o pescar. A lagoa Mundaú completa a vida de quem tem impresso em sua alma a identidade de ser pontalense.

---

<sup>150</sup> Neste trabalho, faz-se um paralelo do elemento “rua” representando a Av. Alípio Barbosa.

pelas lembranças dos moradores idosos.

# PERCURSOS URBANOS- RUA- Palco do cotidiano

Lugar das rendas, das amizades, das conversas...



Mapa 15- Percurso Urbanos. Fonte: Base cartográfica de Maceió- 1998. Adaptação: Vanessa Gonçalves, 2009.

pelas lembranças dos moradores idosos. .

Tal como a rua sinuosa que acompanha a lagoa, o bairro detém uma diversidade de paisagens naturais (dunas, mar e principalmente a lagoa) que margeia as histórias dos becos e ruelas e embala o COTIDIANO de quem tem impressos na alma a beleza do olhar, a tranqüilidade dos sons, dos cheiros diferenciados da lagoa e do mar. Essa localização privilegiada e direta com a água desperta valores de enraizamento a terra bem delineados por Ivo (1979, p.105) em seu poema *Ilhas Errantes* quando descreve,

Nascido numa cidade situada entre o mar e a lagoa,[...] provenho pelo lado materno, de criaturas habituadas a ouvir o barulho das ondas e afundar os pés na terra viscosa da boca dos rios e nas dunas que andam como se fossem ciganos. Embora chamados pelas vagas e requisitados pelo vento, esses meus ancestrais quase nunca emigravam. Era como se o massapé, grudado aos seus pés e às suas almas, os impedisse de partir, tornando-os cativos do horizonte azul e peganhento. Em suas veias corria o sangue dos caetés decerto o sentimento de que já estavam ali antes que a frota de Cabral tivesse sulcado o mar alagoano, na aventura da Descoberta, aquentava, como um fogo escondido, a vocação da permanência e a fidelidade da paisagem nativa, fimbriada de mangues e coqueirais e de ilhas errantes, e tão consubstancial a suas vidas lentas como os peixes, os camarões, caranguejos, goiamuns, ucas e o sururu sempre encontrados em suas mesas que eram dependências do oceano pródigo e das lagunas amarelas. [...]

Tal assertiva presta-se a aclarar, como água é o útero que nutre a vida no Pontal, pois desperta a satisfação no contexto das finalidades da vida, expressa por valores e significados marcados através do movimento da história e cultura advindas da relação dos atores sociais com o lugar.



Figura 51- A lagoa como útero que nutre a vida, a alma de ser, viver e estar no bairro.  
Fonte: Vanessa Gonçalves. Junho/09.

Essa relação é tão valorativa para seus residentes que suscita descrições bastante expressivas e emocionadas, principalmente no que se refere à lagoa Mundaú.



pelas lembranças dos moradores idosos. .

Nas narrativas de vida, a lagoa aparece como lazer, alimento e sustento, como se pode constatar a seguir,

Aqui né [A lagoa Mundaú]! Só. É... Aqui, pois é, pra que vista melhor do que essa meu Deus! Essa natureza, coisa linda! Me acordo bem cedo, quando eu olho, olho, essa natureza, meu Deus! Jesus deu isso tudo pra gente né. É muito lindo! [...] Representa muito né. Porque dá o sustento de todo mundo daqui. Porque antes, todo mundo vivia da onde? Do massunim, minha mãe também. Minha mãe criou meus irmãos, que eu não fui criada com ela. Criou meus irmãos, com que? Com o massunim, com o siri, com o camarão [...] (Moradora do Pontal, entrevistada pela pesquisadora).

Ah, a lagoa Mundaú representa muita coisa, pro pessoal achá, comé? As beleza das ilhas. Sempre foi assim, sempre foi assim. Muito pescador, vive da pesca. Pra mim é muito importante, eu gosto muito (Moradora do Pontal, entrevistada pela pesquisadora).



Figura 52- A água é elemento essencial na vida de quem conforma o Pontal da Barra.

Fonte: Vanessa Gonçalves. Junho/09.

Outro elemento marcante na estrutura urbana e social do bairro é a praça Dr. Caio Aguiar Porto, na qual se localiza a Colônia de Pescadores e onde são feitas as apresentações de grupos folclóricos. Essas particularidades são muito representativas, para o bairro, pois há o envolvimento maciço de moradores e que se apresentam com



Figura 53- Apresentação do fandango do Pontal-tradição, cultura e identidade. Fonte: Vanessa Gonçalves. Junho/09.

freqüência tanto no bairro quanto em outros locais da cidade, entre eles estão, o coco,<sup>151</sup> a quadrilha, as baianas<sup>152</sup>, e principalmente o fandango<sup>153</sup> (Ver Fig.55 e 56).

<sup>151</sup> “[...] Originário de Angola e Congo, de onde descenderam a maioria dos escravos que se fixaram em Alagoas. Contudo, há também estudiosos que também reconhecem nesta dança, inclusive na denominação, vínculos com a forma de coletar e quebrar coco no Quilombo dos Palmares, onde sentados no chão e

pelas lembranças dos moradores idosos. .



Figura 54- 1- Grupo de fandango do Pontal; A baianas se apresentando nas noites enluaradas e a quadrilha do bairro. Fonte: Vanessa Gonçalves; Daniel Martiniano. Junho/09.

tentando quebrar o coco com pedras entoavam canções cadenciadas pela batida da pedras.[...]" ( PEDROSA apud FERRARE, 2006,p.362).

<sup>152</sup> “A dança das baianas também é um dos folguedos ligados ao folclore do açúcar, correspondendo a uma derivação do Maracatu rural do sul de Pernambuco próprio dos redutos de negros escravos na lida açucareira. Atualmente, as Baianas já incorporam elementos temáticos do Pastoril e do Coco”( FERRARE, 2006, p.362).

<sup>153</sup> O Fandango constitui-se em um folguedo bastante similar à Chegança em alguns aspectos da temática a que faz alusão, embora mantenha diferenças na representatividade cênica, por apresentar-se dissociado do barco, e ainda por não abordar as lutas entre Mouros e Cristãos, conquanto assemelhe-se muito no traje de “marujo” usado pelos integrantes. Também particulariza-se por não adotar uma lógica constitutiva de enredo e assumir uma forma de apresentação mais avulsa. Segundo identificação dos folcloristas, “ o Fandango por não assumir enredo ordenado, apresenta-se com a seguinte seqüência nem sempre seguida: apresentação do grupo com música “ Somos Lisboa”; o romance da nau catarineta e o episódio da tempestade e morte do gajeiro formado pelas cantigas ‘ Alerta ‘ o Tu Gajeiro Sobe’[...] Em algumas partes dos autos integra o elenco a figura de um padre, portador da mensagem cristianizada ( FERRARE, 2006,p.365).

pelas lembranças dos moradores idosos. .

Esses grupos são o orgulho para muitos pontalenses, pois unem várias gerações e transformam uma brincadeira num saber disseminado pelo tempo, como descreve Sr. Moacir,

[Com relação à fundação do fandango] Olhe, eu não sei o ano porque eu tinha mais ou menos uns 6 anos de idade pra 7, naquela época. Já tô com 72 né? E ele já brincava, né? O fandango. Eles já brincavam, já era aqui num povoadozinho aqui ao lado, que pertence hoje a Marechal Deodoro, que é barra nova. É um povoadozinho pequeno. Eles ensaivam e brincavam lá e brincavam aqui. Agora eu não posso dizer a você se saiu, o fandango saiu daqui e foi pra lá, ou de lá da barra nova e veio pra cá. Sabe, não tenho essa certeza, não sei dizer isso a você. Mas foi assim, aí o meu pai foi o fundador juntos com outros colegas, né? Juntaram-se alguns e fundaram junto com meu pai, Isaldino. E meu pai deixou pra ele, [e] que ensinou a ele. Eu dançava, mas agora minha filha, agora mais não! ( risos)

A peculiar ocorrência do fandango também aparece no discurso de Dona Neirde, fortalecendo ainda mais a relevância dessa dança folclórica para o contexto cultural do bairro, conforme se verifica,

O Pontal de antigamente, lá na prainha tinha uma barca de fandango. Uma barca de fandango, o fandango sempre existiu aqui no Pontal, sempre existiu. Tinha umas baiana lá em cima, também naquela época que eu era jovem né. Agora só que ficou dessas baianas, só existe uma que dançava naquela época, era a

Liu.

Em um esforço de síntese, pode-se dizer que o “lugar” pode ser entendido como diversas formas e porções que formam a cidade, como a rua, a calçada, a lagoa, elementos estes que definem o bairro do Pontal da Barra. A conceituação do bairro considerado aqui como “lugar” é determinada pela relação e interpretação das relações afetivas e simbólicas com o espaço habitado, e como os habitantes que se apropriam e utilizam esse lugar agregando-o referências pessoais e coletivas, mas que também incorporam mudanças advindas da contemporaneidade, tal como descreve D. Luci, moradora do bairro,



Figura 55- Os “tocadores do grupo de fandango do Pontal. Fonte: Vanessa Gonçalves. Junho/09.



pelas lembranças dos moradores idosos. .

Pontal da Barra, bairro de tradição,  
Com seus coqueiros, Seu povo sem ambição.  
E as rendeiras, com seu filé falado  
Brilham como estrelas. Nesse mundo encantado.  
È o progresso culpado disso tudo  
Os homens, os políticos, Falam  
E o povo, Zé povinho fica mudo  
Adeus pôr do sol e a lagoa Mundaú  
As noite de lua cheia e o gostoso sururu.  
E os pescadores? São os donos desta terra  
São os doutores da lagoa que a riqueza encerra  
Faz um apelo para todo humanidade  
Que parem os ponteiros do relógio da saudade.  
Adeus amor que eu vou partir  
“É isto minha gente, que o progresso quer destruir”

## 4.2 CONSTRUÇÕES DA HISTÓRIA PELOS ESPAÇOS DA MEMÓRIA

Não se pode perder, no deserto dos tempos, uma só gota da água irisada que, nômades, passamos do côncavo de uma para outra mão. A história deve reproduzir-se de geração em geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos (BOSI, 1994, p. 90).

O encontro com as lembranças faz reviver sentimentos que revelam as experiências de um passado que constitui a essência de quem o descreve. “[...] Mesmo porque, muitas recordações que incorporamos ao nosso passado: simplesmente nos foram relatadas por parentes e depois lembradas por nós” (BOSI, 1994, p. 407)

Essa reflexão pode ser constatada nas histórias/lendas existentes no Pontal da Barra, como por exemplo, o fogo corredor, o gritador, citadas pelo Sr. Moacir, Dona Neirde, pela Dona Sidneide entre outros. Essas memórias estão marcadas na história de vida desses idosos, pois foram



Figura 56- Tramas do filé nas mãos da sabedoria.  
Fonte: Vanessa Gonçalves. Agosto/08



Figura 57- Mãos da sabedoria  
Fonte: Vanessa Gonçalves. Agosto/08

pelas lembranças dos moradores idosos. .

narrativas não vividas mas incorporadas as suas lembranças por parentes, e/ou vizinhos, recontadas a esses narradores diversas vezes em sua trajetória de vida.

Diante do exposto, quando se trabalha com as histórias de vida deve-se atentar para lembranças que são “impostas”, ou melhor, naquelas não consideradas como originiais, pois foram inspiradas nas conversas com os outros. Com o decorrer do tempo, elas passam a ter uma *história* dentro da gente, acompanham nossa vida e são enriquecidas por experiências e embates” (BOSI, 1994, p. 407).

Entretanto, muitos dos valores absorvidos por este meio de influência coletiva, são imperativos na concepção e formação de valores individuais, e vive-versa. Acerca dessas reflexões cabe considerar o que entende Portelli (1997, p. 33) quando diz:

Mas, o realmente importante é não ser a memória apenas um depositário passivo de fatos, mas também um processo ativo de criações e significações. Assim, a utilidade específica das fontes orais para o historiador<sup>154</sup> repousa não tanto em suas habilidades de preservar o passado quanto nas muitas mudanças forjadas pela memória. Estas modificações revelam o esforço dos narradores em buscar sentido no passado e dar forma às suas vidas[...]

No Pontal da Barra, os laços de convivência e afetividade estão presentes em quase todos os discursos, pois as relações presentes entre vizinhos e amigos são comparáveis às relações de sangue, conforme comprova-se nos seguintes discursos:

A história da gente quando nós éramos garotos, a nossas famílias, os nossos pais, quando num era parente era compadre. E era assim. E tinha um tal de compadre de fogueira, eu num sei se você... Sabe não disso né? Eu sei, São João e São Pedro né. Santo Antônio, São João e São Pedro e aqui existia muitos folgedos né? E também as fogueiras e tudo mais aquilo era tudo original daqui mesmo. O milho assado, aquela coisa todinha e tudo mais. E havia aquelas celebrações e no final daquelas celebrações, antes da fogueira se apagar e todo. Aí, havia o convite né? *Você vai ser minha comadre*. Entendeu? Mais aquilo era uma coisa séria, nera de brincadeira não, sabe? *Você vai ser minha comadre. Você vai ser meu compadre*. Era um convite sério e pulava na fogueira, interessante né? Pra confirmar. Então, a fogueira quando ela ia perdendo calor, aquele calor todo, aí passava o compadre de um lado a compadre do outro ou comadre de um lado compadre do outro e pulavam a fogueira, com a mão segurada na mão do outro né. E dizia, pronto aí... Aquilo ali ficaria mais seguro do que fosse padrinho de um filho. Por isso que eu digo, quando não era parente era compadre! (Moradora do Pontal, entrevistado pela pesquisadora)

[...]Tenho muitas amizades, tenho muitos amigos. É são amigos, a gente se sente tudo de uma família só. A gente conversa, a gente às vezes bate um papo. As pessoas vem procuram a gente pra conversar, por a gente ser mais idoso né, aquela coisa toda e tudo mais. Tem uma maior... Dizem que a gente tem uma maior experiência da coisa. Eles vêm às vezes, pedem um conselho pra gente

<sup>154</sup> Historiador- aqui entendido como pesquisador

pelas lembranças dos moradores idosos. .

conversar né, aconselhar sobre determinadas coisas. O que é que vai fazer, o que é que pode fazer. E às vezes a pessoa me procura também, quando eu tenho também alguma dúvida alguma coisa, que eu quero esclarecimento melhor, eu também procuro algumas pessoas que podem me esclarecer aquilo né. A gente tem sempre aquela amizade sempre! Não existe nenhuma maquerência por aqui, às vezes é falta de compreensão de alguns, uma ou outra pessoa né.[...] (Morador do Pontal, entrevistado pela pesquisadora)

[...]É porque, vizinho só tem os filhos, dos dois lados. Um do lado outro do outro... (risos) mas meus vizinho e aqui todo mundo gosta de mim. E eu gosto de todo mundo. É, porque pode perguntar? Conhece a Neide? Ahh, a Neide do Maré? (risos) é, todo mundo, graças a deus eu não tenho maquerência aqui com ninguém, nunca tive. E num tenho. Gosto de todo mundo. Todo mundo pra mim é bom. Dá, oxe dá tudo! (Moradora do Pontal, entrevistada pela pesquisadora)

O sentimento de pertencer a “uma única família” é bem mais forte quando os idosos retratam as relações presentes no Pontal de Ontem, ou melhor, nos tempos de outrora, pois acreditam que as diferenças sociais, psicológicas e a misturas de “povos”<sup>155</sup> que aparecem atualmente no bairro desvalorizam a cultura e tradição nele existentes. O que é retratado segundo algumas falas a seguir,

O Pontal não era assim. Porque aqui muita gente gosta de olhar a vida dos outros, e antigamente ninguém botava olho na vida de ninguém não! Cada um vivia a sua vida, mas hoje em dia esse povinho, essa geração nova que tem outra criação, né. Que num foi nem criado aqui, que o pai era rígido, era fogo viu. Era um pai diferente, era um comé?... Ele num dava ousadia, num dava não, num dava mesmo!

O Pontal antigamente era uma espécie de aldeia! Era, você tá me entendendo? Era uma aldeia né. Porque era as casas eram quase todas uniformes, né. Eu volto a repetir, aquelas casas cobertas de palha de coqueiro né.

[Sobre o Pontal de hoje] Diferente! Porque como eu disse a você, muita mistura né. Muita gente de fora. Aí veio com os costumes, né? Outras regras, outros posicionamentos. [...]

O povo foi entrando né, muita gente que é de fora, num é daqui. Agora né mais não. Antes era, uma rixa. É a mesma coisa com o Trapiche, Trapiche ainda hoje, ainda tem rixa. Quando vem os caras lá do Trapiche, pra cá é briga! É briga! Num deixa disso. Pontal é Pontal. Quer vir do **Trapiche pra qui e querer ser o dono do Pontal, num pode.** (Risos) (grifo nosso)

Para muitos idosos, as interferências de tais indivíduos influem na dinâmica sócio-cultural do Pontal de hoje e principalmente nas relações simbólicas e afetivas que ainda perduram. No viés de tal possibilidade, conforme Bosi (1994), isso acontece pois as

<sup>155</sup> Os diferentes “povos” referem-se as pessoas sobrevividas de outras localidades, como por exemplo outros bairros, outros municípios e até outros estados.

pelas lembranças dos moradores idosos. .

peças mais velhas sentem-se distantes das novas conformações sociais advindas do mundo contemporâneo. São indivíduos com funções delimitadas, que lutam para dar continuidade a sua trajetória como sujeito social. Dessa forma, os novos padrões de comportamento, de relacionamento social trazidos por esses “intrusos” incidem nesta paralela da população como desvalorização dos seus valores e saberes adquiridos através do tempo. Pois é bem verdade, que “nesta época de informação, a busca da sabedoria perde as forças, foi substituída pela opinião” (BOSI, 1994, p. 85).

Entretanto, eles sentem sua vida e sabedoria ganhar função quando encontram potenciais interessados em desvendar seus conhecimentos. Neste contexto cabe salientar, que em algumas tribos antigas, os idosos ocupam o posto de guardiões da maior riqueza da sociedade, a tradição e sabedoria. Isso porque detêm a maturidade trazida por sua trajetória de vida, conseguindo “ressucitar detalhes, discutir motivos, confrontar opiniões [...], pois quando a sociedade esvazia seu tempo de experiências[...] a lembrança [ pelos idosos] se converte em um sucedâneo da vida” (BOSI, 1994, p. 82).

A construção das histórias desses pontalenses através da memória evocou as experiências vividas e sentidas, tanto no âmbito individual quanto no coletivo, pois refletem as ações cotidianas, os elos afetivos e a relação de cada habitante com os demais indivíduos e, sobretudo, com o lugar. Esta estratificação do ser enquanto agente social pôde ser verificada nas lembranças da infância e juventude, como festas, brincadeiras, sonhos, etc., tais como mostram os relatos,

### *Sobre as festas,*

Era, era muito animado. Quando era meio dia, essa praça já tava cheia de gente pra acompanhar a procissão de São Sebastião.[ Apareciam] O pessoal do Centro, do Trapiche, do Prado.[...]

São João, que tem negócio de brincadeira, de baiana, tem essas coisas, de chegança né? Que é tudo lá na praça. [...]. E no carnaval, o carnaval daqui é uma comédia (risos) que é os homem tudo vestido de mulé ( risos), é doidice. Tem a festa de São Sebastião, é bom né, continua ainda. Embora que diminui muito, sabe? Depois que tiraram a parte do porto, fizeram aquele terminal,..diminui as brincadeiras, tinha barzinho, tinha brincadeira, tinha tudo. Era uma festa muito boa. [A festa é comemorada] Janeiro, dia 11 de janeiro, começa dia 9 e termina dia 20, dia de São Sebastião. Continua todo ano, mesmo com pouca gente. Eu vou me arrastando, mas vou ver São Sebastião. Embora que hoje dia não sou mais da igreja, sou evangélica. Deus me chamou, Jesus cristo me chamou e agora sou evangélica.

Chegava no tempo de São João aqui no Pontal da Barra, São Pedro, a colônia ficava cheio, cheio de gente pra dançar. Aquelas músicas do forró do Luiz Gonzaga, de antigamente. Agora não, é música de tango, né. Como é, como é o nome? Do caminhão... Como é daqueles carro de som? Sim, agora é tio elétrico.

pelas lembranças dos moradores idosos. .

No tempo de São João é trio elétrico. Eu digo, minha gente! Num tem nem graça, minha gente! É tempo de São João É São João! É música de forró! Ahhhh, acabouse aquele tempo, agora é das veia. Eu digo: é tá certo bando de peste, vocês num vão ficá veia, né não. Eu digo: eu tô dizendo que naquele tempo pra mim é muito animado do que agora.

Aqui, a festa mais forte que tinha aqui, era a festa de São Sebastião, era antigamente. Antigamente, era uma festa muito boa, mesmo no tempo do meu marido, do meu pai. Era o meu marido quem organizava, agora acabou. É em janeiro. Ainda continua, mas fraquinha minha filha. Nunca, nunca como antigamente, nunca! Antigamente era muito comé, animada, né. Antes tinha tudo, tinha leilão, tinha tudo, era uma mesa enorme, toda qualidade de fruta. Era muita coisa, muita coisa. O povo vendia, o povo arrematava né. Antigamente, todo interior tem, né. Hoje em dia, num tem isso não. Isso era tradição daqui! Hoje em dia num tem. Eles botavam, pescador botavam uma canoa cheia de peixe, aí eles colocavam numa canoa era peixe, camarão, tudo. Pessoal ficava olhando, pescava assim e a canoa ficava ali e era muita coisa, antigamente. [...]



Figura 58- – A festa e procissão de São Sebastião. Devotos e oferendas. Fonte: Vanessa Gonçalves. Janeiro/09.



Figura 59- A festa e procissão de São Sebastião. Devotos e oferendas também a São Pedro, protetor dos pescadores. Fonte: Vanessa Gonçalves. Janeiro/09.



pelas lembranças dos moradores idosos. .



Figura 61- A multidão espera pela passagem do Santo. Fonte: Vanessa Gonçalves. Janeiro/09



Figura 60- A banda se prepara para homenagear o São Sebastião. Fonte: Vanessa Gonçalves. Janeiro/09.

### *Sobre as brincadeiras:*

Boa, né. Oia, tinha brincadeira né, pra gente brincar, mas eu tinha um pai ruim não dexava a gente sair. Uma vez uma mocinha do pastoril pelejou pra gente dançar... Ele nunca deixou, saía não. Dança na colônia, tempo de festa de são João né, São Pedro, forró. Arrente dançava escondido. Quando ele saia pra pescar, oia...bem assim era no Carnavá, aquele quando o bloco vinha.... Agora não, cabousse, que não tem mais isso.[ Pelo fato de hoje a festa está com pouco público]

A gente brincava de... Peraí deixo ver se ainda me lembro..., antigamente a gente cantava aquela... Eu vim do tororó. Quer ver a outra que a gente também que a gente brincava muito de *la condessa*. Você já ouviu falar? Eu nem lembro direito.

As brincadeiras olhe, hoje num tem mais brincadeiras. Só tem fandango! Mas naquela época, nós tíamos o coco de roda, nós tíamos as baianas, nós tíamos o fandango propriamente dito. Que hoje... É muito antigo. Olhe, o meu pai foi fundador do fandango, foi o meu pai![...]

Nesta perspectiva, a forte impressão revivida pela memória guarda a significação das práticas sociais, dos saberes e fazeres, dos costumes, enfim de como a vida se conformou no passado contraposto aos valores e significados do presente, pois,

Para localizar uma lembrança não basta um fio de Ariadne; é preciso desenrolar fios de meadas diversas, pois ela é o ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto complexo de convergência dos muitos planos do nosso passado. (BOSI, 1994, p. 413)

Também, se conservam ligados a esses valores e significados os “sentimentos topofílicos” descritos por Tuan (1980), pois são caracterizados particularmente neste bairro, pela história revelada pelas lutas dos seus atores sociais em busca de sobrevivência, seja pelos embates da natureza, seja pelas interferências do mundo contemporâneo, e que



pelas lembranças dos moradores idosos. .

ainda imprimem significados presentes e marcados na identidade do lugar, principalmente pela tradição e pelos elos afetivos presentes no seu contexto citadino.

### 4.3 OS ELOS IDENTITÁRIOS DO- “O PONTAL DA BARRA”

As lembranças do grupo doméstico persistem matizadas em cada um de seus membros e constituem uma memória ao mesmo tempo una e diferenciada. Trocando opiniões, dialogando sobre tudo, suas lembranças guardam vínculos difíceis de separar. Os vínculos podem persistir mesmo quando se desagregou o núcleo onde sua história teve origem. Esse enraizamento num solo comum transcende o sentimento individual (BOSI, 1994, p.423).

O significado das lembranças expressas pelos relatos individuais e coletivos através da memória, consolidam os laços afetivos que são capazes de conformar a identidade de um lugar sob a ótica de quem o (re)conhece, (re)constrói, vivencia e conceitua - os habitantes. Esta identidade apresenta-se embasada principalmente no,

[...] variado conjunto de relações sociais que nos permite compreender essas várias vivências. [...] o espaço citadino deixa de ser o espaço tão somente das ruas, das casas, da estação, da igreja matriz, da praça e passa a ser pensado e compreendido como espaço singular onde a experiência social é gestada e igualmente composta pelos trâmites da memória mediante o ato de lembrar e esquecer (LACERDA apud FENELON, 2000, p. 202).

Acerca das dimensões essenciais a identidade do lugar, convém salientar, que a cada narrativa coletada dos idosos pontalenses ficavam latentes os elos identitários estabelecidos no decorrer da convivência com os demais moradores e, principalmente, na interação com o lugar. Coloca-se pertinente a discussão do forte sentimento de pertencimento, que é retratado por esses habitantes, entendendo-o como único, como sua casa, ou melhor, este “ espaço [Pontal da Barra] é como ar que se respira. Sabemos que sem ar morreremos, mas não vemos nem sentimos a atmosfera que nos nutre de força e vida” (DA MATTA, 1997, p.29). A partir de tais reflexões, que retratam essa visão do bairro como singular e essencial a vida, convém registrar a fala de alguns moradores:

Bom, por mim mesmo, eu gosto muito de morar no Pontal. Eu num vou saí do Pontal da Barra pra canto nenhum mais. Primeiro porque, não achei lugar melhor do que esse. Mesmo eu tendo conhecido outros lugares, tenha morado em outros lugares, né. Eu conheci outros países né, e conheci também outros estados, né. E

pelas lembranças dos moradores idosos. .

morei também em outros estados, como morei na própria Bahia. ( Morador do Pontal, entrevistado pela pesquisadora)

Ah hoje, é bom né, porque é tranquilo, não tem esse negócio de roubo, nem assalto. **É um bairro, ainda acho que é dos melhor, de Maceió**( Moradora do Pontal, entrevistado pela pesquisadora, grifo nosso).

Pra mim é orgulho! Muito, muito orgulho ser pontalense porque é como já disse bem antes um bairro igual não tem, pode ter igual, mas melhor do que esse não tem então... ( Moradora do Pontal, entrevistado pela pesquisadora)

A partir de tais menções, é importante destacar que, somente uma memória impregnada de múltiplas peculiaridades e significados podem conformar os elos identitários mais significativos. É bem verdade que, trabalhar a memória relacionada a identidade é, sobretudo no caso do Pontal, enfatizar as histórias pessoais e singulares que são retratadas pela organização social, simbólica e histórica que caracterizam o lugar. Pois, como enfatiza Pollak (1989, p. 11), “a reconstrução *a posteriori* da história da vida ordena acontecimentos que balizaram uma existência[...]” e, “[...]através desse trabalho de reconstrução de si mesmo, o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros”.

Diante de toda reflexão, que envolve a forma como a identidade é concretizada em um lugar, decorre a discussão levantada por Tuan (1983, p 4-5) no entendimento da ‘aura do lugar’, quando questiona, “de que maneira as pessoas atribuem significado e organizam o espaço e o lugar?” É bem verdade, que tal questionamento está relacionado aos referenciais que explicitem as relações sociais, históricas e afetivas que conformam este lugar, e parece fazer “[...] tudo o que constitui o vivo do sujeito[...]” (DA MATTA, 1997, p. 217). Conforme sintetizava Da Matta (1997, p. 217) em trecho que também reflete sobre os hábitos, sob o seguinte foco:

[...]Ver o gelo frágil dos hábitos, o solo movediço dos partidos tomados onde se incisam circulações sociais e costumeiras, onde se descobrem atalhos. Aceitar como dignas de interesse, de análise e de registro aquelas práticas ordinárias consideradas [para muitos] insignificantes. Aprender a olhar esses modos de fazer, fugidios e modestos, que muitas vezes são o único lugar de inventividade do sujeito[...].

Com efeito, constatou-se, que a partir da estratificação das lembranças dos idosos, o bairro do Pontal é visto como lugar detentor de tradições gravadas nas pedras das histórias individuais transformadas em memórias coletivas, onde o legado de saberes e fazeres, suas

pelas lembranças dos moradores idosos. .

amizades, seus sentimentos representam sua maior riqueza e estruturam sua identidade. Através de seus conhecimentos, sua trajetória de vida, é possível ter “a consciência do passado [que] é um elemento importante no amor pelo lugar [...] [do mesmo modo que] a história é responsável pelo amor a terra natal” (TUAN, 1980, p.114-115).

Cabe ainda lembrar, que as preleções transcritas, nascidas a partir das lembranças de sua infância, juventude e passagens da atual velhice, foram interpretadas como discursos que mostram, não apenas os anseios, sonhos, devaneios e histórias pessoais, mas também a densidade do viver em ‘família’, de fazer parte do cotidiano coletivo que caracteriza as especificidades do espaço natural e habitado, que sobretudo, conformam a essência da identidade desta parcela de moradores.

Verificou-se com clareza, que nas narrativas coletadas, é intensa a inter-relação entre presente, passado e futuro, pois são, sobretudo, caracterizadas pela história, pelas relações de pertencimento, os vínculos de amizade, enfim pela natureza social da identidade, da forma com o espaço foi e vem sendo apropriado (CARLOS, 1996). Cabe ainda avigorar, que neste mesmo estrato conceitual existe segundo Fernandes (2002, p.82),

A possibilidade de evocar imagens significativas vivenciadas no passado e de relacioná-las com o que é vivenciado no tempo atual revela um processo de ressignificação das vivências, tanto das passadas como das presentes e futuras, ou seja, do que se viveu, do que se vive, do que se procura manter ou experimentar futuramente.

Tais constatações relacionam-se com passagens da histórias coletadas do Sr. Elaide, D. Magnólia, D. Sidneide e D. Lucy,

O Pontal da Barra é um dos bairros melhor que tem, de se morar aqui. [...]. Pessoal aqui é uma família. É só uma família. Pontal da Barra uma família[...] ( Morador do Pontal, entrevistado pela pesquisadora).

Não, eu nunca quis sair daqui! Quando eu me casei, o meu marido arrumou uma casa, lá na Pajuçara. Eu disse: pra eu ir pra lá, não, você vá só, eu fico aqui [...]A infância... ainda hoje aqui no Pontal da Barra a gente cria os filhos e os netos com liberdade porque tem encontro de areia, tem praia, tem lagoa quer dizer quando a pessoa tem dinheiro e quer com tudo, gasta com piscina e a nossa piscina é natural[...]Esse, esse que eu moro. Aqui é. Aqui, porque aqui eu tenho sossego. Aqui oia<sup>156</sup>... nessa casinha[...]que você tá vendo eu não troco meu sossego por nada no mundo (Moradora do Pontal, entrevistado pela pesquisadora).

pelas lembranças dos moradores idosos. .

[...] É uma benção (Risos). Aqui é uma boa... aqui é um pai e mãe da gente aqui, na tem lugar melhor do que esse, hoje em dia... de fora é outra, você chega hoje aqui é bom de mais rapaz. Pra você ter idéia, pra você comprar uma casa aqui no Pontal, pra comprar uma casa aqui, vamo supor aqui na principal, você tem que ter dinheiro, é sim... tem que ter dinheiro ( Moradora do Pontal, entrevistado pela pesquisadora)

Ah sou, de coração até morrer, até morrer, oxeee! [...] Local? Aqui né! Só. É... Aqui, pois é, pra que vista melhor do que essa meu Deus! Essa natureza, coisa linda! Me acordo bem cedo, quando eu olho, olho, essa natureza, meu Deus! Jesus deu isso tudo pra gente né? É muito lindo! [...] (Moradora do Pontal, entrevistado pela pesquisadora).

Toda interpretação dessas falas dos moradores, permitiu deixá'r evidenciar como a identidade do bairro se estrutura (para esta parcela da população) como fruto de um procedimento que inclui os diversos significados de viver, estar, morar no Pontal da Barra. Essa identidade estaria calcada principalmente no plano do vivido, sentido e praticado, como já apontados em capítulos anteriores, preponderantemente nos elos afetivos (familiares), na relação simbólica e social com o espaço habitado, nos saberes e fazeres, além de todo o contexto citadino. De onde se pode constatar que, esse viver, sentir, estar e pertencer ao lugar é acima de tudo entregar-se a ele como parte indissociável de sua vida, ou melhor, transforma-se em história, *em identidade*. Pois,

[...] o lugar é, em sua essência, produção humana, visto que se reproduz na relação entre espaço e sociedade, o que significa criação, estabelecimento de uma identidade entre comunidade e lugar, identidade essa que se dá por meio dá apropriação para a vida. [...] Aí [neste lugar sentido e vivido] o homem se reconhece porque aí vive (CARLOS, 1996, p.116).

Desta forma então, a identidade do Pontal da Barra se materializa pela história (desde sua implantação até a aglomeração atual), pelas formas de viver e de se relacionar (com o lugar e os demais habitantes), no qual estão estruturadas diretamente nos elos existentes entre as especificidades espaciais e sociais – as relações de vizinhança, o sentimento de pertencer ao bairro, à pesca, ao filé, e manter a sua vital relação com a lagoa Mundaú entre outros. E ainda ressaltam-se segundo Carlos (1996, p. 117) que essa “natureza social de identidade, do sentimento de pertencer ou de formas de apropriação do espaço que ela suscita, liga-se aos lugares habitados, marcados pela presença, criados pela história feita pelos resíduos e detritos, pela acumulação do tempo.

É bem verdade, que essa identidade construída e reconstruída a cada nova mudança relaciona-se intrinsecamente às vidas singulares (re)contadas que se expressa em cada “pedaço”, em cada espaço em que estão principalmente embasadas, na relação tríade

pelas lembranças dos moradores idosos. .

defendida por Carlos(1996), *habitante -identidade- lugar*. Convém ainda lembrar, que é a partir destas relações que a teia da vida no Pontal é tecida e torna este bairro único e tão peculiar dos demais da cidade de Maceió.

Observa-se que, conformadas na relação com esse lugar de vivências, de sentimentos e de ações, são exatamente solidificadas as características próprias que formam a identidade do *bairro* e que ainda é reforçado por Da Matta quando respalda que,

O lugar ocupado por um grupo não é como um quadro- negro no qual se escreve e depois se apaga números e figuras[...] o local recebeu a marca do grupo, e vice-versa. Todas as ações do grupo podem ser traduzidas em termos espaciais, o lugar por ele ocupado não é apenas a reunião de todos os termos. Cada aspecto, cada detalhe tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, pelo menos o que nela havia de mais estável. É claro, novos fatos excepcionais também têm lugar nesse contexto espacial [...]

Para estes idosos entrevistados, esse quadro- negro constante que não pode ser apagado significa orgulho, vida, tradição, amizade, saber -fazer, enfim, sua identidade. Para eles, esses elos identitários são descritos no “[...]olhar a paisagem e saber tudo de cor, porque diz respeito à vida e seu sentido, marcados, remarcados, nomeados, natureza transformada pela prática social, produto de uma capacidade criadora, acumulação cultural que se inscreve num espaço e tempo[...]”(CARLOS, 1996, p.117).

Muito mais do que apenas apontar quais as principais especificidades que compõem o bairro, constatou-se que em todos os discursos estava presente uma convergência significativa das práticas sociais, das relações sociais, dos elos afetivos com a lagoa, das principais festas e folgedos, onde afloraram sentimentos que confirmam como se compõe a identidade, portanto cabe destacar a seguinte afirmação: “O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar se liga indissociavelmente à produção da vida”(CARLOS, 1996, p. 116). Algumas dessas vivências, práticas cotidianas e simbólicas que consolidam esta identidade pontalense compõem, algumas imagens que elucidam o agir social, tão peculiar ao bairro.

pelas lembranças dos moradores idosos. .



Figura 63- A rede que tece a trama da vida.  
Fonte: Vanessa Gonçalves. Novembro/07



Figura 62- Culto a amizade: banhos intermináveis na "Mãe" D'água- a Lagoa Mundaú. Fonte: Vanessa Gonçalves. Novembro/07



Figura 64- A criadora e a criatura. Artes de fazer. Fonte: Vanessa Gonçalves. Junho/09.

De acordo com o que se evidenciou ao longo desta análise, as representações e peculiaridades que se (re)encontram presentes no Pontal da Barra, concretizam o processo relacionado à gênese da identidade, por representarem, sobretudo as experiências presentes no cotidiano que se incorporam a forma de ser e viver do idoso pontalense.

Este agir social, que se difunde no contexto citadino e interliga-se a identidade, é descrito de forma lúdica por Bosi (2003, p. 72-74), quando traduz o simples cair da noite de um lugar desvendando os ritmos, sons e, especialmente a vivência em um bairro,

[...] A seqüência de movimentos na calçada segue ritmos que aceleram e se abrandam em horas certas e vão se extinguindo devagar quando as janelas se iluminam e as ruas se esvaziam. Depois, as janelas vão-se apagando e fechando, menos alguma que resiste ainda, da qual escapa um som que finalmente silencia[...] [o lugar detém] sua infância, juventude, velhice... as casas crescem



pelas lembranças dos moradores idosos. .

do chão e vão mudando: canteiros, cercas, muros, escadas, cores novas, a terra vermelha e depois o verde umbroso. Arbustos e depois árvores, calçadas, esquinas... uma casa pintada de azul que irradia a luz da manhã, os terrenos baldios, as ruas sem saída que terminam em praças ermas... o bairro acompanha o ritmo da respiração e da vida dos seus moradores. Suas histórias se misturam e nós começamos a enxergar nas ruas o que nunca viríamos, mas nos contaram [...]

Portanto, esse ritmo de respiração e de vida designada pela densidade das vivências, dos elos afetivos e das práticas sociais expressas na história das ruas, calçadas, becos e principalmente das pessoas é responsável pela construção da identidade e revela as numerosas peculiaridades, que se adequam as mudanças do tempo. Identidade viva, sem máscaras nem simulações, na qual o ritmo suave do viver e do habitar constroem os valores e significados que traduzem a maneira de ser e sonhar de cada pontalense.

pelas lembranças dos moradores idosos. .

## V- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história é sem fim, está sempre se refazendo. O que hoje aparece como resultado é também um processo; um resultado hoje é também um processo amanhã vai tornar-se outra situação. O processo é o permanente devir. Somente se pudéssemos parar a história é que teríamos um estado, uma situação permanente (SANTOS, 1998, p. 50).

Em meio a tantas considerações, este trabalho explorou, sobretudo, um percurso de reflexões e discussões que evidenciassem os elos existentes entre identidade social e identidade espacial geradas pelas práticas vividas e sentidas pelo indivíduo pontalense no seu bairro. Essas práticas decorrentes dos hábitos cotidianos, (como, andar nas calçadas, jogar bola, conversas com os vizinhos,) do processo histórico e de ocupação, além da memória coletiva são cenários que descrevem a reprodução do espaço social tal como acontece na vida “real”.

No caso do Pontal da Barra, tal assertiva pôde ser comprovada pela forte presença dos elos afetivos, nas relações com a paisagem, na produção do espaço social e histórico mesmo com a inserção de novos significados e valores.

O descortinar de todo processo histórico mostrou a importância com que a história interfere na tradição e na conformação da vida no bairro. É bem verdade, que tal assertiva só foi comprovada quando se constatou, através das fontes orais, as características que o marcavam e o diferenciavam.<sup>157</sup>

Essas formas de conhecimento sejam orais e/ou escritas expõem que a identidade é capaz de revelar à verdadeira “essência” do ambiente urbano, pois se trata de um conceito que abrange múltiplos saberes e principalmente novos valores e significados, portanto não sendo algo estagnado ou incompleto. A identidade expressa os valores simbólicos, a tradição e a cultura presentes na relação entre o habitante e o lugar. Tornando-se assim, essencial para entender o que nos caracteriza, conforma e diferencia dos demais indivíduos.

---

<sup>157</sup> O trabalho com fontes orais expõem através da subjetividade, quais são os elementos que estruturam e caracterizam a identidade. Enquanto “forma de reflexão,” a oralidade constitui também o espaço essencial da comunidade. Numa sociedade não existe comunicação sem oralidade, [...] A oralidade está em toda parte, porque a conversação se insinua em todo lugar; ela organiza a família e a rua, o trabalho[...]” ( CERTEAU, 2008, p336-337).

pelas lembranças dos moradores idosos. .

Destaca-se então, que a identidade se constitui a partir dos elos existentes entre a unidade física- bairro, o tempo- relacionado a memória- e principalmente o agir social. É também o reflexo da história, e do cotidiano o que possibilita uma construção singular, constituída de valores e significados únicos que diferenciam este local dos demais.

Ao designar um paralelo com o bairro em questão, nota-se que, o forte sentimento de pertencimento ao Pontal da Barra desperta significações bastante valorativas no que diz respeito ao entendimento que os moradores têm de si e do próprio bairro.

Essas reflexões são trabalhadas por Hallbwachs (2006), quando explicita que existem casos onde a relação entre o sujeito e sua casa, sua rua, seu bairro, sua cidade e até aos demais habitantes é muito marcante, pois, há uma verdadeira perpetuação do espetáculo da vida. Assim, é neste contexto que a identidade se constitui e acontece. Quando um grupo de pessoas mantém raízes profundas em um determinado lugar, mesmo com as interferências advindas da contemporaneidade, os laços afetivos, os costumes, o “pertencer” são elementos que resistem às forças que tendem a transformá-los. É fato que essa resistência constitui a identidade, pois “[...] as pedras se deixam transportar, [mas] não é muito fácil modificar as relações que se estabeleceram entre as pedras e os homens”(HALLBWACHS, 2006, p. 163).

Por ter focado as lembranças de idosos durante o processo de pesquisa, esta forte valorização revela-se bem acentuada, pois ao abordar a “coordenação” das memórias, a identidade aparece como elo entre o passado e o presente. Essa construção resulta da contraposição das referências e experiências vividas contrapostas aos valores e experiências do presente.

Esse passado e presente tornaram-se subsídios essenciais para o entendimento da identidade do Pontal da Barra, pois o tempo de outrora traz em suas entranhas todos os valores, costumes e hábitos cotidianos já concretizados pela história, enquanto no tempo presente são agregados novos valores, conceitos e significados.

É bem verdade que, na análise dos relatos de vida dos idosos identificou-se uma memória voltada para ao convívio social, através da arte de fazer o filé, da pesca, do ser vizinho, do ser amigo, pois, por desempenharem papéis de reafirmação do sujeito na sociedade, traduzem assim, a essência de fazer parte dessa comunidade. A importância desses saberes e fazeres que persistem ao tempo, reforçam as característica que distinguem o Pontal da Barra dos demais bairros de Maceió, pois, “A distinção e o reconhecimento da

pelas lembranças dos moradores idosos. .

diferença se materializa na especificidade do lugar. Lugar que determina e define as fronteiras dos diversos modos de vida” (COELHO, 1992, p.287).

Percebe-se, todavia que, o andar a pé pelas ruas do bairro, o conversar nas calçadas ao entardecer, a arte dos saberes e fazeres locais, as belezas naturais da paisagem, que se divide entre a lagoa e o mar, e ainda seus habitantes são parte desta identidade, que aparece nas entranhas do ser pontalense e que traduz a essência do viver neste lugar. Para todas estas peculiaridades apresentadas pelo bairro em foco, cabe a reflexão,

Para além da soleira da casa, portanto, não surge repentinamente o resto do mundo. Entre uma e outro situa-se um espaço de mediação cujos símbolos, normas e vivências permitem reconhecer as pessoas diferenciando-as, o que termina por atribuir-lhes uma identidade que pouco tem a ver com a produzida pela interpelação da sociedade mais ampla e suas instituições (MAGNANI apud FERRARE, 1993).

Essa dimensão simbólica e social tão marcante e presente no local, ultrapassam os aspectos físicos e estabelecem múltiplos sentimentos e valores, ou melhor, desvendam o “invisível” da essência humana e clarificam a forma como se constrói o significado de ser sujeito integrante desta localidade. Esses sentimentos unidos ao contexto citadino, aos saberes e fazeres locais conferem ao bairro um caráter pessoal e subjetivo capaz de formalizar uma interpretação que envolve múltiplas perspectivas.

Com efeito, tanto a aplicação quanto a análise do banco de dados, foram realizadas no sentido de construir de maneira explícita as expectativas e compreensões, para que deste modo, fosse enfatizada a real vivência do bairro sem disfarces e/ou máscaras. Para tal intento, foi possível apontar e compreender quais os “elementos” essenciais na formação da identidade do Pontal da Barra, sob a ótica dos idosos aí residentes. Descobriu-se assim, que estes se caracterizam pelas relações sociais, simbólicas, relações de vivências e experiências, de sentimentos e anseios, de vida e sonhos que se formalizam no lugar/ no bairro. Tal assertiva é alentada por Vieira (1997, p.143) quando explicita que, “[...] o espaço vivido, a relação do homem com seu meio e com outros moradores que compartilham o mesmo território é sem dúvida um dos elementos mais importantes no processo de formação de identidades em torno de um território[...].

Faz-se oportuno citar, que tais elementos estão concretizados nas falas de Sr. Moacir, D. Sidneide e de D.Marlene quando especificam que mesmo morando em outros lugares durante sua juventude, voltaram para “casa”- para o *Pontal da Barra*. Convém destacar, que essas histórias ainda citam a importância dos trabalhos manuais- a pesca e o

pelas lembranças dos moradores idosos. .

filé, citados por D. Magnólia, D.Lucy e D.Sidneide, Sr. Renato e ainda Sr. Moacir, para a configuração dessa identidade, pois fazem parte das práticas sociais e simbólicas constituintes do agir social. Essa dimensão do vivido e sentido, é tão intensa e presente em cada história de vida que se incorpora, instituindo desta forma, os elos identitários do bairro em caráter definido e singular. Toda e qualquer tipo de reflexão e análise da memória em função da identidade, sejam as brincadeiras da infância de D. Neirde, sejam os contos de pesca do Sr. Moacir, sejam as comidas de D.Sidneide demonstraram que, trabalhar com a lembrança dos idosos nesse “desvendar a identidade”, imanou elos mais estruturados e significativos com o lugar pois,

[...] ao recordá-las [lembranças, histórias] na velhice, investirá[tudo] na sua arte um carga de significação e de valor mais forte do que atribuída no tempo ação[...] Na velhice, quando já não há mais lugar para aquele “fazer” [ tão marcante de outrora], é o lembrar que passa a substituir e assimilar o fazer. Lembrar agora é fazer[...] ( BOSI,1994, p.480)

No entanto, é conveniente destacar, que apesar de ser forte a relação com o lugar, isto não é o único fator compositivo da identidade do Pontal. As peculiaridades locais presentes no bairro, e tão supracitadas neste trabalho, como por exemplo, o ser vizinho, o ser amigo, também se revelaram elementos constituintes dessa identidade.

Assim, é a partir desse “olhar de dentro” que se apresentam os reais e mais valorativos significados e especificidades da identidade, pois foram esses idosos que fizeram e fazem parte da história e concretização do cotidiano pontalense, além de se tornarem agentes ativos na formação dos elos identitários.

Cabe ainda salientar que, “[...] é preciso não esquecer que o bairro não é uma unidade isolada, mas parte de um complexo maior, a cidade, e isto tem uma significação não só em nível de espaço físico, mas também em nível de relações do bairro com a unidade que o engloba[...] (VIEIRA, 1997, p.144).

Enfatizando-se de outro modo, as peculiaridades do Pontal da Barra são ainda mais valoradas e acentuadas quando se relacionam ao contexto geral da cidade. Isso acontece, devido a toda a formação histórica desde os tempos de outrora até os dias de atuais. Inicialmente considerada “aldeia de índio” e formada por uma só família – onde ainda são mantidas muitas dessas relações- até a formação social e econômica mais atual onde se incluem a Braskem, a relação com o turismo e demais intervenções advindas da contemporaneidade.

pelas lembranças dos moradores idosos. .

Vale descrever um conto a partir de tais afirmações, que se chama “ O Diabo no Campanário” de Poe (apud VIEIRA, 1997, p.124) onde é discutida o processo de valoração das práticas sociais e simbólica principalmente relacionadas com as questões de espaço e tempo, e que segundo Viera (1997, p.124) é essencial destacar, pela originalidade e pela semelhança com o Pontal,

Trata-se da história de uma pequena comunidade cujas unidades sociais eram exatamente iguais e cuja forma, circular em sua disposição espacial, era idêntica a de um grande relógio. Tal como a máquina perfeita de medir o tempo, então, estava organizado esse burgo onde todos eram iguais e todos realizavam sincronizadamente as mesmas coisas nos mesmos momentos. Não podia haver maior paz, nem maior ausência de conflito e de tempo diferenciado. [...]Mas se tudo corria assim, um dia um demônio entra no burgo e penetra seu campanário, onde um grande relógio central comanda todas as atividades de todos os seus habitantes. Tal diabo vindo de fora, adianta o grande relógio da comunidade e faz com que as perspectivas de cada burguês tornem-se diferenciados.[...] O burgo a viver[...] Foi-se o bom tempo que tudo transcorria sem conflitos e sem humanidade [...]

A analogia do conto a história do Pontal da Barra, contextualiza as diversas transformações consolidadas no lugar, e mostram que desta forma, “os moradores desenvolveram uma perspectiva diferenciada do seu espaço” (VIEIRA, 1997, p.125). Porém, convém lembrar que essas perspectivas serviram também para reafirmar os elos que os personalizam e se reconhece como os mais significativos e originais.

Cabe ainda salientar que, para entender as histórias gravadas nas pedras da memória, e sentimentos mais reais e especiais, tanto dos idosos como os de nós mesmos é preciso,

[...]nos recolhermos, fechar os olhos, retroceder no tempo [contraoando-o sempre com o presente] o mais longe possível, até onde nosso pensamento consiga se fixar em cenas ou pessoas cuja lembrança conservamos. Jamais saímos do espaço.[...] ( HALLBWACHS, 2006 , p. 188).

Esse “recolher” eternizado pelo tempo caracteriza a valoração das vivências, hábitos e elos criados durante o ser, estar e viver de cada sujeito constituinte da sociedade, pois traduz o que há de mais significativo. A constituição da identidade do bairro considerando a memória dos idosos constitui-se a partir de todas as relações que se estabelecem em um lugar e,

[...]Não adianta me esforçar para apagar este círculo do meio local, para me ater às sensações que tive ou às reflexões que outrora fiz. Sensações, reflexões e quaisquer fatos, devem ser pontos num local onde já residi [ou ainda resida] ou



pelas lembranças dos moradores idosos. .

pelo qual passei nesse momento e continua existindo. Procuremos ir mais longe. Quando tocamos na época em que já não conseguimos imaginar os lugares, nem mesmo confusamente, chegamos também as regiões do passado que nossa memória não atinge. Portanto, não é exato dizer que, para lembrar, é preciso que nos transportemos em pensamento para fora do espaço, pois ao contrário é justamente a imagem do espaço que, em função de sua estabilidade, nos dá a ilusão de não mudar pelo tempo afora e encontrar o passado no presente – mas é exatamente assim que podemos definir a memória e somente o espaço é estável o bastante para durar sem envelhecer e sem perder nenhuma de suas partes ( HALLBWACHS, 2006, p. 188-189)

Desta forma, essa memória que por si só “não envelhece” pode traduzir a identidade do bairro, tornando-se a revelação da face real do cotidiano, das amizades, do elos de pertencimento que se localizam no Pontal. Assim, essa identidade do bairro é constituída, desta forma e por fim, por elos que “ subsistem em virtude da força [simbólica, social] adquirida[...]” (HALLBWACHS, 2006, p. 164), assim a partir de tais reflexões demonstrou-se o processo de valoração dos moradores com o lugar, pois é preciso adentrar no mundo submerso de sentimentos e valores que compõem a essência de ser pontalense e assim desvendar ainda mais a identidade *do* - “*O Pontal da Barra*”, pois [...] *Para encontrar alguém ou alguma obra[algum lugar] é preciso sair aos encontros...* (LEFEBVRE apud CARLOS, 1996).

## VI- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, V. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora Fgv, 2004.

ALMEIDA, A.. - **Conceitos Básicos - Globalização e Identidade Cultural**. Editora: Sul Cone.

ARANTES, A. **O espaço da diferença**. São Paulo: Papyrus, 2000.

BARBOSA, J; ANJOS, J. **Pontal da Barra**. Maceió: Edufal, 2006.

BORBA, M. **Saberes e fazeres do povo: resgate da cultura popular da Paraíba**. João Pessoa: Editora Universitária, 2006.

BOSI, A. Cultura como tradição. In: BORNHEIM, Gerd, BOSI, Alfredo et al. **Cultura brasileira: tradição e contradição**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987, p. 31-58.

BOSI, E. **Memória e sociedade. Lembranças de velhos**. São Paulo: Cia das letras, 1994.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo:

BOURDIEU, W. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertarand Brasil, 1989

BRANDÃO, O. **Canais e lagoas**. Maceió: Edufal, Coleção Nordestina, 2001, 184p.

CABRAL, G. **Percursos Urbanos: A reconstituição da história do cotidiano**. In: **Cidade e História**. Salvador: UFBA, Mestrado em arquitetura e urbanismo, ANPUR, 1992, p275-281.

CABRAL,G;Souza, C. **Percursos urbanos: a reconstituição da história do cotidiano**. In: **Cidade e história**. Salvador: UFBA, mestrado em Arquitetura e Urbanismo, ANPUR, 1992, 303p.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CASTELLO, L. **A percepção de lugar: repensando o conceito de lugar em arquitetura-urbanismo**. Porto Alegre: Propar - UFRGS, 2007.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano 1: artes de fazer**. Petrópolis:Vozes,1994.

pelas lembranças dos moradores idosos. .

CERTEAU, M; GIARD, L; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano 2: morar e cozinhar**. Petrópolis:Voices,1996.

**CHAUÍ, M. Convite à Filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

COELHO M.C; FONTES, M.G.S; REIS, A.A; NEVES, M.L. **Preservação E Desenvolvimento, as Duas Faces de uma Moeda Urbana**. In: RPHN – Revista do Patrimônio Histórico e Nacional, 1986.

COSTA, C. **História de Alagoas**. Maceió: Sergasa,1983.

DIÉGUES, M. **O Bangüê nas Alagoas. Traços da influência do sistema econômico do engenho de açúcar na vida e cultura regional**. Maceió: Edufal, Coleção Nordestina, 2006.

FARIA H.; GARCIA, P. **Arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário**. São Paulo: Instituto Pólis, 2002, 108 p. (Cadernos de Proposições para o Século XXI, v.1).

FENELO, D. **Cidades, pesquisa em história 1**. São Paulo: 2000,282p.

FERNANDES,R. **Entre nós o sol: Um estudo sobre as relações entre infância, cultura, imaginário e lúdico em atividades de brincar em um programa público educacional não-escolar, na cidade de Paulínia-SP**. São Paulo: UNICAMP,1998. (Dissertação de Mestrado)

FERRARA. L. **Olhar Periférico**. São Paulo: Edusp, 1999, 277p.

FERRARE, J. **A cidade Marechal Deodoro: do projeto colonizador português `imagem do “Lugar Colonial”**. Salvador: FAUFBA,1993.

\_\_\_\_\_. **A Preservação do Patrimônio Histórico: um (Re) pensar a partir da experiência da cidade de Marechal Deodoro**. Salvador: FAUFBA, 1996. (Dissertação de Mestrado) 220p.

\_\_\_\_\_.**O projeto do “NOVO” PELÔ : solução para (ou) acentuação de conflito sócio – ambiental?**. Maceió: UFAL, 2007.

\_\_\_\_\_.**Um olhar antropológico sobre as práticas e o imaginário social da cidade de Marechal Deodoro- Alagoas**. Portugal: 2006, 424p.

\_\_\_\_\_. **Marechal Deodoro. Um Itinerário de Referências Culturais**. Maceió: EDIÇÕES CATAVENTO, 2002, 180p.

FERREIRA, M.M; AMADO, J. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fgy, 2005, 304p.

pelas lembranças dos moradores idosos. .

FORTUNA, C. **Identidades, Percursos, Paisagens Culturais: estudos sociológicos de cultura urbana**. Oleiras: Celta, 199, 148 p.

GONÇALVES, A. **Os bairros urbanos**. Revista da Faculdade de Letras, Vol. IV. Porto: 1998, p. 15

GONÇALVES, V.M.M. **Inventário da Produção do Design Alagoano e Sustentabilidade Cultural**. Maceió: UFAL – FAPEAL, 2005.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DPEA, 2006.

HALLBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006, 224p.

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 1999, 349p.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Ministério da Cultura. **O registro do patrimônio imaterial, dossiê final das atividades da comissão e do grupo de trabalho patrimônio imaterial**. Brasília: IPHAN, 2000.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Ministério da Cultura. **O registro do patrimônio imaterial, dossiê final das atividades da comissão e do grupo de trabalho patrimônio imaterial**. Brasília: IPHAN, 2000.

INSTITUTO ZUMBI DOS PALMARES. **A história do meu bairro- Pontal da Barra**. Maceió: IZP, 2004.

IVO, L. **Confissões de um poeta**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1979.

JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. 7ª edição. São Paulo: Papirus, 2004.

JOUTARD, P. **História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos**. In: Usos e abusos da história Oral, 1989, p.43-62.

LAGO, M.C. **Modos de vida e identidade. Sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1996.

LEFEBVRE, H. **La production de l'espace**. Paris: Antrophos, 1981;

LEITE, A. **O Lugar: Duas Acepções Geográficas**. Rio de Janeiro: 2006.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997

MAGNANI, J. G. C. **Cultura Popular e Lazer na Cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

pelas lembranças dos moradores idosos. .

MAIA, D. **A rua e a cidade**. ComCiência. Revista Eletrônica de Jornalismo Científico, v. 88, p. 277, 2007.

MATTA, D. **A casa e a rua- Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, 163p.

MONTENEGRO, A.T. **História Oral e Memória. A cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 1992.

MOURA, F.A.S. **Um Olhar estético sobre o Pontal da Barra. “Reestruturação Espacial”**. Maceió: UFAL, 2001.

NORMANDE, E. **Apoio à proteção ambiental. Uma experiência de Cooperação técnica**. Maceió: Seplan, Ima, 2000, 172p.

PLEC – **Projeto de Levantamento Ecológico Cultural da Região das lagoas Mundaú e Manguaba**. Maceió: SEPLAN/ SUDENE/CNRC. Vol 1. 2º ed, 1980.

POLLAK, M. **Memória e identidade social**, Rio de Janeiro: Estudos Históricos, 1992 vol. 5, n. 10, p. 200-212.

PORTELLA, E. **Emancipação da identidade**. In: Revista Tempo Brasileiro, out-dez, nº 147. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.

PORTELLI, A. **O massacre de Civitella Val di Chiana ( Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum**. In: Usos e abusos da história Oral. Rio de Janeiro: Editora Fgv, 1989, p.103-130.

RAMOS, A. **Cotidiano, espaço e tempo de um antigo bairro Paulistano: transformações da cidade e a dimensão do vivido**. São Paulo: GEOUSP - Espaço e Tempo, Nº 15, pp. 77 - 103, 2004

RYKWERT, Joseph. **A sedução do lugar**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1998.

SCHAMA, S. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.

SEBRAE. **Inventário Piloto de Ofertas e Oportunidades turísticas de Municípios Alagoanos/ Região das Lagoas**. Maceió: Sebrae, 2004-2005, 264p.

SECULT. **Dossiê de Tombamento do bairro do Pontal da Barra**. Maceió: Mimeo, 1987, 30p.

SEPLAN. **Processo de mudança sócio e cultural**. Maceió: Cdt, 1985.

pelas lembranças dos moradores idosos. .

SILVA, K. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2006, 439p.

SOUZA, M. J. L. de. **O bairro contemporâneo: ensaio de abordagem política**. Revista Brasileira

TUAN, Y.F. **Espaço e lugar**. São Paulo: Difel,1983.

TUAN, Y.F. **Topofilia**. São Paulo: Difel,1980.

VIEIRA, M.C. **“Daqui só saio pó”... Conflitos urbanos e mobilização Popular: A Salgema e O Pontal da Barra**. Maceió: EDUFAL, 1997. 173p.

VIEIRA, M.C. **Territorialidade em áreas urbanas**. BRASÍLIA, 2000.

YAMADA, A. **A alma da cidade. Personagens urbanos de Florianópolis**. Florianópolis: SC Brasil, 2004.

YÁZIGI, E. **A alma do lugar: turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas**. São Paulo: Contexto, 2001.

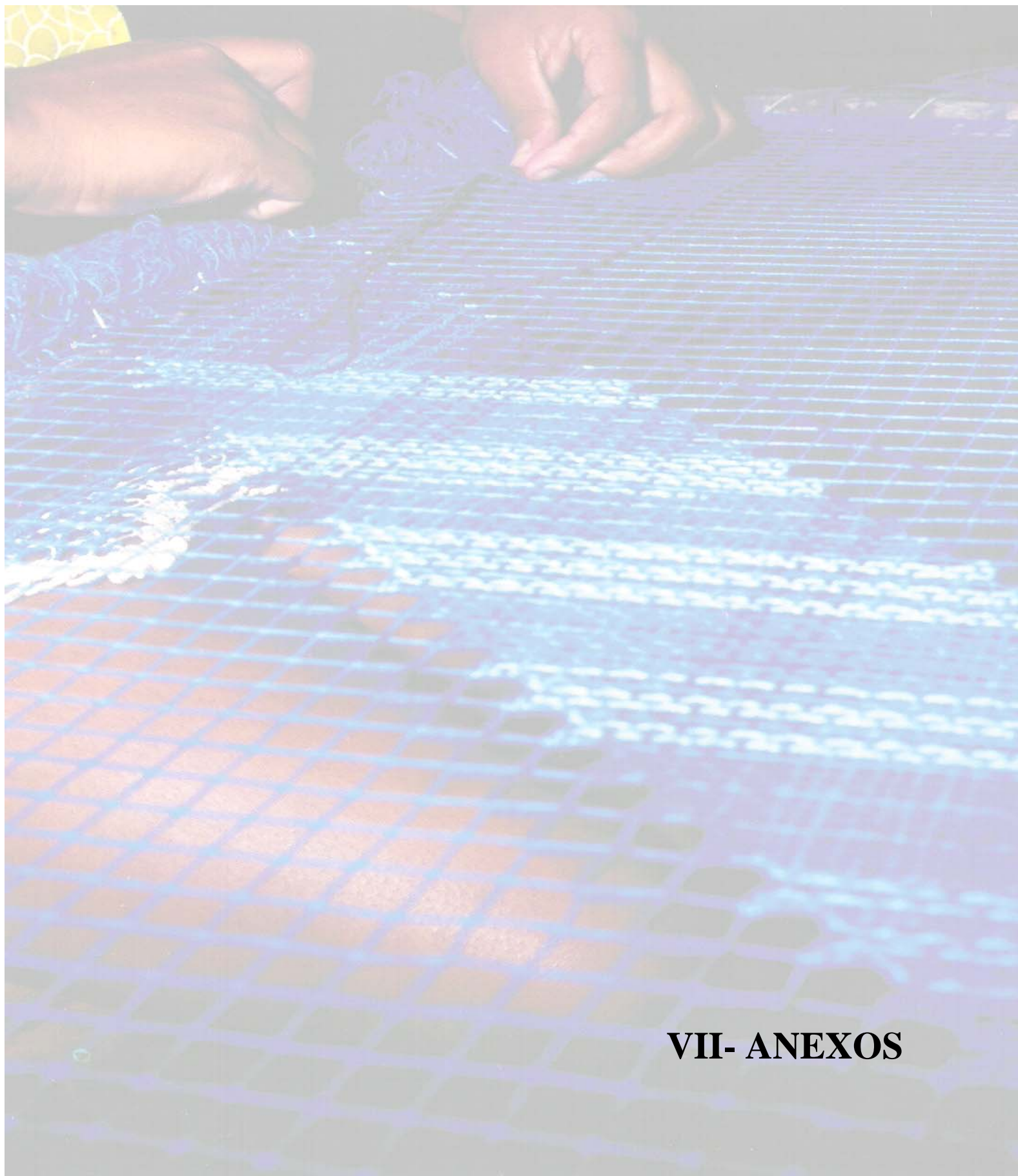
#### INTERNET

<<http://www.maceio.al.gov.br>>

< <http://www.image.quebrato.org>>

< <http://www.googleearth.com.br>>





## **VII- ANEXOS**

## BANCO DE DADOS

DATA DA ENTREVISTA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

NOME: \_\_\_\_\_

IDADE: \_\_\_\_\_

PROFISSÃO: \_\_\_\_\_

FILIAÇÃO: \_\_\_\_\_

FORMAÇÃO EDUCACIONAL:  NENHUM  ENSINO FUNDAMENTAL  ENSINO MÉDIO

ENSINO SUPERIOR

1. ONDE VOCÊ NASCEU?

2. \*QUANDO E POR QUE DECIDIU MORAR NO PONTAL DA BARRA?

3. O QUE É O BAIRRO PARA VOCÊ?

4. O QUE É SER PONTALENSE?

5. VOCÊ TEM FILHOS? ELES RESIDEM NO BAIRRO?

6. COMO FOI SUA INFÂNCIA E ADOLESCENCIA NESTE BAIRRO?

7. COMO ERAM AS BRINCADEIRAS?

8. E OS ENCONTROS/ NAMOROS?

9. QUAIS SEUS SONHOS QUANDO JOVENS?

10. E HOJE COMO SÃO ESSES SONHOS?

11. PODERIA CONTAR SOBRE O PONTAL DE ONTEM?

12. E SOBRE O PONTAL DE HOJE?

13. COMO É MORAR NO PONTAL DA BARRA?

14. QUAIS AS FESTIVIDADES MAIS IMPORTANTES E COMEMORADAS NO BAIRRO?

15. QUAIS AS MÚSICAS MAIS CANTADAS NESTAS FESTIVIDADES?

16. SABE-SE QUE EXISTEM MUITAS HISTÓRIAS SOBRE O PONTAL, PODERIA CONTAR ALGUMA?

17. QUAL O LUGAR MAIS IMPORTANTE PARA VOCÊ NO PONTAL?

18. O QUE A LAGOA MUNDAÚ REPRESENTA PARA O BAIRRO/ PARA VOCÊ?

19. QUAL A HISTÓRIA DO FILÉ?

20. O QUE ELE REPRESENTA PARA A COMUNIDADE?

21. E A PESCA O QUE SIGNIFICA, COMO ELA SE APRESENTA HOJE?

22. COMO É A SUA RELAÇÃO COM A VIZINHANÇA? PQ?

23. EXISTE ALGUM TIPO DE DIVISÃO DA COMUNIDADE? COMO SURTIU/ PQ E QUANDO?

24. DESDE A IMPLANTAÇÃO DO SALGEMA COMO SE APRESENTA O BAIRRO?

25. A CHEGADA DO TURISMO HOUVE ALGUMA MUDANÇA NO COTIDIANO DO BAIRRO?



pelas lembranças dos moradores idosos. .

26. **COMO A RELIGIÃO SE APRESENTA NO PONTAL? QUAIS SÃO ELAS?**

27. **VOCÊ POSSUI FOTOGRAFIAS ANTIGAS DO LUGAR OU DAS FESTAS?**

## **MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO**

**ENTREVISTADORA: VANESSA MARIA DE MELO GONÇALVES (V.G)**

**LOCAL: PONTAL DA BARRA**

**BANCO DE DADOS**

**DATA DA ENTREVISTA: JULHO 2008**

**NOME: LUCY DE JUAZEIRO PETRÚCIO (L.P.) IDADE: 48 ANOS**

**PROFISSÃO: APOSENTADA E ARTESÃ**

**FILIAÇÃO: PAULO JUAZEIRO / LÍGIA JUAZEIRO**

**FORMAÇÃO EDUCACIONAL: [ ] NENHUM [ ] ENSINO FUNDAMENTAL**

**[ ] ENSINO MÉDIO [ X ] ENSINO SUPERIOR - Fiz quatro universidades. Eu fiz matemática, filosofia, agropecuária e letras.**

**V.G. - VOCÊ NASCEU NO PONTAL?**

**L.P. -** Nasci.

**V.G. - QUANDO E POR QUE DECIDIU MORAR NO PONTAL DA BARRA?**

**L.P. - O QUE É O BAIRRO PARA VOCÊ?**

Pontal da Barra... como diz o meu Zé, é um bairro que tem opção, os coqueiros e um povo que é luta. A economia é... as rendeiras e a pesca, né<sup>158</sup>? É a renda do filé e a pesca.

**V.G. - O QUE É SER PONTALENSE?**

**L.P. -** Eu me considero pontalense. Ser pontalense é como se fosse é... o primitivo daqui do Pontal da Barra desse local tão bonito rodeado por um bocado de água e amedrontado pela BRASKEM, né? Se não fosse... e a BRASKEM a gente vivia tranquilo, depois que pende aqui, tem muito esforço, tem muito desemprego a BRASKEN ajuda muito, ajuda bastante, mas não é muito porque pelo temor que ela faz aqui, porque aqui ia ter hotéis ia ter enfim... o bairro ia ficar lindo mas...

**V.G. - VOCÊ TEM FILHOS? ELES RESIDEM NO BAIRRO?**

**L.P. -** Tenho, tenho. Moram. Nasceram aqui. Eu tenho três, aliás eu tenho cinco, porque dois é de criação.

**V.G. - COMO FOI SUA INFÂNCIA E ADOLESCENCIA NESTE BAIRRO?**

**L.P. -** Ah, foi ótima. A infância... ainda hoje aqui no Pontal da Barra a gente cria os filhos e os netos com liberdade porque tem encontro de areia, tem praia, tem lagoa quer dizer quando a pessoa tem dinheiro e quer com tudo, gasta com piscina e a nossa piscina é natural.

**V.G. - COMO ERAM AS BRINCADEIRAS?**

<sup>158</sup> Né = não é?

pelas lembranças dos moradores idosos. .

**L.P.** - Olhe, as brincadeiras, as brincadeiras que tinha no Pontal da Barra era a quadrilha junina que era feita do palanque do pau a pique, a gente busca a madeira lá... e aqui os homens faziam o palanque, sabe? E a gente dançava, e tinha uma brincadeira muito antiga que era o acampamento cigano. Então a gente também fazia o acampamento cigano, hoje ta diferente, porque hoje nos temos fandango, pastoril, baiana, inclusive eu sou responsável pelas baianas.

**V.G. - E A SENHORA DANÇA?**

**L.P.** - Também. Todas as baianas são do filé, o vestido é do filé, cada uma cuida do seu vestido. É, sabe? Ah, sim, nós também temos também a chita como temos a roupa da chita que é regional. E fizemos de filé porque é característica do bairro, né?

**V.G. - E OS ENCONTROS/ NAMOROS?**

**L.P.** - Ah, os namoros e os encontros daquela época era o seguinte: se pegasse na mão já estava comprometido. E por falta de informação, porque a gente não podia conversar sobre sexo com os pais e as mães muita moças pensava que dando beijo já, já não era mais moça, mas virgem, entendeu? Essas coisas, e... mas de qualquer maneira vou lhe dizer, de qualquer maneira esses coqueiros, a noite de lua, tudo isso contribui porque quem mora perto é... quem no país tropical é quente por natureza.

**V.G. - QUAIS SEUS SONHOS QUANDO JOVENS?**

**L.P.** - Tinha. O meu sonho eu realizei porque eu fui professora, né? E depois eu cuidei da minha família, dos meus netos... o que todo mundo, toda mulher sonha, né isso? E hoje a gente continua...

**V.G. - E HOJE COMO SÃO ESSES SONHOS?**

**L.P.** - Olhe hoje os meus sonhos é ver todo o meu pessoal entregue a arte. Que eles fale... os netos, os filhos, entende? E eu faço eu que posso.

**V.G. - PODERIA CONTAR SOBRE O PONTAL DE ONTEM?**

**L.P.** - Posso. Antigamente o Pontal da Barra era lá no DETRAN, é na prainha. E só... quando a marinha veio indenizou e nós viemos pra cá onde estamos hoje. Ainda, e o cemitério, meu avó foi enterrado no cemitério aonde o mar já comeu. Era... Celso. E a minha finada vó foi a segunda professora daqui da colônia de pescadores Z-2 Vieira Lima é. Naquela época só tinha trinta casa todas de... pau a pique coberta de palha, quem tinha casa coberta de telha era considera rico tá<sup>159</sup>, e as ruas não eram calçadas, não tinha energia, não tinha água, água a gente comprava do vidro do remédio que vinha nas canoas o pessoal trazia as julafas pra gente cozinhar. Agora se tomava banho com a água das cacimbas e poço que cada porta tinha as cacimbas e a gente levava roupa e tomava banho, mas pra cozinhar era água do vidro o remédio. Então, depois veio Silvestre Péricles que fez um chafariz. Na rua... foi na Rua Senador Arnon de Melo. É a principal, e... o Arnon de Melo trouxe a energia, não trouxe a água, eles eram é... politicamente eles eram capaz de... se matar os dois, sabe? Silvestre Péricles que hoje é o nome do grupo e... e o Arnon de Melo que antigamente ali pro Barbosa era Rua Senador Arnon de Melo. E o Fernando Collor, foi ele quem essa... a Assis Chateaubriant, foi ele quem fez, ele foi muito bom para o Pontal, entendeu? Porque ele tombou. É, porque ele tombou o Pontal da Barra saiu, nós temos no Diário Oficial. E... ele pode ter sido ruim para outras pessoas, mas pra gente, pra

<sup>159</sup> Tá = está

pelas lembranças dos moradores idosos. .

nós não foi, ele não foi, não foi, ele não foi ruim, ele foi muito bom pra gente. Agora quem foi muito ruim pra gente foi Divaldo Suruagy porque ele trouxe a BRASKEM pra cá. Ele comprou não sei quantas vezes... ele vendeu não sei quantas ações. Divaldo Suruagy, meu amigo de infância... e hoje eu não quero falar com ele de jeito nenhum.

**V.G. - E SOBRE O PONTAL DE HOJE?**

**L.P.** - O Pontal de hoje o progresso... está acabando o Pontal de hoje porque antigamente... O progresso são casas de andares antes que não tinha... antigamente se podia compra uma casinha aqui, hoje em dia ninguém pode porque é oitenta mil, é cem mil porque o bairro é turístico.

**V.G. - COMO É QUE A SENHORA VÊ ESSE TURISMO?**

**L.P.** - O turismo... não o turismo é muito bom porque ele é um meio de trabalho, de dá trabalho a muita gente, apesar de que também tem muito ladrão, sabia? Roubam celular da gente, roubam... os turistas, os turistas. E em contrapartida alguém daqui também de vez em quando rouba deles.

**V.G. - COMO É MORAR NO PONTAL DA BARRA?**

**L.P.** - É calmo, né? Pra você ter idéia o carnaval não houve uma prisão. No São João não houve uma prisão, porque aqui todo mundo é uma família, se bate em mim ai é uma aldeia índio porque vem todo mundo, entendeu? É assim. Se por acaso houver um ladrão de fora entrega a nós mulheres.

**V.G. - QUAIS AS FESTIVIDADES MAIS IMPORTANTES E COMEMORADAS NO BAIRRO?**

**L.P.** - Todas que tem na cidade o Pontal copia. Então tem dias dos pais, dias das mães... carnaval...Fandango, mas não é... não é uma festa é um folclore que tem uma dança. Ah, a de São Sebastião é em janeiro.

**V.G. - QUAIS AS MÚSICAS MAIS CANTADAS NESTAS FESTIVIDADES?**

**L.P.** - É interessante elas cantam uma música que quem fez fui eu, é uma paródia que diz: *Se for para fazer uma homenagem ao Santo São Sebastião...* e também tem outra que diz assim: *oh vive cristo...* essa não é minha não, essa é da igreja. Oh santo! livrai-nos da guerra por Sebastião...

**V.G. - SABE-SE QUE EXISTEM MUITAS HISTÓRIAS SOBRE O PONTAL, PODERIA CONTAR ALGUMA?**

**L.P.** - Lenda? Aqui no Pontal da Barra nunca... eu nunca ouvi lenda, lenda. Não o povo diz assim: ah porque é... como se diz... tem o bicho papão, tem, tem o cara que vira porco mas nem era, as vezes era alguém no quintal namorando com a mulher dos outros...

**V.G. - QUAL O LUGAR MAIS IMPORTANTE PARA VOCÊ NO PONTAL?**

**L.P.** - Esse, esse que eu moro. Aqui é. Aqui, porque aqui eu tenho sossego. Aqui oia<sup>160</sup>... nessa casinha, eu não moro aqui, não, mas nessa casinha que você ta vendo eu não troco meu sossego por nada no mundo. Eu moro lá na Senador Arnon de Mello, perto do bar da lona.

<sup>160</sup> Oia = Olha

pelas lembranças dos moradores idosos. .

### **V.G. - O QUE A LAGOA MUNDAÚ REPRESENTA PARA O BAIRRO/ PARA VOCÊ?**

**L.P.** - A lagoa meio de viva, só passa fome quem for preguiçoso. Agora ta bem melhor, mas continua ainda sem encaminhamento. Do lado de lá, o povo sacode tudo lá e tudo mais sabe? mas a o pessoal a... CEU ta fazendo um bom, um bom trabalho porque ta junto com a IMA, com a ECOVELA e limpam a lagoa, entendeu? O meio ambiente ta bem.

### **V.G. - QUAL A HISTÓRIA DO FILÉ?**

**L.P.** - Sei. Olhe como o filé surgiu não posso dizer, mas antigamente não existia nem cordão, nem barbante, nem linha, nem tela, então o filé da rede, a rede que é a base do filé é feito, era feito com o cipó tucú, um tipo de cipó muito fino, então se fazia a rede com aquele cipó e se enche com a linha de retrós número cinquenta, aquele miudinho, sabe? o retrós naquela época tinha, então se enchia a rede de cipó tucú com a linha número cinquenta, hoje tem linha ane, cléa, não sei que... hoje tem... isso aqui é feito com a... tá vendo, então você vê é a base, era feito com o cipó, hoje é linha cléa, esse aqui é ponto bom gosto. Isso, aqui eu faço, ninguém aperreia, entendeu?

### **V.G. - O QUE ELE REPRESENTA PARA A COMUNIDADE?**

**L.P.** - Um... local de moradia calmo. Ele também... você veja o comércio tão grande que outras pessoas estão entrando aqui também, terceiros, é que não são primitivos que estão fazendo comércio, mas isso é besteira sabe por que? Porque dá pra todos, todo o local que você pensar, tem filé no Pontal da Barra, no Francês, em Massagueira, em Marechal, entendeu?

### **V.G. - E A PESCA O QUE SIGNIFICA, COMO ELA SE APRESENTA HOJE?**

**L.P.** - A pesca é tipo de... comércio de emprego pra quem não tem cultura, não pode estudar e até os que puderam estudar tão... aproveitando a pesca, elas vendem, eles comem... entendeu? É assim...

### **V.G. - COMO É A SUA RELAÇÃO COM A VIZINHANÇA? POR QUE?**

**L.P.** - Aqui eu amo todo mundo e todo mundo me ama.

### **V.G. - EXISTE ALGUM TIPO DE DIVISÃO DA COMUNIDADE? COMO SURTIU/ POR QUE E QUANDO?**

**L.P.** - Existe. Foi... a associação. Aqui pra você ter uma idéia, aqui tem associação... eu sou presidente da associação das rendeiras, tem a associação dos artesãos, tem a associação é... tem a colônia Z-2, tem o centro social, você veja um bairro tão pequeno com quatro associações, ai... cada um querendo ser melhor que o outro.

### **V.G. - MAS NÃO TINHA UMA HISTÓRIA DO PONTAL DE CIMA E O PONTAL DE BAIXO?**

**L.P.** - Tinha. Não. Porque no carnaval existia o bloco dos ciganos e o bloco dos pés de patos, conhecidos como pés de patos, quando se encontravam a cerca que tivesse um palmo não ficava inteira, era um dando no outro, vinham todos dois gritando...

### **V.G. - DESDE A IMPLANTAÇÃO DO SALGEMA COMO SE APRESENTA O BAIRRO?**

**L.P.** - Muito mais lixo do que antes, principalmente visto... Não positivo é como lhe falei, os cursos... as cooperativas...



pelas lembranças dos moradores idosos. .

**V.G. - A CHEGADA DO TURISMO HOUVE ALGUMA MUDANÇA NO COTIDIANO DO BAIRRO?**

**L.P.** - Sim. Quase todo dia tem turista. Só que é turista de pacote. Compram pouco. Não... mudou o que? A esperança da gente de melhorar o comércio, sabe? entendeu?

**V.G. - COMO A RELIGIÃO SE APRESENTA NO PONTAL? QUAIS SÃO ELAS?**

**L.P.** - Ave Maria! É meio de vida. É. Porque atendendo hoje tem oito igrejas, cada pastor tem a sua... A universal, ah sim, tem a adventista também, tem a universal, tem o reino de Deus, tem Adventista, tem a Católica, tem macumba, tem outras.

**V.G. - VOCÊ POSSUI FOTOGRAFIAS ANTIGAS DO LUGAR OU DAS FESTAS?**

**L.P.** - Não, não tenho. Eu não tenho, é uma coisa que eu não tenho, naquela época não existia.

**MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO**

**ENTREVISTADORA: VANESSA MARIA DE MELO GONÇALVES (V.G)**

**LOCAL: PONTAL DA BARRA**

**BANCO DE DADOS**

**DATA DA ENTREVISTA: JULHO 2008**

**NOME: MAGNÓLIA MARIA DA CRUZ (M.C.) IDADE: 77 ANOS**

**PROFISSÃO: RENDEIRA**

**FILIAÇÃO: ALEXANDRE VIEIRA DE SANTANA / MARIA DE LOURDES SANTANA**

**FORMAÇÃO EDUCACIONAL: [ ] NENHUM [ X ] ENSINO FUNDAMENTAL  
[ ] ENSINO MÉDIO [ ] ENSINO SUPERIOR**

**V.G - ONDE VOCÊ NASCEU?**

**M.C.** - Nasci! Nasci e me criei aqui, casei e tudo. Enviuei aqui. E aqui eu vou morrer! (Risos).

**V.G. - A SENHORA CONHECEU O PONTAL QUANDO SE LOCALIZAVA NA PRAINHA?**

**M.C.** - Ora, Ora, o que eu mais andava era lá na prainha. De noite eu partia pra lá naqueles escuroooo! Num fazia medo!

**V.G. - VOCÊ TEM FILHOS? ELES RESIDEM NO BAIRRO?**

**M.C.** - Tive, 5. Todos nasceram aqui. Não, Só mora 3, e 2 em Maceió.

**V.G. - COMO FOI SUA INFÂNCIA NESTE BAIRRO? COMO ERAM AS BRINCADEIRAS?**

pelas lembranças dos moradores idosos. .

**M.C.** - Ah, Foi muito boa! Ah, A gente ia pra fora busca... Aquelas, comé<sup>161</sup> o nome que diz, bota aquelas corruchinha? Pra cortar...Pra pular corda, jogar peão, jogar marisco, casca de marisco, pra jogar.

**V.G.** - **A SENHORA PASSOU A ADOLESCENCIA AQUI NO PONTAL? O QUE É SER PONTALENSE?**

**M.C.** - Tudo, Tudo!

**V.G.** - **E OS ENCONTROS/ NAMOROS?**

**M.C.** - (Risos) Ah!!! A minha filha, a minha adolescência era a dança, carnaval, tudo! Tudo aqui! Era São João, era natal. Meu pai dizia: oia<sup>162</sup>, eu vou pescar. Saia uma pra ir pras dança.

**V.G.** - **QUAIS SEUS SONHOS QUANDO JOVENS? O QUE É O BAIRRO PARA VOCÊ?**

**M.C.** - E eu me lembro mais de sonho! Não, eu nunca quis sair daqui! Quando eu me casei, o meu marido arrumou uma casa, lá na Pajuçara . Eu disse: pra eu ir pra lá, não, você vá só, eu fico aqui. Ele trabalhava em Jaraguá, nos navios descarregando, vou não, pra eu ir sozinha, nunca fui. Daqui, não!

**V.G.** - **E HOJE COMO SÃO ESSES SONHOS?**

**M.C.** - Não, hoje não. Eu quero ficar aqui! Eu tenho tanta das sobrinha e irmã no Rio. Tia venha pra qui<sup>163</sup> passa uns dias. Vou nada, Deus que me livre! E vai, esse ano já foi. Vou não, mãe vamos de avião, quero nada, vá só. Me deixe aqui, no meu Lugar. Eu sou feliz aqui!

**V.G.** - **SABE-SE QUE EXISTEM MUITAS HISTÓRIAS SOBRE O PONTAL, PODERIA CONTAR ALGUMA?**

**M.C.** - Não, não.

**V.G.** - **PODERIA CONTAR SOBRE O PONTAL DE ONTEM?**

**M.C.** - Antigamente, era... o Pontal era bom. Era poucas casa, mas não era assim como hoje em dia, não. Tanta casa aí pro alto, isso não tinha, tudo era coqueiro. O Pontal da Barra era bom. Muitos coqueiros. Era muito cultivado coqueiros. Hoje não tem, como diz a história. Hoje em dia você vê é vandalismo. Por onde você passa é vandalismo. O Pontal da Barra é um dos bairro melhor que tem, de se morar aqui. Por isso, porque aqui não tem. Antigamente você dormia de porta aberta. Hoje em dia você não pode mais não. Pessoal aqui é uma família. É só uma família. Pontal da Barra uma família. Mas, hoje em dia não é mais, né? Porque você vê a cada dia que passa, gente estranha. Você não sabe dá onde vem, pra onde vai. Você não sabe...

**V.G.** - **E SOBRE O PONTAL DE HOJE?**

**M.C.** - É, hoje ta assim.

**V.G.** - **QUAIS AS FETIVIDADES MAIS IMPORTANTES E COMEMORADAS NO BAIRRO?**

<sup>161</sup> Comé = como é?

<sup>162</sup> Oia = olha

<sup>163</sup> Pra qui = para aqui

pelas lembranças dos moradores idosos. .

**M.C.** - São João e carnaval. E a de São Sebastião.

## **MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO**

**ENTREVISTADORA: VANESSA MARIA DE MELO GONÇALVES (V.G)**

**LOCAL: PONTAL DA BARRA**

**BANCO DE DADOS**

**DATA DA ENTREVISTA: JULHO 2008**

**NOME: ELAIDE LESSA DE ANDRADE (E.A.) IDADE: 57 ANOS**

**PROFISSÃO: APOSENTADO, MOTORISTA, PESCADOR**

**FILIAÇÃO: JOSÉ ISIDÓRIO DE ANDRADE / IRACEMA LESSA DE ANDRADE**

**FORMAÇÃO EDUCACIONAL: [ ] NENHUM [ X ] ENSINO FUNDAMENTAL**

**[ ] ENSINO MÉDIO [ ] ENSINO SUPERIOR**

**V.G. - ONDE VOCÊ NASCEU?**

**E.A.** - Nasci e me criei aqui.

**V.G. - QUANDO E POR QUE DECIDIU MORAR NO PONTAL DA BARRA? O QUE É O BAIRRO PARA VOCÊ?**

**E.A.** - É tudo. É o um bairro pacato. Eu nasci e me criei aqui, vou falar mal do meu bairro? Jamais, né<sup>164</sup>?

**V.G. - O QUE É SER PONTALENSE?**

**E.A.** - Pra mim é orgulho! Muito, muito orgulho ser pontalense porque é como já disse bem antes um bairro igual não tem, pode ter igual, mas melhor do que esse não tem então...

**V.G. - VOCÊ TEM FILHOS? ELES RESIDEM NO BAIRRO?**

**E.A.** - Tenho dois. Nasceram aqui. Moram aqui todos os dois. Todos dois moram aqui.

**V.G. - COMO FOI SUA INFÂNCIA E ADOLESCENCIA NESTE BAIRRO?**

**E.A.** - Olhe, a minha infância no Pontal foi boa porque, graças a Deus todo mundo teve saúde minha família também é uma família muito boa agora é só coragem. Na minha infância no Pontal não foi muito boa, porque meu pai achou de fazer muito filho (Risos) Então ai eu deixo o estudo, eu estudava... deixei de estudar pra trabalhar pra mim mesmo, porque não tenho condições de... meu pai não tem condições de manter no... no colégio, eu deixo de estudar pra pescar. Assim é a minha vida, ta entendendo? Ah sim, eu sempre pescava desde pequeno minha filha.

**V.G. - COMO ERAM AS BRINCADEIRAS?**

**E.A.** - Na minha época, minha, na minha vida era mais jogar bola, na minha vida toda época era só jogar bola mesmo na minha época porque de pequeno até dez anos eu era

<sup>164</sup> Né = não é

pelas lembranças dos moradores idosos. .

preso em casa, meu pai não deixava eu sair, não... depois que agente morava lá, lá nas dunas, quando passei morar... no lugar de rico, aqui como o pai dizia... era só jogar bola, era só jogar bola, jogar bola e trabalhar... e manter meus vínculo de amizade.

#### **V.G. - E OS ENCONTROS/ NAMOROS?**

**E.A.** - Ah! É, é, eu sou sincero, eu não sou santo não. Eu namorei muito com várias namoradas, porque a pessoa novo, novo! Então... como diz a história vez de ter duas ou três namorada aqui mesmo... enganar uma outra e sair namorando com as outra, foi bom demais, de amor foi bom demais, não tive, não tive do que reclamar.

#### **V.G. - QUAIS SEUS SONHOS QUANDO JOVENS?**

**E.A.** - Bom o meu sonho, o meu sonho é, é o que eu tenho hoje ter uma boa família, casa própria, Graças a Deus tenho, que é... pá pro Elson, tenho duas casas alugada e tenho essa própria aqui, a minha família é muito boa, a família é boa, tanto sogra como esposa meus filhos, tudo pra mim..

#### **V.G. - E HOJE COMO SÃO ESSES SONHOS?**

**E.A.** - Tenho. Tenho meu sonho. Só um sonho só, um sonho pra dois, um sonho pra dois, porque... ainda o meu sonho é da cada um, dos meu filho uma casa mas eu não quero ta junto não, meu sonho é ta, você quer morar aonde? Em tal canto. Vou lhe dá uma casa lá. Você que uma casa aonde? Tal... Vou lhe dá uma casa lá.

#### **V.G. - MAS SERÁ QUE ELES VÃO QUERER SAIR DO PONTAL?**

**E.A.** - Ói<sup>165</sup>, um praticamente já ta fora do Pontal. Um, um lá, ta pra lá, ta com uma mulher muito boa, lá. Eu num tenho o que reclamar da noiva dele, ele tem a casa dele, mas ele sempre vem aqui, ele vem hoje, pra aqui ... ele profissional ai ele cismou assim eu num quero ir pra lá mais não. Ai eu disse pra ele, o qué<sup>166</sup> que você quer? Quero uma lan house. Ai eu montei uma lan house pra ele, ai paguei um curso pra ele ser técnico de manutenção de computador. Oia<sup>167</sup> pai, sabe duma coisa? Eu vou ficar pra lá mermo<sup>168</sup>. Que lá eu boto a minha lan house e fico mexendo nos computadores, os computadores que tiver lá eu conserto, então vou ficar pra lá. Mas meu sonho é ver tudo perto de mim, agora se eles quiser, também se eles num quiser... porque eu digo a você, meu sonho é dá um uma casa grande mesmo. Ói, a minha casa é de primeiro andar, ta vendo esse rapaz que chegou aqui? Ele ta guardando a minha casa, mas eu num quero deixar. Agora eles são muito unido meus dois filhos, unido mermo. Vige<sup>169</sup> Maria! Nunca brigaro<sup>170</sup> na vida. Mas eu num quero deixar os dois não, pode ser que venha uma outra cunhada... mas eu quero deixar os dois junto. Ai é meu sonho como eu disse a você, meu sonho é pra dois.

#### **V.G. - PODERIA CONTAR SOBRE O PONTAL DE ONTEM?**

**E.A.** - O Pontal da Barra era bom. Muitos coqueiros. Era muito cultivado coqueiros. Hoje não tem, como diz a história. Hoje em dia você vê é vandalismo. Por onde você passa é vandalismo. O Pontal da barra é um dos bairro melhor que tem, de se morar aqui. Por isso, porque aqui não tem. Antigamente você dormia de porta aberta. Hoje em dia você não

<sup>165</sup> Ói = olhe

<sup>166</sup> Qué = o que é

<sup>167</sup> Oia = Olha

<sup>168</sup> Mermo = mesmo

<sup>169</sup> Vige = Virgem

<sup>170</sup> Brigaro = brigaram

pelas lembranças dos moradores idosos. .

pode mais não. Pessoal aqui é uma família. É só uma família. Pontal da Barra uma família. Mas, hoje em dia não é mais, né? Porque você vê a cada dia que passa, gente estranha. Você não sabe dá onde vem, pra onde vai. Você não sabe...

Ah, antigamente... Marinha, tinha a marinha do Brasil, que a marinha era ali e aqui como diz a história, aqui era mais na, na luz do candeeiro, aqui, aqui ninguém tinha água encanada, ninguém tinha, tinha só o chafariz com muita água, a gente jogava, jogava chegava uma hora dessa e tinha que saí de... de tanto buscar água. Hoje em dia... era rico, rico em tudo... campo de futebol, antigamente era na base do candeeiro, hoje em dia é luz, água encanada demais aqui pá, pá estragar, que aqui a gente estragar água. Então... hoje em dia é outro onde ta o pobre hoje em dia só ta o rico, é tem essa divisão, o pobre e agora o rico, é. Casa de palha.

### **V.G. - E SOBRE O PONTAL DE HOJE? COMO É MORAR NO PONTAL DA BARRA?**

**E.A.** - É uma benção (Risos). Aqui é uma boa... aqui é um pai e mão da gente aqui, na tem lugar melhor do que esse, hoje em dia... de fora é outra, você chega hoje aqui é bom de mais rapaz. Pra você ter idéia, pra você comprar uma casa aqui no Pontal, pra comprar uma casa aqui, vamo supor aqui na principal, você tem que ter dinheiro, é sim... tem que ter dinheiro.



Relembrar o passado, reconhecer o presente: a identidade do Pontal da Barra  
pelas lembranças dos moradores idosos.

## LEMBRANÇAS DE UM PASSADO MARCANTE...

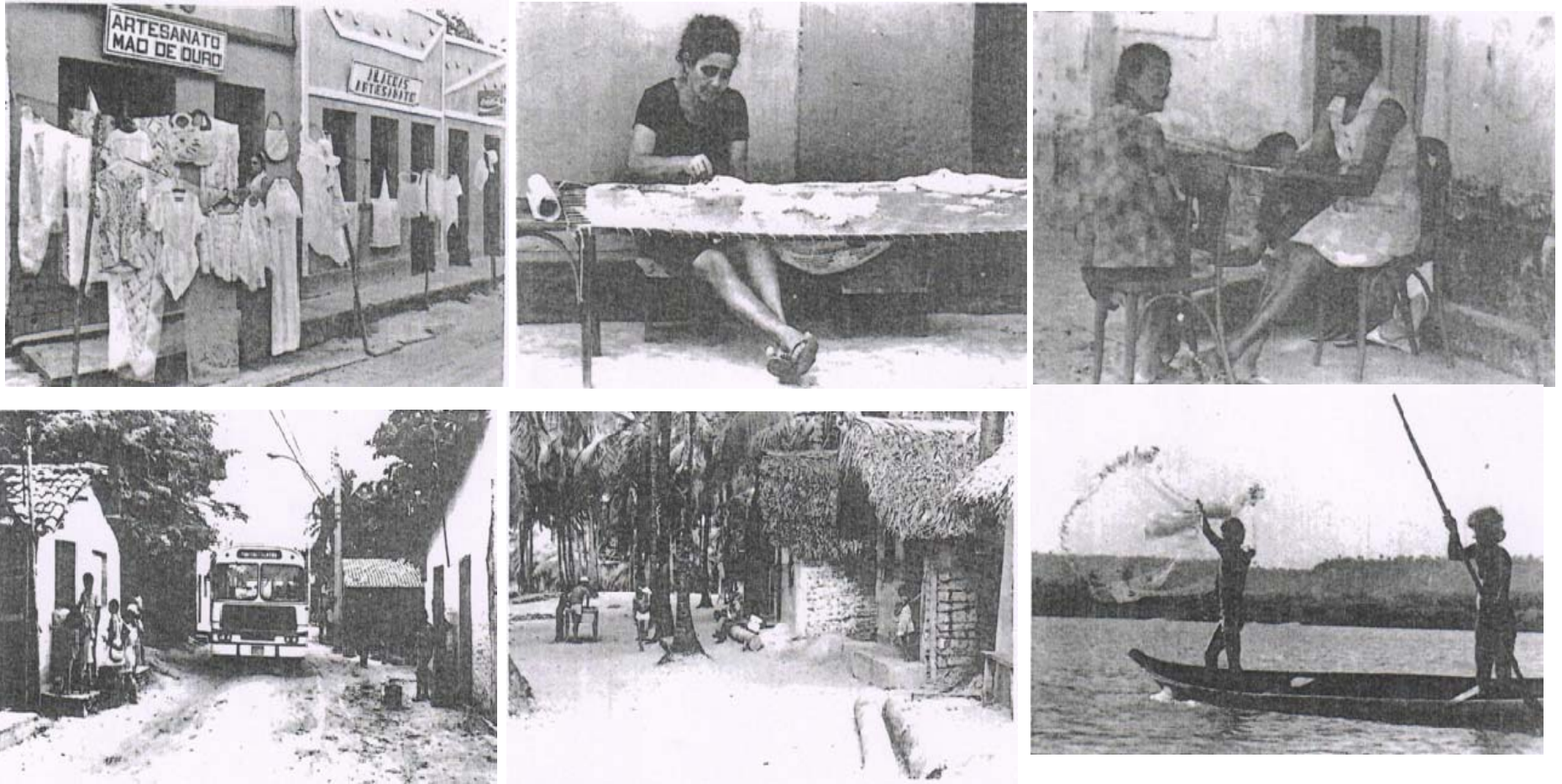


Fig. – As práticas cotidianas e a disposição do espaço de outrora. Cenas que foram citadas dos as histórias de vida, a comercialização do filé, o “fazer” filé na calçada, a antiga rua do Pontal da Barra, Casas de taipa, simplicidade e rusticidade e o saber da pesca . Fonte: PLEC, 1980.



pelas lembranças dos moradores idosos.

### LEMBRANÇAS DE UM PASSADO MARCANTE...

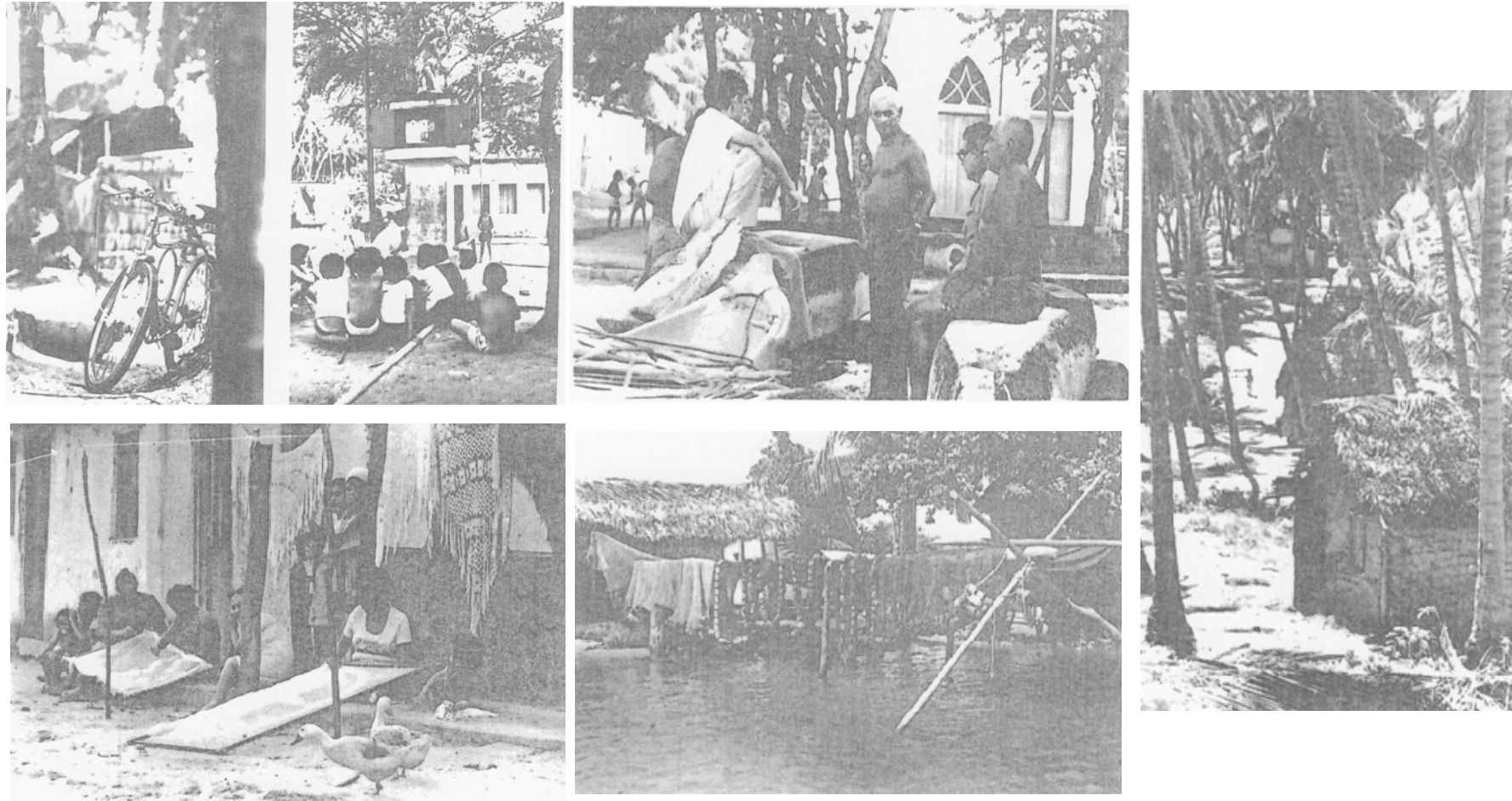




Fig. – As práticas cotidianas e a disposição do espaço de outrora. Cenas que foram citadas durante a coleta das histórias de vida. As reuniões entre amigos na praça central de São Sebastião, rendeiras e a casas mais antigas. Fonte: PLEC, 1980.

pelas lembranças dos moradores idosos.



-  Estrada de ligação entre os bairros Trapiche e Pontal da Barra, bem como ao município de Marechal Deodoro
-  Limite de bairro

Fonte: Base cartográfica de Maceió- Maplan- 1998. Adpatação: GONÇALVES, 2009

Relembrar o passado, reconhecer o presente: a identidade do Pontal da Barra

pelas lembranças dos moradores idosos.

## MAPA DE RESTRIÇÕES LEGAIS E INSTITUCIONAIS



### LEGENDA

#### RESTRIÇÕES INSTITUCIONAIS DE SEGURANÇA

- PORTO
- PARQUE DE INFLAMÁVEIS
- PENITENCIÁRIA
- BRASKEN

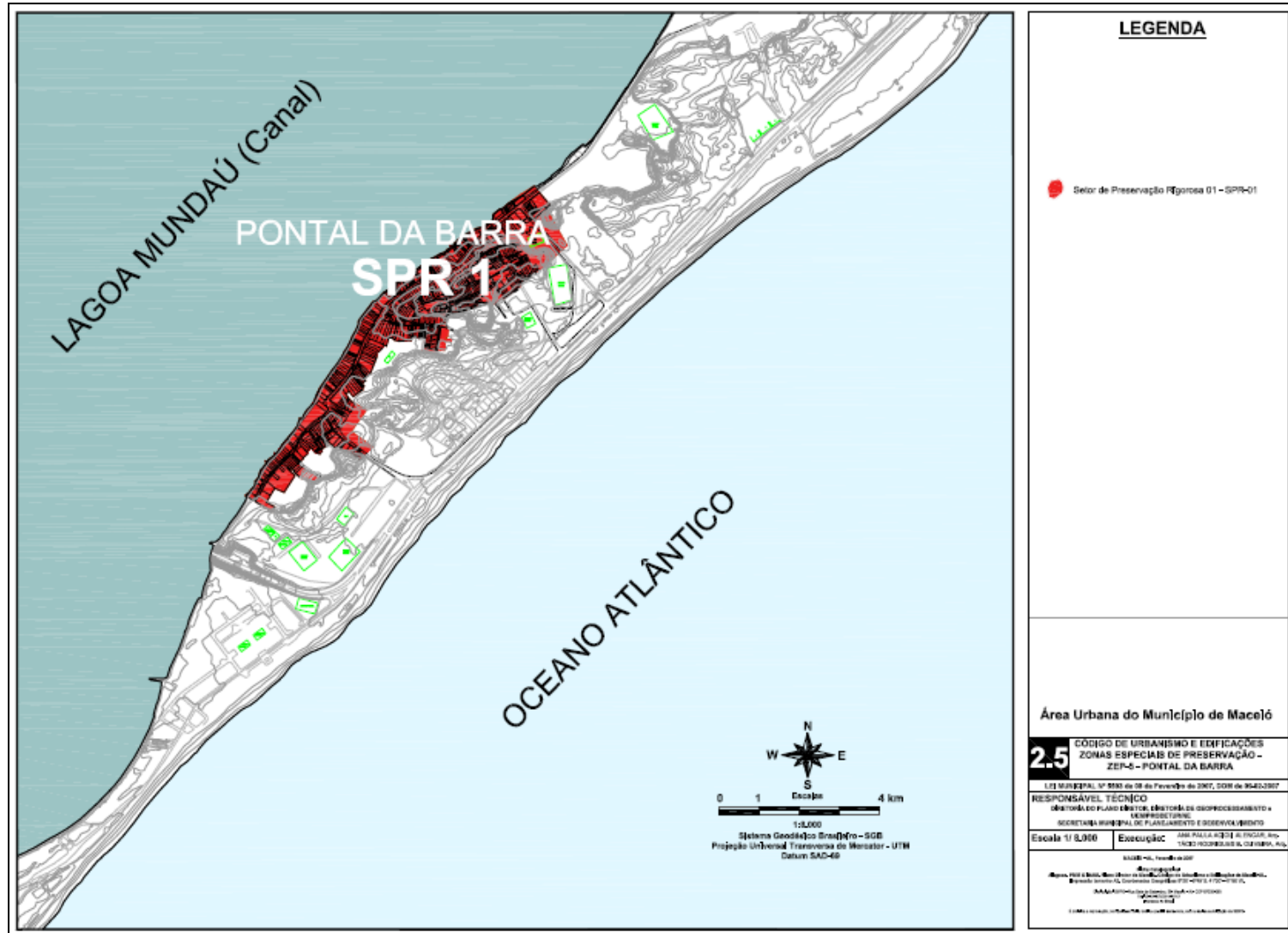
#### ÁREAS DE PROTEÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS

- MANANCIAL DO PRATAGY
- APA DO CATOLÉ
- MANGUE
- ENCOSTAS >30% (Conforme Lei 6.766 / 79)
- RESTINGA
- BAMA
- PARQUE MUNICIPAL
- CINTURÃO VERDE
- ILHAS (APA DE SANTA RITA)
- LINHA DE ALTA TENSÃO
- LAGUNA MUNDAÚ
- ÁREA DE INTERESSE AMBIENTAL ESTADUAL
- FALXA DE PROTEÇÃO DA LAGOA
- APA DOS CORAIS
- FALXA DO TERRENO DE MARINHA

Fonte: Código de Edificações e Urbanismo de Maceió, 2006.

pelas lembranças dos moradores idosos.

## MAPA DE ZONAS ESPECIAIS DE PRESERVAÇÃO







Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, Renato Rodrigues  
morador(a) da cidade de Maceió, residente no bairro do Pontal da Barra, tendo sido convidado(a) como voluntário do estudo **RELEMBRAR O PASSADO, RECONHECER O PRESENTE: A IDENTIDADE DO PONTAL DA BARRA PELAS LEMBRANÇAS DOS "SABERES E FAZERES"** declaro para os devidos fins, que prestei depoimento à pesquisadora Vanessa Maria de Melo Gonçalves, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFAL. Tendo sido esclarecido de que as informações conseguidas através da minha participação permitirão a identificação da minha pessoa na pesquisa, cedo a entrevista para análise, sabendo que a mesma pode ser publicada em parte, ou na sua totalidade, como forma de contribuir e de enriquecer o trabalho final do projeto.

Renato Rodrigues

(Assinatura do entrevistado)

Vanessa Maria de Melo Gonçalves

(Assinatura do pesquisador responsável)

Maceió, 25 de julho de 2008.



*Termo de Responsabilidade:*

EU, Vanessa Maria de Melo Gonçalves, pesquisadora responsabilizo-me pela guarda das fitas, gravações e/ou divulgação da entrevista do Sr (a) RENATO RODRIGUES. O trabalho intitulado: **Relembrar o passado, reconhecer o presente: a identidade do Pontal da Barra pelas lembranças dos moradores idosos**, faz parte de um projeto de dissertação de mestrado, vinculado ao Departamento de Arquitetura e urbanismo da Universidade Federal de Alagoas.

Atenciosamente,

*Vanessa Maria de Melo Gonçalves*  
-----  
-----

Pesquisadora  
Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

Maceió, 25 de julho de 2008.





**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Eu, Cláudia Aurora de Andrade  
morador(a) da cidade de Maceió, residente no bairro do Pontal da Barra, tendo sido convidado(a) como voluntário do estudo **RELEMBRAR O PASSADO, RECONHECER O PRESENTE: A IDENTIDADE DO PONTAL DA BARRA PELAS LEMBRANÇAS DOS "SABERES E FAZERES"** declaro para os devidos fins, que prestei depoimento à pesquisadora Vanessa Maria de Melo Gonçalves, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFAL. Tendo sido esclarecido de que as informações conseguidas através da minha participação permitirão a identificação da minha pessoa na pesquisa, cedo a entrevista para análise, sabendo que a mesma pode ser publicada em parte, ou na sua totalidade, como forma de contribuir e de enriquecer o trabalho final do projeto.

Cláudia Aurora de Andrade

(Assinatura do entrevistado)

Vanessa Maria de Melo Gonçalves

(Assinatura do pesquisador responsável)

Maceió, 25 de julho de 2008.



*Termo de Responsabilidade:*

EU, Vanessa Maria de Melo Gonçalves, pesquisadora responsabilizo-me pela guarda das fitas, gravações e/ou divulgação da entrevista do Sr (a). ELAIDE ANDRADE. O trabalho intitulado: **Relembrar o passado, reconhecer o presente: a identidade do Pontal da Barra pelas lembranças dos moradores idosos**, faz parte de um projeto de dissertação de mestrado, vinculado ao Departamento de Arquitetura e urbanismo da Universidade Federal de Alagoas.

Atenciosamente,

*Vanessa Maria de Melo Gonçalves*  
-----  
-----

Pesquisadora  
Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

Maceió, 17 de julho de 2008.



**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Eu, Moaena Antonio dos Santos  
morador(a) da cidade de Maceió, residente no bairro do Pontal da Barra, tendo sido convidado(a) como voluntário do estudo RELEMBRAR O PASSADO, RECONHECER O PRESENTE: A IDENTIDADE DO PONTAL DA BARRA PELAS LEMBRANÇAS DOS "SABERES E FAZERES" declaro para os devidos fins, que prestei depoimento à pesquisadora Vanessa Maria de Melo Gonçalves, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFAL. Tendo sido esclarecido de que as informações conseguidas através da minha participação permitirão a identificação da minha pessoa na pesquisa, cedo a entrevista para análise, sabendo que a mesma pode ser publicada em parte, ou na sua totalidade, como forma de contribuir e de enriquecer o trabalho final do projeto.

Moaena Antonio dos Santos

(Assinatura do entrevistado)

Vanessa Maria de Melo Gonçalves

(Assinatura do pesquisador responsável)

Maceió, 25 de julho de 2008.



*Termo de Responsabilidade:*

EU, Vanessa Maria de Melo Gonçalves, pesquisadora responsabilizo-me pela guarda das fitas, gravações e/ou divulgação da entrevista do Sr (a) MOACIR DOS SANTOS. O trabalho intitulado: **Relembrar o passado, reconhecer o presente: a identidade do Pontal da Barra pelas lembranças dos moradores idosos**, faz parte de um projeto de dissertação de mestrado, vinculado ao Departamento de Arquitetura e urbanismo da Universidade Federal de Alagoas.

Atenciosamente,

*Vanessa Maria de Melo Gonçalves*

Pesquisadora  
Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

Maceió, 11 de julho de 2008.





**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Eu, Lucy de Jazeiro Petrócio  
morador(a) da cidade de Maceió, residente no bairro do Pontal da Barra, tendo sido convidado(a) como voluntário do estudo **RELEMBRAR O PASSADO, RECONHECER O PRESENTE: A IDENTIDADE DO PONTAL DA BARRA PELAS LEMBRANÇAS DOS "SABERES E FAZERES"** declaro para os devidos fins, que prestei depoimento à pesquisadora Vanessa Maria de Melo Gonçalves, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFAL. Tendo sido esclarecido de que as informações conseguidas através da minha participação permitirão a identificação da minha pessoa na pesquisa, cedo a entrevista para análise, sabendo que a mesma pode ser publicada em parte, ou na sua totalidade, como forma de contribuir e de enriquecer o trabalho final do projeto.

Lucy de Jazeiro Petrócio

(Assinatura do entrevistado)

Vanessa Maria de Melo Gonçalves

(Assinatura do pesquisador responsável)

Maceió, 25 de julho de 2008.



*Termo de Responsabilidade:*

EU, Vanessa Maria de Melo Gonçalves, pesquisadora responsabilizo-me pela guarda das fitas, gravações e/ou divulgação da entrevista do Sr (a) LUCY DE JOAZEIRO. O trabalho intitulado: **Relembrar o passado, reconhecer o presente: a identidade do Pontal da Barra pelas lembranças dos moradores idosos**, faz parte de um projeto de dissertação de mestrado, vinculado ao Departamento de Arquitetura e urbanismo da Universidade Federal de Alagoas.

Atenciosamente,

*Vanessa Maria de Melo Gonçalves*  
-----  
*[Assinatura]*

Pesquisadora  
Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

Maceió, 15 de julho de 2008.





**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Eu, Maria Maria de Oliveira

morador(a) da cidade de Maceió, residente no bairro do Pontal da Barra, tendo sido convidado(a) como voluntário do estudo **RELEMBRAR O PASSADO, RECONHECER O PRESENTE: A IDENTIDADE DO PONTAL DA BARRA PELAS LEMBRANÇAS DOS "SABERES E FAZERES"** declaro para os devidos fins, que prestei depoimento à pesquisadora Vanessa Maria de Melo Gonçalves, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFAL. Tendo sido esclarecido de que as informações conseguidas através da minha participação permitirão a identificação da minha pessoa na pesquisa, cedo a entrevista para análise, sabendo que a mesma pode ser publicada em parte, ou na sua totalidade, como forma de contribuir e de enriquecer o trabalho final do projeto.

Maria Maria de Oliveira

(Assinatura do entrevistado)

Vanessa Maria de Melo Gonçalves

(Assinatura do pesquisador responsável)

Maceió, 25 de julho de 2008.



*Termo de Responsabilidade:*

EU, Vanessa Maria de Melo Gonçalves, pesquisadora responsabilizo-me pela guarda das fitas, gravações e/ou divulgação da entrevista do Sr (a). IONE DE OLIVEIRA. O trabalho intitulado: **Relembrar o passado, reconhecer o presente: a identidade do Pontal da Barra pelas lembranças dos moradores idosos**, faz parte de um projeto de dissertação de mestrado, vinculado ao Departamento de Arquitetura e urbanismo da Universidade Federal de Alagoas.

Atenciosamente,

*Vanessa Maria de Melo Gonçalves*

Pesquisadora  
Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

Maceió 25 de julho de 2008.



**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Eu, Magnólia Maria da Cruz  
morador(a) da cidade de Maceió, residente no bairro do Pontal da Barra, tendo sido convidado(a) como voluntário do estudo **RELEMBRAR O PASSADO, RECONHECER O PRESENTE: A IDENTIDADE DO PONTAL DA BARRA PELAS LEMBRANÇAS DOS "SABERES E FAZERES"** declaro para os devidos fins, que prestei depoimento à pesquisadora Vanessa Maria de Melo Gonçalves, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFAL. Tendo sido esclarecido de que as informações conseguidas através da minha participação permitirão a identificação da minha pessoa na pesquisa, cedo a entrevista para análise, sabendo que a mesma pode ser publicada em parte, ou na sua totalidade, como forma de contribuir e de enriquecer o trabalho final do projeto.

Magnólia Maria da Cruz

(Assinatura do entrevistado)

Vanessa Maria de Melo Gonçalves

(Assinatura do pesquisador responsável)

Maceió 25 de julho de 2008.



*Termo de Responsabilidade:*

EU, Vanessa Maria de Melo Gonçalves, pesquisadora responsabilizo-me pela guarda das fitas, gravações e/ou divulgação da entrevista do Sr (a). MAGNÓLIA DA CRUZ. O trabalho intitulado: **Relembrar o passado, reconhecer o presente: a identidade do Pontal da Barra pelas lembranças dos moradores idosos**, faz parte de um projeto de dissertação de mestrado, vinculado ao Departamento de Arquitetura e urbanismo da Universidade Federal de Alagoas.

Atenciosamente,

*Vanessa Maria de Melo Gonçalves*  
-----

Pesquisadora  
Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

Maceió, 25 de julho de 2008.







***Termo de Responsabilidade:***

EU, Vanessa Maria de Melo Gonçalves, pesquisadora responsabilizo-me pela guarda das fitas, gravações e/ou divulgação da entrevista do Sr (a) NEIRDE DOS SANTOS. O trabalho intitulado: **Relembrar o passado, reconhecer o presente: a identidade do Pontal da Barra pelas lembranças dos moradores idosos**, faz parte de um projeto de dissertação de mestrado, vinculado ao Departamento de Arquitetura e urbanismo da Universidade Federal de Alagoas.

Atenciosamente,

Vanessa Maria de Melo Gonçalves

Pesquisadora  
Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

Maceió, 15 de julho de 2008.





**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Eu, Sidoneide Souza Santo  
morador(a) da cidade de Maceió, residente no bairro do Pontal da Barra, tendo sido convidado(a) como voluntário do estudo **RELEMBRAR O PASSADO, RECONHECER O PRESENTE: A IDENTIDADE DO PONTAL DA BARRA PELAS LEMBRANÇAS DOS "SABERES E FAZERES"** declaro para os devidos fins, que prestei depoimento à pesquisadora Vanessa Maria de Melo Gonçalves, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFAL. Tendo sido esclarecido de que as informações conseguidas através da minha participação permitirão a identificação da minha pessoa na pesquisa, cedo a entrevista para análise, sabendo que a mesma pode ser publicada em parte, ou na sua totalidade, como forma de contribuir e de enriquecer o trabalho final do projeto.

Sidoneide Souza Santo

(Assinatura do entrevistado)

Vanessa Maria de Melo Gonçalves

(Assinatura do pesquisador responsável)

Maceió, 25 de julho de 2008.



*Termo de Responsabilidade:*

EU, Vanessa Maria de Melo Gonçalves, pesquisadora responsabilizo-me pela guarda das fitas, gravações e/ou divulgação da entrevista do Sr (a). SIDNEIDE SANTOS. O trabalho intitulado: **Relembrar o passado, reconhecer o presente: a identidade do Pontal da Barra pelas lembranças dos moradores idosos**, faz parte de um projeto de dissertação de mestrado, vinculado ao Departamento de Arquitetura e urbanismo da Universidade Federal de Alagoas.

Atenciosamente,

*Vanessa Maria de Melo Gonçalves*  
-----  
*[Assinatura]*

Pesquisadora  
Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

Maceió, 2<sup>o</sup> de julho de 2008.



**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Eu, marlene maria Santana dos Santos,  
morador(a) da cidade de Maceió, residente no bairro do Pontal da Barra, tendo sido  
convidado(a) como voluntário do estudo **RELEMBRAR O PASSADO, RECONHECER O  
PRESENTE: A IDENTIDADE DO PONTAL DA BARRA PELAS LEMBRANÇAS DOS "SABERES E  
FAZERES"** declaro para os devidos fins, que prestei depoimento à pesquisadora Vanessa  
Maria de Melo Gonçalves, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura  
e Urbanismo, Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado da Faculdade de  
Arquitetura e Urbanismo da UFAL. Tendo sido esclarecido de que as informações  
conseguidas através da minha participação permitirão a identificação da minha pessoa  
na pesquisa, cedo a entrevista para análise, sabendo que a mesma pode ser publicada  
em parte, ou na sua totalidade, como forma de contribuir e de enriquecer o trabalho  
final do projeto.

marlene maria Santana dos Santos

(Assinatura do entrevistado)

Vanessa Maria de Melo Gonçalves

(Assinatura do pesquisador responsável)

Maceió <sup>25</sup> de julho de 2008.



***Termo de Responsabilidade:***

EU, Vanessa Maria de Melo Gonçalves, pesquisadora responsabilizo-me pela guarda das fitas, gravações e/ou divulgação da entrevista do Sr (a). MARLENE DOS SANTOS. O trabalho intitulado: **Relembrar o passado, reconhecer o presente: a identidade do Pontal da Barra pelas lembranças dos moradores idosos**, faz parte de um projeto de dissertação de mestrado, vinculado ao Departamento de Arquitetura e urbanismo da Universidade Federal de Alagoas.

Atenciosamente,

Vanessa maria de Melo Gonçalves

Pesquisadora  
Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

Maceió, 13 de julho de 2008.